

ANNAIS

ACADEMIA DE MEDICINA
DA BAHIA



VOLUME 13
JUNHO 2004

SALVADOR-BAHIA

Capa:
Irmão Paulo
Lachenmeyer
O. S. B.

ANNAIS

ACADEMIA DE MEDICINA
DA BAHIA



VOLUME 13

JUNHO 2004

SALVADOR-BAHIA

DIRETORIA

2003 – 2005

Presidente

THOMAZ RODRIGUES PORTO DA CRUZ

1º Vice-Presidente

ELSIMAR M. COUTINHO

2º Vice-Presidente

ARMÊNIO COSTA GUIMARÃES

Secretário Geral

JOSÉ DE SOUZA COSTA

1º Secretário

EDMUNDO LEAL DE FREITAS

2º Secretário

LUIZ ERLON DE ARAÚJO RODRIGUES

Tesoureiro

LUIZ CARLOS CALMON TEIXEIRA

Diretor da Biblioteca

LUIZ MEIRA LESSA

Diretor de Publicações

GERALDO MILTON DA SILVEIRA

COMISSÕES

MEDICINA GERAL

HEONIR PEREIRA DA ROCHA
RODOLFO TEIXEIRA
MÁRIO AUGUSTO DE CASTRO LIMA
RUY MACHADO DA SILVA
ROBERTO FIGUEIRA SANTOS
ALMÉRIO MACHADO

CIRURGIA GERAL

GERALDO MILTON DA SILVEIRA
ANTONIO JESUINO DOS SANTOS NETO

MEDICINA ESPECIALIZADA

AGNALDO DAVID DE SOUZA
EDMUNDO LEAL DE FREITAS
LIPE GOLDENSTEIN
JOSÉ DE SOUZA COSTA
ARMENIO GUIMARÃES
ZILTON ANDRADE
JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA SOUZA
SÔNIA ANDRADE
CARLOS ALFREDO MARCÍLIO DE SOUZA
LUIZ CARLOS CALMON TEIXEIRA
LUIZ MEIRA LESSA
LUIZ ERLON DE ARAÚJO RODRIGUES
BERNARDO GALVÃO
JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR

CIRURGIA ESPECIALIZADA

HUMBERTO DE CASTRO LIMA
ALEIXO SEPULVEDA

MEDICINA PREVENTIVA E SAÚDE PÚBLICA

NEWTON GUIMARÃES
JORGE LEOCÁDIO DE OLIVEIRA

MEDICINA SOCIAL

ALBERTO SERRAVALLE
JOSÉ RAMOS DE QUEIROZ
GERALDO LEITE
MARIA THERESA DE MEDEIROS PACHECO
ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVEDO

MEMBROS EMÉRITOS
ALBERTO LUIZ LEAL SERRAVALLE
ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETO

MEMBROS HONORÁRIOS
ALOYSIO DE PAULA
CARLOS DE CHAGAS FILHO
MANOEL AUGUSTO PIRAJÁ DA SILVA
MARIO MACHADO DE LEMOS
JOSE ALBANO NOVA MONTEIRO
ORLANDO PARAHIM
SILVANO RAYA
ADIB JATENE
MIGUEL SROUGI
PROTÁSIO LEMOS DA LUZ

MEMBRO BENEMÉRITO
ANTÔNIO CARLOS PEIXOTO MAGALHÃES

MEMBROS CORRESPONDENTES
IVOLINO DE VASCONCELOS
MOACIR SANTOS SILVA
GERALDO WILSON SILVEIRA GONÇALVES

EX-PRESIDENTES
JOÃO AMÉRICO GARCEZ FRÓES - 1958/60
OTÁVIO TORRES - 1960/64
FERNANDO SÃO PAULO - 1964/68
JORGE VALENTE - 1968/70
URCÍCIO SANTIAGO - 1970/74
ESTÁCIO DE LIMA - 1974/75
JOSÉ SILVEIRA - 1975/79
LUIZ FERNANDO DE MACÊDO COSTA - 1979
JAYME DE SÁ MENEZES - 1979/83
JORGE AUGUSTO NOVIS - 1983/85
NEWTON ALVES GUIMARÃES - 1985/87
ÁLVARO RUBIM DE PINHO - 1987/91
GERALDO MILTON DA SIVEIRA - 1991/95
AGNALDO DAVID DE SOUZA - 1995/97
ALBERTO LUIZ LEAL SERRAVALLE - 1997/99
MARIA THEREZA M. PACHECO - 1999/03

AGRADECIMENTO
Dr. ALEXANDRE TOCCHETTO PAUPÉRIO
Diretor Geral da Fundação de Amparo à Pesquisa
no Estado da Bahia - FAPESB

QUADRO DOS TITULARES DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA

| Cadeiras | Patronos, Titulares Falecidos, Eméritos | Titulares atuais |
|----------|--|----------------------------------|
| 01 | ALBERTO SILVA Urcício Santiago | Thomaz Rodrigues Porto da Cruz |
| 02 | ALFREDO TOMÉ DE BRITO Clarival do Prado Valadares | Nelson Barros Carvalho de Assis |
| 03 | ALFREDO MAGALHÃES Antonio Souza Lima Machado Elieser Audiface | José de Souza Costa |
| 04 | ALMIR DE OLIVEIRA Antonio Jesuíno dos Santos Neto - Emérito | Vaga |
| 05 | ÁLVARO DE CARVALHO | Lipe Goldenstein |
| 06 | ANÍSIO CIRCUNDES DE CARVALHO Clínio de Jesus | Geraldo Leite |
| 07 | ANTÔNIO BORJA Eduardo Dantas de Cerqueira | Antonio Carlos Aleixo Sepúlveda |
| 08 | ANTONIO FERREIRA FRANÇA | Rodolfo dos Santos Teixeira |
| 09 | ANTONIO LUIZ DE BARROS BARRETO | Roberto Figueira dos Santos |
| 10 | ANTONIO PACÍFICO PEREIRA Antônio Simões da Silva Freitas José M. Magalhães Netto | Roberto da Silva Badaró |
| 11 | ANTÔNIO DO PRADO VALADARES José Silveira | José Antonio de Almeida Souza |
| 12 | ARISTIDES MALTEZ Rui de Lima Maltez | Mário Augusto de Castro Lima |
| 13 | ARISTIDES NOVIS Aristides Novis Filho | José Simões e Silva Junior |
| 14 | ARMANDO SAMPAIO TAVARES | Heonir de Jesus Pereira da Rocha |
| 15 | CAIO MOURA Jorge Valente | Geraldo Milton da Silveira |
| 16 | CIPRIANO BARBOSA BETÂMIO Menandro Novais | Vaga |
| 17 | CLIMÉRIO DE OLIVEIRA Adroaldo Soares de Albergaria Álvaro Rubim de Pinho | Luiz Meira Lessa |
| 18 | EDUARDO RODRIGUES DE MORAIS | Edmundo Leal de Freitas |
| 19 | FERNANDO LUZ | José Ramos de Queiroz |
| 20 | FLAVIANO SILVA | Newton Alves Guimarães |
| 21 | FRANCISCO DE CASTRO Jayme de Sá Menezes | Nilzo Ribeiro |

| Cadeiras | Patronos, Titulares Falecidos, Eméritos | Titulares atuais |
|-----------------|---|-----------------------------------|
| 22 | FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA Colombo Moreira Spínola Jorge Augusto Novis | Luiz Erlon de Araújo Rodrigues |
| 23 | FREDERICO DE CASTRO REBELO Renato Tourinho Dantas | Almério de Souza Machado |
| 24 | GONÇALO MONIZ SODRÉ DE ARAGÃO Otávio Torres Adriano Ponde | Agnaldo David de Souza |
| 25 | JOAQUIM MARTAGÃO GESTEIRA Hosanah de Oliveira | Sonia Gumes Andrade |
| 26 | JOSÉ ADEODATO DE SOUZA José Adeodato de Souza Filho | Elsimar Metzker Coutinho |
| 27 | JOSÉ CORREIA PICANÇO Fernando São Paulo | Humberto de Castro Lima |
| 28 | JOSÉ DA SILVA LIMA | Jorge Leocádio de Oliveira |
| 29 | JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO José Santiago da Mota | Eliene Elisa de Souza e Azevedo |
| 30 | JULIANO MOREIRA Luiz Pinto de Carvalho Plínio Garcez de Sena | Ruy Machado da Silva |
| 31 | LEÔNCIO PINTO | Zilton de Araújo Andrade |
| 32 | LUIZ ANSELMO DA FONSECA Francisco Peixoto de Magalhães Neto | Luiz Carlos Calmon Teixeira |
| 33 | MANUEL JOSÉ ESTRELA | Walter Afonso de Carvalho |
| 34 | MANUEL VITORINO PEREIRA Manuel da Silva Lima Pereira | Penildon Silva |
| 35 | MÁRIO DE MACEDO COSTA Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa | Armênio Guimarães |
| 36 | MENANDRO MEIRELES FILHO RAYMUNDO NONATO DE ALMEIDA GOUVEIA | Gilson Feitosa |
| 37 | OSCAR FREIRE Estácio de Lima | Maria Theresa de Medeiros Pacheco |
| 38 | OTTO WUCHERER Alberto Luiz Leal Serravalle | Vaga |
| 39 | RAIMUNDO NINA RODRIGUES João Américo Garcez Fróes Thales O. G. de Azevedo | Carlos Alfredo Marcílio de Souza |
| 40 | SABINO SILVA | Bernardo Galvão de Castro Filho |

Sumário

| | |
|---|-----|
| OS PRIMÓRDIOS DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA <i>Geraldo Milton da Silveira</i> | 9 |
| ATA DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA <i>Jayme de Sá Menezes</i> | 11 |
| RETROSPECTO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA <i>Jayme de Sá Menezes</i> | 19 |
| OS IRMÃOS PEREIRA: CONTRIBUIÇÃO À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA <i>Thomaz Cruz</i> | 41 |
| DISCURSO DE POSSE COMO PRESIDENTE DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA, NO DIA 16 DE JULHO DE 2003, ANFITEATRO ALFREDO BRITTO, FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA, SEDE DO TERREIRO DE JESUS <i>Thomaz Cruz</i> | 55 |
| FORTY YEARS OR YOUNG AGAIN (The Cornell-Bahia Program) <i>Thomaz Cruz</i> | 69 |
| LUSOFONIA HEPATOENDÓCRINA <i>Thomaz Cruz</i> | 73 |
| IMPORTÂNCIA DAS REINFECÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA MIOCARDITE CRÔNICA CHAGÁSICA <i>Sonia G. Andrade</i> | 77 |
| HIDEYO NOGUCHI NA BAHIA <i>Zilton A. Andrade</i> | 87 |
| CENTENÁRIO DO PROF. JOSÉ SILVEIRA <i>Geraldo Milton da Silveira</i> | 95 |
| DISCURSO NA SESSÃO SOLENE DE OUTORGÁ DOS TÍTULOS DE MEMBROS EMÉRITOS AOS ACADÊMICOS ALBERTO SERRAVALLE E JESUÍNO NETTO <i>Geraldo Milton da Silveira</i> | 99 |
| SAUDAÇÃO AOS CONGRESSISTAS <i>Geraldo Milton da Silveira</i> | 105 |
| OS 195 ANOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA <i>Geraldo Milton da Silveira</i> | 107 |

| | |
|---|-----|
| DISCURSO PROFERIDO NA OUTORGA DO PRIMEIRO TÍTULO DE BENEMÉRITO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA AO SENADOR ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES <i>Geraldo Milton da Silveira</i> | 118 |
| DISCURSO DE PRADO VALADARES <i>Marcos Antônio do Prado Valladares</i> | 129 |
| A MEDICINA PODE VENCER A MORTE? <i>Alberto Serravalle</i> | 135 |
| DISCURSO DE POSSE COMO MEMBRO EMÉRITO NA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA EM 29/09/2003 <i>Alberto Serravalle</i> | 139 |
| PROGRESSOS MÉDICOS <i>Alberto Serravalle</i> | 145 |
| JOSÉ SILVEIRA, UM DOS MAIORES NOMES DA MEDICINA BAIANA <i>José Augusto Berbert de Castro</i> | 149 |
| DISCURSO PROFERIDO PELO POR OCASIÃO DA OUTORGA DO TÍTULO DE MEMBRO HONORÁRIO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA <i>Sérgio Almeida de Oliveira</i> | 157 |
| DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÊMICO EM NOME DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA, POR OCASIÃO DA CONCESSÃO DO TÍTULO DE "MEMBRO HONORÁRIO" AO PROFESSOR SERGIO ALMEIDA DE OLIVEIRA <i>Agnaldo David de Souza</i> | 161 |
| DISCURSO PROFERIDO NA SOLENIDADE DE APOSIÇÃO DO RETRATO DO PROFESSOR PLÍNIO GARCEZ DE SENA, NA GALERIA DOS RETRATOS DOS DIRETORES DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA <i>Luiz Carlos Calmon Teixeira</i> | 167 |
| UMA REFLEXÃO E DOIS TRABALHOS <i>Edmundo Leal de Freitas</i> | 175 |
| OS GOVERNOS DO ESTADO PARALELO <i>Edmundo Leal de Freitas</i> | 221 |
| A ETERNIDADE DOS MITOS E HERÓIS <i>Ernane N. A. Gusmão</i> | 271 |
| DISCURSO PROFERIDO DE POSSE NA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA <i>Gilson Soares Feitosa</i> | 289 |

OS PRIMÓRDIOS DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA

Geraldo Milton da Silveira

Dois documentos da lavra de Jayme de Sá Menezes, idealizador e um dos fundadores desta Academia de Medicina, serão aqui transcritos na íntegra, visando-se não só à divulgação dos fatos, como também para lhe prestar merecida homenagem, ao ancorarmos as suas citações e manifestações culturais, idéias, expressões e realizações.

Estas publicações também deverão ser consideradas como o reviver de Sá Menezes, lidas com o máximo de atenção e reverência, em respeito à autenticidade dos seus pronunciamentos e exteriorização de sua cultura.

A primeira é a "Ata de Fundação da Academia de Medicina da Bahia", publicada nos Arquivos do Instituto Baiano de História da Medicina, vol. VI, 74:78;1958, por ele redigida, na qualidade de Secretário Geral, datada de 10 de julho, quando, realmente, nasceu a Academia.

O segundo, intitulado "Retrospecto Histórico da Fundação e Funcionamento da Academia de Medicina da Bahia", foi apresentado nos Anais da Academia de Medicina da Bahia, vol. I, 11:23;abril, 1978.

Há dois anos, em 18 de fevereiro, dia e mês em que a Faculdade de Medicina da Bahia completava 194 anos de existência, falecia Jayme de Sá Menezes, que tanto pugnou em prol da manutenção do prédio histórico do Terreiro de Jesus, ligado à nossa Faculdade e ao Memorial da Medicina Brasileira. Perdemos, nessa data, um importante e prestigioso aliado na luta que mantemos e haveremos de vencer.

ATA DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA

Idealizada pelo nosso confrade Jayme de Sá Menezes, com a imediata colaboração dos nossos confrades Urcício Santiago e José Ramos de Queiroz, foi fundada, no dia 10 de julho de 1958, a ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA.

Foi eleito presidente da Academia o Professor Emérito João Américo Garcez Fróes, vice-presidentes, os professores Urcício Santiago e Jorge Valente, secretário geral, Jayme de Sá Menezes, 1º secretário, prof. Antônio Simões, 2º secretário, prof. Ruy Maltez, tesoureiro, prof. José Ramos de Queiroz, e bibliotecário, prof. Aristides Novis.

Está de parabéns a Bahia, e esse grupo de idealistas que só merecem aplausos e felicitações.

ATA DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA, EM SESSÃO DE 10 DE JULHO DE 1958.

“Aos dez dias do mês de julho de mil novecentos e cinqüenta e oito, na sala “Clementino Fraga” do Hospital Santa Isabel, da Casa da Santa Misericórdia, nesta cidade do Salvador, gentilmente cedida pela sua direção, reuniu-se um grupo de médicos, às dez horas da manhã, com o fim especial de fundar a Academia de Medicina da Bahia. Dando início à sessão, o Dr. Jayme de Sá Menezes convida para tomarem parte da mesa que iria presidir aos trabalhos os doutores João Américo Garcez Fróes, professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, Antônio Simões da Silva Freitas, presidente da Fundação Bahiana

para o Desenvolvimento da Medicina, e Aristides Novis Filho, diretor do Hospital Santa Isabel, deixando de tomar parte da mesa o Dr. Jorge Valente, diretor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, por ter chegado ao recinto minutos após o início da magna sessão. Continuando com a palavra, o Dr. Jayme de Sá Menezes expõe as razões dessa reunião, onde se encontravam figuras tão representativas da medicina bahiana, dizendo que os idealizadores da fundação de uma academia de medicina na Bahia, Doutores Urcício Santiago, José Ramos de Queiroz e o orador, pensaram dotar a Bahia de uma instituição que de há muito deveria ter sido fundada nesta terra, berço da medicina nacional. Fazendo o histórico da fundação das Academias do tipo da que dentro em breve seria fundada, o Dr. Sá Menezes refere-se à Academia Francesa, fundada pelo cardeal Richelieu, em 1635, e à Academia de Ciências de França, fundada, trinta anos depois, por Colbert, em 1665, para assinalar a coincidência de que a Academia de Medicina da Bahia seria fundada quarenta e um anos depois da Academia de Letras da Bahia, com uma década assim a mais da distância que separou no tempo, uma da outra, as referidas Academias francesas. Continuando a sua exposição, o orador diz que a Bahia não podia continuar a carecer da sua Academia de Medicina, por isso que nesta terra foi fundado, em 1808, o ensino médico nacional, século e meio há pouco completado. Sendo a Bahia, assim, o berço da medicina nacional, era justo que a Bahia aspirasse, e há muito deveria ter feito, à fundação da sua Academia. Em seguida, o Dr. Sá Menezes, dizendo desejar para a Academia a maior garantia do seu êxito, do futuro esplendente que para a mesma augurava, solicita que os presentes, por aclamação, elejam para presidir a sua primeira Diretoria o nome a tantos títulos respeitável do professor emérito Dr. João Américo Garcez Fróes, homem de ciência e de letras, membro da Academia Nacional de Medicina, ex-presidente da Academia de Letras da Bahia, professor notável, homem erudito, bahiano insigne, sendo as últimas palavras do orador abafadas por prolongada salva

de palmas, tendo sido assim eleito, por aclamação, o primeiro presidente da Academia de Medicina da Bahia, Dr. Garcez Fróes. Usa então da palavra o venerando mestre Garcez Fróes, que agradece sensibilizado, em belo e eloqüente discurso, a aprova de apreço que lhe dava tão brilhante representação da classe médica bahiana, ali reunida para a fundação de uma Academia de medicina, para a qual formulava votos sinceros de pleno êxito, fazendo ver a conveniência de que a Academia, como seu primeiro passo, tomasse a deliberação de fazer reviver a famosa "Gazeta Médica da Bahia", órgão de tão nobre e justificada tradição na cultura médica bahiana. O Dr. Manoel Pereira, seguindo-se com a palavra, diz que, na qualidade de parente de Pacífico Pereira e Manuel Victorino, só poderia ver com a maior simpatia aquela idéia, mas que os direitos da "Gazeta Médica" pertenciam, hoje, à família Novis, ficando o assunto para posterior estudo por parte dos fundadores da Academia. Também manifestou-se favoravelmente a essa idéia o Dr. José Silveira. Em seguida, o Dr. Sá Menezes lê a lista dos que previamente se comprometeram a fundar a Academia de Medicina da Bahia, deixando na referida lista a sua assinatura, os quais foram considerados fundadores da Academia, e que são os que se seguem: João Américo Garcez Fróes, Urcício Santiago, José Ramos de Queiroz, Jorge Valente, Ruy de Lima Maltez, José Santiago da Mota, Jayme de Sá Menezes, Antônio Simões da Silva Freitas, Aristides Novis Filho, Manoel Pereira, Antônio Souza Lima Machado, Jorge Leocádio de Oliveira, José Silveira, Octávio Torres, Fábio Nunes, Menandro da Rocha Novaes, Luiz Fernando Macedo Costa, Hosannah de Oliveira, Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Clarival do Prado Valadares, Clínio de Jesus, Luiz Pinto de Carvalho, Orlando de Castro Lima, Alexandre Leal Costa, Luiz Ramos de Queiroz e Renato Lobo. Usa então da palavra o professor José Silveira, que pede, se possível, a inclusão do nome do Dr. Colombo Spínola, ausente por motivo superior, entre os fundadores da recém-fundada Academia, pois o mesmo era dos que mais se entusiasmavam por essa idéia, há muito

acalentada nos seus espíritos. O Dr. Sá Menezes pede, a seguir, que o plenário aprove a justa sugestão do Dr. José Silveira, e que, por extensão, o mesmo se aplique ao Dr. Estácio de Lima, que também por motivos superiores não se encontrava presente. Ambas as propostas foram aprovadas por unanimidade, figurando os referidos facultativos entre os fundadores da Academia. Levanta-se, então, o Dr. José Santiago da Mota, que pede serem eleitos, por aclamação, os seguintes nomes para completar a Diretoria: Urcício Santiago, primeiro vice-presidente, Jorge Valente, segundo vice-presidente, Jayme Sá Menezes, secretário geral, Antônio Simões da Silva Freitas, primeiro secretário, Ruy de Lima Maltez, segundo secretário, José Ramos de Queiroz, tesoureiro, e Aristides Novis Filho, bibliotecário, propondo ainda os seguintes nomes para as diversas seções: Medicina Geral: Jorge Leocádio de Oliveira, presidente, Luiz Fernando de Macedo costa, Renato Lobo, Clarival do Prado Valadares, Medicina digo Cirurgia Geral: Manoel Pereira, presidente, José Ramos de Queiroz, Aristides Novis Filho – Medicina Especializada: José Silveira, presidente, Alexandre Leal Costa, Hosannah de Oliveira, Octávio Torres, Antônio Souza Lima Machado – Cirurgia Especializada: Orlando de Castro Lima, presidente, Jorge Valente, Ruy de Lima Maltez – Medicina Preventiva e Saúde Pública: Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Presidente, Urcício Santiago, Fábio Nunes – Medicina Social: Menandro Novaes, presidente, Jayme de Sá Menezes, Luiz Ramos de Queiroz. Todos os nomes da Diretoria e das diversas seções foram eleitos por aclamação. Segue-se na tribuna o Dr. José Ramos de Queiroz, que pede a inclusão do nome do Dr. José Santiago da Mota na seção de Medicina Preventiva e Saúde Pública, pois o mesmo, num natural escrúpulo, lembrara tantos nomes e esquecera o próprio, que não poderia deixar de figurar ao lado de quantos integravam as diferentes seções da Academia. A proposta do Dr. Queiroz foi aprovada por unanimidade e o Dr. Santiago da Mota eleito por aclamação. Usando então da palavra, o Dr. Urcício Santiago lê, para sugestão à

Academia, uma lista de nomes eminentes da medicina, para servirem de patronos às quarenta cadeiras da Academia. Entre outros, foram sugeridos os seguintes nomes: Antônio Luiz de Barros Barreto, Aristides Novis, Antônio Borja, Aristides Maltez, Fernando Luz, Álvaro de Carvalho, Alberto Silva, Gonçalo Moniz, Prado Valadares, Francisco de Castro, Afrânio Peixoto, Antônio Ferreira França, Cipriano Barbosa Betâncio, Anísio Circundes de Carvalho, Alfredo Tomé de Brito, José Correia Picanço, Manoel José Estrela, Pacífico Pereira, Manuel Victorino, José Francisco da Silva Lima, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Climério de Oliveira, Nina Rodrigues, Almir de Oliveira, Juliano Moreira, Eduardo de Moraes, Martagão Gesteira e muitos e muitos outros. Dividiram-se, então as opiniões, achando uns deverem ser baianos natos os patronos, outros que apenas tivessem relações com a medicina baiana ou que na Bahia tivessem exercido a profissão, ficando o assunto para posterior deliberação, devendo o Dr. Urcício Santiago fornecer a lista para estudos e sugestões. O Dr. Jorge Leocádio interroga então se não seria melhor ficar logo estabelecida a preliminar se seriam ou não baianos natos, não chegando a ser votada essa oportuna sugestão que tanto iria facilitar a escolha dos patronos. O Dr. Jorge Valente fala a seguir, dizendo pensar ser melhor o estudo demorado da questão. O Dr. Clarival do Prado Valadares pronuncia-se a respeito da "Gazeta Médica da Bahia", sugerindo passar a ser o órgão oficial de publicações da Academia, no que é apoiado pelo professor José Silveira, ficando este assunto também para posterior deliberação e a depender de autorização da família Novis, tendo falado o Dr. Aristides Novis Filho, dando explicações. O Dr. Antônio Simões usou da palavra para renunciar à sua eleição de primeiro secretário, agradecendo e alegando as suas múltiplas ocupações, tendo o Dr. Sá Menezes pedido que o plenário reiterasse a sua prova de apreço ao Dr. Simões, que assim teve que declinar da sua intenção, continuando primeiro secretário da Academia. Pede a palavra, a seguir, o Dr. Alexandre Leal Costa, que disse

estranhar já estarem eleitos os dirigentes e as comissões e os Estatutos não terem sido lidos, como também achou que deveria ter sido anunciada a fundação da Academia para que comparecesse maior número de colegas. Fala o Dr. Sá Menezes, que disse estar com a razão o Dr. Leal Costa, pois por uma inversão na ordem dos trabalhos, pelos diversos oradores que se seguiram com a palavra, os Estatutos ainda não tinham sido lidos, mas estavam sobre a mesa dos trabalhos, discordando, porém, o Dr. Sá Menezes do Dr. Leal Costa quanto ao número de colegas presentes à fundação, pois na sua opinião era do feitio das Academias o limite de membros, como ocorria em todas elas, desde as Academias francesas já citadas até a Academia de Letras da Bahia, fundada por Arlindo Fragoso, e que o ideal seria que tivesse sido possível congregar, de logo, os quarenta membros, mas que as vagas existentes seriam, posteriormente, devidamente preenchidas na forma dos Estatutos, que, afinal, pelo adiantado da hora e por sugestão de José Silveira e Aristides Novis, ficaram para ser apresentados e discutidos na próxima quinta-feira 17 de julho, tendo a secretaria providenciado, como fora sugerido, mimeografá-los para distribuição a todos os confrades, que assim poderão estudá-los detidamente para as sugestões e emendas que julgarem convenientes. Finalmente, o Dr. João Américo Garcez Fróes, renovando os agradecimentos pela honra que lhe conferiram de ser o primeiro presidente da Academia de Medicina da Bahia, deu por encerrada a sessão, tendo ficado, assim, fundada, a dez de julho de mil novecentos e cinqüenta e oito, a Academia de Medicina da Bahia, com sede e foro nesta Capital, e eu, Jayme de Sá Menezes, que secretariei a sessão, lavrei a presente ata, que, depois de lida, discutida e aprovada, será assinada por todos os fundadores desta Academia. Jayme de Sá Menezes (secretário). Em tempo, o prof. José Silveira, depois de posta em discussão a ata, pede a palavra para dizer que, quanto ao Dr. Colombo Spínola, ele tivera mesmo, com o orador, a idéia de fundar a Academia de Medicina da Bahia, que por

motivos vários não chegou a ser concretizada. Em seguida, o Dr. Antônio Simões lembra que opinou no sentido de que os patronos tivessem a sua vida profissional na Bahia. Falando, a seguir, o Dr. Clarival Valadares disse que na próxima sessão trará o esquema de organização da Biblioteca e registro bibliográfico. O Dr. Urcício Santiago, com a palavra, pede para registrar que, igualmente como o Dr. Sá Menezes, insistiu para que o Dr. Antônio Simões permanecesse no cargo de 1º Secretário. Feitos esses adendos, e posta novamente em discussão e votação esta ata, foi a mesma aprovada por unanimidade, e eu, Jayme de Sá Menezes, a encerro, na qualidade de secretário geral que a lavrei. Bahia, Cidade do Salvador, 17 de julho de 1958. (ass) Jayme de Sá Menezes, Secretário Geral, João Américo Garcez Fróes, Presidente, Urcício Santiago, Jorge Valente, Octávio Torres, Clínio de Jesus, José Ramos de Queiroz, José Silveira, Luiz Ramos de Queiroz, Ruy de Lima Maltez, A. Novis Filho, Alexandre Leal Costa, Clarival do Prado Valadares, Antônio Simões, Jorge Leocádio de Oliveira, Renato Marques Lôbo, Hosannah de Oliveira, Estácio de Lima, Pinto de Carvalho, Antônio de Souza Lima Machado, José Santiago da Mota, Manoel Pereira, Orlando de Castro Lima, Fábio Nunes, Magalhães Neto, Colombo Spínola."



RETROSPECTO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA

Jayme de Sá Menezes

Sr. Presidente,

Daquele famoso poeta e comediógrafo português – autor de “Os Vilhalpandos”, que nunca abdicou do tradicionalismo lusitano, mas que, na Itália, ali por 1527, tanto assimilou o espírito renovador, abrigando e dando curso às idéias de Erasmo e Thomas Morus, e que viu nos metros tão do gosto de Dante e Petrarca, o instrumento imprescindível à expressão do ideário e da sensibilidade renascentista – por certo conservais na memória, desde os tempos ginasiais, Srs. Acadêmicos, aqueles sempre repetidos versos:

Falai em tudo verdade
A quem em tudo a deveis.

É o que farei neste momento, mesmo na pobreza das minhas palavras, que o assunto exige longas e numerosas.

Um então jovem e, ainda hoje, modesto médico, já agora encanecido, mas sempre idealista, certo dia, em 1958 – justo quando se comemorava o sesquicentenário da fundação, na Bahia, do ensino médico nacional – a si mesmo fez esta interrogação: “Por que, na terra do berço da Medicina brasileira, cujo sesquicentenário então se completava, não havia ainda u’a Academia de Medicina, quando, em outros Estados da Federação, como no de São Paulo, florescia, havia já sessenta e três anos, instituição similar, transformada que foi, em 1954, em Academia de Medicina, a antiga

Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, fundada em 1895?".

Aquele modesto médico, da retrocitada interrogação, era e é o que neste instante vos fala, por amável imposição do atual e eminente presidente desta Academia, Prof. Dr. José Silveira, que, assim, deseja, num retrospecto histórico, lembrar o caminho até aqui percorrido, já lá se vão passados dezessete anos.

Preso daquele ideal, que lhe penetrara o espírito, aquele médico logo pensou em reunir uma plêiade de nomes expressivos da Medicina baiana, que com ele levasse a bom termo a realização daquele cometimento.

O primeiro, dentre quantos foram então consultados, para a concretização daquele ideal, foi o Prof. Dr. Urcício Santiago, num ocasional encontro numa transversal (Rua Virgílio Damásio) da Rua Chile, esquina com a Rua Padre Vieira, revelando, então, o ilustre colega, que com efusão recebeu o convite, que também alimentava idêntica esperança.

O segundo, dos então ouvidos, foi o Dr. José Ramos de Queiroz, de viagem marcada a São Paulo, e de quem solicitei, para melhor orientação, a gentileza de nos conseguir, a nós outros que aqui o aguardaríamos, os Estatutos e o Regimento da Academia de Medicina de São Paulo.

Tão logo regressou da curta viagem, munido dos referidos diplomas legais, o Dr. Queiroz, este que vos fala e o Dr. Urcício passamos a convidar os demais colegas que viriam a ser, também, fundadores desta Academia.

Motivos que se sobrepuseram à nossa vontade e à

nossa determinação fizeram com que se precipitassem os acontecimentos, isto é, se apressasse a fundação desta Academia, o que fez com que nomes insignes da Medicina baiana deixassem de ser, a tempo, consultados, tal a imposição das circunstâncias.

Organizamos, então, uma lista, sob o título "Relação dos Fundadores", na qual assinaram os que, previamente, se comprometeram com a fundação desta Casa de Cultura Médica.

Foram eles, além dos três acima citados, que se puseram à frente do cometimento, os seguintes: João Américo Garcez Fróes, Clínio de Jesus, Jorge Valente, Antônio Simões, Rui de Lima Maltez, Octávio Torres, Alexandre Leal Costa, Aristides Novis Filho, José Silveira, Jorge Leocádio de Oliveira, Renato Marques Lobo, Luís Pinto de Carvalho, Hosannah Simões de Oliveira, Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Luís Fernando Seixas de Macedo Costa, Luís Ramos de Queiroz, Antônio de Souza Lima Machado, José Santiago da Mota, Manuel da Silva Lima Pereira, Orlando de Castro Lima, Fábio Nunes, Menandro da Rocha Novais, Clarival do Prado Valadares e, também, por proposta de José Silveira, Colombo Spínola, por motivo superior ausente à sessão, o mesmo se observando quanto a Estácio de Lima, que, por motivo idêntico, e por proposta de Sá Menezes, foi igualmente considerado fundador desta Academia.

No propósito de oferecer o maior prestígio à condução da Academia, esta resolveu, por sugestão dos três primeiros colegas acima citados, desencadeadores do movimento, eleger, por unanimidade, seu primeiro Presidente, o Professor Emérito João Américo Garcez Fróes, que imprimiu alta dignidade ao cargo e deu dedicação, brilho e relevo à instituição, não admitindo, por um princípio que defendia de rotatividade da presidência, a sua reeleição, por todos desejada.

Ficou então a primeira diretoria, sob a presidência do Mestre Fróes, assim constituída:

| | |
|----------------------|-----------------------|
| 1º. Vice-Presidente: | Urcício Santiago |
| 2º. Vice-Presidente: | Jorge Valente |
| Secretário Geral: | Jayme de Sá Menezes |
| 1º. Secretário: | Antônio Simões |
| 2º. Secretário: | Rui de Lima Maltez |
| Tesoureiro: | José Ramos de Queiroz |
| Bibliotecário: | Aristides Novis Filho |

As comissões foram assim compostas: **Medicina Geral:** Jorge Leocádio de Oliveira, Antônio Simões, Luís Fernando de Macedo Costa, Renato Lobo, Clarival do Prado Valadares, Clínio de Jesus; **Cirurgia Geral:** Manuel Pereira, José Ramos de Queiroz, Aristides Novis Filho; **Medicina Especializada:** José Silveira, Alexandre Leal Costa, Hosannah de Oliveira, Octávio Torres, Antônio Sousa Lima Machado; **Cirurgia Especializada:** Orlando de Castro Lima, Jorge Valente, Rui Maltez; **Medicina Preventiva e Saúde Pública:** Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Urcício Santiago, José Santiago da Mota, Fábio Nunes; **Medicina Social:** Menandro Novais, Jayme de Sá Menezes, Luiz Ramos de Queiroz.

Como se vê, pelo só enunciado dos nomes que constituíram o grupo magnífico dos fundadores desta Academia, não poderia ela senão impor-se, de logo, à consideração e ao respeito da classe médica baiana.

Poucos não foram os trabalhos, pequenas não foram as lutas, mínimos não foram os percalços por realizar, travar e vencer. Dentre eles, logo se depararam aqueles que se prenderam à elaboração dos Estatutos e do Regimento Interno deste cenáculo. Noites a fio, diria mesmo, quase madrugada adentro, no Hospital Santa Isabel, sob a presidência do Prof. Fróes, já então octogenário, mas forte, viril e exemplar, todos se reuniam com o propósito de afinal

oferecer à instituição incipiente as leis e as normas que viessem a regê-la justa e corretamente. Assim é que foram elaborados, discutidos e aprovados os Estatutos e o Regimento da Academia de Medicina da Bahia, que, por sem dúvida, vieram a constituir um padrão de regras severas e rigorosas, capazes de conduzir com seriedade a instituição recém-criada.

Aprovada a sua Lei Magna e o seu Regimento, passa a Academia a funcionar regularmente, com favorável e larga repercussão nos meios médicos e sociais da Bahia.

Aqui e ali, porém, lhe não faltaram as nuvens que costumam turvar a claridade do firmamento, que, na própria natureza, nem sempre se ostenta nos soberbos tons azuis dos dias ensolarados.

Tudo, porém, não passou de relâmpagos anunciadores de tempestade, que os ventos da bonança e do bom-senso sopraram e extinguiram.

E nada há de inédito, nas instituições do gênero, que divergências surjam ou incompreensões se formem.

A Academia de Letras da Bahia, nos seus já longos cinqüenta e oito anos de existência útil à nossa cultura, também experimentou, em certos períodos, vicissitudes que em nada abalaram o prestígio do seu nome. Época houve, naquele silogeu, em que se deixaram de realizar sessões ordinárias, por um período não menor de oito anos, quando exercia a sua presidência o eminente baiano Dr. José Joaquim Seabra, depois Governador da Bahia e, então deputado federal, que, permanecendo por largo tempo na capital da República, não podia atender aos seus deveres da presidência, e, sem explicação para o caso, o fato é que a Academia de Letras por mais de um lustro não se reuniu,

senão eventualmente uma que outra vez, quando dava a honra da sua visita à terra natal o grande brasileiro.

Outro fato estranho, também ocorrido na Academia de Letras, foi a posse do nosso sempre saudoso e também eminente confrade desta Academia, Prof. Francisco Peixoto de Magalhães Neto, que, eleito, em certa data, para aquele sodalício, nele só veio a tomar posse da cadeira nº. 8, quatro anos depois, quando concluiu o seu único mandato de deputado federal pela Bahia.

Feito este parêntese, que veio a ponto no momento em que estou a salientar os percalços por que passam as instituições culturais, é de ver que a nossa Academia de Medicina da Bahia, nesses dezessete anos de sua vida, se mergulhou, por algum tempo, nas brumas de uma aparente latência, jamais experimentou, sequer, as ameaças letárgicas do aniquilamento. Antes pelo contrário, sempre esteve viva e atuante, atenta ao desenvolvimento e às conquistas da ciência médica.

E prova disso é o relato que vos passo a fazer, quase de improviso, tão escasso me foi o tempo, apesar de largo o documentário, para o que de logo apresento as escusas mais sinceras aos senões que porventura venham a ser observados.

Revendo anotações, apontamentos, notícias de jornais, posso vos informar que foram múltiplos os discursos, as palestras, as conferências, as comunicações, as notas prévias apresentadas a esta Casa no curso desses anos:

Fábio Nunes – “Câncer do colo do útero”.

Colombo Spínola – “Episódios e reminiscências da Epidemia de Gripe de 1918”.

José Silveira – “Por que atualmente ainda fracassa o Tratamento da Tuberculose?”

Jorge Leocádio de Oliveira – “História da Descoberta da Insulina”.

Renato Lobo – “O Emprego Indevido do Etenol”.

Urcício Santiago – “Saudação ao membro correspondente Heitor Práguer Fróes”.

Sá Menezes – “Saudação a Acadêmicos da Academia Nacional de Medicina”.

Garcez Fróes – “Deficiências do Ensino Médico”.

Urcício Santiago – “A Situação Sanitária em Salvador”, trabalho que o acadêmico José Silveira sugeriu ser enviado ao Governador e Prefeito então eleito, como subsídio à ação governamental.

Jorge Leocádio de Oliveira – “Abscesso Piogênico do Fígado”.

Fábio Nunes – “Câncer da Boca”.

Luís Fernando de Macedo Costa – “Problemas Médico-Sociais da Endocrinologia”.

Sá Menezes – “Elogio de Aloísio de Castro”.

Elieser Audíface – “A carência afetiva na criança pequena e no pré-escolar”.

Rui de Lima Maltez - “Saudação ao Prof. Moacir dos Santos Silva”.

Urcício Santiago – “Problemas das Pneumoconioses”.

Sá Menezes – “O adeus da Academia ao acadêmico Antônio Sousa Lima Machado”.

Rui de Lima Maltez – “O Problema do Câncer na Bahia”.

Orlando de Castro Lima – “Atelectasia por obstrução bronquial”.

Urcício Santiago – “Medicina, Ciência e Arte – Através dos Tempos”.

Orlando de Castro Lima – “O Adeus da Academia a Jorge Valente”.

Estácio de Lima – “Problemas Médico-Sociais”.

Sá Menezes – “Saudação ao Ministro da Saúde, Dr. Mário Machado de Lemos”.

Octávio Torres – “Concepções das expressões epidemia, endemia, pandemia e moléstias esporádicas em Patologia e Higiene”.

Urcício Santiago – “Contribuição da cera de ouricuri à patologia respiratória”.

Sá Menezes – “Osvaldo Cruz – O Nacionalizador da Medicina Brasileira”.

Garcez Fróes – “Terminologia Médica”.

Sá Menezes – “Elaboração do Memorial ao Ministro da Educação a respeito do aproveitamento da antiga Faculdade de Medicina para Monumento Histórico da Medicina Nacional”.

Urcício Santiago – “Insalubridade na Indústria”.

Almeida Gouveia – “O Ensino Médico e a Faculdade de Medicina”.

Garcez Fróes – “Enxerto da medula óssea e leucemia”.

Sá Menezes – “Discurso de recepção aos acadêmicos José Adeodato de Sousa Filho, Elieser Audíface, Geraldo Leite, Alberto Serravalle, Itazil Benício dos Santos e Plínio Garcez de Senna”.

Adeodato Filho – “Discurso de Posse e agradecimento em nome dos acima citados acadêmicos”.

Urcício Santiago – “Discurso de recepção aos acadêmicos Adroaldo Albergaria, Almeida Gouveia, Jesuíno Netto, Eduardo Cerqueira e Walter Afonso de Carvalho”.

Almeida Gouveia – “Discurso de Posse e agradecimento em nome dos acima citados acadêmicos”.

Clarival do Prado Valadares – “Evolução das Letras Médicas na Bahia”.

Alberto Serravale – “Pacífico Pereira e a Medicina do seu tempo”.

Sá Menezes – “O Adeus da Academia a Fernando São Paulo”.

Walter Afonso de Carvalho – “Radiodiagnóstico e Radioterapia”.

Urcício Santiago – “Oração nos funerais do ex-presidente Garcez Froés”

Almeida Gouveia – “Gestações em grande risco”.

José Silveira – “Patologia Pulmonar de Ontem e de Hoje”.

Adroaldo Soares de Albergaria – “Menor desajustado – enfermidade de massa”.

Além de conferencistas de fora, como:

Fernando Paulino (do Rio de Janeiro) – “Causas da Esofagite”.

Waldemar de Oliveira (de Pernambuco – “Paixão e Morte de Osvaldo Cruz”.

Alberto de Sousa Oliveira (do Rio de Janeiro) – “Alguns aspectos da febre reumática”.

Ministro Mário Machado de Lemos (de Brasília) – “Plano Nacional de Saúde”.

Sem que faltassem os votos de pesar aos que partiram desta vida, recordem-se aqui os apresentados pelo acadêmico José Silveira pelo passamento do Prof. Gumercindo Sayago e dos Drs. Lourival Carvalho e Flaviano Marques; os do acadêmico Sá Menezes a propósito da morte do Prof. Pirajá da Silva e do Dr. Mário de Macedo Costa.

A respeito do último dos agora citados, reproduza-se aqui, textualmente, a notícia veiculada n’A Tarde, edição de 1º. de agosto de 1958: “O Dr. Jayme de Sá Menezes usou da palavra para homenagear a memória do Dr. Mário de Macedo Costa, professor da Faculdade de Medicina,

recentemente falecido, ressaltando as qualidades morais e intelectuais do saudoso clínico, que disse deverem servir de modelo às novas gerações, pondo em destaque o médico arguto e proficientíssimo, o colega exemplar e o cidadão de raras virtudes morais". E continua a notícia: "O Dr. Sá Menezes propôs o nome do Dr. Mário de Macedo Costa para patrono de uma das Cadeiras da Academia. Secundando a moção do Dr. Sá Menezes, falaram os Drs. José Silveira e Jorge Valente, ambos ressaltando a justiça da homenagem prestada ao Dr. Mário de Macedo Costa, por sinal, pai de outro distinto colega e fundador da Academia, Dr. Luís Fernando de Macedo Costa".

Cumpramos agora citar, ao lado do nome do Dr. Mário de Macedo Costa, os demais patronos das quarenta cadeiras desta Academia, observados o Art. 22 do Regimento e o Art. 3º dos Estatutos: Alberto Alves da Silva, Alfredo Tomé de Brito, Alfredo Ferreira de Magalhães, Almir Sá Cardoso de Oliveira, Álvaro Campos de Carvalho, Anísio Circundes de Carvalho, Antônio de Freitas Borja, Antônio Ferreira França, Antônio Luís Cavalcanti Albuquerque de Barros Barreto, Antônio Pacífico Pereira, Antônio do Prado Valadares, Aristides Pereira Maltez, Aristides Novis, Armando Sampaio Tavares, Caio Otávio Ferreira de Moura, Cipriano Barbosa Betâmio, Climério Cardoso de Oliveira, Eduardo Rodrigues de Moraes, Fernando Luz, Flaviano Inocêncio da Silva, Francisco de Castro, Francisco dos Santos Pereira, Frederico de Castro Rebelo, Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, Joaquim Martagão Gesteira, José Adeodato de Souza, José Corrêa Picanço, José Francisco da Silva Lima, Júlio Afrânio Peixoto, Juliano Moreira, Leôncio Pinto, Luís Anselmo da Fonseca, Manuel José Estrela, Manuel Vitorino Pereira, Menandro dos Reis Meireles Filho, Oscar Freire de Carvalho, Oto Edward Herving Wucherer, Raimundo Nina Rodrigues e Sabino Silva.

Nos dezessete anos de sua existência, esta Academia não tem sido pródiga, antes parca, comedida e severa na concessão de títulos honoríficos a ilustres médicos, Foram ou são seus membros honorários os Professores Manuel Augusto Pirajá da Silva, Waldemar de Oliveira, Nova Monteiro, Orlando Parahim e Mário Machado de Lemos, este, então, Ministro da Saúde. São seus membros correspondentes, no Rio de Janeiro, os professores Heitor Práguer Fróes, Ivolino de Vasconcelos e Moacir Santos Silva.

Votos de congratulações também não faltaram a esta Casa, no curso desses anos. Do presidente Garcez Fróes aos acadêmicos Antônio Simões, Sá Menezes, Rui Maltez, Urcício Santiago, Clarival Valadares e Estácio de Lima, por haverem assumido altos postos de direção nos governos Estadual e Municipal; de vários outros acadêmicos, pela posse de José Silveira, Itazil Benício dos Santos e Jayme de Sá Menezes na Academia de Letras da Bahia, como ainda pela inscrição do nome dos Professores Garcez Fróes e José Silveira na Ordem Nacional do Mérito Médico.

O Prof. Garcez Fróes verberou, certa vez, contra a atitude do médico do Papa Pio XII, Dr. Galis Lisi, que quebrou o segredo profissional, comprometendo a intangibilidade moral do Santo Padre; como também lançou veemente protesto à atitude da Sociedade Médica da URSS, pelo que havia sofrido de injusto o escritor BORIS PASTERNAK, quanto ao prêmio Nobel.

O acadêmico Urcício Santiago comunica haver o então deputado Cruz Rios proposto à Assembléia Legislativa do Estado um auxílio de trinta mil cruzeiros à Academia, tendo o acadêmico Sá Menezes sugerido oficial ao aludido deputado agradecendo a louvável iniciativa.

Concluído o biênio presidido pelo Prof. Garcez Fróes, assume o exercício da presidência o 1º Vice-Prresidente,

Urcício Santiago, até a posse do presidente eleito, acadêmico Otávio Torres, que, por motivo de doença, não pode comparecer à sessão. Justificada também a ausência do acadêmico Antônio Simões, o vice-presidente em exercício convida para comporem a Mesa o Dr. Jayme de Sá Menezes, Secretário de Saúde do Estado e representante do governador, o Dr. Osvaldo Ribeiro Dantas, representante do Comandante da 6ª. Região Militar, e os acadêmicos Colombo Spínola, Rui Maltez, Alexandre Leal Costa, Manuel Pereira, Clarival Valadares e a Drª. Carmen Mesquita Torres. Em seguida, diz a notícia do jornal "Estado da Bahia", edição de 19 de agosto de 1960: "O Prof. Urcício Santiago passou a direção dos trabalhos ao Prof. Sá Menezes, o qual, assumindo a presidência da Mesa, proferiu um improvisado, analisando a atuação da Academia no meio cultural baiano, para, em seguida, considerar empossada a Diretoria recém-eleita".

Fato digno de destaque, pelo que encerra de edificante humildade, foi a posse nesta Academia do preclaro e saudoso Prof. Dr. Fernando José de São Paulo, que, mestre de todos nós, se submeteu, rigorosamente, às exigências estatutárias e regimentais, e apresentou-se candidato à cadeira patrocinada pelo Barão de Goiana, José Corrêa Picanço, fundador, na Bahia, do ensino médico brasileiro.

Foi uma noite monumental, aquela! Repleto o auditório da Associação Baiana de Medicina, onde se realizou a sessão, o Prof. Fernando São Paulo deu entrada no recinto acompanhado por uma comissão composta pelos acadêmicos José Silveira, Antônio Simões e Santiago da Mota, sendo saudado pelo acadêmico Rui Maltez, tendo recebido o diploma, como registrou a imprensa, "das mãos do Secretário de Saúde, Dr. Sá Menezes, ao término da sessão, quando falou o acadêmico Urcício Santiago, presidente da Mesa que dirigia os trabalhos".

Outra noite de grande relevo para a nossa instituição foi aquela em que – juntamente com o Governo estadual, a Secretaria de Saúde do Estado, a Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, o Instituto Baiano de História da Medicina e a Fundação Gonçalo Muniz – realizou esta Academia, no salão nobre do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, sessão magna em honra do 88º. aniversário de nascimento de Osvaldo Cruz, tendo falado, em nome do Governo e das instituições homenageantes, o acadêmico Sá Menezes, então Secretário de Saúde, cuja conferência – sob o título “Osvaldo Cruz – O Nacionalizador da Medicina Brasileira” – foi, posteriormente, pelo Governo publicada.

Outro marco significativo na vida desta Academia foi aquela excelente sessão realizada no auditório do Hospital para as Doenças do Tórax, em 1972, para homenagear os seguinte e eminentes membros da Academia Nacional de Medicina: Professores Fernando Paulino, Ermiro de Lima, Jesse Teixeira e Mário Pinto de Miranda.

Fez a saudação oficial da Academia, aos confrades do Rio de Janeiro, por indicação do acadêmico José Silveira, o acadêmico Sá de Menezes. Em seguida, o acadêmico Prof. Dr. Fernando Paulino proferiu aplaudida e excelente conferência sobre o tema: “Causas da Esofagite”. É documento disso que vos afirmo a publicação, nos arquivos do IBIT, ainda por gentileza do Prof. José Silveira, do discurso então pronunciado, que tenho a satisfação de distribuir aos confrades nesta sessão inaugural da presidência Silveira.

Outro acontecimento memorável, digno do maior destaque, foi a campanha desencadeada por esta Academia, para que o edifício da antiga Faculdade de Medicina da Bahia, primaz do Brasil, fosse transformado em Monumento Histórico da Medicina Nacional.

A essa nobre campanha se associaram o Instituto

Baiano de História da Medicina, a Associação Baiana de Medicina, o Conselho Regional de Medicina, o Sindicato dos Médicos, a Sociedade Brasileira de Medicina Preventiva, a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, o Instituto Brasileiro para Investigação do Tórax, o Clube dos Médicos e o próprio Governo do Estado, visto que a primeira assinatura, no respectivo memorial, foi a do nosso eminente colega Antônio Carlos Magalhães, então Governador do Estado.

Elaborado o Memorial, cuja redação, por indicação do acadêmico José Silveira, coube a quem agora vos fala, foi o mesmo lido na Câmara dos Deputados Federais, pelo Deputado Djalma Bessa e, no Senado da República, pelo Senador Lourival Batista, que se empolgaram pela causa, sendo, a seguir, encaminhado ao Ministro da Educação e ao Ministro da Saúde; a este, aqui mesmo na Bahia, quando, em sessão solene desta Academia, realizada na Sala da Congregação da antiga Faculdade de Medicina, o Dr. Mário Machado de Lemos, saudado pelo acadêmico Sá Menezes, recebeu o diploma de membro honorário desta Casa e comprometeu-se, publicamente, não só a advogar a nossa causa no Ministério que então dirigia, senão também no do seu colega da pasta da Educação e Cultura.

Essa memorável campanha, liderada por esta Academia, tornou-se vitoriosa, visto que o Governo Federal vem de reservar, como afirmam o Reitor e o Diretor da Faculdade, a parte nobre desta para o funcionamento de instituições médico-culturais, inclusive esta Academia, e a parte térrea do vetusto e tradicional edifício para o "Museu do Negro", o que como que complementa o que havíamos solicitado, tal o relacionamento existente entre este e a etnologia, a antropologia e a medicina legal, sem que, por certo, jamais seja sacrificado, antes mantido e ampliado, o já existente "Museu Antropológico Estácio de Lima".

Naquela citada e extraordinária sessão, presidida pelo acadêmico Urcício Santiago, o Prof. Renato Tourinho Dantas, Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, convidou o Ministro Machado de Lemos para presidir, à noite, à sessão que aquela Faculdade promoveria a respeito do centenário do nascimento do sábio baiano, Pirajá da Silva.

Nesta hora de tantas recordações prazerosas, não há como fugir a um triste registro. É o que se refere ao desaparecimento dos caríssimos confrades falecidos, daqueles que conosco conviveram e lutaram pelos mesmos ideais, e que para sempre deixaram em nossos espíritos a imagem dos seus vultos inesquecíveis: João Américo Garcez Fróes, Clínio de Jesus, Luís Pinto de Carvalho, Antônio Sousa Lima Machado, Otávio Torres, Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Jorge Valente, Fernando São Paulo e Colombo Spínola.

Na inevitável renovação dos Titulares desta Academia, no seu quadro ingressaram, saudados pelo acadêmico Sá Menezes, José Adeodato de Sousa Filho, Itazil Benício dos Santos, Elieser Audíface, Alberto Serravalle, Geraldo Leite e Plínio Garcez de Sena; e, saudados pelo acadêmico Urcício Santiago: Adroaldo Soares de Albergaria, Raimundo Nonato de Almeida Gouveia, Antônio Jesuíno dos Santos Neto, Eduardo Dantas Cerqueira e Walter Afonso de Carvalho.

Nove daqui partiram. Onze novos e ilustres titulares se incorporaram a esta Academia que, no momento, está com oito cadeiras vagas, cujos patronos são os seguintes: Armando Sampaio Tavares, Caio Otávio Ferreira de Moura, Flaviano Inocêncio da Silva, Francisco dos Santos Pereira, Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, Leôncio Pinto, Luís Anselmo da Fonseca e Raimundo Nina Rodrigues, visto que duas outras cadeiras já estão preenchidas pelos acadêmicos eleitos

e ainda não empossados, Humberto de Castro Lima e Renato Tourinho Dantas.

Eis, em síntese, o que fez, o que tem feito a Academia de Medicina da Bahia nesses seus pouco mais de três lustros de existência fecunda, tendo tido à sua frente, no seu comando, na sua presidência, figuras como as de Garcez Fróes, Otávio Torres, Fernando São Paulo, Jorge Valente, Urcício Santiago, Estácio de Lima e, agora, José Silveira.

Um ato de justiça, porém, impõe destacar, não só a presidência exemplar de Garcez Fróes, o pioneiro na direção da Academia, o espírito altamente iluminado de saber e equidade, senão também as presidências de Urcício Santiago e Estácio de Lima. Aquele, no empenho com que exercitou o cargo, no entusiasmo com que o exerceu, nos serviços que prestou a esta Casa da Ciência Médica, inclusive promovendo a confecção da Medalha, da Insígnia e do Diploma desta Academia, como ainda assegurando o funcionamento da mesma na Sala da Congregação da antiga Faculdade de Medicina, ao Terreiro de Jesus; este, Estácio de Lima, cujos encargos fora do País não lhe permitiram a consecução de tudo que planejara, todavia dignificou a presidência e prestou a esta Casa, com a publicação do seu excelente livro "O Mundo Místico do Negro", que lhe custou, inclusive, uma permanência de quase um ano em terras de África, os serviços mais elevados que a ela poderiam ser prestados, justamente aqueles que projetaram o renome desta Academia em páginas tão vigorosas e profundas.

Agora, que temos como seguro timoneiro um Presidente do calibre de José Silveira, cuja gestão mal se inicia, só nos sobram a todos nós razões para esperar, do seu talento, do seu idealismo e da sua extraordinária capacidade realizadora – de que é prova este monumental hospital onde hoje nos abrigamos – tudo de bom e grandioso para a nossa Academia.

101 Têm e devem ter as Academias o cunho consagratório. Por mais que contra elas se voltem os espíritos pouco atilados, senão mesmo maliciosos, jamais devem elas ser confundidas com instituições científicas, literárias ou culturais, cujos propósitos inegavelmente diferem dos em que se empenham as Academias.

80 Para as discussões corriqueiras, o debate primário, a troca de idéias mais ou menos irrelevantes, ou para a defesa, digamos, dos interesses econômicos, jurídicos e materiais da classe médica, existem e sobejam instituições a esse fim apropriadas.

107 As Academias não de ser órgãos de cúpula, consagratórios, o que absolutamente não traduz inércia, conservadorismo e, muito menos, reacionarismo.

86 O que a elas incumbe, por força mesmo do seu espírito, é promover a consagração dos a quem coube, moços ou velhos, a distinção no trato da cultura, na elaboração do pensamento, na profundidade e filosofia do saber.

8 Daí dizer, com muito acerto, nesta própria Academia, Clarival do Prado Valadares:

107 "Aqui não se tem feito política de classe, nem de grupo, nem de situação. Somos aqui médicos de diferentes atividades, de mentalidades diversas, de idades que vão da casa dos trinta à casa dos oitenta". E, adiante: "Não nos reunimos, como insinuam os detratores, para o agrado recíproco, para o narcisismo coletivo, a tertúlia inconstitucional e a consagração imprópria. Dizem que estamos dedicados a uma entidade consagratória. É exato. Esta Academia é uma entidade consagratória, também".

Teve razão Clarival Valadares.

Aos estudiosos das Letras e da Ciência sempre fo grato o congregarem-se em grupos afins, onde melhor se faça a comunicação do pensamento, o comércio das idéias.

A Academia de Medicina da Bahia, fundada a 10 de julho de 1958, e solenemente instalada, por imperativo da morte do Papa João XXIII, a 17 de outubro do mesmo ano, no salão nobre da Academia de Letras da Bahia, é uma instituição que nasceu com os mais elevados propósitos, e veio a preencher imperdoável lacuna até então existente no meio médico-cultural da Bahia.

O insigne atual Presidente, Prof. José Silveira, na sua larga experiência à frente do IBIT, cujo rigor e primor científico jamais sofreram o menor comprometimento, já agora sente no seu ânimo inquebrantável os avisos de quanto terá de lutar para manter igual padrão no Hospital para as Doenças do Tórax, sua mais recente e admirável realização no campo da Medicina, ele que ofereceu à cultura médica sul-americana, desde os dias já distantes da sua mocidade, a mais significativa e poderosa obra de pesquisa e combate da Tuberculose e, em sentido mais amplo, da cárdio-pneumologia.

É que, com o tempo, os costumes mudaram.

Os médicos da geração do Prof. José Silveira alicerçaram os seus conhecimentos em bases humanísticas, aprimoraram a sua cultura nos conhecimentos gerais, que ampliam a visão e asseguram horizontes mais largos, capazes de abrir caminhos seguros à prática das especialidades.

Não conheceram, assim, os condiscípulos de Silveira, o perigo da superficialidade, genetriz do ilusionismo médico, que mediocriza o profissional, o torna pretensioso, inconsciente, e o leva à prática danosa da medicina.

A geração médica de hoje muito se tem distanciado daquele espírito que presidiu à formação das gerações anteriores. A vida trepidante, a agitação, a pressa, os desníveis sociais, a multiplicidade de solicitações, os privilégios indefensáveis, o considerável aumento demográfico, sobretudo nas macrópoles, criando injustiças e impondo a medicina de massa, indistinta e desumanizada, tem gerado decepções, fraquezas, distorções, que têm feito do médico um assalariado insatisfeito, preterido, sem condições de exercer na plenitude de sua grandeza a profissão que abraçou. Este o triste quadro atual do exercício da medicina, como tive oportunidade de assinalar nesta Academia.

Nem sempre a técnica, hoje tão valorizada, e nem mesmo a pesquisa pura, sem os toques individuais do espírito criador, atingem os objetivos colimados. As grandes concepções, como a abreugrafia, a psicanálise, a teoria do neurônio, foram mais obra de cérebros iluminados do que produto de investigações armadas. Ao vertiginoso progresso do laboratório, da aparelhagem custosa, dos miraculosos computadores, há que preponderar o gênio interpretativo, a intuição dos eleitos do talento.

Na gênese das grandes criações, sejam elas as das Artes, das Letras ou da Ciência, o que predomina é o espírito humano, sobretudo dos que puderam enriquecer a inteligência no convívio da filosofia, no trato das humanidades, na prática do raciocínio, capaz de fornecer ordenamento lógico às idéias e concepções, deduções e conclusões lúcidas e fundamentadas.

Revelha e repetida é aquela sentença, que tanta verdade encerra: "O médico que só sabe Medicina, nem Medicina sabe".

A mocidade médica dos nossos dias, sem o alicerce

da cultura integral, vem exercitando a medicina sem aquela visão que só os amplos conhecimentos conferem aos facultativos. Advogando a especialização precoce, não se dão conta, os moços, do erro em que mergulham. Perdem-se no particular, subestimam a globalidade das manifestações orgânicas, a correlação funcional dos órgãos, o estreito relacionamento somato-psíquico.

Como que tocados desse ultratecnicismo difundido pelos Estados Unidos, num verdadeiro processo de americanização universal da ciência médica, a juventude de hoje já não se debruça sobre os tratadistas franceses, alemães e italianos, sem falar nos ingleses, espanhóis e portugueses, que tanto contribuíram para a formação profissional dos médicos das gerações anteriores à atual.

E o que se observa, nos dias que correm, é o evidente contraste entre o que se poderia chamar a Medicina dos humanistas e a Medicina dos tecnicistas. Era aquela, por sem dúvida, mais lúcida, mais individual, mais humana; enquanto esta se tem revelado menos lúcida, mais coletiva, senão mesmo, em alguns casos, desumana.

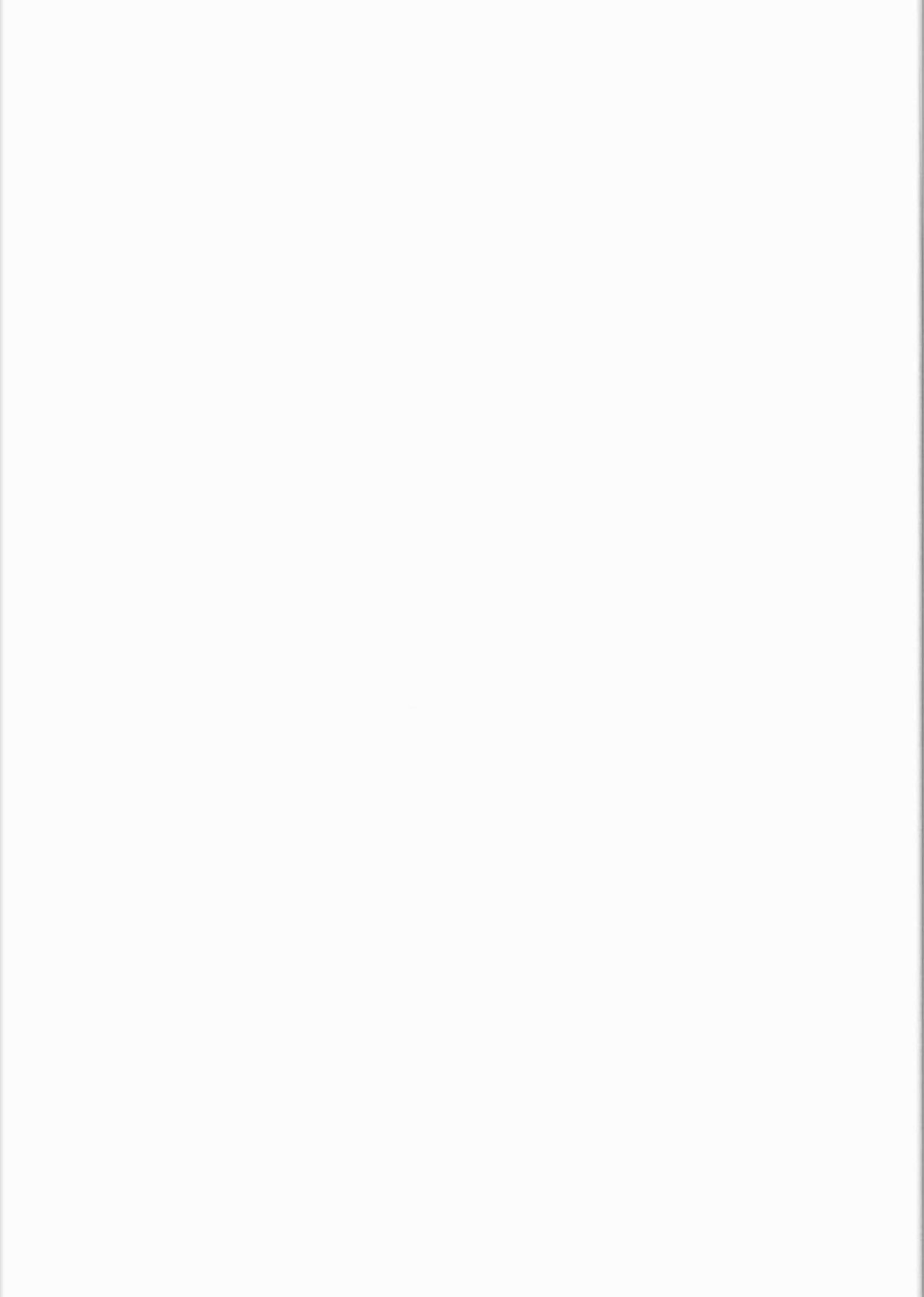
Cumpra aos espíritos doutos, servidos de cultura filosófica, capazes de traçar com segurança os rumos do porvir médico, a tarefa de pôr nos devidos trilhos a Medicina, hoje tão sacrificada.

E é de supor, pela natureza da sua destinação, pelo saber dos que as integram, que às Academias compete esse papel relevante de esclarecer e conduzir o pensamento médico, a prática da Medicina, a dignidade da profissão, jamais olvidando a parcela que lhes cabe nessa função orientadora, doutrinária e filosófica.

Ex-2º. Vice-Presidente desta Academia, cuja presidência jamais pleiteei, apesar da generosa lembrança do meu nome para o cargo, partida de confrades como Garcez Fróes, Jorge Valente, Luís Fernando de Macedo Costa, Urcício Santiago e outros, o que sempre tenho sido, o que fui durante doze anos consecutivos, o que torno a ser, por vossa indisfarçável gentileza, e contra todos os meus falidos argumentos, é Secretário Geral desta instituição, função para a qual acabastes de me reconduzir, certos de que me tem sempre inflamado o ânimo o só propósito de que à frente da Academia de Medicina da Bahia permaneça um nome que a engrandeça e a ela assegure o mais fulgurante futuro.

Sob a presidência de José Silveira, e com a colaboração de Diretores como Macedo Costa, Manuel Pereira, Geraldo Leite, Jesuíno Neto, Urcício Santiago e Elieser Audíface, está assegurado a esta Academia o completo desempenho da sua função, num biênio que todos pressentimos dos mais brilhantes, fecundos e operosos, período no qual, por certo, esta instituição ainda mais se afirmará no seu elevado e justo conceito de cenáculo maior da cultura médica brasileira.

Fiel ao lema desta Academia – SCIENTIA NOBILITAT – todos nós – Deus Louvado – nos sentimos nobilitados no concorrer, na Bahia, para a preservação e o culto da ciência hipocrática.



OS IRMÃOS PEREIRA:

*CONTRIBUIÇÃO À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA**

Thomaz Cruz**

A Faculdade de Medicina, primeiro estabelecimento de ensino superior do Brasil, escola médica pioneira do país, tem-se beneficiado, nos 195 anos de sua existência, do empenho e da proficiência de muitos dos seus mestres. Algumas famílias se dedicaram, via vários de seus membros, ao sucesso do cumprimento da missão de sua instituição e ao desenvolvimento da mesma.

Assim, vale lembrar alguns pais e filhos que nela brilharam ou lá ainda labutam: Antônio (Patologia Interna) e Eduardo (Química e Mineralogia) Ferreira França, Alexandre (Anatomia Descritiva), Alexandre (Otorrinolaringologia) e José Afonso (Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações), Alfredo Thomé (Propedêutica Médica) e Alfredo Couto (Neurologia) Brito; Egas Carlos e Gonçalo Moniz Sodrê de Aragão (Patologia Geral); Antônio (Propedêutica Médica), Clarival (Anatomia Patológica) e Raymundo Valdício (Cardiologia, depois Psiquiatria) do Prado Valadares; José Adeodato (Ginecologia) e José Adeodato Souza Filho (Obstetrícia); Climério e Almir de Oliveira (Obstetrícia); Eduardo e Carlos Rodrigues de Moraes (Otorrinolaringologia); João Souza (Oftalmologia) e Adriano Pondé (1ª Clínica Médica); Edgard (Cirurgia) e Roberto (2ª Clínica Médica) Santos; Aristides e Jorge Novis (Fisiologia); Francisco Peixoto (Higiene) e José Maria de Magalhães Netto

* Conferência promovida no VIII Congresso Brasileiro de História da Medicina - Salvador, 13 a 15 de novembro de 2003

* Médico pela FAMED, UFBA, 1964. Livre Docente e Professor Adjunto. Endocrinologista. Presidente da Academia de Medicina da Bahia.

(Obstetrícia); Audemário (Anatomia) e Armênio (Fisiologia, depois Cardiologia) Guimarães; José Olímpio (2ª Clínica Médica) e Cícero e Roberto Adolpho da Silva (Clínica Médica); Armando Sampaio Tavares e Armando Sampaio Tavares Filho (Clínica Médica); Jorge e Jorge Valente Filho (Urologia), Heitor e Roberto Marback (Oftalmologia); Itazil e Marcelo Benício dos Santos (Radiologia); Newton e Newton Alves Guimarães (Dermatologia); Penildon (Farmacologia) e Luciana (Pediatria) Silva; Álvaro e Solange Rubim de Pinho (Psiquiatria), Gerson e Rogério Pinto (Clínica Médica).

A lista de irmãos na mesma situação é grande e inclui: Malaquias (Medicina Legal) e Luís (Matéria Médica e Terapêutica) Álvares de Castro; Carlos Geraldo e Paulo Américo de Oliveira (Física Médica); Edgard (Farmacologia) e Venceslau (Urologia) Pires da Veiga; Renato (Técnica Operatória) e Otávio (Cirurgia depois Medicina Nuclear) Tourinho Dantas; Yulo (Cardiologia) e Bernardo Vianna (Medicina Nuclear); Álvaro Rabelo e Carlos Alberto Paes Alves (Cirurgia) e os cinco irmãos Vinhaes: Almira (Fisiologia), Lícia (Ginecologia); Antônio (Proctologia), Diogenes (Urologia) e Alcina (Endocrinologia).

Uma tríade de professores que, irmãos, se formaram na Faculdade de Medicina da Bahia, e nela fizeram carreira, tendo alcançado e exercido a cátedra, merece citação especial e comentários elogiosos sobre o legado que ofereceram à sua alma mater. São os PEREIRA, Antônio Pacífico, Manuel Victorino e Francisco Bráulio, que devem ser lembrados com respeito e mesmo com veneração pela relevância da contribuição que prestaram à sua escola médica.

A Figura 1 contém não apenas um resumo da árvore genealógica da família PEREIRA, mas fornece uma idéia da importância que o clã atingiu em virtude do que alguns de seus componentes realizaram.

BIOGRAFIA (TABELA I)

A abordagem inicial da biografia dos três PEREIRA médicos e professores (Tabela I) mostra que ANTÔNIO PACÍFICO, o mais velho deles viveu 76 anos (1846 a 1822), tendo sobrevivido aos dois outros; MANUEL VICTORINO teve uma existência física mais curta, 49 anos apenas, de 1853 a 1902, e FRANCISCO BRÁULIO nasceu em 1858 e morreu em 1917, aos 59 anos.

FIGURA 1 – ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA PEREIRA

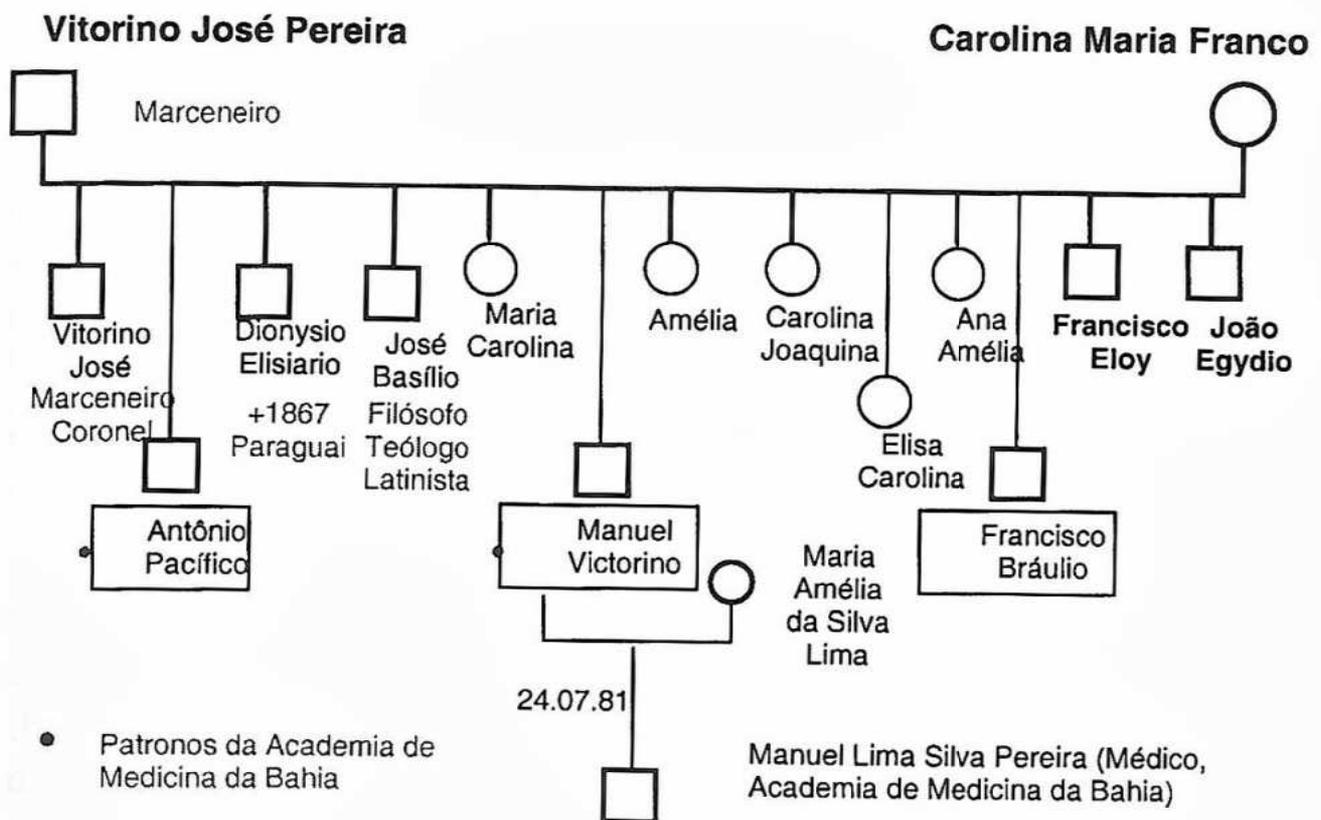


TABELA I
OS IRMÃOS PEREIRA: MÉDICOS E PROFESSORES

| Nome | Antônio Pacífico | Manuel Victorino | Francisco Bráulio |
|----------------|--|---|--|
| Nascimento | 05.06.1846 | 30.01.1853 | 1858 |
| Morte | 18.11.1922, 76 anos | 09.11.1902, 49 anos | 1917, 59 anos |
| Graduação | 1867 Aluno laureado Orador oficial | 1876 | 1881 |
| Tese inaugural | Diagnóstico diferencial e tratamento das paralisias (distinção). | Moléstias parasitárias mais freqüentes encontradas nos climas intertropicais. | Histórico, patologia e tratamento do beribéri no Brasil. |
| Cátedra | 1882 | 1883 | 1895 |
| Aposentadoria | 1912 | 1890 (entra na política) | 1914 |

Eles se graduaram em Medicina em 1867, 1876 e 1881, respectivamente. ANTÔNIO PACÍFICO foi aluno laureado e orador oficial de sua turma; sua tese inaugural, como se chamava a dissertação que, se aprovada, garantia a formatura, obteve distinção. Versou sobre Diagnóstico Diferencial e Tratamento das Paralisias, um marco histórico para a época, em que se conhecia pouco ou nada sobre etiologia e diferenciação destas situações patológicas. O trabalho de graduação de MANUEL VICTORINO, Moléstias Parasitárias mais Freqüentes Encontradas nos Climas Intertropicais, no qual ele descreveu as parasitoses que grassavam na população baiana, sobretudo, mas não apenas,

na faixa mais desprivilegiada, além de chamar a atenção para a alta prevalência de doenças que refletiam as deficiências higiênicas, a ignorância popular a respeito de conhecimentos sanitários básicos e a influência da miséria e da fome sobre a péssima saúde do povo da Bahia da época, sobretudo na linha de penúria socioeconômica, se constituiu em um libelo contra a escravidão, evidenciando, na aurora de sua vida profissional, sua vocação política. FRANCISCO BRÁULIO foi interno de Cirurgia, por concurso no 5º ano de seu curso, e de Clínica Médica, na última série. Sua dissertação abordou o Histórico, a Patologia e o Tratamento do Beribéri no Brasil, avitaminose que prejudicou durante séculos a saúde coletiva, até que se lhe descobriu a causa, o que praticamente levou-a à extinção; seu trabalho aparece em um momento em que a doença vinha despertando cada vez mais atenção no país, o que lhe aumenta a relevância. Ressalte-se que, àquele tempo, vinha a Faculdade de Medicina começando a testemunhar a mudança de ênfase das teses inaugurais, de assuntos corriqueiros e banais, de somenos significação para estudos com densidade científica. Estes três trabalhos configuram seguramente os sérios propósitos científicos da tríade PEREIRA.

TABELA II – VIDA ACADÊMICA DOS IRMÃOS PEREIRA

| Antônio Pacífico | Manuel Victorino | Francisco Bráulio |
|---|---|---|
| <p>1870 – Opositor (Ciências Cirúrgicas).</p> <p>Tese: Eclâmpsia e seu tratamento.</p> <p>1871-1872 - Paris (Billroth e Braun).</p> <p>1872 – Substituto. Tese: Feridas por armas de fogo.</p> <p>1881-1889 – Viena, Praga, Budapeste, Leipzig, Berlin (Virchow, Traub).</p> <p>1882 – Catedrático de Anatomia Patológica → 1883 – Histologia.</p> <p>1884 e 1895-1897 – Diretor.</p> <p>1886 – Gazeta Médica da Bahia.</p> <p>1882 – Memória histórica da Faculdade.</p> | <p>1877 – Substituto de Ciências Acessórias.</p> <p>Tese: Álcoois poliatômicos.</p> <p>Londres (Lister), Viena (Billroth, Kaposi, Koch), Berlin (Virchow)..</p> <p>1883 – Catedrático da 2ª Clínica Cirúrgica (Louvor).</p> <p>1890 – Memória histórica da Faculdade.</p> | <p>1883 – Adjunto em Clínica Médica. Substituto da 12ª → 7ª secção.</p> <p>1886 – Concurso de Terapêutica e Matéria Médica.</p> <p>Tese: História natural das leguminosas medicinais brasileiras.</p> <p>1895 – Catedrático da 2ª Clínica Médica.</p> <p>1889 – Memória histórica da Faculdade.</p> |

VIDA ACADÊMICA (TABELA II E FIGURA 2)

Quanto à vida acadêmica dos irmãos PEREIRA, vale ressaltar vários aspectos positivos.

ANTÔNIO PACÍFICO – 3 anos após sua formatura, já chegava a opositor de Ciências Cirúrgicas, após defender tese sobre Eclâmpsia e o seu Tratamento. Seu treinamento pós-graduado envolveu visitas à Universidade de Paris (em 1871) e várias outras (Viena, Praga, Budapeste, Leipzig e

Berlin), entre 1881 e 1889, onde teve contato com Billroth, Braun, Traub e Virchow. Nova tese sobre Feridas por Arma de Fogo o leva a Professor Substituto em 1872 e chega à Cátedra em 1882, inicialmente regendo a de Anatomia Geral e Patológica, transferindo-se depois para a de Histologia. Pacífico Pereira foi tido como administrador competente – Diretor em 1884 (Vice de Rodrigues Lima), foi-o novamente em 1895, tendo renunciado em 1897, em solidariedade à crise envolvendo seu irmão Manuel, já na alta esfera da política nacional. Antônio Pacífico foi responsável por trazer à sala de aula o microscópio, por batalhar por um melhor adestramento prático do estudante de Medicina, por sugerir e propugnar a favor de novos métodos de ensino, pelo estabelecimento, montagem e funcionamento de laboratórios na Faculdade. Sua paixão pela ciência era grande, e ele a associava à veneração pelo magistério, para o qual tinha vocação inata. Por todas estas realizações recebeu, em 1922, 10 anos após sua aposentadoria, o invulgar título de *Preceptor Brasiliae*, o Mestre do Brasil. Com toda razão Alberto Serravalle, Professor de Parasitologia de nossa casa médica, o cognominou Condestável da Medicina.

MANUEL VICTORINO, seis meses depois de formado, já era lente substituto de Ciências Acessórias (Física, Química, Mineralogia, Medicina Legal e Farmácia), após vencer concurso em que defendeu tese sobre Álcoois Poliatômicos. Visitas às Universidades de Viena (Billroth, Braun, Kaposi e Koch), Berlin (Virchow) e Londres lhe propiciaram primorosa formação adicional, o que lhe permitiu ser pioneiro da alta cirurgia em nosso meio. A influência de Lister fê-lo introdutor dos princípios da antissepsia moderna na Bahia. Em 1882, seis anos após a graduação, obteve, sem competição, a Cadeira da 2ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Bahia em memorável concurso em que recebeu louvor. Foi, na opinião dos que o conheceram bem, um dos professores mais eminentes de nossa escola médica. Trouxe para dentro dela a Medicina nova, aprendida fora de seus

muros: mostrou, discutiu e defendeu o resultado das pesquisas e descobertas dos criadores da Escola Tropicalista da Bahia. Seu afastamento definitivo de sua escola, em 1890, para se envolver em lides políticas, deixou uma lacuna significativa entre os paladinos do ensino da nova Medicina. (Tabela e III Figura 2).

TABELA III – CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA TROPICALISTA BAIANA À MEDICINA ⁽³⁾

| | | |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Paterson (1820-1882), natural da Escócia, lá formado em 1841. Epidemias de febre amarela (1849) e de cólera (1855). Anfitrião inicial das reuniões do grupo (1865). Grande estímulo para a fundação da Gazeta (1866). | <ul style="list-style-type: none"> • Wucherer (1820-1873), português, ascendência alemã, formado em 1841 (Alemanha). Pioneiro da medicina experimental no Brasil. Ancilostomose (1865). Filariose, <i>Wuchereria bancrofti</i> (1866). Ofidismo. | <ul style="list-style-type: none"> • Silva Lima (1826-1910), português, formado na Bahia, em 1851. Clínico mais respeitado de sua época. Primeira descrição do beribéri no Brasil. Descrição do ainhum, estudo da boubá e do maculo. |
|---|---|---|

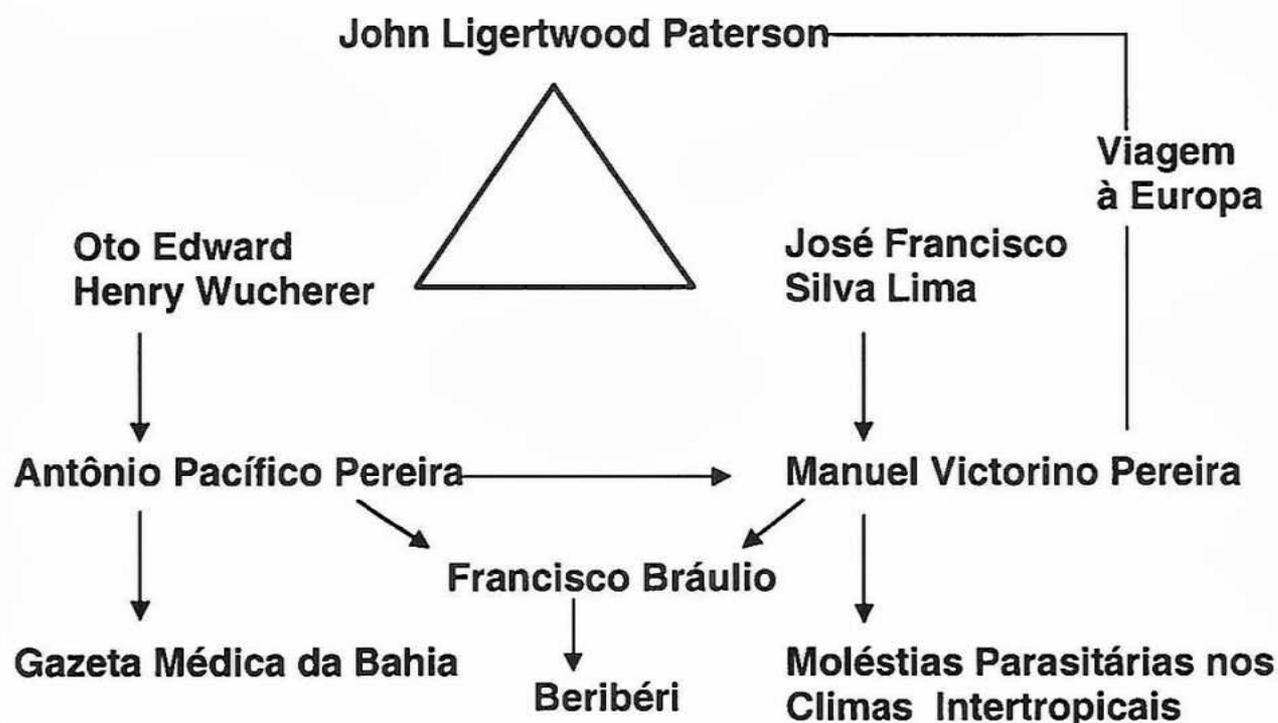


FIGURA 2 – INFLUÊNCIA DA ESCOLA TROPICALISTA BAIANA SOBRE OS IRMÃOS PEREIRA.

FRANCISCO BRÁULIO, dois anos após a formatura, era adjunto de Clínica Médica e tornou-se substituto da 7ª secção, transferido da 12ª. Doze anos depois, em 1895, já professor de renome, ilustrado, trabalhador e eficiente, tornou-se professor catedrático da 2ª Clínica Médica, cargo que exerceu com habilidade e integridade por quase 20 anos, até sua aposentadoria, em 1914.

Era praxe, durante a vida acadêmica dos irmãos PEREIRA, que professores fossem solicitados, anualmente, a redigir um relatório sobre o desenrolar do curso, ressaltando os acontecimentos importantes e dando ênfase a aspectos que deveriam ser corrigidos ou melhorados. Uma avaliação crítica, a MEMÓRIA HISTÓRICA de cada ano. Antônio Pacífico redigiu a de 1882, Manuel Victorino apresentou a de 1890 e Francisco Bráulio foi responsável pela de 1889.

TABELA IV
VIDA PROFISSIONAL DOS IRMÃOS PEREIRA

| Antônio Pacífico | Manuel Victorino | Francisco Bráulio |
|---|--|---|
| <p>1897 – Transformação da Faculdade em Hospital (Canudos).</p> <p>1901 – Inspetor Geral de Higiene.</p> <p>Anatomista, cirurgião, obstetra, clínico geral, sanitarista, professor de várias disciplinas, humanista, um sábio.</p> <p>1886 em diante – Principal incentivador, colaborador e responsável pela Gazeta Médica da Bahia.</p> | <p>1885 – Diário da Bahia.</p> <p>Presidente do Liceu de Artes e Ofícios.</p> <p>Excelente cirurgião e sábio professor. Orador magnilóquio, cientista de vasta e profunda cultura.</p> <p>De 1890 em diante – Governador da Bahia, Senador estadual e federal, vice-presidente e presidente do Brasil.</p> <p>Participação na Academia Nacional de Medicina.</p> | <p>Clínico humanitário e competente. Por suas elevadas qualidades, muito querido pelos companheiros e clientes.</p> |

Chama-se a atenção para alguns detalhes da vida profissional da tríade PEREIRA. Antônio Pacífico, em 1897, transformou a Faculdade em Hospital para feridos de Canudos; em 1901 foi Inspetor Geral de Higiene (Diretor de Saúde Pública) no governo Severino Vieira. Foi anatomista, cirurgião, obstetra, clínico geral, sanitarista, professor de várias disciplinas, um humanista, um sábio. MANUEL VICTORINO exerceu o jornalismo, tendo dirigido, em 1885, o Diário da Bahia, e foi Presidente do Liceu de Artes e Ofícios. Cientista de vasta e profunda cultura foi considerado um orador magnífico, um literato primoroso, além de cirurgião dos mais eficientes e seguros e um sábio professor. A política o desviou do ensino – Governador da Bahia, Senador estadual e federal; Vice-Presidente da República exerceu a Presidência, por 4 meses com dignidade e brilho. Foi sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e participou da Academia Nacional de Medicina. FRANCISCO BRÁULIO foi um clínico humanitário e competente; por suas elevadas qualidades, foi muito querido por seus companheiros e clientes.

ATIVIDADES CIENTÍFICAS (TABELA V)
TABELA V – PUBLICAÇÕES DOS IRMÃOS PEREIRA

| Antônio Pacífico | Manuel Victorino | Francisco Braulio |
|--|--|--|
| 1869 – Febre tifóide. | 1877 – filariose. | 1886 – Leguminosas Medicinais Brasileiras. |
| 1876 – Tétano traumático | 1877 – ancilostomíase. | |
| 1880 – Reforma das Faculdades de Medicina. | 1888 – osteoartrite tuberculosa. | |
| 1883 – Beribéri. | 1889 – osteíte epifisária tuberculosa. | |
| 1888 – Lepra | 1890 – Higiene das escolas | |
| 1891 – História do Ensino Médico. | | |
| 1893, 1910 e 1918 – Cólera. | | |
| 1898, 1913-1916 – Febre amarela. | | |
| 1905 - Cemitérios. | | |
| 1907 e 1908 – Peste bubônica. | | |
| 1909 – Esgotos. | | |
| 1912 e 1921 – Reforma do Ensino Médico. | | |

Quanto a publicações, ANTÔNIO PACÍFICO foi deles quem mais publicou: sobre febre tifóide (1869), tétano traumático (1876), beribéri (1883), lepra (1888), cólera (1893, 1910, 1918), febre amarela (1898, 1913, 1916), peste bubônica (1902, 1907), projeto de esgotos (1904), tuberculose (1904), novos cemitérios (1905), além de relatar sobre reforma das Faculdades de Medicina (1880), história do ensino médico (1891) e sua reforma (1912, 1921). Além disso, ele se distinguiu como principal incentivador, colaborador e responsável, por muitos anos, pela revista médica de existência mais demorada do Brasil, a prestigiosa Gazeta Médica da Bahia. MANUEL VICTORINO desenvolveu os temas de sua tese inaugural em suas publicações sobre filariose (1877) e ancilostomíase (1877) e relatou casos de osteoartrite (1888) e osteíte epifisária tuberculosa (1889), discutiu a higiene das escolas (1890). FRANCISCO BRÁULIO aproveitou sua tese sobre a História Natural das Leguminosas Medicinais Brasileiras, apresentada para concurso de Terapêutica e Matéria Médica, para publicar sobre o assunto na Gazeta Médica da Bahia, em 1886.

TABELA VI – CONTRIBUIÇÃO DOS IRMÃOS PEREIRA À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

| Antônio Francisco | Manuel Victorino | Francisco Bráulio |
|--|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Atividades didáticas (Histologia). • Administração (Diretor). • Luta pela reforma do ensino médico (mais prático, equipamentos). • Dedicção à Gazeta Médica da Bahia. • Preceptor Brasiliae. | <ul style="list-style-type: none"> • Inaugurador da cirurgia maior. • Introdutor dos princípios listerianos da antisepsia. • Revolucionou o ensino de cirurgia na escola. | <ul style="list-style-type: none"> • Professor de renome, trabalhador, ilustrado e eficiente. |

Os três irmãos PEREIRA, médicos e professores, catedráticos da Faculdade de Medicina da Bahia, terão realmente contribuído para o desenvolvimento e progresso da escola que os formou?

ANTÔNIO PACÍFICO, o Preceptor do Brasil, o Condestável da Medicina, contribuiu e muito, não só nas suas atividades didáticas como na administração da faculdade. Sua luta pela reforma do ensino médico vigente e seu envolvimento para torná-lo mais prático, via o uso de equipamentos para ajudar a diagnosticar doenças, e sua dedicação à Gazeta Médica da Bahia garantem-lhe mérito suficiente para corresponder às qualificações que recebeu.

MANUEL VICTORINO, o inaugurador da cirurgia maior, o introdutor na Bahia dos princípios listerianos da antissepsia, foi um inovador; seu prestígio como professor transborda das suas biografias por ter revolucionado o ensino da cirurgia na sua escola e a prática da mesma na sua província natal.

FRANCISCO BRÁULIO – professor de Clínica Médica não terá tido a mesma projeção dos seus irmãos, mas certamente cumpriu adequadamente sua função de mestre. Sua figura precisa ser resgatada da sombra que seus irmãos lhe fizeram pela notoriedade que alcançaram, inclusive com mais informação a respeito de sua trajetória e de seu desempenho.

Em conclusão, os irmãos PEREIRA deixaram marcas indeléveis de sua profícua passagem pela nossa Faculdade e garantiram um lugar especial no panteão da mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Santos Filho L: História Geral da Medicina Brasileira. Hocitec. Edusp., São Paulo, 1991, págs. 16, 24, 39, 74, 77, 82, 86, 100, 102, 103, 149, 150, 152; 158, 159, 177, 192, 267, 537 (Antônio Pacífico Pereira); 16, 24, 35, 100, 153, 157, 221, 223, 274, 351, 469 (Manuel Victorino) e 100, 153 (Francisco Braulio).
2. Sá Oliveira E de: Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992, págs. 223, 261, 413.
3. Cruz T: A História da Faculdade de Medicina da Bahia. Rev. Soc. Bras. Med. Trop., 27(Supl. 1): XV-XXVIII, 1994.
4. Magalhães Netto JM: Antônio Pacífico Pereira in Discurso de posse Anais da Academia de Medicina da Bahia (6), Salvador, 1985, pág. 37.
5. Câmara Municipal da Cidade do Salvador: Manuel Victorino Pereira: Primeiro Centenário de Nascimento, Salvador, 1954.
6. Gomes OC: Manuel Victorino Pereira, Médico e Cirurgia Agir, Rio de Janeiro, 1957.
7. Pereira MSL: Manuel Victorino. Anais da Academia de Medicina da Bahia (1), Salvador, 1978, pág. 219.
8. Sá Menezes J: Manuel Victorino in Médicos Políticos, Sinopse Informativa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 3: 226, 1980.
9. Badaró R: Antônio Pacífico Pereira in Discurso de Posse na Academia de Medicina da Bahia, 10 de julho de 2003, Palácio da Reitoria, Salvador, pág. 8.
10. Serravalle A: A Vida e a Obra de Pacífico Pereira in Medicina e Letras. Salvador, Bahia, 2003, pág. 208.

**DISCURSO DE POSSE COMO PRESIDENTE DA
ACADEMIA DE MEDICINA
DA BAHIA, NO DIA 16 DE JULHO DE 2003,
ANFITEATRO ALFREDO BRITTO, FACULDADE DE
MEDICINA DA BAHIA,
SEDE DO TERREIRO DE JESUS**

Thomaz Cruz

Antes que tudo, a justificativa pelo local desta posse – o Anfiteatro Alfredo Britto.

O nome, do grande Diretor, o reconstrutor deste prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, a escola mater da Medicina Brasileira, depois do incêndio de 1905.

A razão – aqui começou o meu curso teórico de Fisiologia – a maneira como funciona, normalmente, o organismo humano; aqui, o primeiro contato com Jorge Augusto Novis, o professor da cadeira, com sua elegância, seu saber fazer, sua didática; futuro membro da Academia de Medicina da Bahia e seu presidente, de 1983 a 1985, há vinte anos, portanto.

Este respeitado salão é uma das lembranças indeléveis na mente dos que estudaram neste templo – seus assentos originais, numerados; sua cúpula, com a cortina manobrável do chão; o grande retrato do mestre, que ninguém sabe onde foi parar...

Exm^a. Sr^a. Prof^a. Dr^a. Maria Thereza de Medeiros Pacheco, mui digna Presidente da Academia de Medicina da Bahia, querida confreira, bela, brava e indômita alagoana, baianizada pelos santos e encantos da Boa Terra, minha vizinha de origem porque nasci em Sergipe mas também me

baianizei, com um gosto enorme, vizinha também de mandato já que vou substituí-la após dois períodos em que o nosso silogeu esteve sob seu comando.

Exm^o. Sr. Prof. Dr. Naomar de Almeida Filho, Magnífico Reitor da UFBA, egresso da Casa de Alfredo Britto, com quem a Academia de Medicina da Bahia tem todo o interesse em colaborar pelo desenvolvimento da universidade, pela restauração, destinação e manutenção deste idolatrado prédio e pela glória da Faculdade de Medicina da Bahia.

Exm^o. Sr. Prof. José Carneiro Tavares Neto, Diretor da Escola Mater da Medicina Brasileira, o primeiro centro de ensino superior do país, desejando-lhe uma bem sucedida e realizadora gestão na liderança do que é nosso segundo lar, celeiro de cientistas, professores e facultativos, forja de líderes que batalham pelo seu desenvolvimento, apesar de tantos percalços encontrados no caminho.

Exm^{os}. Srs. Presidentes e Representantes das nossas entidades representativas de defesa da ética e reinvidicativa, recreativa, respectivamente a ABM, o CREMEB, o SINDMED e o Clube dos Médicos com quem desejo trabalhar em plena e útil sintonia.

Minha querida companheira Maria Luiza, solidária sempre. Meus diletos irmãos, companheiros e amigos perenes. Meus diletos filhos, maiores realizações da minha existência. Meus enteados e afilhados, queridos parentes, alunos, ex-alunos, residentes, clientes, amigos, minhas senhoras, meus senhores. Prezadas confradeiras, meus caros confrades.

A CRIAÇÃO

Pelo motivo de sermos ambos **humoristas** – ele, porque faz humor muito bem, com saber e sabedoria, e eu, porque persigo ambas através do estudo dos humores (hormônios), me apraz citar Millor Fernandes, como neste

ACALANTO¹

Deita, filho

e constrói teu sono.

O medo já vem

Fecha os olhos dos ouvidos,

faz escuro aos ruídos,

amortece o brilho desse som.

Pronto, a angústia gira muda

no longplei sem sulcos

da noite sem insônia.

Dorme, filho,

faz silêncio em Babilônia.

(A Bíblia do Caos, 2002).

E, em 10 de julho de 1958, **ouviu-se a luz**, quando Jayme Sá Menezes, um mago que viveu entre nós, com mais 39 luminares da ciência e da cultura, fundou esta Casa, destinada corporação de eruditos, “ao convívio” (João Neves Fontoura)², à “interação e à partilha” (Alberto Guerreiro Ramos)³ e a “preparar, laboriosamente, a agenda do amanhã” (Eduardo Portela)⁴. Estes conceitos, referidos na magistral conferência de Edivaldo Boaventura⁵ – Surgimento e Evolução das Academias no Brasil – durante a comemoração dos 38 anos do nosso sodalício, definiram, com precisão, o que deve ser uma ACADEMIA.

Nosso preclaro fundador, Sá Menezes, há 25 anos, num retrospecto histórico da fundação e funcionamento do nosso amado silogeu, afirmou com a lucidez que lhe era peculiar: *“É de se supor, pela natureza de sua destinação, que às Academias compete este papel relevante de esclarecer e conduzir o pensamento médico, a prática da Medicina, a dignidade da profissão, jamais olvidando a parcela que lhes cabe na função orientadora, doutrinária e filosófica”*.

Uma vez que a posse desta nova Diretoria, que honrada e orgulhosamente encabeço, não se realizou na data aniversária, cumpre-me homenagear hoje seus fundadores.

Assinaram a Ata de Fundação da Academia de Medicina da Bahia, como é de praxe, 40 médicos. Quarenta é um nome bíblico repleto de simbolismo, uma vez que lembra o período de jejum de algumas das figuras mais representativas do Antigo e do Novo Testamento, de 40 dias e 40 noites. Uma lista de 40 patronos foi elaborada contendo nomes de cavaleiros da ciência e cultura médicas baianas. Uma insígnia, onde se lê *“Sciencia Nobilitat”* foi criada por um especialista, o religioso beneditino, o Irmão Paulo Lachenmeyer e representa bem o ideal de nossa agremiação de convívio, a casa de Jayme. Sim, porque a ciência enobrece.

Dos 40 sócios fundadores, três permanecem vivos – Luiz Ramos de Queiroz, Jorge Leocádio de Oliveira e Menandro Novaes, infelizmente impossibilitados de estarem aqui hoje para, merecidamente, receberem nossa sincera homenagem. Entre fundadores, titulares prévios e atuais confrades vários me foram mestres, a quem expresso minha perene gratidão pelo ensino e exemplo; com diversos tenho usufruído agradável compartilhamento universitária, digna da minha apreciação; de todos tenho desfrutado agradável e proveitoso convívio.

A TRAJETÓRIA E O RUMO

A luz vem sendo ouvida e som continua a brilhar. Eu aprendi que:

“Vocês que fazem parte dessa massa, que passa nos projetos do futuro – é duro ter que caminhar e dar muito mais do que receber. E ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer e ver que toda esta engrenagem já sente a ferrugem lhe comer. Lá fora faz um tempo confortável, a vigilância cuida do normal, os automóveis ouvem a notícia, os homens as publicam no jornal. E correm através da madrugada, a única velhice que chegou, demoram-se na beira da estrada e passam a contar o que sobrou”. Do que canta Zé Ramalho⁶, em **Admirável Gado Novo**, aplica-se a nós a preocupação com o futuro que ajudamos a construir, no percurso e na caminhada de amor à humanidade, o doar-se sem esperar retribuição, a energia persistente, o ânimo constante, apesar da passagem do tempo e de interesses mais lucrativos.

Não estamos no acostamento mas, como cantava Geraldo Vandré⁷ em “Pra não dizer que não falei de flores”, hino da minha geração, *“caminhando e cantando e seguindo a canção”*. Não aferimos o que resta mas, *“temos a certeza na frente e a história na mão, aprendendo e ensinando uma nova lição”*. Isto porque, *“esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”*⁷. Por que esperar?

VINDA E CHEGADA

Adentrei este sodalício de mãos vazias e a cabeça cheia, em 10 de dezembro de 1992. Era o Diretor da FAMED, fui síndico de um prédio abandonado, hoje se reerguendo, com um pouco de minha contribuição; aqui, no Terreiro, consegui retelhar toda a ala entre a frente e a biblioteca,

particpei da limpeza e catalogação dos livros por técnicos da Biblioteca Nacional; lá no Canela fui tabelião e supervisor, visionário planejador de programas para os quais não havia recursos. Mas lá fui também o mantenedor e o conciliador.

Venho esta noite, como cantaram Edu Lobo e Oduvaldo Viana⁸ *“trazendo na chegada, foice velha ... e uma quadra de esperança”*. De bagagem, sonhos que ainda não realizei, e a veleidade de realizá-los. Preocupado com a progressiva ausência de associados cuja falta é muito lamentada e prejudicial ao bom funcionamento do sodalício. Trazendo um apelo para cumprirmos a obrigação conjunta de resgatar a assiduidade, o interesse e a participação efetiva.

Quero ser aqui o que o meu avô e padrinho Francisco de Souza Porto foi na política sergipana – “o algodão entre cristais”⁹ no dizer do saudoso José Calazans Brandão da Silva.

Repito o que afirmei na carta que enviei a todos os confrades quando me candidatei ao cargo em que hoje sou investido: *“A Academia é o baluarte da cultura médica e humanística da nossa profissão, é paladina da defesa dos interesses mais relevantes da tradição médica, é o fórum para discussão de assuntos tanto pragmáticos quanto filosóficos, a guardiã do conceito e do prestígio da medicina baiana”*¹⁰. Reitero – não disse deve ser. Disse: é!

DESAFIO E INTENÇÕES

São empossados a meu lado hoje os componentes da Diretoria para o próximo biênio. Escolhi uma chapa eclética, visando a um trabalho coeso; uma chapa abrangente e representativa; uma chapa que recebe o repto de deixar uma marca apreciável na história da Academia de Medicina da Bahia.

Dois Vice-Presidentes de exponencial valor e elevado mérito nacional e internacional;

- < Elsimar Metzker Coutinho
- < Armênio Guimarães,

ambos com experiência e projeção e que seguramente nos ajudarão com suas sugestões e seu prestígio.

A Vice-Presidência acha que os assuntos de nossas reuniões precisam ser mais palatáveis, que as datas e horários das sessões devem ser rediscutidos e adaptados às conveniências da maioria e que a duração dos discursos e conferências deve ser rigorosamente estipulada e cobrada.

A Secretaria é composta pelo Secretário Geral, Primeiro e Segundo Secretários. A Secretaria Geral é um cargo essencial e está muito bem entregue. O confrade José de Souza Costa traz sua experiência administrativa desde a Associação de Ex-Residentes, o CREMEB e a FEBRASGO. A Edmundo Leal de Freitas, que solicitara não participar da Diretoria, foi praticamente imposto um cargo que lhe cabe bem, o de Primeiro Secretário. Luiz Erlon Rodrigues comprometeu-se a ser assíduo e eficiente quando reivindicou vaga na Diretoria. A Secretaria pretende analisar se o estatuto e o regimento interno necessitam de modificações que os atualizem e os adaptem às necessidades de hoje, além de cumprir as tarefas que lhe são atribuídas. Seu repto é modernizar a Academia, dinamizá-la mais, informatizá-la, conferir-lhe um significado cada vez mais atuante.

A Tesouraria é ocupada por quem já teve oportunidade de fazê-lo antes e se houve bem – Luiz Carlos Calmon Teixeira, por isso mesmo indicado de surpresa. Ele julga que os acadêmicos deveriam, ao invés de pagar anuidades, receber jetons pela freqüência às reuniões. Para angariar recursos a fim de conseguir este intento, pensa-se em organizar cursos variados sobre assuntos atraentes e relevantes.

O Bibliotecário, Luiz Meira Lessa, que nem se sabia candidato e chegou tarde à eleição, está desafiado a organizar local onde arquivar, para uso de quem o desejar, *“trabalhos e documentos relacionados com a medicina baiana ou publicações originais realizadas na Bahia no campo da Medicina.... e promover a distribuição das publicações da Academia”*. Assim reza o Regimento Interno, e por isso ele deseja um espaço condizente e, além disso, recebe agora o repto de criar um setor virtual na biblioteca.

O Setor de Publicações, conduzido por quem tem mais vivência administrativa na casa de Jayme, Geraldo Milton da Silveira, tem a dupla responsabilidade de tamanha experiência e do estímulo que a ofereceu e cobrou da minha candidatura. Tenho certeza que ele pretende editar com regularidade nossos Anais bem como viabilizar publicações dos acadêmicos.

PROJETO DE GESTÃO

A programação das reuniões mensais destinar-se-á a trazer mais acadêmicos a se envolver. No entanto, há que existir o compromisso de todos os confrades em comparecer e participar. De nada valerá ficar apenas na intenção. Atividades como os cursos já referidos deverão ser priorizadas. O envolvimento em congressos pertinentes, como o VIII da História da Medicina, a ocorrer em Salvador em novembro, presidido pelo confrade Milton da Silveira é uma realização que devemos, todos nós, prestigiar, freqüentando e tomando parte. A decoração de nossa sede neste edifício venerando é uma providência urgente. Participação em campanhas de interesse comunitário será privilegiada conforme a necessidade.

Esta Diretoria reafirma seu compromisso não só com a reforma mas com a destinação e a manutenção da verdadeira e sempre sede da Faculdade de Medicina da Bahia.

Cumpramos ressaltar também nosso interesse na revitalização da Revista Médica da Bahia, o periódico científico de mais longa circulação no país, o qual urge ressuscitar.

Esta Diretoria está desde já aberta a sugestões para melhorar ainda mais nosso plano bienal para serem todos bem sucedidos na manutenção das tradições de nossa entidade mas também para o progresso da mesma. O lema desta Diretoria é "Criatividade e Motivação".

COMENTÁRIOS FINAIS

Esta oração destina-se a ser breve. É meu anseio que a de entrega do cargo venha a ser mais longa, porque contendo o relato de realizações profícuas.

Em aferição recente realizada pela Organização das Nações Unidas¹² em 175 países, o relatório mostrou que, com base na expectativa de vida, na renda *per capita* e nos níveis de educação, em 26 anos o Brasil ganhou 16 posições referentes ao Índice de Desenvolvimento Humano. Ocupamos a 65ª posição, enquanto Argentina, Uruguai, Costa Rica, Chile, Cuba, México e Colômbia estão nos 34º, 40º, 42º, 43º, 52º e 64º lugares. Nossa expectativa de vida aumentou oito anos a 67,8; a taxa de matrícula no ensino fundamental cresceu de 86% para 97% e a de alfabetização de adultos atingiu 87,3% nos últimos 10 anos. Nosso país melhorou, mas temos dificuldade em reduzir a miséria e a fome, e as desigualdades sociais persistem e têm-se acentuado.

Não posso deixar de chamar a atenção para a necessidade de nosso compromisso com a redução da fome, da pobreza e da mortalidade materna e infantil, com o controle da natalidade, com a conservação do ensino fundamental universal, com a promoção da igualdade dos sexos, com a administração sustentável do meio ambiente,

com o reforço na assistência do desenvolvimento¹². Tudo isto é responsabilidade, não só do governo, mas de cada um de nós como cidadão, e de todos, como comunidade e como corporação, como a nossa. Envolvendo-se supra-ideológica, metapartidária e extra-religiosamente no exercício da cidadania, a Academia de Medicina da Bahia estará oferecendo um exemplo de engajamento na luta pelo progresso do país e pela melhora da qualidade de vida da população.

NOTA DE SAUDADE

Há pouco mais de dez anos¹³, na minha investidura como acadêmico, estive sentada na frente da audiência uma jovem anciã de quase 80 anos. Três meses antes de completar os 90, a autora do meu primeiro discurso, a fada que conduziu a mim e meus irmãos pela vida, dado o precoce desaparecimento de nosso pai, nos deixou. Cumpro-me registrar a ausência física de minha mãe, Celuta Porto da Cruz, mais que sentida, e relatar a impressão de sua presença espiritual, tão apreciada.

CONCLUSÃO

Sirvo-me de outra citação boaventúrica⁵ – Guerreiro Ramos³ afirma que *“o tempo convivial é catártico e nele a experiência individual encoraja a interagir com os outros sem fachadas e vice-versa. ... O tempo, em seu sentido serial, é esquecido, quando a pessoa se envolve na experiência do tempo convivial”*.

Convívio, serviço, honraria acrescentou Edivaldo⁵ na sua bela palestra.

Aproveitemos o tempo de convívio, prestemos o serviço que de nós se espera e tentemos superar nossas próprias expectativas para que correspondamos à honraria da situação de acadêmicos, meus caros confrades.

Permitam-me concluir com uma antítese do texto inicial de Millor Fernandes¹.

CANÇÃO DO PROSSEGUIR¹⁴

Levanta, amigo,
e realiza teu sonho.
É hora da coragem.
Abre os olhos dos ouvidos,
clareando o silêncio
e aumenta o fulgor deste som.
Vamos, a calma fala alto
no CD sem distorsões,
da manhã plena de ânimo.
Desperta amigo,
e escuta a canção de Pasárgada.
(Thomaz Cruz)

Pasárgada, como Utopia, Shangri-La, Trebizonda, a Terra do Nunca, o País das Maravilhas, é uma terra imaginária, criada por Manuel Bandeira, ícone da poesia brasileira, cujos versos que todos conhecem cantam: “Vou-me embora para Pasárgada, lá sou amigo do rei; lá terei a mulher que quero, na cama que escolherei”.

Mas os versos deste poema com que quero terminar esta oração dizem:

“E como farei ginástica
andarei de bicicleta
montarei em burro brabo
subirei no pau-de-sebo
tomarei banhos de mar!

E quando estiver cansado
deito na beira do rio
mando chamar a mãe-d'água
pra me contar as histórias
que no tempo de menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora para Pasárgada"

A Academia, senhoras e senhores, confrades e
confreiras, requer e envolve trabalho – que seja prazeroso e
útil – e se vale do prazer de escutar histórias dos outros
para delas se beneficiar.

Vamos ao trabalho, companheiros de Diretoria!

Compartilhemos de um esforço comum, caras
confreiras e prezados confrades!

Pasárgada é aqui!

REFERÊNCIAS

- 1 Fernandes, M: Acalanto in Millor Definitivo: A Bíblia do Caos. Coleção LPM Pocket. Porto Alegre, 2002, pág. 12.
- 2 Lembrança de João Neves. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 22.09.1987.
- 3 Guerreiro Ramos AG: A Nova Ciência das Organizações. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1981.
- 4 Portella, E: Confluências: Manifestações da Consciência Comunicativa. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1983.
- 5 Boaventura, E: Surgimento e Evolução das Academias no Brasil. Anais da Academia de Medicina da Bahia, 11: 15, 1998.
- 5a. Sá Menezes, J de: Retrospecto Histórico da Fundação e Funcionamento da Academia de Medicina da Bahia. Anais da Academia de Medicina da Bahia, 1: 11, 1978.
- 6 Ramalho, Z: Admirável Gado Novo.
- 7 Vandr e, G: Pra não dizer que não falei de flores.
- 8 Lobo, E e Viana, O: Chegança.
- 9 Brandão da Silva, JC: Perfis de Políticos: Francisco Porto. Correio de Aracaju.
- 10 Cruz, T: Carta de Candidatura   Presidência da Academia de Medicina da Bahia, 31.03.2003.
- 11 Academia de Medicina da Bahia: Estatutos e Regimento Interno, 1993.
- 12 ONU: Programa das Na es Unidas para o Desenvolvimento (PNVD), ONU, Dublin, 2003.
- 13 Cruz, T: Discurso de Posse   Academia de Medicina da Bahia. Anais da Academia de Medicina da Bahia, 9: 79, 1993.

- 14 Cruz, T: Canção do Prosseguir.
- 15 Bandeira, M: Vou-me embora para Pasárgada. In: Libertinagem in Manoel Bandeira, Poesia e Prosa. Editora Aguiar Ltda., Rio de Janeiro, 1958, Vol. I, Poesia, Pág. 221.

FORTY YEARS OR YOUNG AGAIN (The Cornell-Bahia Program)

Verba volant, scripta maneant

Thomaz Cruz

Besides the comments Warren Johnson, the efficient American Director of the Cornell-Bahia Program, asked me to make during the dinner celebrating the 40th anniversary of the profitable interchange, I have some details to add.

Initially I said that it was good to feel young again. Not only by looking the photos shown in the data show continuously projected in a screen but when people told me that I had not changed at all – I did not understand exactly what they meant because I feel a little bit older, but hearing that was reassuring.

I then compared the Cornell-Bahia Program (CBP) to a tree with its solid roots, its robust trunk, its strong branches, leaves and fruits, and its beautiful flowers. As I had to be succinct, I did not say everything I planned to talk but now I have the opportunity to be more comprehensive. The roots are important for a tree even if they do not become apparent. Dedicated people have worked for the Program as secretaries or officers since the project began. Three of them were at the dinner, and they symbolize faithfulness – Rosa Carmela, Meire and Dilson Monteiro, present and active all these years. Another person present there played an important basic role – Maria Isabel Widmer, who thought Portuguese to the American Professors and some students. The powerful trunk is composed of several people. Even after having moved to Charlottesville his

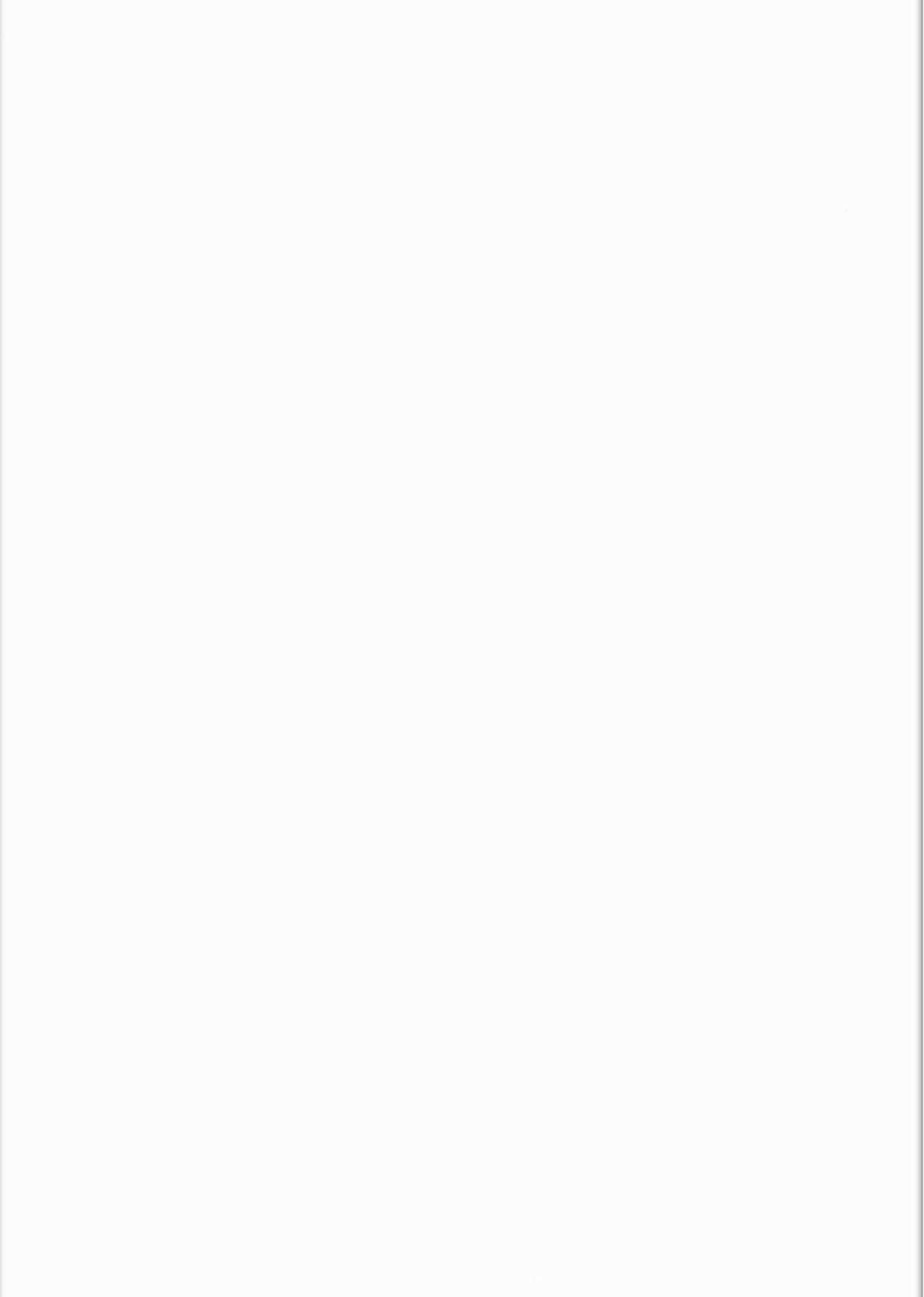
constructive spirit continued to work for the advancement of Bahia's physicians in the University of Virginia Medical College. Edward Hook, the unforgettable figure, gentle and nice, who deserves our warm applause – he will always be present in our memories. Heonir Rocha, the other giant of the Program, who stimulated colleagues and disciples to engage in the ideals of the Program. He, with Warren Johnson, who adequately replaced Dr. Hook, sustained the Program. Initially the CBP was also chaired in Bahia by the Professors Aluizio Prata and Roberto Santos, later replaced by Edgar Carvalho who has been very helpful and productive. Donald Kaye gave his contribution in the first few years of the Program and later started another interchange with the Medical College of Pennsylvania. Heonir Rocha and Warren Johnson maintained their enthusiasm all these 4 decades and made this Program one of the longest if not the longest one of the type still in action.

Cornell-Bahia Program changed the teaching, practice and investigation in Medicine not only in our Bahia Federal University but in the State of Bahia. The branches of the tree extended not only through research – we have respected scientists as Roberto Badaró, clinical investigators as Armênio Guimarães. But the Program helped to train and specialize people who became excellent teachers and proficient clinicians as Nelson Barros, Helito Bittencourt. José Fernando Figueiredo, Carlos Widmer, Glória Bonfim, Dilson Fernandes, among several others. Some of these trainees became Full Professors as Nelson and Armênio, Department Chairmen, Chiefs of Division and Services, Collegiate Directors, Deans of the Medical School as Albino Novaes, Armênio, Nelson, Helito, Figueiredo and myself and all benefited of the Program's influence. It is opportune to mention someone I met when I was the first foreign intern in Medicine of the New York Hospital. My chief resident, Thomas Clifford Jones. I later have met very good chief residents during seven years coordinating the Medical

Residence in our Professor Edgard Santos University Hospital but none surpassed the extraordinary efficiency of Tom Jones' performance. Later a fellow, an investigator, a professor, Tom Jones is a representative figure of Cornell's excellence. He and Warren were my contemporaries and became my friends and I feel honored to have them in my gallery of people to recognize as having given with Heonir Rocha, Rodolfo Teixeira, Edgar Carvalho, Roberto Badaró reliability to a Program like this. With their Brazilian counterparts, they published original and significant investigations. Heonir Rocha and Aluizio Prata were internationally respected and became more so, Rodolfo Teixeira, Edgar Carvalho, Roberto Badaró became progressively more known and gained significant evidence.

The Program has smaller branches still growing, fruits to ripe, bright green leaves. And there are flowers. Representing all them, Barbara Bean, an efficient nurse, a very nice person, ever pretty and elegant lady, a beautiful rose who conquered Warren's heart and has been his sweet and strong partner to whom I want to pay my respect and admiration.

We all have reasons to be proud of being a part of this tree. For the way it grew, the way it gave nice fruits, the way it provides a friendly shadow. We all grew with it and extended our branches, have our leaves, gave our fruits. Long live the Cornell-Bahia Program. It deserves our recognition and gratitude!



LUSOFONIA HEPATOENDÓCRINA

Thomaz Cruz

Endocrinologista, Salvador, Bahia, 07.12.2003

“Já em tempos idos, além do horizonte, / doaste o amor nos quatro pontos cardeais, / catedral de som, jorras como a fonte, / augusta voz de nobres ancestrais...” Língua Portuguesa, Soneto de 1955, da lavra de Gastão Azevedo de Almeida, poeta brasileiro, descendente de Pedro Álvares Cabral.

A idéia de valorização científica do mundo endócrino lusófono, via o intercâmbio a partir de encontros médicos, antiga no Brasil, começou a se cristalizar, na Bahia, em 1976, com a brilhante participação de Alberto Galvão Teles, no 12º Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia. Conversas subseqüentes com Luiz Medina, Manuela Carvalheiro, M. M. de Almeida Ruas e outros e o reencontro com Galvão Teles levaram ao sucesso do I CELP (1º Congresso de Endocrinologia de Língua Portuguesa), em que houve o envolvimento entusiasta de uma plêiade de lusitanos e participação ativa de gente do Brasil inteiro, além de representação lusófona africana.

A semente foi, portanto, plantada em 1997, nesta São Salvador da Bahia de Todos os Santos (e de todos os encantos). Aproveito um texto do livro *Sabueiro dos Enforcados* e que consta da história. A árvore que morreu de amor, da autoria do grande poeta e escritor português, Domingos Monteiro, cuja filha, Estela, se encontra nesta mesa. Assim, colocando no plural dois parágrafos, lê-se

assim:... *“desejávamos fazer tudo pela nossa mão e logo na manhã seguinte, depois de escolhido o sítio, abrimos a cova com nossas enxadas, pusemo-lhe o estrume e aconchegamo-la com terra ligeiramente batida, como nos fora indicado. Depois regamo-la e fomos para casa com a satisfação de termos começado a cumprir nosso destino”*... Embora tenhamos depois nos encontrado, no Brasil e em Portugal, em vários outros eventos, só hoje, seis anos depois, por motivos que não dependeram dos hoje aqui presentes, nos reunimos de novo, sob a mesma denominação. Desta feita por influência e interesse de nossos colegas portugueses, que praticamente exigiram que a Bahia endócrina organizasse o 2º CELP. A insistência deles nos fez enfrentar o desafio de um congresso, pequeno que fosse, no fim do ano, penúltimo evento da grade oficial da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Ocorreu-nos, a Raimundo Paraná, operoso cientista hepatologista baiano, e a mim, a idéia pioneira de realizar um encontro misto das nossas especialidades e, com a aprovação e ajuda de nossos irmãos lusitanos Estela Monteiro e Alberto Galvão Teles, construimos a programação que vai se iniciar hoje. Ninguém pense que o envolvimento do quarteto em intencionar discutir as interrelações entre o fígado e as glândulas endócrinas se constituía em um projeto doméstico, familiar. O 2º CELP, a 1ª Jornada de Hepatologia de Língua Portuguesa e o I Hepatoendo se fundem em um temário atraente, abrangente, representativo das intersecções hepatoendócrinas. Algo inovador. Nossa tarefa foi difícil - patrocínios disputados, uma audiência seleta, mas não garantidamente numerosa, apesar de todos os nossos esforços.

Há, no entanto, que ressaltar algumas colaborações significantes. A começar pela Secretaria de Saúde do Governo da Bahia e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia. Ambas mostraram que a Boa Terra privilegia a cultura, a ciência, o social, e não esquece que é o berço

da nacionalidade brasileira, sempre pronta a ajudar a receber da melhor forma possível os descendentes de nossos descobridores. O CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico respondeu presente, sempre na vanguarda de incentivar a pesquisa e a permuta de conhecimento e experiência. Entre as empresas farmacêuticas, algumas prestigiaram o 2ª CELP e a 1ª JHLP de maneira relevante - o GSK, a Aventis, a Novo Nordiski, a Roche, a Novartis, o MSD participaram de uma parceria digna de apreciação a elas tendo-se juntado uma empresa de Medicina Laboratorial, o LEME, que há 30 anos serve cada vez melhor a médicos e pacientes que o procuram. De novo nos associamos à INTERLINK, empresa que cuida da realização de congressos e fizemo-lo mais uma vez para nossa satisfação.

Aqui estamos pois, hoje, para dar início ao 2ª CELP, à 1ª JHLP e ao Hepatoendo, realização singular, por certo a merecer, como sugeriu o nosso querido colega Osmário Sales e sacramentou nosso guru científico Bernardo Leo Wajchemberg, publicação a nível internacional.

Assuntos como esteato-hepatite não-alcoólica e hepatite C, aquela com a sua relação com a resistência à insulina e esta com as implicações endócrinas antes e durante o tratamento, podemos chamar de emergentes e reconhecemos como estimulantes. A reposição hormonal para mulheres hepatopatas e as alterações ósseas nas hepatopatias, polêmica aquela, ambas digna de atenção especial. Outros temas, freqüentemente esquecidos, incluem a iatrogenia e as doenças metabólicas (hemocromatose, degeneração hepatolenticular, porfiria cutânea tardia) e receberão ênfase especial. Mas não esquecemos os importantes problemas do dia-a-dia de nossas especialidades - o alcoolismo, a obesidade, o diabetes mellitus, os nódulos tireoidianos, Privilegiamos o transplante de fígado como assunto da maior atualidade e relevância. Poucas

conferências, mais mesas-redondas, discussão de casos, apresentação e análise de *posters* (cartazes). Tudo dinâmico e objetivo.

E tudo em nome da ciência e do convívio lusófono. A SBEM – Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, a SPEDM – Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo, a SBH – Sociedade Brasileira de Hepatologia e a APEF – Associação Portuguesa de Estudos do Fígado deram-se as mãos para repetir e ampliar o sucesso de 1997. Que assim seja, para melhor, com gosto prévio de repetição. Vamos lá, juntos, compartilhar e conviver. Sejam todos bem-vindos aos eventos e à Bahia, a Terra da Alegria!

Antes de terminar, uma nota de saudade e uma homenagem: Emílio Peres, mestre e líder, amigo e companheiro, estímulo e inspiração, nos deixou fisicamente há pouco tempo. Lembramo-nos todos de sua animada participação há seis anos, no 1º CELP. Embora nada que fizemos no-lo trará de volta, vale demonstrar a falta que ele nos faz. Ao invés de me aplaudirem, aplaudamos a sua memória representativa do irmanamento lusófono, que tanto valorizamos.

IMPORTÂNCIA DAS REINFECÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA MIOCARDITE CRÔNICA CHAGÁSICA

Sônia G. Andrade

**Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz/Fiocruz
Salvador, Bahia**

INTRODUÇÃO

Em recente publicação, Pinto Dias e cols (2002) fizeram uma extensa revisão sobre "o impacto do controle da doença de Chagas na America Latina", na qual avaliam o papel da prevenção da transmissão da doença, pela eliminação dos vetores domésticos, além do controle da transmissão por transfusão sanguínea. Concluem estes autores que, em termos clínicos, os casos de doença de Chagas crônicos apresentam significativa redução da sua morbidade e da mortalidade precoce, devida à infecção pelo *Trypanosoma cruzi*, após o extenso controle vetorial no Brasil e em outros países do Cone Sul. Esta constatação leva à conclusão de que, indivíduos nas áreas endêmicas da doença de Chagas são sujeitos a múltiplas reinfecções. o que se constituiria em um importante fator determinante do aumento da carga parasitária e da morbidade da doença e que a rotura desta cadeia, pelo controle do vetor, influenciou positivamente no sentido de diminuir o risco de desenvolvimento de uma cardiopatia grave nos indivíduos infectados.

Desde os seus primeiros estudos sobre a infecção pelo *T. cruzi* Carlos Chagas (1910), assinalou que "Nas formas

crônicas da doença dos indivíduos que haviam se infectado desde a infância, a persistência do parasito poderia ser devida à reinfecção". Também Evandro Chagas (1932) chamou a atenção para a possibilidade de múltiplas reinfecções nas áreas endêmicas e postulou que "A patogenicidade do *Schyzotrypanum cruzi* estaria na dependência de infecções sucessivas".

Embora tenha havido, a partir da década de 80 um efetivo controle dos triatomíneos da espécie *Triatoma infestans*, a transmissão da doença ainda não está totalmente erradicada e há sempre o perigo de que espécies antes silvestres venham a se domiciliar (Borges et al., 1999). Deste modo, nas áreas endêmicas da doença de Chagas, a transmissão vetorial do *Trypanosoma cruzi* pode ocorrer, não só pelos triatomíneos de hábitos domiciliares como através daqueles que vêm a se domiciliar, devido às alterações que ocorrem no seus ecótopos silvestres (Diotaiuti et al., 1995 ; Barrett et al., 1979). Embora um mesmo tipo de cepa predomine em uma mesma área endêmica, em um círculo fechado de transmissão (Luquetti et al., 1986), a introdução de novas espécies de barbeiro pode veicular cepas diferentes do *T. cruzi* que, deste modo, passam a infectar pessoas antes já infectadas com cepas locais. Além disto, naquelas populações que conviveram com o barbeiro durante sua infância até atingirem a vida adulta, antes mesmo de se terem erradicado os vetores, há a possibilidade de que múltiplas infecções venham a se instalar.

A primeira observação com bases concretas, indicando o papel da erradicação do vetor na diminuição da morbidade da doença de Chagas, foi publicada por Emanuel Dias (1963) que realizou um estudo sobre os efeitos da super-infecção sobre a evolução da cardiopatia crônica chagásica, tendo verificado que após o expurgo dos vetores em Bambuí, MG, desapareceram os grupos com insuficiência cardíaca e os demais casos ficaram estacionários nas suas formas clínicas.

Em interessante trabalho clinico-epidemiológico desenvolvido na área de São Felipe, BA, a possibilidade de que múltiplas infecções possam vir a agravar os quadros clínico-patológicos da doença foi investigada por Macedo (1973) pelo estudo de chagásicos que viviam em áreas em que houve o expurgo dos vetores em comparação com os que permaneciam em áreas com manutenção da transmissão, observando diferenças significantes de morbidade nas duas áreas.

Do ponto de vista experimental, Brumpt et al (1913) foram os primeiros a demonstrar que animais infectados com *T. cruzi* e que sobreviviam à infecção passavam a apresentar forte imunidade à reinfecção. Desde então, vários outros autores vêm estudando o papel das reinoculações de *T. cruzi* (Andrade et al., 1970; Revelli et al., 1990) no desenvolvimento da doença. Baseados nestes estudos têm sido também realizadas tentativas de imunização de animais com formas atenuadas de cultura (Menezes, 1969 a,b, McHardy, 1977). Revelli et al. 1990) demonstraram que a reinfecção não reproduz o quadro agudo, não modifica o tipo e o grau da lesão cardíaca , entretanto há um maior comprometimento do eletrocardiograma.

Em trabalho experimental em camundongos, Andrade et al (1970) estudaram a resposta às infecções repetidas, demonstrando que a primeira infecção confere resistência a uma segunda inoculação, não se desenvolvendo uma nova fase aguda no animal reinoculado. Entretanto foi também demonstrado neste mesmo estudo, que os parasitos de ambas as cepas podem ser recuperados, isto é, a resistência à reinoculação é apenas relativa e o parasito reinoculado pode sobreviver. Isto tem implicações não apenas em relação ao problema relacionado com possibilidade de vacinas contra o *T. cruzi* (Seah et al. 1969, Ritter et al. 1984,

Basombrio et al.1993, Revelli et al.1993, Paiva et al. 1999), como na quimioterapia (Meckert et al. 1988, Andrade et al.1992, De Andrade et al.1996).

Há, portanto, a possibilidade de coexistência de mais de uma cepa em um mesmo hospedeiro e de que haja múltiplas infecções, quer seja com a mesma cepa ou com diferentes cepas. Qual a repercussão disto sobre as lesões tissulares?

Haveria nestes casos, agravamento das lesões?

Diante destas perguntas, é de interesse se investigar a influência de múltiplas inoculações com diferentes cepas do *T. cruzi* em camundongos e tentar demonstrar nos animais com múltiplas inoculações a coexistência de diferentes cepas pela caracterização biológica e isoenzimática em isolados obtidos em diferentes períodos pós-inoculação. Isto poderá trazer um subsídio para a interpretação dos casos de Doença de Chagas em pacientes que permanecem nas áreas endêmicas sujeitos a novas infecções.

Resolvemos investigar a influência de múltiplas inoculações na evolução da infecção pelo *T. cruzi* em camundongos experimentalmente infectados, avaliados de acordo com diferentes parâmetros biológicos, bioquímicos e histopatológicos. A intensidade das lesões determinadas no animal experimental com múltiplas infecções foi avaliada. Foi também investigada a possibilidade de persistência de mais de uma cepa no animal experimental através da hemocultura e caracterização isoenzimática dos parasitos isolados. Foram utilizadas três cepas representativas de cada biotipo de *T. cruzi* de acordo com a classificação de Andrade (1974). A cepa Y (TIPO I), que produz picos parasitemicos precoces (9- 10 dias) e 100% de mortalidade entre 10 e 12 dias de infecção; formas delgadas predominam e existe um

macrófagotropismo proeminente em camundongos Suíços. A cepa 21 SF (TIPO II) apresenta picos parasitêmicos irregulares (entre 12 e 20 dias) e determina um grau de mortalidade moderado (entre 20 e 25 dias pós-infecção); durante a infecção as formas largas predominam e existe notável lesão do miocárdio. A cepa Colombiana (TIPO III) induz baixa mortalidade durante a fase aguda e tem picos parasitêmicos tardios (20-30 dias); características importantes são a predominância de formas largas e tropismo pelo músculo esquelético. Estas características bem definidas permitem caracterizar e re-isolar as cepas nos animais com múltiplas infecções.

A primeira inoculação com a cepa Colombiana, que tem evolução lenta e progressiva permitiu a sobrevivência de um número suficiente de camundongos para que se fizessem as novas inoculações. Após 50 dias de infecção com a cepa Colombiana, foi feita a inoculação com a cepa São Felipe e, após 20 dias, foi inoculada nos animais com dupla infecção um terceiro inóculo com a cepa Y. Em todas as vezes os inóculos foram de 50.000 tripomastigotas sanguícolas. Não se desenvolveu uma nova fase aguda nos animais reinoculados, o que foi monitorado pelo acompanhamento diário da parasitemia.

Para identificação das cepas presentes no animal com múltiplas infecções, foi realizada a caracterização isoenzimática em extratos parasitários obtidos de hemoculturas do sangue dos camundongos dos diferentes grupos experimentais.

As seguintes enzimas foram analisadas: Fosfoglicomutase (PGM) Glicosefosfato isomerase (GPI) Aspartato aminotransferase (ASAT) Alanina aminotransferase (ALAT) por eletroforese em gel de amido.

Os animais com infecção crônica pela cepa Colombiana e que foram reinoculados com a cepa 21SF do *T. cruzi*, não mostraram alterações, persistindo a parasitemia em níveis muito baixos; bem como os animais do grupo crônico com dupla infecção pela cepa Colombiana e a cepa 21SF e que foram reinoculados com a cepa Y. Os grupos controles de infecção única com as cepas 21 SF e Y mostraram curvas parasitêmicas com ascensão rápida, características dos biotemas TIPO II e I respectivamente.mn.

Houve baixa mortalidade naqueles grupos que foram reinoculados na fase crônica, variando de 0 a 10%.

O estudo histopatológico comparativo dos diversos grupos experimentais, considerando o grau de lesões inflamatórias e a intensidade de parasitismo em miocárdio e músculo esquelético mostrou nos animais com infecção crônica pela cepa Colombiana, correspondente ao período de 70 a 115 dias, lesões inflamatórias discretas a moderadas em miocárdio e músculo esquelético. Não foram detectados parasitos, a não ser em um caso em músculo esquelético. Na infecção tríplice, correspondendo à infecção pela cepa Colombiana de 100 a 115 dias, (cepa 21SF de 50 a 65 dias e cepa Y de 30 a 45 dias), observou-se um nítido aumento da intensidade das lesões inflamatórias em miocárdio e em músculo esquelético quando comparadas com a infecção crônica pela cepa Colombiana, nos mesmos períodos e com a reinfecção pela cepa 21 SF (dupla infecção). Na infecção tríplice, as lesões variaram de moderadas a intensas embora os parasitos fossem escassos no miocárdio. Em músculo esquelético os parasitos ocorriam em maior frequência e correspondiam a lesões necróticas do músculo com acentuado infiltrado inflamatório focal e difuso, reproduzindo o padrão da cepa Colombiana.

Ao exame isoenzimático das enzimas ALAT, ASAT, PGM e GPI foi observado que os animais infectados com as

três cepas apresentavam um padrão eletroforético característico da cepa Y (tipo I), indicando a persistência desta cepa, apesar de não ter determinado a fase aguda característica.

Os achados experimentais mostraram que camundongos previamente infectados apresentam resistência a reinoculação, o que foi demonstrado pelo estudo das curvas parasitêmicas que se mantiveram inalteradas, em níveis baixos, após reinoculação com diferentes cepas e pela percentagem de mortalidade que foi abaixo de 10% na reinoculação com cepa 21SF e 0% na reinfecção com a cepa Y, enquanto que a infecção aguda, em animais não previamente inoculados, determinou uma percentagem de 40% de mortalidade com cepa 21 SF no 20º dia de infecção e uma percentagem de 100% com a cepa Y, no 11º dia de infecção.

Aparentemente a resistência desenvolvida a uma reinoculação não impediu a multiplicação das cepas de reinfecção, principalmente se considerarmos a cepa Y do Biodema tipo I que é caracteristicamente muito virulenta, a qual foi revelada nos animais com tríplice infecção pela análise isoenzimática. A revelação da presença da cepa Y pelo estudo isoenzimático na tríplice infecção sugere que a cepa Y, de alta virulência, é capaz de vencer a resistência dos animais à reinoculação, embora não determinando uma nova fase aguda nem determinando o aumento do parasitismo tissular. Além disto, a exacerbação das lesões inflamatórias em miocárdio e músculo esquelético sugere uma reativação nos animais com triplice infecção, da resposta imunológica celular.

A comprovação da presença dos parasitos da cepa Y, usada nos animais na terceira infecção, fala contra a possibilidade de imunização com uso de vacinas de formas parasitárias, e reforça a constatação de que, embora uma

infecção prévia possa determinar uma resistência ao desenvolvimento de uma nova fase aguda, não impede que se instalem novas infecções que venham agravar a doença de Chagas.

Disto decorre a grande importância de um efetivo e contínuo controle da transmissão da infecção não apenas pelo combate ao vetor como pela vigilância em bancos de sangue, além de outros meios.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S.G. Caracterização de cepas do *Trypanosoma cruzi* isoladas no Recôncavo Baiano Rev. Patol. Trop. 3:65-121, 1974.
- ANDRADE, S.G.; CARVALHO, M.L.; FIGUEIRA, R.M.; ANDRADE Z.A. Recuperação e caracterização de tripomastigotas inoculados em animais imunes (Reinoculação com diferentes cepas do *T. cruzi*); Rev. Inst. Méd. Trop. São Paulo, 12: 395-402, 1970;
- ANDRADE, S.G.; RASSI, A.; MAGALHÃES, J.B.; FILHO, F.F.; LUQUETTI, A.O.; Specific chemotherapy of Chagas disease: a comparison between the response in patients and experimental animals inoculated with the same strains, Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg. 86, 624-626, 1992;
- BARRETT T.V.; HOFF, R.; MOTT, K.E.; GUEDES, F.; SHERLOCK, I.A. An outbreak of acute Chagas' disease in the São Francisco Valley region of Bahia, Brazil: triatomine vectors and animal reservoirs of *Trypanosoma cruzi*, Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg. 73 (6):703-709, 1979.
- BASOMBRIO, M.A.; SEGURA, M.A.; MOURA, M.C.; GOMEZ, L. Field trial of vaccination against American Trypanosomiasis (Chagas' disease) in dogs. **Am. J. Trop. Med Hyg**, 49(1):143-51, 1993.
- BORGES, E.; PIRES, H.; BARBOSA, S.; NUNES, C.; PEREIRA, M.; ROMANHA, A.; DIOTAIUTI, L. Genetic variability in Brazilian triatomines and risk of domiciliation; **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, 94 (suppl 1): 371-373, 1999.

- BRENER, Z. Contribuição ao estudo da terapêutica experimental da Doença de chagas experimental. 'Livre Docência" TESE. Universidade Federal de Minas Gerais, pp79.
- BRUMPT E. Immunité partielle dans les infections à *Trypanosoma cruzi*, transmission de ce trypanosome par *Cimex rotundus*. Rôle régulateur des hotes intermédiaires. Passage à travers la peau. Bull. Soc. Exot. 6: 172-6, 1913.
- CHAGAS, C. Nova entidade mórbida do homem. **Brasil Médico** 24: 423-428, 1910.
- CHAGAS, E. Novos estudos sobre a forma cardíaca da trypanosomíase americana. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz** 26: 329-338, 1932.
- De ANDRADE, A.L.; ZICKER, F.; DE OLIVEIRA, R.M.; ALMEIDA SILVA, S.; LUQUETTI, A.; TRAVASSOS, L.R.; ALMEIDA, I.C.; DE ANDRADE, S.S.; DE ANDRADE, J.G.; MARTELLI, C.M. Randomised trial of efficacy of benzonidazole in treatment of early *Trypanosoma cruzi* infected, **Lancet** 348:1407-13, 1996.
- DIAS, E. Os efeitos da super-infecção sobre a evolução da cardiopatia crônica chagásica. **Rev. Goiana Méd.** 9: 233-239, 1963.
- DIOTAIUTI, L.; PEREIRA, A.S.; LOIOLA, C.F.; FERNANDES, A.J.; SCHOFIELD, J.C.; DUJARDIN, J.P.; DIAS, J.C.; CHIARI, E. Interrelation of sylvatic and domestic transmission of *Trypanosoma cruzi* in areas with and without domestic vectorial transmission in Minas Gerais; **Mem. Inst. Oswaldo Cruz**, 90(4): 443-8, 1995.
- LUQUETTI, A.O.; MILES, M.A.; RASSI, A.; DE REZENDE, J.M.; DE SOUZA, A.A.; PÓVOA, M.M.; RODRIGUES, I. *Trypanosoma cruzi*: zymodemes associated with acute and chronic Chagas' disease in central Brazil, **Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg.** 80:462-470(1986).
- MACEDO, V.O.; Influência da exposição à reinfecção na evolução da Doença de Chagas(Estudo longitudinal de cinco anos). **Rev. Patol. Trop.**5: 33-116, 1976.
- MCHARDY, H. Immunization of mice against *Trypanosoma cruzi*. The effect of size of dose and route of injection of immunizing and challenge inocula, **Tropenmed. Parasitol.** 28(1) 11-6; 1977.
- MECKERT, C.; CHAMBO, J.G.; LAGUENS, R.P. Differences in resistance to reinfection with low and high inocula of *Trypanosoma cruzi* in

- chagasic mice treated with nifurtimox and relation to immune response. **Antimicrob Agents Chemother**, **32(2)**:241-5, 1988.
- MENEZES, H. Active immunization of mice with the avirulent Y strain of *Trypanosoma cruzi* against heterologous virulent strain of the same parasite, **Rev. Ints. Med. Trop. São Paulo** **11(5)**:335-42, 1969a.
- MENEZES H, Active immunization of dogs with a non virulent strain of *Trypanosoma cruzi*, **Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo** **11(4)**:258-63, 1969b.
- MILES, M.A. Further enzyme characters of *Trypanosoma cruzi* and their evaluation for strain identification. **Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg.** **74**:221-237, 1980.
- PAIVA, C.N.; CASTELO- BRANCO, M.T.; ROCHA, J.Á.; LANNES-VIEIRA, J.; GATTASS, C.R. *Trypanosoma Cruzi*: lack of T cell abnormalities in mice vaccinated with live trypomastigotes **Parasitol Res**, **85(12)**: 1012-7, 1999.
- PINTO DIAAS, J.C, SILVEIRA, A.C, SCHOFIELD, C.J. The impact of Chagas disease control in Latin-America – A review. **Mem. Inst. Oswaldo Cruz** **97**: 603-612, 2002.
- REVELLI, S.; BASOMBRIO, M.A.; VALENTI, J.L.; MORENO, H.; POLI, H.; MORINI, J.C. Evolution of an attenuated *Trypanosoma cruzi* strain in rats. Analysis of survival, parasitemia and tissue damage; **Medicina.(B Aires)**, **53 (1)**:39-43, 1993.
- REVELLI, S.; BERRA, H.; VALENTI, J.; MORENO, H.; BERNASCONI, M.; POLI, H.; MORINI, J.; Effect of reinfection on the development of rats infected with *Trypanosoma cruzi*, **Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo** **32(4)**: 260-8, 1990.
- RITTER, D.M.; ROWLAND, E.C. Corpus chriti strain- induced protection to *Trypanosoma* infection in C3H(HE) mice : effective dose, time, route and number of vaccinations. **J. Parasitol** **70(5)**: 755-9, 1984.
- SEAH, S.; MARSDEN, P.D. The protection of mice against a virulent strain of *Trypanosoma cruzi* by previous inoculation with na avirulent strain. **Am. Trop. Med. Parasitol.** **63(2)**: 211-4, 1969.

HIDEYO NOGUCHI na BAHIA

Zilton A. Andrade

Membro da Academia de Medicina da Bahia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Hideyo Noguchi foi um cientista japonês, de estatura pasteuriana, que visitou a cidade de Salvador nos idos de 1923-24. Veio para cá estudar a febre amarela, então uma doença endêmica nestas regiões e da qual ele investigava com máxima prioridade a sua causa e a sua patogenia.

Desde as minhas leituras pre-universitárias, sua história já me causava admiração, pelo muito que tinha de aventura e pelo fato do seu nome estar listado entre os chamados caçadores de micróbios que tanto estimulavam o meu interesse juvenil. Ao entrar para a Faculdade de Medicina do Terreiro foi com surpresa e satisfação que notei o retrato deste cientista, em um alto relevo no saguão de entrada. Quando ainda era um estudante de medicina, trabalhei no Instituto de Saúde Pública da Fundação Gonçalo Moniz, fundado por Otavio Mangabeira Filho no mesmo local onde antes existia o Instituto Oswaldo Cruz. Lá havia um Laboratório Hideyo Noguchi, com um retrato do cientista no alto de uma parede. Acontece que Noguchi havia trabalhado alí, no Instituto Oswaldo Cruz da Bahia, de dezembro de 1923 a março de 1924. Ainda estavam por lá, além do seu retrato na parede do Laboratório de Bacteriologia, vários instrumentos, inclusive um estojo para trabalhos de necrópsias e um microscópio, que pertenceram ao cientista e que eram olhados por todos nós como uma relíquia, que merecia veneração e respeito. Na Biblioteca abundavam referências aos trabalhos de Noguchi, realizados

na sua maior parte no Instituto Rockefeller de New York, onde trabalhou por um quarto de século, e havia também publicações de cartas trocadas com mestres da nossa Faculdade. Durante minha formação, vi gradativamente aumentada a minha curiosidade pela figura singular deste cientista que tão profunda impressão havia causado na Bahia durante sua curta permanência. Pouco a pouco a curiosidade já não era tanto pelo cientista, que logo verifiquei ser de grande porte, mas pela figura humana, pela personalidade e pelos detalhes da sua vida e da sua luta contra a febre amarela, que o fazia mudar de lugar e viajar pelo mundo afora.

Como cientista ele foi o primeiro a demonstrar a presença do *Treponema pallidum*, agente causador da sífilis, no cérebro de doentes com paralisia geral progressiva. Como bacteriologista ele aperfeiçoou diversos meios de cultura e descobriu outros para cultivar organismos que nunca haviam sido cultivados antes, como as Leptospiras. Deu contribuições importantes para o estudo dos venenos de cobras, da poliomielite, do tracoma, e tentou uma vacina contra a febre amarela.

Hideyo Noguchi se fez merecedor da gratidão de toda a humanidade por sua extraordinária contribuição à ciência médica. Como pesquisador, com excelente formação e extraordinária capacidade de trabalho, do seu posto no Instituto Rockefeller de New York, ele produziu e ensinou ciência da mais alta qualidade.

Hideyo Noguchi nasceu no Japão em 24 de novembro de 1876 na cidade de Inawashiro e faleceu em Accra, hoje uma cidade de Ghana, em 21 de maio de 1928, portanto aos 51 anos de idade. Foi uma criança muito pobre criado numa família donde o pai havia desertado muito cedo. Ainda criança sofrera um acidente ao cair sobre o fogo onde estava sendo cozinhado o almoço. Em consequência teve parte de

sua mão esquerda destruída, limitação dos movimentos do punho e sinéquia nos dedos restantes. Mais tarde, ainda na sua cidade natal de Inawashiro, Fukushima, uma operação cirúrgica possibilitou a restauração dos movimentos do punho e a liberação dos dedos. Este médico deu-lhe o exemplo e, logo a seguir um início de treinamento, que foram decisivos para que Noguchi seguisse a carreira médica. Estudou sempre com muitas dificuldades e com muita dedicação. Sua dedicação ao trabalho e a facilidade em aprender idiomas chamavam a atenção dos professores e circunstantes. Formou-se em Medicina em 1897 em Toquio, desempenhou várias funções no Japão, ensinou Patologia Geral e Microbiologia, duas áreas que ele tanto viria a cultivar na sua carreira. Através de uma conexão com o eminente cientista americano, Simon Flexner, acabou vindo para fazer treinamento nos Estados Unidos em 1900. Em 1904 entrou para o Instituto Rockefeller, instituição que apoiou os seus estudos para o resto de sua vida. Nas suas pesquisas no Instituto navaiorquino veio a fazer contribuições fundamentais para o estudo do *Treponema pallidum*, o agente causador da sífilis, bem como para a caracterização da *Bartonella bacilliformis*, que, como demonstrou dramaticamente o peruano Carrión, causa tanto a febre de Oroya, como a verruca peruana. Além de estudar tracoma e poliomielite, ele isolou e estudou vários microorganismos. Com os meios de cultura que descobriu e com estudos morfológicos e funcionais sobre os microorganismos os mais diversos, ele deu uma contribuição decisiva para o desenvolvimento da Microbiologia. No entanto, sua luta maior desenvolveu-se na tentativa de isolar o agente causador da febre amarela.

Para melhor realizar tais estudos, ele teve que viajar por diversas áreas endêmicas, aí incluindo sua vinda para a Bahia em fins de 1923.

Noguchi passou um pouco mais de 3 meses no Brasil,

a maior parte do tempo na Bahia. Neste tempo relativamente curto, a sua estadia causou um grande impacto no meio médico brasileiro. Aqui fez muitos amigos, colaboradores e admiradores. As marcas da sua passagem ainda são visíveis. Mas, por onde quer que ele passasse deixava sempre marcos comemorativos. Ele visitou rapidamente o Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio ha uma rua com seu nome e um retrato em alto relevo na entrada do edifício principal (castelo) do Instituto Oswaldo Cruz. Na Faculdade de Medicina da USP ha um retrato seu e na cidade de Campinas ha uma praça com o seu busto no meio de um jardim. Para estudar a febre amarela, Noguchi passou por alguns outros países da América Latina. Traços da sua passagem podem ser levantados. Na Universidad de Yucatan, México, existe hoje um "Centro de Investigaciones Regionales Dr. Hideyo Noguchi". Da mesma maneira ha em Lima, Perú, um Instituto Honorio Delgado-Hideyo Noguchi. Nos hospitais de Guayaquil, Equador há muitas lembranças da passagem de Noguchi. Todos a ele se referem com muito carinho. Havia portanto algo especial na personalidade de Noguchi que o fazia não só admirado e respeitado, mas também muito querido. Simon Flexner, seu chefe no Instituto Rockefeller, escreveu que todos que vinham a conhecer Noguchi ficavam impressionados com a nobre simplicidade e dignidade da sua personalidade, características estas que o sucesso científico não abalou. E acrescentou: "Parte da sua proeminente posição como figura mundial derivava do seu charme pessoal e conduta, aumentados à proporção que sua proeminência como investigador científico crescia". Podemos vislumbrar alguns dos motivos desta simpatia irradiante ao lermos a correspondência que Noguchi trocou com professores da nossa Faculdade de Medicina. No auge da sua fama, como um dos mais brilhantes cientistas da época, ele não se furtava a fazer longas cartas para discutir com os professores locais sobre detalhes de pesquisas científicas. Nas entrelinhas aparece bem clara a modéstia do missivista e o respeito para com os argumentos do

correspondente. Ha evidências de que ele lia trabalhos locais, de médicos da nossa Faculdade (muitas vezes produzidos sob a forma de teses, escritos em português; entre outras línguas Noguchi falava o francês e o espanhol) e os analisava e discutia nos seus detalhes. Ele que trabalhava igualmente nos laboratórios mais bem equipados e em locais distantes, em condições precárias, sabia das dificuldades dos outros. Não tinha preconceitos ao analisar dados de todas as origens. Sua atitude de respeito e consideração, sua esmerada educação, enchia de entusiasmo seus admiradores e eventuais colaboradores. Na Bahia não foi diferente.

Noguchi chegou à Bahia em fins de 1923. A sua vinda se relacionava com um surto de febre amarela que ocorreu na cidade. Ele havia isolado uma leptospira - a *Leptospira icteroides* - que durante uma década foi considerada como o agente etiológico da febre amarela. Antes, inúmeros agentes foram apresentados como causadores da doença e logo descartados. A *L. icteroides* teve vida mais prolongada, sustentada que foi por um dos mais brilhantes microbiologistas, o criador e maior conhecedor do gênero *Leptospira* - Hideyo Noguchi. Ele queria estudar mais casos humanos, re-isolar as leptospiros, ensaiar técnicas diagnósticas e tentar a imunoterapia e a imunoprofilaxia. Quando ele chegou a Salvador, a febre amarela já havia desaparecido, mas surgiram alguns casos numa distante localidade do interior baiano, na cidade de Vila Bela das Palmeiras, hoje simplesmente Palmeiras. Para se chegar lá, viajava-se um dia inteiro de navio, um de trem e quatro a cavalo. Para lá foram seus colaboradores baianos em busca de material e deste material acabaram por isolar a *L. icteroides*. Outros cientistas do Rio e de São Paulo vieram para Salvador, especialmente os pesquisadores do Instituto de Manguinhos, mas não conseguiram isolar a tal *L. icteroides*. Uma forte polêmica se estabeleceu então entre os colaboradores, amigos e admiradores, de Noguchi e os outros cientistas nacionais com os seu resultados negativos.

A insinuação foi muitas vezes feita de que os resultados negativos revelavam falta de experiência em um campo novo, como era o das leptospirosas, falta de meios de cultura adequados e de bons microscópios. A polêmica durou até 1928, que foi quando se consolidou a descoberta de um vírus causador da febre amarela, após estudos de uma equipe de cientistas americanos formada por Adrian Stokes, Johannes Bauer e Paul Hudson. Eles fizeram estudos decisivos trabalhando no seio de uma epidemia na África, estudos estes acompanhados pelo próprio Noguchi. Ele ficou convencido de que a febre amarela na África era de fato causada por um vírus filtrável, mas queria fazer comparações com os casos da América do Sul para entender a associação que estes últimos casos tinham com a *L. icteroides*. Logo depois, Noguchi viria a falecer, contaminado pela febre amarela. A morte de Noguchi nestas trágicas circunstâncias veio a levantar a suspeita de suicídio, ele que estaria deprimido por ver todo o seu longo trabalho sobre a *L. icteroides* reduzido a uma mera história de insucesso científico. Esta suspeita de suicídio todavia não tem muita base. Devemos lembrar que também o chefe da equipe americana que descobriu a verdadeira causa da febre amarela, Adrian Stokes, também morreu vitimado pela febre amarela.

Por que Noguchi cometeu o erro de considerar a *L. icteroides* como a causadora da febre amarela? Esta pergunta é difícil ou impossível de ser respondida e tem suscitado muita imaginação e as mais ardentes controvérsias.

A sugestão de que ele havia confundido casos da chamada doença de Weil, a leptospirose humana ictero-hemorrágica, com a febre amarela, é mais do que improvável. Primeiro, porque ele costumava fazer exame microscópico dos cadáveres das vítimas da febre amarela e tinha bons conhecimentos de patologia, não iria confundir dois quadros hepáticos bem distintos. Segundo, porque ele já havia

publicado estudos clássicos sobre a *Leptospira icterohemorrhagiae*, conhecia como ninguém suas características morfológicas e de cultivo, e não iria fazer confusão com o que ele denominava *L. icteroides*. Inclusive ele utilizava um teste sorológico de lise (prova de Pffeifer) que era positivo com a *L. icteroides* e negativo com a *L. icterohaemorrhagiae* nos casos de febre amarela. Alguns sugerem que as *L. icteroides* estavam contaminando os seus animais. Há informações de que ele fazia questão de usar sempre os seus animais trazidos diretamente dos Estados Unidos. É incrível se possa imaginar que um erro tão banal tenha ocorrido com um cientista do porte de Noguchi, mas as *L. icteroides* foram isoladas por ele de casos humanos no México, no Equador e na Bahia. Elas deveriam ter vindo de algum lugar. É provável que seus animais estivessem mesmo contaminados com as *L. icteroides* que ele continuava recuperando.

Darcy Ribeiro alertava que a ciência nos prega muitas peças. Dizia ele: basta ver o sol se levantar todos os dias e passar por cima de nossas cabeças no seu caminho para se por do outro lado do céu. No entanto não é ele, mas a terra que se move. Esta constatação, singela e anedótica, serve para nos alertar de que a ciência realmente nos prega peças. Aparentemente uma delas veio a acontecer com um dos maiores cientistas e este processo, numa certa fase, teve a cidade da Bahia, como pano de fundo.

Este equívoco científico, por mais desagradável que tenha sido para Noguchi e por mais surpreendente que tenha sido para todos nós, não pode obscurecer os benefícios de toda ordem que os estudos de Noguchi trouxeram para a humanidade. Não pode servir para diminuir os reflexos de uma personalidade marcante pelo seu caráter, pela sua dedicação, pela sua simpatia e pelo exemplo de luta em prol do benefício de toda a humanidade.

CENTENÁRIO DO PROF. JOSÉ SILVEIRA

Geraldo Milton da Silveira

O Prof. José Silveira se constituiu em uma lenda viva, durante muitos anos, na Bahia. Magro, alto, nariz discretamente adunco, esmerado no vestir-se, espírito indômito, inteligência lúcida, culto, claro ao se expressar, contundente ao argumentar, fiel aos seus rigorosos princípios morais e éticos, batalhador constante em defesa dos seus ideais, paladino na luta contra a tuberculose e contra o fumo entre nós. Todas estas facetas da sua personalidade, o mantiveram na primeira linha no resguardo da saúde do seu povo.

O alemão, como era carinhosamente apelidado, não só pelo seu aspecto físico, pela exigência no cumprimento do dever assim como por suas desassombradas atitudes, o Prof. Silveira foi um lutador incansável e, podemos dizer no melhor sentido, insaciável no seu querer, não visando interesse próprio, mas o bem estar das pessoas, a evolução da ciência e o progresso das instituições. Defensor intemorato do prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus como centro emanador e núcleo reluzente da medicina baiana e brasileira. Iniciou e manteve prolongada luta contra todos aqueles que desejavam desviá-lo de sua finalidade precípua, investindo contra os sagrados desígnios que a história o reservou.

Como Presidente da Academia de Medicina da Bahia, com o seu trabalho e visão, projetou a entidade além das fronteiras estaduais, ampliando o seu prestígio, através da dinamização de suas ações e aumento da sua qualificação. Dizia sempre que as questões relativas à vida econômica da Academia, competia, exclusivamente, ao Tesoureiro, porém, atendia, não raro, às necessidades da nobre Instituição, ao fornecer numerário próprio afim de resolver prioridades.

A minha admiração pessoal a esta austera personalidade vinha de longo tempo, porém, guardando respeitosa e tímida distância, não só pela diferença de idade como também, e sobretudo, pelo "status" que ele representava. Esta admiração foi ampliada quando me surgiu uma oportunidade de maior aproximação pessoal, ao ser por ele convidado para ingressar na Academia de Medicina da Bahia. Desconhecedor da praxe exigência estatutária, sugeri o primo e amigo Jayme de Sá Menezes para fazer o discurso de saudação e, na minha oração, não fiz o panegírico ao meu antecessor restringindo-me ao Patrono da cadeira que assumia. Essas atitudes foram por ele entendidas, sem haver necessidade de explicação de minha parte e sem ocorrer a mínima modificação do seu carinho e atenção em relação à minha pessoa.

Quando Presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, recebi convite para indicar três nomes de pesquisadores brasileiros para concorrerem ao prêmio Astra de Medicina. Indiquei dois baianos e um paulista. Dois pertenciam aos quadros da Federação e, um dos baianos, o Prof. José Silveira, não. O seu currículo era monumental, embora os dos outros dois fossem, igualmente, excelentes. No âmbito nacional, o Prof. Silveira foi escolhido e indicado como representante do Brasil. Chamou atenção, o fato de uma sociedade indicar um nome fora dos seus quadros, significando esta situação como "hors concours".

As campanhas de prevenção e tratamento da tuberculose, assim como aquelas contra o fumo, ao lado das investigações científicas realizadas no IBIT e a sua própria construção e manutenção, deram-lhe a vitória na avaliação de caráter internacional. O prêmio lhe foi entregue pelo Rei da Suécia, em solenidade realizada em Estocolmo, semelhante e com projeção comparável ao Prêmio Nobel.

A nossa amizade foi se consolidando e ampliando.

Passamos a freqüentar o seu apartamento com regularidade e quando, por qualquer motivo impeditivo, eu faltava dois sábados, D. Ivone, a quem havia operado duas vezes, ficava preocupada, querendo saber a razão. Importante é que a nossa amizade foi consolidada. Nos últimos anos, quando os seus achaques se tornaram mais freqüentes, logo Alberto Serravalle, Jairo Almeida e ou quem vos escreve, éramos chamados e os primeiros a atendê-lo. Também, intermediávamos consultas com especialistas porquanto, com a vida cada vez mais difícil e corrida, as visitas médicas domiciliares tornaram-se quase proibitivas.

O Professor José Silveira nos honrou com convites a Lygia para ilustrar a capa de seu livro "Gratidão e Fé" e encomendou dois painéis para o Núcleo de Incentivo à Cultura de Santo Amaro - NICSA, que Lygia transformou em doação.

Um sentimento que não tolerava era o da ingratidão. Em a "Colcha de Retalhos", escreveu em relação ao ingrato: "varia o tipo de sua reação, que vai do esquecimento à indiferença, à fuga, à inimizade, à inveja; do amor ao ódio, do desacato franco à perfídia velada" e, em "Últimos Lampejos", diz que ter gratidão, cultivá-la, sim, que é exceção grandeza, excelência, virtude"... " só os privilegiados... têm o admirável dom de nunca esquecer aquele ou aquela que, num instante de dor, de angústia, de dificuldades e precisão, lhe estendeu a mão retirando-a da aflição, fazendo-lhe, enfim, um benefício, qualquer que tenha sido".

Homem inteligente, culto, batalhador do quilate de José Silveira, exterioriza, com freqüência, o nobre sentimento da gratidão e condena o mau caráter daqueles que a desconhecem.



DISCURSO NA SESSÃO SOLENE DE OUTORGA DOS TÍTULOS DE MEMBROS EMÉRITOS AOS ACADÊMICOS ALBERTO SERRAVALLE E JESUÍNO NETTO

Geraldo Milton da Silveira

Minhas Senhoras
Meus Senhores
Senhores Acadêmicos

Os Estatutos da nossa Academia de Medicina, facultam a qualquer dos seus integrantes, observadas algumas exigências, indicar confrades para membros eméritos. Estes, em correspondência ao gesto inicial, escolhem como orador o autor da proposta. É o que se verifica hoje, e que poderia ter ocorrido há mais de um ano. Mantidos o inalienável direito e a praxe, eis que me encontro com tripla alegria, me causando grande felicidade: saudando os confrades Alberto Luiz Leal Serravalle e Antônio Jesuíno dos Santos Netto, amigos dos mais queridos, há cerca de cinqüenta anos. São profissionais dos mais capazes, reconhecidos e proclamados por todos nós. Ajunte-se a estas alegrias, o fato de estar comemorando vinte e cinco anos de ingresso nesta veneranda Academia.

Alberto Serravalle, filho de Rafael Serravalle e D. Albertina Leal Serravalle, nasceu em Salvador, em dezembro de 1917, estudou no colégio Antônio Vieira e formou-se por esta Faculdade de Medicina. Fundou a Clivale, em 1941, considerada uma clínica das mais completas e conceituadas da Bahia.

Em 1947 foi nomeado Professor Auxiliar de

Parasitologia. Desejando fazer jus a tal escolha, em 1960 fez concurso à Livre Docência, defendendo a tese "Doença de Chagas em Santo Amaro da Purificação". Aprovado, foi nomeado Professor Adjunto da mesma disciplina, não chegando a Titular porquanto a reforma imposta em 1969 o desagradou a ponto de solicitar aposentadoria proporcional. Foi chefe do Serviço Médico do IPASE, nomeado após brilhante concurso no Rio de Janeiro. Recebeu o diploma de "Alto Mérito Médico", concedido pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Bahia, diploma e medalha Thomé de Souza, outorgados pela Câmara de Vereadores de Salvador. Membro dos mais proeminentes da Academia de Medicina da Bahia, seu ex-Presidente, sempre agindo com honestidade e equanimidade.

Foi um período calmo, com febril operozidade, fazendo realizar sessões mensais e respeitando os nossos Estatuto e Regimento. Membro do Instituto de História da Medicina. Tem Significativa produção científica e literária. Escreveu dois livros: Dicionário de Parasitologia Médica, já em sua segunda edição e Medicina & Letras, no qual fez inserir cinquenta artigos sobre temas médicos, difundindo novos conhecimentos, onze esboços biográficos, dezenove poesias, doze conferências e vinte e três artigos sobre assuntos diversos, que foram publicados na imprensa leiga. O nosso homenageado é clínico consagrado, pelos estudos e experiência, desempenhando sua atividade diária durante os últimos sessenta e três anos. Além de médico, professor e escritor é fazendeiro, administrador de grande e progressista empresa, a Clivale. Chefe de numerosa família, a ele fidelíssima, em todas as oportunidades demonstrando-lhe grande amor, e, também integralmente correspondida. Sua esposa Celane, exemplo de dedicação à família, deu esmerada educação aos seus quatro filhos, proporcionando-lhes conhecimentos e meios de ação para conseguirem seus objetivos. Tem dois filhos e uma neta médicos.

Como médico clínico, estudioso e atualizado, com

excepcional experiência de sessenta e três anos, tem uma característica pouco encontrada, sobretudo nas últimas décadas, que é a comovente dedicação ao cliente. Lembrome da preocupação e das visitas diárias a Raul Seixas (pai), D. Augusto Cardeal da Silva, Miguel Vita, Irmã Dulce, José Silveira e a mim, de tal sorte que digo possuir dois anjos da guarda: um como todas as pessoas e o outro, que vejo, converso e recebo especial atenção. Jorge Calmon, referindo-se aos artigos publicados na imprensa leiga, "aconselhando cuidados de saúde e ensinando meios de viver melhor, revela sua preocupação pelo semelhante, como uma manifestação de sua maneira de ser na condição de homem realmente útil a sociedade". Alberto é um cidadão "tranquilo, compreensivo e tolerante, sábio nas suas decisões, muito bem pensadas, razão pela qual são irreversíveis. Como Cícero, acha que "o rancor que se ateia na virtude resulta em honra e não em desdouro".

Antonio Jesuíno dos Santos Netto é filho de Antonio Jesuíno dos Santos Jr. e D. Josephina Figueiredo Santos. Nasceu a 18 de Setembro de 1920 e formou-se também por esta veneranda Faculdade de Medicina da Bahia. Casado com a Prof^a. Leda, uma das mais queridas e festejadas intelectuais do nosso Estado. Têm dois filhos e uma neta médicos.

Conheci o Jesuíno Netto por volta de 1947 quando, no 4º ano médico, comecei a freqüentar a 1ª Cl. Cirúrgica no Hospital Santa Isabel, e ele já formado desde 1944, participando da troca de conhecimentos, discussão de casos com outros médicos e tirando dúvidas dos estudantes. Apesar da grande distância que nos separava, sempre nos tratou com cordialidade e, até, certo grau de paternalismo.

O Jesuíno é reservado nas suas opiniões, crítico, criterioso e, no meu entender, expoente do movimento associativo no meio médico. Está presente em quase todas

as sessões científicas ou relativas à medicina e, quando raramente acontece a sua ausência, é logo notada e comentada. Não raro, está em outra solenidade que ocorre na mesma ocasião. É exigente quanto ao cumprimento dos horários, chamando sempre a atenção para a necessidade de serem cumpridos, em respeito e consideração àqueles que atenderam ao chamamento em tempo hábil. Deve sofrer muito, porquanto os seus comentários são discretos, com um amigo que esteja próximo, e o atraso é freqüente entre nós. Outra característica marcante na sua personalidade é o respeito aos estatutos e regimentos. Dizem, e ele aceita de bom grado, ser um regimentalista, outro fato a denotar a correção do seu proceder. Aceita-se que quanto mais civilizado é um povo, maiores são as exigências na observância aos horários e às leis, o que se pode aplicar em relação às pessoas. O nosso homenageado tem uma organização modelar. Com facilidade e presteza, pode fornecer livros, documentos, artigos e informações das mais diversas, no campo da medicina e, mais especificamente, da cirurgia. E ele tem sempre um subsídio a nos oferecer.

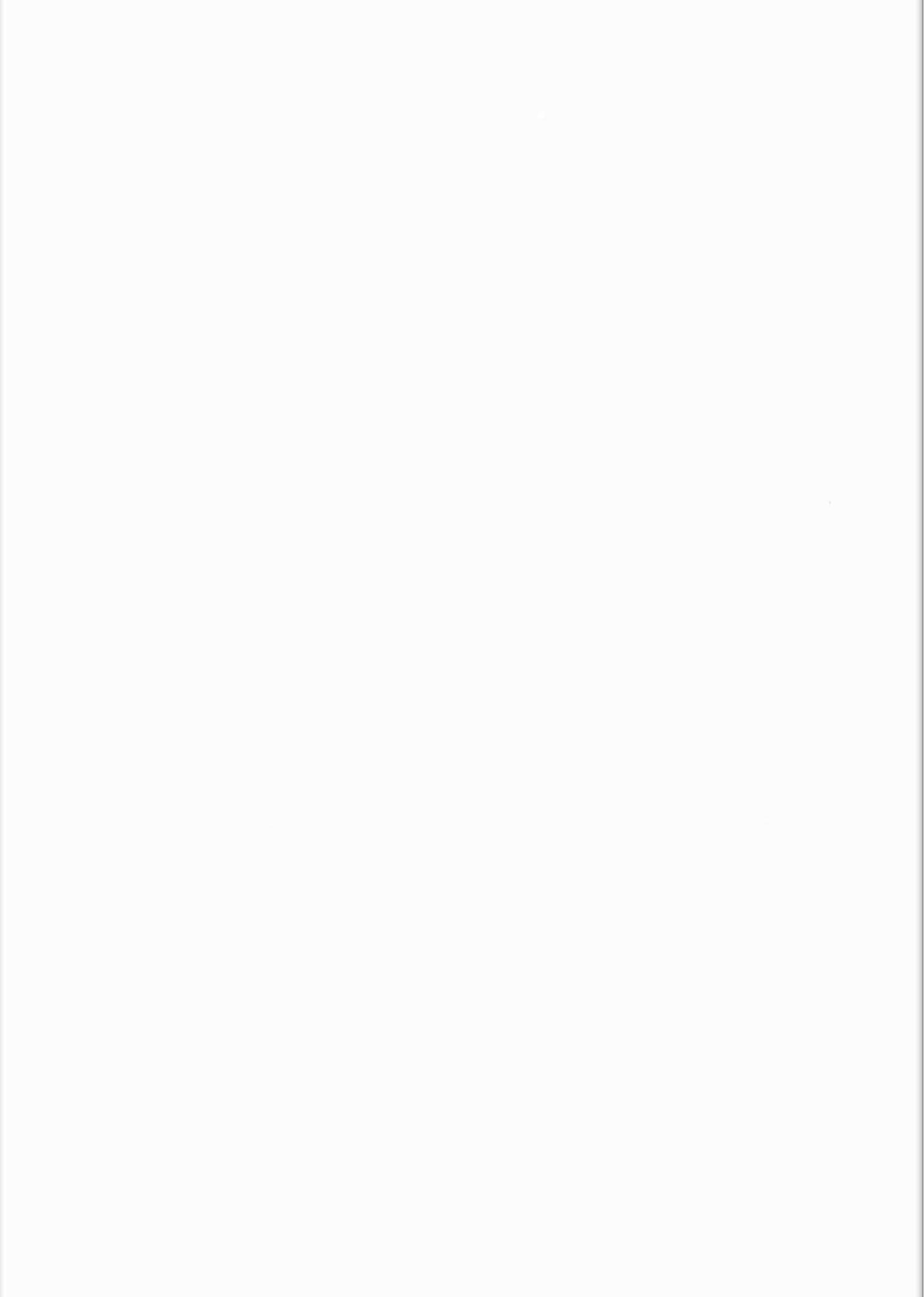
Jesuíno freqüentou 14 cursos de atualização, sessenta e sete congressos médicos, sessenta cursos durante esses congressos. Participou de noventa e oito jornadas, encontros, simpósios, seminários e "rodadas", com atuação em setenta e três oportunidades, desde apresentação dos assuntos a comentários sobre o exposto. Daí, a referencia feita anteriormente, à sua constancia nos movimentos associativos. Ministrou trinta e uma aulas em cursos de pós-graduação, é vinculado a vinte e nove associações medicas, recebeu quarenta e oito honorarias, incluídas ai as homenagens de formandos da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, medalha de agradecimento da Comissão Executiva Nacional da Federação dos Bandeirantes do Brasil, diploma de Honra pela "Contribuição ao Ensino e Desenvolvimento da Cirurgia Brasileira" pelo Colégio Internacional de Cirurgiões, medalha Thomé de Souza

outorgada pela Câmara de Vereadores de Salvador. Em 1957 foi nomeado Professor Titular de Clínica Cirúrgica da Escola Baiana, onde foi chefe do Departamento de Cirurgia. Cirurgião rigoroso na observância dos princípios da técnica operatória, minudente e capaz, foi aprovado em 1º lugar no concurso realizado pelo IAPC em 1949 foi, também, cirurgião credenciado de outros Institutos. Foi o segundo cirurgião a receber a medalha de "Alto Mérito" do CREMEB, de onde é um dos mais respeitados Conselheiros e é Membro da Academia Baiana de Educação.

Minhas Senhoras, meus Senhores, confrades ilustres. Estas foram as atividades até aqui desempenhados pelos nossos dois homenageados com o título de Membros Eméritos desta Academia de Medicina da Bahia e que pude colher de seus "curricula" para expor em tão curto espaço de tempo que me foi concedido. Espero haver apreendido e apresentado as suas principais conquistas e traçado perfil justo das suas personalidades, certo de que, hão de mais produzir e engrandecer, em crescendo, a nossa Academia. Além da projeção social científica e profissional de que desfrutam, foram considerados outros fatores importantes e que, estatutariamente, dizem respeito a esta Academia tais como: ingressado há mais de vinte e cinco anos e que tenham colaborado ativamente e de maneira efetiva para o desenvolvimento e o renome da Academia, representando-a condignamente em todas as oportunidades e pugnando para aumentarem o seu prestígio e eles assim procederam.

Agradecendo, mais uma vez, a honra e a justiça ao ser. reconhecido pelo nosso atual Presidente este direito de saudá-los, reafirmo a minha determinação em tudo fazer para o engrandecimento desta Casa e declaro ter a certeza de que as Parcas podem destruir o meu físico, entretanto, jamais atingirão o meu espírito e a minha dignidade.

Muito obrigado



SAUDAÇÃO AOS CONGRESSISTAS*

Geraldo Milton da Silveira

Clotho e Lachesis fizeram o trabalho que lhes competia, porém Srougi impediu que Atropos o completasse, e aqui estou, participando desta magnífica festa de conagração e de troca de conhecimentos históricos, festa da inteligência e da cultura, que terá a duração de três dias, para deleite do nosso espírito.

Neste sítio, brotou a medicina brasileira, e nele rememoraremos uma trajetória vitoriosa, que nos enche de orgulho e nos mostra um futuro promissor.

Colegas de todo o Brasil. Aqui estamos com espírito acolhedor e o coração trescalando o perfume que há de inebriá-los, mascarando, assim, as nossas faltas. Estamos exultantes pelo encontro.

Este é um momento de alegria, felicidade e de agradecimentos. Três meses e meio sem poder trabalhar por este Congresso, ocupado que estava com as irmãs Parcas. Falhas em ajudas financeiras, anteriormente prometidas e não cumpridas, não amainaram a nossa disposição, sobretudo por contarmos com o apoio do Presidente da Sociedade Brasileira de História da Medicina, Prof. Ulysses Meneghelli, seu Vice-Presidente, Prof. Líbio Martire Jr. e Roberto Rossi Falconi, Bibliotecário; com os Presidente e Vice-Presidente do Instituto Baiano de História da Medicina, Lamartine Lima e Antônio Carlos Nogueira Brito, respectivamente; com

* VIII Congresso Brasileiro de História da Medicina - Salvador, 13 a 15 de novembro de 2004.

Rodolfo Teixeira, Vice-Presidente da nossa Comissão Organizadora, Consuelo Pondé de Sena, da Comissão Central e Geraldo Torres, dos grupos de Coordenação e Incentivo, representando, os três últimos citados, os setores aos quais pertencem. À ST Eventos e Assessoria, na pessoa extraordinária de Sandra Pina, à qual entregamos esta placa de agradecimento, pelo seu desprendimento, capacidade e eficiência. Com recursos limitados, a sua ação e a nossa criatividade exacerbaram-se, compensatoriamente.

Agradecemos também ao Prefeito Antônio Imbassahy, que recebeu um lixão e o transformou em jardim bem cuidado, que é a nossa Salvador de hoje, e ao Vereador Pedro Godinho, exemplo de homem público, cidadão correto, honesto e receptivo às necessidades dos diversos segmentos da nossa sociedade, à colaboração do Reitor da UFBA, Naomar Almeida, e do ex-Diretor da Faculdade de Medicina, Manoel Barral Netto e do atual, José Tavares Neto, que vem se revelando como excepcional administrador e grande liderança na defesa dos interesses dos médicos baianos em relação a este prédio, símbolo arquitetônico da medicina brasileira e do inestimável acervo documental de teses dos dois últimos séculos e de livros raros.

Agradecemos o apoio do Hospital Aliança, Litocenter – Clínica Urológica, Hospital Espanhol, Federação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola S.P, ao Conselho Regional de Medicina e à Pro-médica – Hospital Jorge Valente.

Amigos que nos visitam, Salvador está orgulhosa em recebê-los. Os seus colegas baianos ligados à História da Medicina agradecem o privilégio de tê-los em nossa Cidade e tudo farão para que estes momentos possam ser inesquecíveis em suas vidas.

Muito obrigado!

OS 195 ANOS DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA*

*Geraldo Milton da Silveira**

Quando rememoramos a vida de instituições que conseguiram sobreviver durante longos anos, como a Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, a tendência daqueles que escrevem sua história, com justas razões, é a de registrar e louvar os seus grandes feitos. E a Faculdade de Medicina e o seu prédio ao Terreiro de Jesus têm motivos sobejos para serem enaltecidos. Entretanto, muitos aspectos ainda não foram totalmente explorados. Outros ângulos, outras visões podem ser difundidos, ainda que com menor impacto, porém tão importantes quanto os grandes feitos, como, por exemplo, o referente às vitórias sobre suas expressivas dificuldades, as responsáveis maiores pelos triunfos ulteriores, por haverem criado condições para que eles acontecessem. Em outras palavras, se as dificuldades não fossem vencidas, se as ocasiões de crise não fossem ultrapassadas, não haveria como acontecerem os posteriores momentos de glórias.

E a nossa Faculdade, mais especificamente o seu prédio, ao Terreiro de Jesus, têm passado por momentos altamente preocupantes, de difícil e trabalhosa reversão, alguns até por longos períodos. Mas a força de vontade, o ideal, a abnegação à instituição e ao seu prédio-símbolo, têm encontrado soluções. O mais preocupante seria a inexistência de determinação para a derrubada de obstáculos.

* Conferência pronunciada em 13 de novembro de 2003, na Sessão Solene de instalação do VIII Congresso Brasileiro de História da Medicina.

Quando a nossa Faculdade de Medicina foi criada, em 18 de fevereiro de 1808, sob a égide de Escola de Cirurgia, não possuía sede própria. Foi instalada no Hospital Real Militar, no Terreiro de Jesus, onde estamos. O Dr. José Correa Picanço, Cirurgião-mor do Reino, inspirador da sua criação, contou com o Dr. José Soares de Castro, português, para o ensino da Anatomia, e do Dr. Manoel José Estrela, baiano, também Cirurgião-mor, para o ensino da Cirurgia Especulativa e Prática. "Não obstante, devera encontrar grandes óbices para o cabal desempenho de sua missão", segundo o Dr. Malaquias Álvares dos Santos, em sua memória Histórica - 1854. "A Escola não possuía nem um bisturi nem uma tesoura." Havia falta de compêndios para os estudos, razão pela qual, em 1812, o Cirurgião-mor José Soares de Castro publicou o tratado "Elementos de Osteologia", com 122 páginas, "impresso na Tipografia de Manoel Antônio da Silva Serva" e, em 1816, o Dr. Manoel José Estrela traduziu e editou o livro de François Bichat, fisiologista francês, "Recherches Physiologiques sur la vie et la mort."

As instalações do Hospital Real Militar eram precárias e piores as condições disponíveis para o ensino, motivos esses de constantes queixas dos professores.

Atendidas algumas das principais reivindicações, em 1815, houve a primeira reforma do ensino superior na Bahia, e a Escola de Cirurgia passou a ser denominada Colégio Médico Cirúrgico e suas instalações transferidas para o Hospital da Santa Casa de Misericórdia, próximo a este sítio. Continuou o nosso ensino médico sem lugar de sua propriedade, o que pode ser traduzido como autonomia limitada, ou sem ela. Com o passar do tempo, também esse local foi se deteriorando, por falta de conservação, aumentando a insatisfação dos professores e alunos, até que, em 1832, houve outra reforma do ensino superior, com nova e duradoura denominação - Faculdade de

Medicina. Nessa ocasião, não mais existindo o convento dos Jesuítas e o Hospital Militar transferido que fora, voltou o ensino médico ao Terreiro de Jesus, agora em sua própria casa, neste sítio, dando novo alento a professores e alunos, com melhora evidente do ensino. Referido na Memória Histórica do Prof. Eduardo de Sá Oliveira, a nossa bíblia, Gabriel Soares teria comparado o ensino ministrado na Bahia àquele de Coimbra.

Essa foi uma fase produtiva, que projetou ainda mais a nossa instituição no cenário nacional, com reflexos no exterior. Entretanto, a Santa Casa de Misericórdia requereu para si o direito de propriedade, por ser o local da antiga Botica, dando origem a uma série de divergências. Esta, como tudo indica, foi a primeira disputa do prédio da Faculdade de Medicina que, talvez por sua imponência, localização e amplos espaços, desperta ambição em possuí-lo. Entretanto, posição unânime e decidida da Congregação, manteve o nosso edifício pretendido, já àquela época, reconhecido o direito da Faculdade de Medicina da Bahia, que foi reformado e ampliado em 1883. Sobre o episódio, diz o Prof. Sá Oliveira: "... fatos importantes, de épocas diversas, que nos dão uma idéia de quanto pelejaram os nossos antepassados para nos legar um precioso patrimônio, por muitos injustamente apreciado." Eu diria, desejado, o que se verifica até hoje, e sempre, com ímpeto em crescendo.

Vencida essa investida para nos ser tomado o prédio, pela Santa Casa de Misericórdia, outras ocorreram e ocorrem.

Quase todas, senão a totalidade das memórias históricas, apresentam queixas relativas ao ensino e necessidade de revisão da grade curricular, a falta de material e de verbas, ou quanto à inadequação dos locais de ensino. "O estado em que se encontrava o edifício da Faculdade, em 1832, não permitia acomodar os laboratórios criados pela Lei de 30 de outubro do corrente ano, não obstante as

reclamações sucessivas das Diretorias, apoiadas pelo prestígio da Congregação, cujos pronunciamentos, na salvaguarda dos interesses do ensino médico entre nós, revelam a tenacidade própria de uma gente que tanto sabia lutar por um ideal. Existia, realmente, uma má vontade para com a Escola Médica da Província...”

Nos diz Nogueira Brito que, em 1833, o Presidente da Província da Bahia, atendendo pedido de um lente de Agronomia, “ordena” a entrega da Flora Brasileira, uma das relíquias da nossa biblioteca. Mais uma vez, a Congregação agiu com destemor, negando-se ao cumprimento da “ordem”, embora apresentando a necessária justificativa que foi aceita. Em 1891, outra reforma e nossa Faculdade passou a ser denominada Faculdade de Medicina, Farmácia e Odontologia.

Em 2 de março de 1905, violento incêndio, com possível origem no almoxarifado e suspeita de criminoso, destruiu quase totalmente o suntuoso e já histórico prédio, sendo atingidos quatro dos seis laboratórios, a Biblioteca e a capela do antigo Convento dos Jesuítas, relíquia artística de valor inestimável.

Como de costume, à época, dobraram os sinos, emitindo lânguidas ondas sonoras de aviso à população, de um grande incêndio na cidade.

O povo, professores, alunos, funcionários, exército e bombeiros acorreram ao local do sinistro, onde se multiplicaram os atos anônimos de heroísmo e desprendimento, em defesa de um patrimônio tão útil à população e por ela tão querido.

A incalculável perda não abateu o ânimo, ao contrário exacerbou a vontade de reerguer aquele templo à vida e à saúde, ampliá-lo e legá-lo às gerações futuras.

Os professores Braz do Amaral, Aurélio Viana, Alberto Muylaert, Matheus Vaz, o Eng^o Joaquim Ribeiro de Oliveira e os Drs. Pedro Rodrigues dos Santos e Francisco Drummond salvaram o Salão Nobre, a Sala dos Lentes, onde existiam e existem os retratos dos professores falecidos, sendo impossível a sua reconstituição em caso de perda, o Museu e o Laboratório de Fisiologia, Odontologia, Farmacologia e Terapêutica.

Houve mobilização de órgãos oficiais, pondo á disposição espaços para abrigarem os salvados do incêndio e locais para aulas. Entretanto, melhor o sacrifício por alguns anos e ser reconstruído o prédio, porquanto instalados que fossem em outros lugares, poderia haver acomodação e retardo na sua total recuperação.

Vale aqui lembrarmos que o edifício estava segurado, graças às ações dos Drs. Pacífico Pereira e José Olímpio Azevedo (e hoje está?) e à substancial verba concedida pelo Presidente da República, Dr. Rodrigues Alves, e pelo Ministro do Interior, Dr. José Joaquim Seabra, razão pela qual têm os seus bustos no Salão Nobre. Foi reconstruída e ampliada a casa do saber médico, voltando a funcionar em 1909, melhor dividida e ampliada. O ensino teve novo alento, gozando, por tempo que poderíamos considerar longo, de tranqüilidade e progresso, embora deficiências e reclamações não deixassem de existir.

Mas a Faculdade de Medicina da Bahia exerceu a sua nobilíssima função até 1967, na histórica edificação. Durante esse longo período (1808-1967), formou, direta ou indiretamente, milhares de médicos, oriundos de todas as regiões do País, principalmente do Norte e Nordeste, dentre os quais centenas de luminares, tais como Pirajá da Silva, Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Moniz Sodrê de Aragão, Martagão Gesteira, Clementino Fraga, Francisco de Castro,

Afrânio Peixoto, Manuel Vitorino, Oscar Freire, Prado Valadares e Gonçalo Muniz.

Participou ativamente como nenhuma outra instituição do Estado de movimentos cívicos do maior significado para a nossa Pátria, tais como: a Independência do Brasil, consolidada em 2 de julho de 1823, a Guerra do Paraguai (1865-1870), com destaque para Salustiano Ferreira Souto e o trabalho desenvolvido por professores, ex-alunos e alunos, tanto no campo de batalha quanto recebendo feridos e tratando-os em suas instalações, salvando vidas e minorando sofrimentos. No Levante dos Malês (1835), recolhendo feridos nas ruas de Salvador e lutando contra o absolutismo e centralismo do Império, tendo à frente do movimento o médico Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira. Na epidemia de cólera morbo (1885), com a participação marcante do higienista José Góes Siqueira, Presidente da Comissão de Higiene Pública. Na Guerra de Canudos (1896), quando abrigou feridos nos seus salões e salas de aulas. Nessa ocasião, pela primeira vez no mundo, os raios X foram usados para a localização de projéteis de armas de fogo, pelo Professor Alfredo Brito, recentemente chegado de viagem ao exterior, quando trouxe a aparelhagem. Em 1930, professores e alunos aliaram-se ao movimento autonomista, contrário à nomeação de "interventores", oriundos de outros estados, desconhecedores da Bahia e dos baianos.

Assim, a Faculdade de Medicina sempre esteve ao lado das aspirações do nosso povo em momentos de paz, de guerra ou de protestos, razão pela qual sempre recebeu o apoio e carinho dessa população agradecida.

Em 1949, foi instalada a Universidade Federal da Bahia, inaugurado o Hospital das Clínicas. Novo e potente impulso em prol do ensino, assistência e exercício profissional,

Uma agressão que classificamos como parcial atingiu este anfiteatro Alfredo Brito, dividido ao meio por grosseira laje horizontal, desfigurando um dos mais belos setores deste sofrido edifício. O mobiliário em jacarandá preto desapareceu, assim como o imponente retrato de Alfredo Brito, pintado a óleo, em corpo inteiro, excepcional obra de arte, por suas características técnicas e pictóricas, deixou de existir à entrada deste anfiteatro, assim como o "famoso gradil de ferro trabalhado, importado da Alemanha", hoje substituído por divisória de vidro.

O que agora vemos, após esta reconstrução, é uma caricatura do que existia!

Com a reforma do ensino em 1969/70, teria sido planejado o esvaziamento deste imóvel, e, em 1971 começaram a deixá-lo as disciplinas básicas, de tal sorte que, em 1974 estava completa a sua desocupação, mantida apenas a Medicina Legal e a Biblioteca, no anexo à Rua Portas do Carmo ou Alfredo Brito. Nenhum plano conhecido para ocupação desta Casa foi executado.

Em 1970, abrigou a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Para muitos, esse fato teria concorrido para piorar a situação, devido á ação de cerca de dois mil alunos. No meu entender, concorreu para a conservação ou, na pior das hipóteses, para menor deterioração. O diretor da Faculdade de Filosofia, em comunicação ao Prof. José Silveira, escreveu: "o estado de algumas dependências apresenta aspecto morboso e sórdido, oferecendo uma visão deprimente e desoladora... A sua deterioração é quase completa. Transformado em autêntico pardieiro, onde vendedores ambulantes, guardadores de carros, engraxates, fotógrafos de lambe-lambe e outros biscateiros se albergam em vários cômodos." Mais adiante: "...esta Diretoria não sabe informar o destino a que foi dado e mesmo o paradeiro

de muitos móveis, peças, retratos, livros, objetos e utensílios ao que se diz terem existido em dependências desta casa." Comentários absolutamente desnecessários. A Faculdade de Filosofia aqui permaneceu até 1974 e, em 1979, saiu o Instituto Médico legal para suas novas instalações, edificadas pelo Governo do Estado. Mais para a frente, a situação se agravou de forma assustadora. Portas da Biblioteca teriam sido arrombadas, janelas quebradas deixando entrar vento e chuva livremente.

Na parte da frente, ainda conservada, foi instalado o Museu Afro-Brasileiro, que resiste, em parte nobre deste prédio, desde 1976 e, em 1982 veio o Museu de Arqueologia e Etnologia.

O prédio, Templo Arquitetônico da Medicina Brasileira, estava sendo fatiado e distribuído, sem pudor!

O Governo Federal quis transformar e edificação histórica que pertence à faculdade de Medicina e à Bahia culta, "por direito de origem, posse, conquista cultural e uso continuado", no dizer de Almeida Gouveia, em sede de convênio a ser assinado com países africanos.

A Academia de Medicina da Bahia, à frete de um movimento cívico, dos mais louváveis, com José Silveira, Jayme de Sá Menezes, Raymundo Almeida Gouveia, Aderbal Almeida, Newton Guimarães, Urcício Santiago, Thales de Azevedo, José Augusto Berbert de Castro, Rodolfo Teixeira e muitos outros impediram a concretização desse projeto.

Outras instituições universitárias ou não aqui se instalaram, tais como o Centro de Estudos Baianos, o Núcleo do Sertão, o Projeto CRIA, Escolas de Dança e Teatro, até mesmo o Olodum, além dos museus já referidos. O prédio estava ao léu!

Mesmo assim, instituições médicas, marcando presença, mantiveram-se naquele que é o Símbolo Arquitetônico do Ensino Médico no Brasil, procurando demonstrar o "direito de propriedade" e o interesse da classe médica em defender o seu patrimônio histórico. Aqui realizaram-se e realizam-se sessões regulares da Academia de Medicina da Bahia, Instituto Baiano de História da Medicina, Sociedade de Médicos Escritores e Associação dos Antigos Alunos.

Em 1982, foi criado o Memorial da Medicina da Bahia, ampliado para Memorial da Medicina Brasileira por Lei Federal, em 1995, graças ao prof. José Maria Magalhães Netto e Deputado Federal Eraldo Tinoco.

Em 1993, fiz exposição de motivos ao Reitor Luiz Felipe Perret Serpa, solicitando que à Faculdade de Medicina fosse devolvida a administração do prédio do Terreiro de Jesus, que estava sob o controle da Pró-Reitoria de Extensão. Encaminhado esse pedido ao Conselho Universitário, foi aprovado, por unanimidade, em 7 de março de 1994, com a recomendação para saída das entidades não médicas.

Algumas, espontaneamente, em demonstração de entendimento e respeito aos sentimentos da classe médica e intelectual do Estado e outras atendendo a solicitação do Diretor da Faculdade, Thomaz Cruz e evidenciando sensibilidade à tradição e à história, transferiram-se para outros locais, exceto os Museus Afro-Brasileiro e de Arqueologia e Etnologia. Quanto a este, devido a suas implicações com a Medicina e também pelo local que ocupa, não nos afronta.

Obras de restauração (?), iniciadas em 1997, arrastam-se até hoje. A UFBA contou, no reitorado anterior, com

cerca de vinte e dois milhões de reais para conservação de seus imóveis, porém nenhum real foi disponibilizado para esta casa!

Quando Diretor da Faculdade de Medicina, o Prof. José Antônio de Almeida Souza apoiou vigoroso movimento por mim iniciado, com a participação decidida do Conselho Regional de Medicina, da Associação Baiana de Medicina, Sindicato dos Médicos, além daquelas entidades que aqui se reuniam e mantinham suas sedes (e continuam a mantê-las), visando à reconquista da área fronteira, ocupada pelo Museu Afro-Brasileiro, já desativado “para reformas” havia dois anos. O Reitor de então foi contrário ao nosso movimento, mantendo o referido Museu, embora com o compromisso público de transferi-lo dentro de um ano... Já se passaram três... E nada aconteceu...

As obras de reconstrução, por falta de verbas devido à saída dos baianos presidentes da Petrobrás e Eletrobrás, estão paradas há algum tempo. Não há perspectiva de reversão, por agora, desta vexatória situação.

O Salão Nobre está em franca e progressiva deterioração.

A nossa biblioteca, com milhões de documentos, sim, milhões de documentos e milhares de livros, não mais existe, e parte desse acervo foi perdida, outra está em diferentes locais e só uma pequena porção está aqui, salva da catástrofe!

Também a Cúria desejou duas salas limítrofes com o corredor que dá acesso ao Museu da Catedral e a área onde existe uma escada de segurança ligando o Salão Nobre ao saguão, em 1996. Pronta e viril ação do diretor José Antônio, por mim secundado como Presidente da Comissão das Obras

de Recuperação da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, a partir de 1946, foi revertida a demolição já iniciada.

Como se vê, este local por Deus escolhido, cercado de igrejas para protegê-lo, e há mais de dois séculos palco de atividades médicas e de ensino, às quais foram ajuntadas, há 195 anos, o ensino da Medicina, tem resistido, galhardamente, diria mesmo, heroicamente, às grandes agressões e tentativas de desvirtuamento das suas verdadeiras finalidades. E há de resistir a esta atual longa e cruel provação! Memoriais aos Ministros da Educação e da Cultura, encaminhados pelo Instituto Baiano de História da Medicina, com apoio da Sociedade Brasileira de História da Medicina e da Academia Nacional de Medicina, expondo a lamentável situação do Salão Nobre e do prédio, não obtiveram resposta.

O Brasil vive momento de denúncias e combate à corrupção, malversação e furto do dinheiro público. Quando vigoroso movimento ocorrerá para condenação das autoridades que tratarem com desleixo o patrimônio cultural do país?

Muito obrigado!

Em 13 /11 /03

Exmo. Sr.

Senador Antônio Carlos Magalhães

Confrade Presidente da AMB Thomaz R.P. Cruz

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Senhores Acadêmicos

Geraldo Milton da Silveira

Impossível haver uma diferenciação entre Antônio Carlos Magalhães como político e Antônio Carlos Magalhães como administrador. Há uma imbricação, uma inter-relação quase indissociável entre essas duas facetas preponderantes do homem público, que colocou esta Capital e este Estado, entre os mais progressistas da Federação. Há um traço firme e forte na personalidade do homem público Antônio Carlos Magalhães, que o difere dos demais políticos brasileiros. Refiro-me à sua capacidade de escolher com acerto, pessoas altamente capazes para administrar os negócios do Estado. Com o crescimento do seu prestígio, foi e é impossível não delegar funções importantes. Criou uma verdadeira escola político-administrativa, cujo apanágio é a honestidade, a capacidade e a eficiência. O resultado é o indiscutível sucesso obtido pela corrente que lidera. Em consequência, tem muitos inimigos, invejosos e insatisfeitos, devido à rígida condução dos negócios públicos exigida. Muitas dessas pessoas, nas quais encontrou qualidades condizentes com o que julgava necessário para o exercício do cargo que lhe fora reservado, depois de obtido o sucesso esperado, contra ele se voltaram. Entretanto, para esses, o destino reservou, invariavelmente, o ostracismo político.

Perdoem-me a especulação, porém, qual a mola mestra que lhe imprime forças e energia suficientes, a fim de vencer

tantos óbices, tantos dissabores, tantos problemas de toda ordem? Como conseguiu superar traições, ingratidões, perdas afetivas importantes, de amigos, correligionários e de familiares muito queridos? Como logrou enfrentar e vencer situações graves de saúde e desalentos? Realizar tantos e tão diversificados progressos?

Que motivos transformaram este ser humano em inexpugnável barreira a todas as vicissitudes da vida? Vaidade? Necessidade pessoal de realizar? De progredir? De escrever seu nome com letras indeléveis na história desta Capital, deste Estado e desta Nação? Sim, é possível que todos esses sentimentos tenham influenciado na sua vida produtiva. No entanto, estou certo de que uma força, um sentimento sobrenatural, um outro fenômeno ocorre.

Lembro-me de Antônio Carlos Magalhães aqui, nesta Faculdade de Medicina, neste prédio do Terreiro de Jesus, acadêmico que desfrutava, já àquela época, de incomum prestígio, não só com os colegas e funcionários, mas, sobretudo, com os professores, com o Diretor, e, posteriormente, com o Reitor desta Universidade. Nas disputas eleitorais no Grêmio Acadêmico, perguntava-se: quem é o candidato? Qual é a chapa que está sendo apoiada pelo Antônio Carlos? Não precisava pedir votos, tal a sua credibilidade. E ainda hoje assim é, para a maioria dos baianos!

Recordo-me também que, na qualidade de redator de debates da Assembléia Legislativa da Bahia, discordou e enfrentou um deputado estadual prestigioso, professor da Faculdade de Odontologia e advogado temido. Tinha, apenas, 25 anos de idade.

Com vinte e sete anos, foi eleito deputado estadual, e, logo após, assumiu a liderança de um partido político que abrigava a proeminência intelectual do Estado.

Em 1958, elegeu-se deputado federal e, nessa condição, permaneceu até 1967, quando assumiu a Prefeitura de Salvador. Na ocasião, fez uma declaração que considere, assim como a maior parte das pessoas, impossível de ser concretizada. Disse aos soteropolitanos que, dentro de seis meses, entregaria a Avenida Vale de Nazaré concluída. Eu conhecia muito bem as condições financeiras da nossa Prefeitura, porquanto médico do quadro desde 1952, além de meu saudoso e queridíssimo pai haver exercido diversas chefias de serviços na qualidade de engenheiro. Foi Diretor do Patrimônio, de Obras Públicas e Jardins e Prefeito de Salvador. Portanto, julgava-me inteirado das possibilidades e limitações da nossa Municipalidade. Tarefa difícil, porém, com menos de seis meses, fez todas as desapropriações necessárias e concluiu a obra! Esta teria sido a primeira vez que o Governo Federal ajudou a nossa Prefeitura. Uma façanha administrativa que não pode ser esquecida. Se foi a primeira, não foi a única. Ao contrário, abriu uma interminável seqüência de realizações nunca pensadas, que fizeram história. O Bico de Ferro, área aprazível onde hoje existe o Jardim dos Namorados, teve o seu nome, ao que se diz, devido a um botequim que fazia bebida alcoólica tão forte, que requeria essa qualidade – bico-de-ferro – para ser ingerida. Pois bem, esse local foi ocupado por expressivo número de pessoas influentes, tais como advogados, médicos, militares engalanados do exército e marinha. Era chamada invasão do colarinho branco. Também existia outra, em Ondina, na praia, em palafitas sobre o mar, paupérrima, portanto. Ao se passar na Av. Presidente Vargas, à altura dessa invasão, sentia-se nauseabundo odor. Comentava-se que o Prefeito Antônio Carlos – que comunicara sua decisão de eliminá-las – acabaria com esta, porém nada faria com o Bico de Ferro. Foi justamente o oposto. Começou com o Bico de Ferro, a despeito de todas as ameaças de reação. Ele, secundado pelo Procurador Geral da Prefeitura, Dr. Clériston Andrade, viram as máquinas derrubarem todas aquelas casas, algumas luxuosas. Ninguém duvidaria mais

de qualquer decisão anunciada. As “palafitas de Ondina” foram desfeitas, e o local saneado, sem maior reação, porquanto não deixou os pobres sem a necessária ajuda.

Salvador era referida como cidade de ruas estreitas, curtas, com pavimentação deficiente e incômoda. A mais extensa, a Av. Sete de Setembro, calçada a paralelepípedos, com trilhos de bonde, era a mais importante. A cidade crescia e tinha dificuldades de expansão. O trânsito era difícil, lento e, aparentemente, sem perspectivas de melhora. Antônio Carlos abriu avenidas, mudou o eixo da cidade, a sua feição. Modernizou-a.

A sua administração foi tão profícua, que a Câmara de Vereadores de Salvador lhe concedeu o título de “Prefeito do Século”. A sua permanência à frente da administração municipal, durante três anos, atingiu tal importância, que se tornou conhecido no País, valendo-lhe a escolha para Governador do Estado, pela Assembléia Legislativa, ao acatar indicação do Presidente Castelo Branco.

Todos nós temos nossas limitações. Grandes políticos, como, por exemplo, Jânio Quadros, foi excelente Prefeito, bom Governador, mas não resistiu ao ser Presidente da República.

Antônio Carlos, excelente Prefeito, não diminuiu; ao contrário, aumentou sua excelência como Governador e, na sua ascensão político-administrativa, há ampliado, sempre, o valor do seu desempenho.

Senhor Senador, permita-me rememorar um episódio insignificante, frente à grandiosidade da sua vida como administrador e político, porém que demonstra a minha gratidão. Quando V. Exa. estava indicado para Governador, em 1970, fui ao seu gabinete à rua Carlos Gomes, cujas

duas salas estavam cheias de políticos, candidatos a cargos eletivos. Logo ao adentrar, fui visto e chamado. Disse-lhe da possibilidade de trazer para Salvador o Congresso de Proctologia, e que este seria o primeiro a ser realizado no norte-nordeste e centro oeste. Necessitava de auxílio financeiro para concretizá-lo. Tive a promessa. No ano seguinte, V. Exa. já Governador, atendeu-me sem demora, no Palácio Rio Branco. Disse-lhe de quanto precisava e recebi a quantia solicitada, o que me permitiu trazer convidados estrangeiros e realizar um grande Congresso. O senador Antônio Carlos Magalhães sempre foi assim. Caso justo e possível, assumia o compromisso e o cumpria. Não usava e não usa meias palavras, permitindo que o seu interlocutor se posicione sem dúvida e sem procrastinação para a resolução de seus problemas.

Após esta digressão, voltemos a Antônio Carlos administrador, porquanto, como político, seria impossível apenas assinalar os seus grandes feitos e uma resenha já foi publicada em livro.

Construiu uma rede de estradas de rodagem, vicinais e troncos, asfaltou outras, dando alento ao escoamento da produção agro-pecuária de muitas regiões. Assim, criava empregos, mantinha o homem no campo, proporcionava melhora das condições de vida. Levou eletricidade e água a regiões carentes e estimulou a produção agrícola, como se vê no alto e no médio São Francisco, onde hoje é produzido o vinho baiano de excelente qualidade. Criou a Cesta do Povo, com atendimento a cerca de dois milhões de baianos. Construiu o Centro Administrativo, obra monumental, desafogando o tráfego na área antiga da cidade. Essa construção estimulou outros governantes, e alguns centros foram edificadas, porém, nenhum com a grandiosidade do nosso. Ao construir o Centro Administrativo, não se descurou de proporcionar uma visão agradável, além do aspecto arquitetônico. Fez inserir arte pictórica em todos

os prédios, e esculturas em vários pontos estratégicos, de sorte a mudar a concepção de amontoado de prédios, de espigões em concreto, como se referem outros, e transformá-lo em lenitivo visual e espiritual. No interior das edificações, obras de arte podiam ser apreciadas, ontem mais que hoje.

Fez o Centro Administrativo nos moldes mais avançados de construção modular, permitindo, pois, ampliações sem nenhuma interferência no seu funcionamento, com manutenção das características originais.

Na reconstrução do Teatro Castro Alves, conta um de seus biógrafos, mandou buscar todas as poltronas que estavam sob processo de escolha. Sentou-se por algum tempo em todos os tipos que lhe foram apresentados, para escolher o mais confortável para o espectador. É assim o nosso Senador. Da amplidão ao detalhe, nada lhe escapa à percepção.

Da arquitetura moderna do Teatro Castro Alves e do Centro Administrativo, para o colonial do Pelourinho, considerado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, nada lhe fugiu à ação. Restaurou quinhentos casarões, praças e monumentos desse conjunto considerado como o maior das Américas.

Construiu avenidas como a Luiz Viana Filho, mais conhecida como Paralela, dando opção de acesso ao Aeroporto e à Zona Norte, que só dispunham da Otavio Mangabeira. Uma visão extraordinária das necessidades do momento e futuras.

Volto a perguntar: qual a mola mestra que lhe imprime forças e energia suficientes para vencer tantos óbices, tantos dissabores, tantos problemas de toda ordem – traições, ingratidões, perdas afetivas importantes, situações graves

de saúde, desalentos? Que motivos transformaram este ser humano em inexpugnável barreira a todas as vicissitudes?

A todos os cargos que tem ocupado, emprestou dignidade e projeção. Assim foi na Eletrobrás, quando iniciou a interligação dos sistemas elétricos de regiões próximas, entre si, e que deveriam ser estendidas a todo País, de tal sorte, que uma pudesse suprir, de imediato, a necessidade da outra. Providência importantíssima que se continuada, muitos malefícios determinados pelos "apagões", teriam sido evitados.

Lembro-me da noite de 4 de Setembro de 1984, justamente aniversário de V. Exa., data escolhida para a reinauguração do nosso Aeroporto – cuja ampliação e melhora havia conseguido –, que, ao invés de se constituir em homenagem a quem lutou para modernizá-lo, serviu para amigos de ontem pensarem em ofendê-lo e, assim, quebrarem a sua hegemonia política no Nordeste. Ledo engano! Vir à Bahia para desafiá-lo publicamente já era demais, e ainda no dia do seu aniversário? Não sabiam o que os esperava. A pronta, imediata e veemente reação de V. Exa. foi arrasadora! Todos nós, amigos mais chegados à época, esperávamos que as Forças Armadas, desafiadas através do Ministro da Aeronáutica, cercado que estava das mais altas autoridades da Nação, iriam prendê-lo. Salvador foi para a praça onde morava o nosso ilustre desafiado, que se transformou em desafiante. As ruas ficaram intransitáveis, a vibração popular era contagiante e consagradora. A sua posição de líder maior do Nordeste se ampliou, abrindo espaço e fortalecendo a candidatura Tancredo Neves, ao mesmo tempo em que enfraqueceu, de maneira contundente, a periclitante posição do Governo Federal.

Como Ministro das Comunicações do Governo Sarney, abriu grande leque de opções, com a concessão de emissoras de rádio e televisão, atendendo ao dogma de

Voltaire, de que a heterogeneidade é a principal causa do progresso. A cultura, os principais acontecimentos do País, as opiniões diferentes sobre um mesmo fato, passaram a ser conhecidos por maior número de cidadãos.

Como Senador, logo no primeiro mandato, foi eleito e reeleito Presidente do Senado e, como consequência, do Congresso Nacional. Ao fim do mandato, foi homenageado por 29 parlamentares dos mais influentes na política nacional e líderes partidários na Câmara e no Senado. Verdadeira consagração! Esse momento foi considerado pelo nosso homenageado de hoje como um dos mais importantes dos seus cinquenta anos de vida pública. Graças à colaboração dos nossos amigos comuns, Kleber Pacheco e Cristine Tanaka, posso ler alguns desses pronunciamentos, os mais curtos, para não prolongar esta fala, porquanto julgo que momentos tão significantes merecem, pelo menos, divulgação, tão importantes que são para a vida e história deste homem, orgulho dos que amam a Bahia. O Senador Artur Virgílio o definiu como "um grande lutador". O Deputado Federal Morani Torgan, como "um exemplo de luta contra a corrupção e a safadeza". Paulo Otávio, como "o grande reformador da nossa política". O Deputado Federal Bispo Rodrigues pede a Deus que ele "continue sendo, para nós, esse exemplo de homem que luta pelos ideais do povo brasileiro." O Deputado Inocêncio Oliveira diz que "a história do País haverá de fazer justiça ao homem que tem pautado sua vida em defesa dos mais sagrados interesses do povo, que se confunde com os interesses do seu Estado e com os da Nação". Haroldo Lima disse que "não curtimos e não cultuamos nenhum tipo de ressentimento em relação a fatos que passaram". O Deputado Federal Gabeira disse "...mais uma decisão de V. Exa., num País que é muito carente de grandes decisões." O Senador Eduardo Suplicy acha que "ACM agiu no sentido do fortalecimento do senado Federal." O Senador Mauro Miranda ressalta que "ACM conseguiu fazer com que este País voltasse à Democracia. O País não

tem como esquecer isso.” E Maguito Vilela afirma que “V. Exa. é uma unanimidade.”

Todos esses pronunciamentos revelam o prestígio suprapartidário do nosso político maior. Tão definido é o nosso Senador Antônio Carlos, que, na hesitação do então Presidente da República em assinar prorrogação da Medida Provisória que facultava facilidades na captação de empreendimentos pelos estados, mais especificamente de montadoras de veículos automotrizes, ao assumir transitoriamente a Presidência da República, não hesitou em assiná-la, permitindo, assim, que a Ford se instalasse na Bahia, fantástico salto no processo de industrialização deste sofrido e discriminado Estado. Sim, discriminado. Agora mesmo, assistimos estupefatos ao bloqueio das verbas destinadas à conclusão do Metrô de Salvador, enquanto o Brasil financia semelhante obra na Venezuela. Inacreditável! Crise forjada na construção do nosso aeroporto, porquanto não poderia ser maior e melhor do que outro também no Nordeste, atrasou sua conclusão. É de estarrecer! Entretanto, o nosso Governador, administrador de escol, e também arrojado nas suas decisões, garantiu-nos a conclusão dessa indispensável realização. Graças a essa equipe, hoje a Bahia possui a maior petroquímica da América do Sul, um pólo calçadista dos melhores do País, que se amplia e se firma a cada dia. A Probahia criou o Programa de Promoção do Desenvolvimento da Bahia, para novos investimentos, e fez grande sucesso. A produção vitoriosa da Ford, o pólo de celulose e papel no Sul do Estado, o maior do Brasil, quiçá da América do Sul, o Programa de Ocupação do Oeste, o Complexo Metalúrgico do Cobre, a produção de pedras semipreciosas, a construção da barragem de Pedra do Cavalo. O nosso Estado, hoje, é um dos maiores produtores de micro-computadores e de equipamentos eletro-eletrônicos, além de ser o segundo centro turístico, com possibilidades de atingirmos o primeiro lugar. A nossa fábrica de pneus, usa a mais moderna e sofisticada tecnologia, exporta, até, para o

exigente mercado norte-americano. A Bahia é o 2º Estado maior produtor de petróleo. Possuímos muitas outras posições de vanguarda, como o pólo frutífero do Oeste e a produção de mármore e granito. Enfim, é tanta coisa, que seria fastidioso, mais do que já está, enumerá-las. Tudo graças a essa equipe maravilhosa, liderada pelo nosso homenageado.

Quando propus o nome de Antônio Carlos Magalhães para ser o primeiro membro benemérito, nos trinta e seis anos de vida desta Academia de Medicina da Bahia, houve aprovação unânime dos confrades. Ao comunicar-lhe a nossa resolução, argüiu-me: "O que fiz pela Academia, para merecer tal honraria?". Respondi-lhe: a nossa é uma Academia da Bahia e, nesta qualidade, há de agradecer, em ampla visão, "lato sensu", ao agora nosso confrade Antônio Carlos o que fez pelo nosso Estado! Ao crescer, desenvolver-se e enriquecer, ser o quarto mais populoso da União, Salvador a terceira em número de habitantes e a nossa economia a quinta do País – todo esse progresso beneficiou a todos nós e por ele agradecemos.

E volto a perguntar: qual a mola mestra, qual a extraordinária força e a excepcional energia que impulsionaram Antônio Carlos Magalhães, fazendo-o vencer tantos óbices, tantos dissabores, tantos problemas, tantas desilusões de toda ordem? Traições, ingratidões, perdas afetivas importantes, não só de familiares como também de amigos e correligionários, em críticos momentos políticos, e vencer galhardamente graves situações de saúde? Que motivos transformaram este ser humano em inexpugnável barreira a todas essas desilusões e vicissitudes? Vaidade? Necessidade pessoal de realizar, de produzir, de escrever o seu nome com letras indeléveis na história desta Capital, deste Estado e desta Nação?

Sim – minhas senhoras, meus senhores, senhores

acadêmicos – é possível que todos esses fatores tenham alguma influência ou sejam a conseqüência, como convicto estou, de que uma força sobrenatural, miraculosa, seja o sentimento superior, a causa principal, e que tem como origem:

O seu grande amor à Bahia e ao seu povo!!!

Muito obrigado.

Geraldo Milton da Silveira

Em 17.11.2003

**Excelentíssimo Senhor Presidente e demais membros
da Academia de Medicina da Bahia.
Excelentíssimos Professores, Alunos e Funcionários da
Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.
Excelentíssimas Autoridades presentes.
Excelentíssimo Senhor Doutor Eng^o Norberto
Odebrecht, Presidente do Conselho de Administração
da Odebrecht S. A.**

Marcos Antônio do Prado Valladares

Minhas senhoras e meus senhores.

Coube-me, na qualidade de neto mais velho e assistente de Clarival do Prado Valladares, representar a família e agradecer esta sensibilizante homenagem.

O gesto dos senhores acadêmicos reveste-se de ainda maior significação porque chegando treze anos após o falecimento de meu avô, é o testemunho eloqüente de que sua memória permanece viva o suficiente para proporcionar-lhe esta auspiciosa consagração.

Aprendi a tomar gosto pela Bahia, terra natal de meu avô, quando trabalhei no projeto NORDESTE HISTÓRICO E MONUMENTAL volume quatro – todo ele dedicado à Bahia.

O volume quatro foi concluído pelo núcleo familiar, que meu avô chamava de “A Tenda do Sapateiro”, ou “A Tenda que faz o Livro”, definida por ele como “uma pequena oficina de carapinas da Idade Média”.

A Tenda do Sapateiro Clarival teve início por volta de 1939, quando ele conheceu minha avó Erica, e juntos passaram a estudar os milagres descritos nos ex-votos do

Senhor do Bonfim, do ponto de vista da Medicina. Esses estudos resultaram no livro "Riscadores de Milagres" que serviu de inspiração para a "Tenda dos Milagres" de Jorge Amado.

Ao longo de mais de 44 anos, meu avô conseguiu envolver sua família – minha Avó, minha mãe, meu tio, Antonio, e, depois, a mim – para trabalhar em sua "Tenda".

Para o volume quatro do projeto Nordeste Histórico e Monumental, "A Tenda do Sapateiro" contou com a grande contribuição do historiador baiano – Professor Cid Teixeira. Sob sua orientação percorremos grande parte do território baiano, fotografando e documentando Monumentos Históricos e Naturais, inclusive documentamos este prédio – desde o frontão da porta principal, até o salão nobre – esta sala onde hoje nos encontramos – passando pela Galeria da Congregação para fotografar os óleos sobre tela, retratando professores ilustres da antiga Faculdade de Medicina. Entre elas, a de meu bisavô – Antonio do Prado Valladares (1882 – 1938), pioneiro dos estudos de Fisiologia e Radiologia na Bahia.

Podem os Senhores imaginar e emoção que me toca nesta solenidade.

A Bahia, berço da nacionalidade, da cultura e da arte brasileira, ostenta, em sua excelsa Academia de Medicina, as mais elevadas tradições de nossa Pátria e esta iniciativa é a mais alta e mais tocante recompensa recebida por meu avô, por sua obra no campo da Medicina e da Arte; no campo da Arte como desdobramento e continuação da Medicina à qual deu, o melhor de seu enorme talento, brilho e dedicação.

Médico ativo, meu avô fez concurso para o Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro em 1949, onde seus trabalhos logo se sobressaíram nos boletins do Centro

de Estudos desse hospital. Voltou à Bahia, em 1951, para tornar-se assistente de Francisco Lichtenberg, então chefe do serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas. Doutorou-se em Medicina, defendendo tese em 1952.

De 1953 a 1955, fez o curso de pós-graduação em Anatomia Patológica, na Universidade de Harvard, e de Citologia, no M.I.T., em Boston. De volta ao Brasil, tornou-se docente, defendendo tese de Anatomia Patológica da Universidade Federal da Bahia. Em 1962, volta ao Rio de Janeiro e no Hospital dos Servidores do Estado, onde permaneceu até 1967, data em que foi obrigado a se aposentar, acometido de séria doença cardíaca.

Sua produção médico-científica é muito expressiva: deixou duas teses, uma monografia e cerca de trinta artigos originais em revistas especializadas.

É de sua personalidade médica que Clarival recolheu a seiva de crítico e historiador da arte.

Analisando a obra de meu avô, em sua tese de mestrado para a Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, minha mãe, Kátia do Prado Valladares, teve oportunidade de tecer considerações, que resumo a seguir: "Em Harvard Clarival começou a sentir uma profunda atração pela metodologia científica. A importância de colocar a inteligência na linha de uma disciplina, ir modelando-a, assinalando dentro dessa disciplina de observação tudo o que achava de válido ou valioso, obtendo resultados equilibrados e diferenciados. A isto ele costumava chamar de Filosofia da Patologia".

"No curso desse trabalho de Patologia, Clarival começou a ver que as fotografias eram muito importantes. Não só da macroscopia, mas sobretudo da parte microscópica. Descobriu que a fotografia para especificar a célula na citologia, era um trabalho de certa percepção, de

um conhecimento mais dirigido. Como se fosse um tipo de pesquisa em cima da própria matéria”.

Clarival fez uma grande camaradagem com o fotógrafo e professor Gatewell – um biologista aplicado em Medicina, com alta habilidade para fotografar toda a problemática da citologia. Gatewell fazia as fotografias para grandes professores de neuro-biologia e citologia. Clarival passou a ter afeição muito grande ao trabalho de fotografia aplicado à Medicina. E foi este professor, que vendo suas dificuldades, lhe disse um dia: ‘Val, no dia em que você conseguir fotografar em foco, todas as células que estão flutuando no meio líquido, você estará pronto para fazer toda e qualquer fotografia, no que você inventar e no que for o seu destino’. ‘Tudo o que você tem que ter atenção pelo objeto que você estima. E aqui você tem que estimar todas as células. (...) A fotografia é isso: é uma informação que sai de uma percepção, e uma estima da coisa que se faz’.

“Clarival começou a fazer trabalhos em fotografia para sua tese, sobre um assunto muito curioso: as determinações intestinais da doença de Manson e Pirajá da Silva, a esquistossomose mansônica. Com este método de trabalho e com o auxílio da fotografia, descobriu porque os doentes esquistossomóticos tinham diarreia, febres, e vários sintomas no período da desova e foi um dos primeiros a escrever sobre o assunto. Durante muitos anos sua preocupação de fotografia era com a Medicina. Só muito tempo depois é que começou a sentir uma certa atração pelas fotografias de documentação do objeto artístico, olhando a obra que outro havia feito’. Como ele costumava dizer”.

“Portanto, sua filosofia e seu método de trabalho, no detalhamento das obras de arte vem da Anatomia Patológica.

E nosso convívio com Clarival nos permite afirmar que ele jamais fez uma separação entre Ciência (no caso da Medicina) e Arte, corpo e alma de um povo”.

De minha parte, fui iniciado na fotografia por meu avô, acompanhado-o em suas pesquisas e registro de monumentos, sítios, túmulos, templos, palácios, documentação de sua fabulosa obra, exposta em milhares de páginas.

Esse convívio permitiu-me fixar, indelevelmente, sua trajetória de humanismo, saber, amor e solidariedade.

Tempo virá em que importantes tesouros de nossa arte apenas poderão ser apreciados, nos livros que meu avô produziu, frutos também de sua biblioteca e do precioso acervo fotográfico iconológico, que selecionou e que, infelizmente, correm risco de perecer.

Como escreveu Franklin de Oliveira, na revista "Senhor" (janeiro de 1985): "Clarival do Prado Valladares é um dos testemunhos de nossa aversão à justiça cultural. O grande crítico e historiador da arte brasileira morreu sem que visse reconhecido o seu gesto pioneiro de observador dos caminhos que podem levar à fundação de uma disciplina, sem a ajuda da qual jamais poderemos proceder à justa avaliação do nosso acervo cultural e artístico. Essa disciplina é a iconologia. (...) A iconologia é a disciplina que procura descobrir o significado dos valores simbólicos que perpassam a criação pictórica. Seu objetivo não é a descrição, mas a interpretação da obra de arte visual. Neste sentido, ela é uma disciplina humanística".

A adesão da Organização Odebrecht à iniciativa da Academia de Medicina da Bahia também muito nos sensibiliza, pois a publicação de boa parte dos livros de meu avô está vinculada ao apoio material constante que lhe foi proporcionado, gesto afetivo e fraterno. Em diferentes obras e reiteradas vezes, meu avô destacou esse apoio da Odebrecht e seu significado: INCENTIVO À DIFUSÃO DA CULTURA E DA ARTE BRASILEIRAS.

Esta homenagem, que a Academia e a Faculdade de Medicina da Bahia estão promovendo a Clarival Prado Valladares, tem significado de um brado de alerta a todos os responsáveis pela conservação da memória nacional. Exprime, ainda, a imperiosa necessidade de difusão de tantas aulas da cultura, fundamental à permanência do Brasil entre as nações que aspiram a um lugar no Primeiro Mundo, aulas contidas nos livros que escreveu.

Nossa Família sente-se profundamente confortada, agradecida e orgulhosa desse gesto benemérito da Academia e da Faculdade de Medicina da Bahia, na iniciativa do eminente Acadêmico Professor Doutor Alberto Serravalle, acolhida entusiasticamente por seus pares.

Gostaria de tomar emprestadas as palavras do Professor Cid Teixeira, no preâmbulo do livro Nordeste Histórico e Monumental dedicado à Bahia,:

“Clarival do Prado Valladares é o autor deste livro.

Quando faleceu o crítico e historiador de arte, o seu roteiro já estava, por ele, definido. Médico, na realização humanística da sua vida (fiel à melhor tradição da Escola do ‘Terreiro de Jesus’, onde Antonio do Prado Valladares, seu pai, foi dos pontífices), nunca esqueceu a Medicina, sabendo, a lúcido e estóico saber, a breve sobrevida que teria. E preparou tudo para o final da sua obra. Que seria esta. Que seria o retorno: a volta à Cidade do Salvador do seu nascimento, ao Recôncavo das suas origens. À Bahia, donde tudo parte, como ele partiu. E para onde tudo volta, como, agora, ele volta com o seu livro”.

E agora volta para receber esta homenagem.

Senhores acadêmicos, professores e quantos que contribuíram para este belo acontecimento, muito obrigado! Muito obrigado, também, aos que compareceram a esta histórica solenidade e assim enriqueceram seu significado.

A MEDICINA PODE VENCER A MORTE?

Alberto Serravalle

Na busca de resposta ao eminente Professor Miguel Srougi sobre o tema acima, e que foi objeto de uma sua brilhante conferência no Simpósio de Atualização em Químico e Radioterapia, ocorrido em Salvador há poucos dias, falamos como representante da Academia de Medicina da Bahia. Nesta ocasião, dissemos: sabemos do entusiasmo que nessa o empolga quando o assunto diz respeito a progressos médicos, especialmente os dos últimos anos, e como eles sensibilizam o douto colega, tornando seu dia-a-dia, uma fonte de benesses em favor da saúde. Dos ensinamentos de Miguel Srougi resulta que octogenários casadouros e centenários saudáveis, por vezes têm dificuldade de conseguir, mesmo sob a proteção do sildenafil. No seu cotidiano é praticada a cura do câncer e é ele um crente de que é possível postergar a aterosclerose, mostra quão perto estamos da cura do câncer e como é possível livrar nossas artérias da esclerose!

Como progressos médicos ressaltamos o tratamento dos cânceres pelos raios laser de feixes especiais, que destroem as células cancerosas da pele e também lesões localizadas no estômago, esôfago, bexiga, laringe e faringe. Nesse procedimento, as células doentes são marcadas pela porfirina, um pigmento dos glóbulos vermelhos que se concentra nas células malignas, iluminando-as quando em contato com o feixe de laser, tornando-as inertes, restando delas um cascão absorvível pelo organismo. Trata-se de um novo inimigo dos cânceres, garantindo à pessoa, um maior tempo entre os seus entes queridos.

Na sua argúcia de profissional experiente Miguel Srougi vai com juvenil entusiasmo ao encontro dos acertos médicos, antevendo o fim das doenças.

Ele sabe que o uso das estatinas e de medidas preventivas, impedem o aparecimento da aterosclerose, promessa de uma vida saudável, o que induziu Collins a dizer: "Se colocarmos 10 milhões de pessoas com risco de sofrer ataque cardíaco, sob tratamento com estatinas poderíamos salvar 50 mil vidas por ano". Com os conceitos atuais sobre a aterosclerose, enfatizando os males das gorduras no sangue (colesterol e triglicérides), e da homocisteína, sabe-se melhor sobre as infecções endoarteriais, que levam aos infartos, bem como sobre o controle da pressão arterial e do peso, e sobre os efeitos benéficos da abolição do fumo e da prática de exercícios físicos diários, sem descurar de uma mente sã.

Outro avanço médico diz dos 135 milhões de diabéticos no mundo que serão beneficiados com a nova técnica desenvolvida pela Universidade Federal de Minas Gerais: são microsferas contendo insulina que inaladas sob a forma de aerosol garantem liberação gradual da substância no organismo, evitando as aplicações diárias da injeção.

Miguel Srougi, jovem cientista brasileiro, responsável pela sobrevida de milhares de conterrâneos, curando-os do câncer urológico, indaga, nada císmarento, sobre se um dia "a medicina pode vencer a morte, já que muitas vezes proviemos de imperfeições da natureza, e vivemos em ambiente altamente hostil, inundado de agentes químicos, ondas eletromagnéticas, vírus e outros microrganismos nocivos".

O Prof. Srougi antevê, com reservas, que um dia curar-se-ão todas as doenças, graças aos avanços médicos.

Humildemente evoca Bernaral Shaw que viveu perto de 100 anos, quando diz: "gaste tudo que você tem e use a vida até não puder mais. É para isso que ela serve. E não tente viver para sempre, pois você não terá sucesso".

Caro Miguel Srougi: conheço seu único pecado e de logo peço indulgência para este meu julgamento; é que o ilustre Mestre da Urologia apesar dos sadios propósitos e do técnico exemplar que é, contribui, e muito, para o povoamento do mundo por velhotes sadios, que já são, quase um bilhão no planeta Terra. Assim, pois, sua atuação resulta em pecado; todavia, é apenas venial, pelo que podemos dizer, em coro: bendito pecado!

DISCURSO DE POSSE COMO MEMBRO EMÉRITO NA ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA EM 29/09/2003.

Alberto Serravalle

Houveram por bem os membros deste Sodalício de Ciência e Humanismo em responderem positivamente à indicação do Professor Geraldo Milton da Silveira quanto ao preenchimento da vacância de Membro Emérito desta douta Academia. O Prof. Geraldo Milton, meu estimado amigo de geração, de sabedoria alegre é Professor concursado da UFBA, eleito pelos seus pares Emérito, destacado Cirurgião, homem de Letras com trajetória brilhante nesta Casa, duas vezes seu Presidente, abnegado trabalhador com vistas à boa saúde dos enfermos e festejado homem de Ciência, ele sabe joeirar; rebuscou e encontrou no confrade Antônio Jesuíno dos Santos Neto, que me outorgou a honra de representá-lo nesta efeméride, o Professor valoroso, Profissional competente, Cirurgião destacado com currículo digno de encômios, Cidadão respeitado, agraciado com a medalha de Alto Mérito pelo Conselho Regional de Medicina, Esposo dedicado e Pai amantíssimo, o nome certo para uma das vagas então existente. Tal acontecimento ocorreu ainda na gestatória da Presidente Maria Theresa de Medeiros Pacheco.

Porém, Professor Geraldo Milton e meus estimados Confrades, na hora de propugnar o preenchimento da segunda vaga de Emérito desta Academia houve um conluio bondoso, pelo que tornou quem lhes fala um outro Membro Emérito, o qual em conjunto com Jesuíno Neto somos empossados pelo presidente Thomaz Rodrigues Porto da Cruz nosso novel e digno Presidente.

Em meditação procurei o porquê dessa segunda homenagem; demorei em achá-lo, mas terminei encontrando a razão de tamanha honraria: é que sou dos Acadêmicos na ativa, o mais velho. Sou avô de vocês, o que agora, em segredo, revelo.

Senhoras e Senhores

A medicina de hoje difere consideravelmente daquela de 60 anos antes; e isto é fato cediço; senão vejamos: houve há cerca de 30 dias, em São Paulo, em Congresso promovido pelo Hospital do Câncer e pelo Instituto Ludwig, o qual tinha como fronto a frase "Quão perto estamos da Cura do Câncer" ! Um dos trabalhos badalados foi o que trata da importância dos desvios genéticos no surgimento de cânceres, e de medicamentos capazes de atingirem apenas as células cancerosas, além de uma vacina para prevenir o câncer de colo uterino, atualmente em fase de teste final. Foi discutida a complexidade da causa da doença como a "interação entre o estilo de vida (fumo, etc), o ambiente e uma série de genes separados não é motivo para desânimo na busca de alvos terapêuticos". Também ficou evidenciada a droga antiangiogênica a qual bloqueia o surgimento de vasos sanguíneos sem os quais o tumor exangue não logra desenvolver-se.

Quanto a incidência de câncer do seio em mulheres jovens está em curso uma estatística que ressalta o mal do fumo na sua origem. É que, acusam as estatísticas, à época da formação dos seios das meninas, o ato de fumar, ou mesmo se ela é uma fumante passiva, tem-se alta a possibilidade da formação da doença entre os 20 e 40 anos. Conhecer e prevenir é o dueto precioso para o andar da carruagem!

Sobre as doenças cardíacas, há anos, a ciência médica e, entre nós o confrade de saudosa memória Renato Lobo, reclamam a necessidade de dosagem da homocisteína na prevenção da aterosclerose; é que atualmente conhecemos como dosá-la e como evitar a elevação desse aminoácido mercê do ácido fólico e da vitamina B12, encontrados em abundância no vinho tinto, no queijo, no alho, no espinafre, além do brócolis, repolho, banana, ovos, peixe e levedos.

Muito em breve a pluripotência das células tronco de embriões irá facilmente se diferenciar em tecido, inclusive em células germinativas, tornando-se uma totipotência terapêutica, revolucionando o tratamento das doenças. Pena é que esse tratamento ficará por muito tempo restrito aos abastados e seu uso na população carente só se fará ao longo de decênios.

Os tomógrafos de última geração mostram o corpo humano em pleno funcionamento graças à rapidez dos procedimentos, da nitidez das imagens, permitindo detectar lesões com até 2 milímetros; eles substituem a colonoscopia – um exame desconfortante – e o cateterismo cardíaco, além de retratarem toda a árvore circulatória e os recônditos meandros do nosso corpo.

A dosagem da proteína C reativa de alta sensibilidade nos diz se o infarto do miocárdio está associado à infecção por bactérias, proporcionando tratamento com maior possibilidade de êxito.

Com a manipulação do código genético Eleonora Kurtenbach e colaboradores da Universidade Federal do Rio de Janeiro trazem luz sobre o funcionamento de doenças cardíacas auto-imunes que ainda evoluem “com muitas lacunas de conhecimentos”. Nesses ensaios os pesquisadores induziram camundongos a uma insuficiência cardíaca

semelhante àquela encontrada na doença de Chagas, mas sem a presença do parasito; isto foi conseguido apenas com a manipulação do código genético.

Há notícias que laboratórios farmacêuticos estão na África em busca de uma espécie de leão, que copula até cinqüenta vezes num dia, sempre com fêmeas diferentes; não fosse a ferocidade desses animais, o que dificulta sua manipulação, por certo, já havia sido isolado o hormônio responsável pelo notório feito, a fim de ser testado em humanos.

Após 3 bilhões de anos de vida na Terra – ovo intracelular à maturidade do homem – muitos ensaios têm rolado para satisfazer a curiosidade e a grandiosidade dos estudiosos na solução do enigma: vida!

Nos últimos 50 anos, a ciência decifrou os genes, perfilou o código genético que desvenda as doenças e os enigmas da vida: por que nasceu o homem mau? O bem? O amor? O que é a vida? O porquê ela é fugaz? Por que jazemos inertes um dia, sem ruídos e muito menos sem cantar como dizem dos cisnes quando morrem? Mas a palavra é: Venceremos, e a curto prazo; a Ciência postergará as dores, dilatará o tempo da nossa existência na terra e sob um sono tranqüilo, volvemos ao solo, adubando-o para que continuemos a servir. E a vida permanecerá nos nossos descendentes que encontrarão nos escanios do viver a felicidade da paz espiritual, com bem querer no coração, tornando-nos dignos do determinismo da Criação. Com a derrota da doença, aposentaremos a medicina? Não, pois ela será eterna enquanto durar a estadia do ser humano na Terra, e será companheira da humanidade como o amor o é, deslumbrado com a natureza, a qual é galvanizada de encantamentos, em meio a trabalho nobilitante que sublima e engalana nossas vidas e nos proveu de alta sensibilidade e de nos torna de um humanismo acendrado.

Sob o ângulo da nossa objetiva julgamos ter encontrado o porquê da mobilização de quantas ilustres personalidades ocorreram a essa festividade, pelo que resta dizer-lhes em nome de Antônio Jesuíno Neto e do meu próprio: somos agradecidos, estimados confrades, e nos sentimos regozijados. Muito obrigado. Continuaremos obreiros da nossa Academia, encantados com a medicina, extasiados com a mãe natura e com a festejada criação da vida.

PROGRESSOS MÉDICOS

Alberto Serravalle

A medicina de hoje difere consideravelmente daquela de 60 anos passados, e isto é sabido; como “algo a mais” assinalamos: houve, há cerca de dois meses, em São Paulo, um Congresso promovido pelo Hospital do Câncer e pelo Instituto Ludwig, que tinha como fronto a frase “Quão perto estamos da cura do Câncer”! Um dos trabalhos elogiados foi o que trata da importância dos desvios genéticos no surgimento de cânceres, e de medicamentos capazes de atingirem apenas as células cancerosas, além de uma vacina para prevenir o câncer do colo uterino, atualmente em fase final de teste. Foi discutida, entre outros temas, a complexidade da causa da doença como a “interação entre o estilo de vida (fumo, etc), o ambiente e uma série de genes separados, o que não é motivo para desânimo na busca de alvos terapêuticos”. Também ficou evidenciada a droga antigênica a qual bloqueia o surgimento de vasos sangüíneos sem os quais o tumor exangue não logra desenvolver-se.

Quanto a incidência de câncer do seio em mulheres jovens está em curso uma estatística que ressalta o mal do fumo na sua origem. É que, acusam as estatísticas, à época da formação dos seios das meninas, o ato de fumar, ou mesmo se ela é uma fumante passiva, provoca alta possibilidade da formação da doença entre os 20 e 40 anos. Conhecer e prevenir é dueto precioso para o andar da carruagem!

No particular às doenças cardíacas, há anos, a ciência

médica e, entre nós, o confrade de saudosa memória Renato Lobo exclama da necessidade de dosagem da homocisteína na prevenção da aterosclerose; é que atualmente conhecemos como dosá-la e como evitar a elevação desse aminoácido mercê do ácido fólico e da vitamina B12, encontrados em abundância no vinho tinto, queijo, alho, espinafre, além do brócolis, repolho, banana, ovos, peixe e levedos.

Muito em breve a pluripotência das células tronco de embriões irá facilmente se diferenciar em tecido, inclusive em células germinativas. Como fonte de *células tronco* assinala-se o sangue do cordão umbilical dos recém-nascidos, o qual deverá ser guardado em baixas temperaturas (- 50°C) a fim de, eventualmente servir de tratamento; esse manancial, que com a nova tecnologia, será transformada em pó constitui um legado precioso para a cura de muitas doenças, a exemplo das do sistema nervoso (lesões nervosas traumáticas, Alzheimer etc).

Os tomógrafos de última geração mostram o corpo humano em pleno funcionamento graças a rapidez dos procedimentos, da nitidez das imagens, permitindo detectar lesões com até dois milímetros; eles substituem a colonoscopia - um exame desconfortante - e o cateterismo cardíaco, além de retratarem toda a árvore circulatória nos recônditos meandros do nosso corpo.

A dosagem da proteína C reativa de alta sensibilidade nos diz se o infarto do miocárdio está associado à infecção por bactérias, proporcionando tratamento com maior possibilidade de êxito.

Com a manipulação do código genético Eleonora Kurtenbach e colaboradores da Universidade Federal do Rio de Janeiro trazem luz sobre o funcionamento de doenças cardíacas auto-imunes que ainda evoluem "com muitas lacunas de conhecimentos". Nesse ensaios os pesquisadores induziram camundongos a uma insuficiência cardíaca

semelhante àquela encontrada na doença de Chagas, mas sem a presença do parasito; isto foi conseguido apenas com a manipulação do código genético.

Presentemente há estudiosos sediados na África que pesquisam, em uma espécie de leão, a substância responsável pela disposição sexual desses felinos, pois eles conseguem a façanha de copular até 50 fêmeas diferentes em apenas um dia.

Após 3 bilhões de anos de vida na terra – do ovo intracelular à maturidade do homem – muitos ensaios têm rolado para satisfazer a curiosidade e a grandiosidade dos estudiosos na solução do enigma: vida!

Nos últimos 50 anos, a ciência decifrou os genes, perfilou o código genético que desvenda as doenças e os enigmas da vida: por que nasceu o homem mau? O bem-querer? O amor? O que é a vida ? O porquê ela é fugaz? Mas a palavra é: venceremos, e a curto prazo; a ciência postergará facilmente as dores, dilatará o prazo da nossa existência na terra e, sob um sono tranqüilo, volveremos ao solo, adubando-o para que continuemos a servir. E... a vida permanecerá nos nossos descendentes que encontrarão nos escaninhos de viver a felicidade da paz espiritual, tornando-nos dignos do determinismo da Criação. Vencida a doença, aposentaremos a medicina? Não, pois ela será eterna enquanto durar a estadia do ser humano na terra, e será companheira da humanidade como o amor o é, tornando-nos deslumbrados com a natureza, a qual é recheada de encantamentos, em meio a trabalho nobilitante que sublima e engalana nossas vidas, e nos enche de alta sensibilidade e de um humanismo acendrado.

Publicado em A Tarde 29/12/03

JOSÉ SILVEIRA, UM DOS MAIORES NOMES DA MEDICINA BAIANA

José Augusto Berbert de Castro

A Bahia e a Medicina comemoram o centenário de nascimento daquele que foi um dos maiores médicos baianos, o grande combatente que enfrentou a tuberculose, que idealizou e tornou realidade, com os maiores sacrifícios, o IBIT, que por si só o imortalizaria, mas foi também responsável por inúmeros outros triunfos, não só na sua área médica, como na área social e de amor a sua terra.

Tive a honra de ser seu amigo, dos mais íntimos, na sua última década de vida. Fui designado pelo diretor da Faculdade de Medicina da UFBA, Professor José Antonio de Almeida Souza, para fazer entrevistas filmadas, com duração de duas horas, para um futuro museu, onde os professores eméritos contariam suas vidas. Comecei com ele, já então, como escrevia em crônicas no jornal *À Tarde*, o maior baiano vivo, desde a morte do governador Otávio Mangabeira em 1960. Com ele havia feito dois cursos com duração de alguns meses, o primeiro de Especialização em Tisiologia, o segundo de Aperfeiçoamento em Tisiologia, ambos no IBIT, diplomas que guardo com o maior orgulho, embora nunca tivesse me utilizado deles.

José Silveira recebeu-me com a elegância que o caracterizava e, com isso, nossa amizade se aprofundou. Passei a ir ao seu apartamento duas vezes por semana, com Lícia, minha esposa, passávamos tardes ouvindo suas reminiscências e nos deliciando com suas histórias.

Silveira tinha consciência do seu valor, sabia o que

valia e procurava aprimorar-se cada vez mais. Já tinha o reconhecimento nacional e internacional por seu trabalho no IBIT, orgulhava-se disso. Queixava-se de que o maior defeito dos baianos, sobretudo dos médicos, não era querer ser o melhor de todos. Se quisessem ser, era louvável, estudassem, dedicassem a profissão, pesquisasassem e disputassem a primazia. Não era o que acontecia, não queriam ser os melhores, queriam ser os únicos. Ficavam danados se surgisse um colega que se destacasse e procuravam, de todas as formas, destruí-lo.

E, fora da medicina, onde era a maior figura, dedicava-se com grande amor a Santo Amaro, sua cidade natal, e a Salvador, onde passou a maior parte de sua existência.

Nestas palavras, que tanto me envidasse ser publicadas nos Anais da Academia de Medicina da Bahia, graças à gentileza do eminente Professor Emérito Geraldo Milton da Silveira, que tanto honra a cirurgia nacional, tendo sido presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, vou apenas citar algumas realizações de José Silveira, a maioria conhecida, outras esquecidas e que quase ninguém se lembra mais ter sido iniciativa sua. José Silveira se declarava um Dom Quixote, investindo, lança em riste, contra adversários de seus ideais. Uma vez escrevi que ele era realmente um Dom Quixote, mas que sempre vencia suas batalhas, não lutava contra moinhos de ventos, lutava contra gigantes e os derrotava.

José Silveira nasceu em Santo Amaro, em 3 de novembro de 1904, filho do ilustre engenheiro João Silveira, de quem herdou o gosto pelas belas letras. O destino o privou, na infância, do pai e da mãe, sendo criado pela avó materna, a bondosa e dedicada D. Sinhá, por ele adorada, e pelo tio Padre Loureiro. Fez o curso primário e ginásial em sua terra, aluno brilhante, transferiu-se para Salvador e matriculou-se, em 1922, aos 18 anos, na Faculdade de

Medicina da Bahia, recebendo diploma em 1927, a gloriosa Turma de 27 que praticamente só teve luminares. Dela fazem partes, entre outros, os famosos Hossanah de Oliveira, Carlos Moraes, Alicia Peltier de Queiroz, Antonio Simões, Luis Rogério e Manoel Jerônimo Ferreira. Silveira recebeu o Prêmio Alfredo Brito. O Professor Prado Valadares o convidou para ser seu assistente desde o curso médico e foi quem o orientou para ser seu assistente desde o curso médico e foi quem o orientou para ser tisiologista, mostrando que a tuberculose era a doença que mais matava na Bahia, em Salvador com índice de 450 óbitos por 100.000 habitantes.

Bendito o conselho de Prado Valadares. Silveira logo se transformou no líder da tisiologia na Bahia. Em 1934 compareceu ao III Congresso Pan-Americano de Tuberculose, em Montevideú, e lá conheceu o cientista alemão Ludolf Brauer que, impressionado com o jovem médico brasileiro, o convidou para fazer conferencias na Alemanha. O convite era dos mais honrosos, porem Silveira não tinha recursos para a viagem de ida e volta, a hospedagem era por conta dos alemães. Acabou indo num cargueiro, o sucesso foi tanto que voltou de zepelim, creio que o único passageiro baiano que usou aquele meio de transporte.

Voltou decidido a criar um centro de investigação da doença e logo instalou o Instituto da Tuberculose, IBIT, que dispensa maiores comentários, é uma honra para a Bahia e para o Brasil em todos os sentidos. Seus Arquivos, revista científica que publicou durante muitos e muitos anos, era respeitada internacionalmente, com trabalhos de pesquisas e divulgação dos mais categorizados. Por ele passaram os maiores cientistas internacionais que aqui vinham realizar pesquisas. Só sobre o IBIT poderia encher mais de vinte páginas.

Porem poucos se lembram de suas outras realizações, que hoje passam despercebidas. Foi ele que criou o Núcleo

de 27, onde, por mais de 60 anos, reuniu seus colegas de turma em um almoço mensal. Foi o Criador da Associação Baiana de Medicina, hoje uma potencia. Antes os médicos baianos se reuniam em sociedades das especialidades, Silveira lutou e congregou todos os médicos em uma única associação, dando a presidência ao Professor Eduardo Moraes. Só numa eleição posterior passou a ser o presidente.

Criou o Clube Baiano de Xadrez, que realizava campeonatos e que existe até hoje.

Foi quem criou a Sociedade dos Amigos da Cidade, sendo seu primeiro presidente, quando a entidade teve o maior prestígio. Atualmente está esquecida, embora com sede própria no Pelourinho.

Foi um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artística da Bahia (a inesquecível SCAR), ao lado da grande Alexandrina Ramalho, sendo primeiro secretário.

Foi um dos idealizadores e vice-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia.

Criou a Campanha Contra o Fumo, lançando em entrevista de repercussão nacional, muito combatida pela indústria de cigarros. No seu IBIT, em todas as salas, desde a inauguração, tem avisos categóricos: "Aqui não se fuma". Hoje a campanha tem muitos pais.

Ao lado de Jaime Sá Menezes, lançou o movimento pela criação da Academia Baiana de Medicina, hoje uma potencia que cobre de prestígio seus ocupantes.

Talvez sua grande campanha, nos últimos anos de sua vida, foi a luta pela recuperação da antiga Faculdade de Medicina, no terreiro de Jesus, ao lado de Jaime Sá Menezes,

Geraldo Milton da Silveira e poucos outros. Deu dezenas de entrevistas em jornais, escreveu artigos, levantou a opinião pública, depois reuniu no livro *No Caminho da Redenção*, que repercutiu nacionalmente. Tenho muito orgulho de ter três de minhas reportagens assinadas, publicadas em *À Tarde*, transcritas integralmente.

No Rotary Club da Bahia, quando nele só entrava quem tivesse realmente merecimento e projeção, foi uma de suas maiores figuras. Criou a Medalha de Ouro para o médico que mais se destacasse, anualmente, em trabalhos científicos. Hoje a medalha chama-se Premio José Silveira.

Seu concurso para a cátedra de Tisiologia, na Faculdade de Medicina da UFBA, foi uma consagração, recebeu notas máximas em todas as provas. Com seu prestígio junto ao então ministro Simões Filho, da Educação e Saúde, conseguiu a construção do Hospital da Clínica Tisiológica, com 200 leitos, anexo ao Hospital Professor Edgar Santos, um modelo na especialidade.

Quando tinha tudo organizado para a erradicação da tuberculose na Bahia, aconteceu o que ele sempre afirmava: "No Brasil, quando uma campanha de erradicação de uma doença aproxima-se da vitória, erradica-se a campanha e não a doença". Foi o que aconteceu. Julgaram que a tuberculose estava vencida, os novos medicamentos tinham acabado com ela. E destruíram o que havia sido conquistado. Extinguiram até a cadeira de Tisiologia, desativaram o Hospital da Clínica Tisiológica, abandonaram até as abreugrafias.

Foi quando José Silveira deu sua famosa entrevista alertando o Brasil. A tuberculose não estava vencida, voltaria algum dia de modo mais grave, porque o bacilo de Koch estaria resistente aos antibióticos específicos e aos novos

medicamentos. Foi o que aconteceu, a doença, associada a AIDS, voltou de forma mais grave, resistente aos produtos que poderiam a ter eliminado.

Em sua Santo Amaro, José Silveira desdobrou-se. Doou o belo sobrado onde nasceu, hoje na Rua José Silveira, para que nele fosse instalado o NICSA (Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro), a melhor Casa de Cultura da Bahia. Doou sua biblioteca de obras literárias, todos seus objetos pessoais e de sua esposa, D. Ivone, seus quadros valiosos e tudo que lhe pertencia. Hoje o NICSA é um patrimônio não só de Santo Amaro como de toda a Bahia. Nele funciona a Biblioteca Padre Loureiro, aberta ao público, construiu, em casa anexa que comprou depois, a Escola de Teatro Adroaldo Ribeiro Costa, onde se ensina música, dança, teatro, pintura e artes plásticas.

Criou o Premio Sérgio Cardoso, em honra ao grande jornalista baiano, natural de Santo Amaro, que combateu a escravidão e dirigiu o Jornal de José Patrocínio, numa redação em que tomavam parte Olavo Bilac, Emilio de Meneses, Paula Ney, Coelho Neto e tantos outros. O premio foi criado como desagravo de não terem dado o nome de Sérgio Cardoso ao município criado com o desmembramento do distrito de Berimbau, onde ele nascera. Alegaram que Sergio Cardoso era também um ator de novela e que poderiam pensar que era ele o não o jornalista. Silveira criou o premio destinado ao jornalista que mais se destacasse no ano em defesa da Bahia, tive a honra de ser o primeiro laureado, recebendo Troféu Sérgio Cardoso, uma escultura de Beo Borba.

Como literato, Silveira destacou-se como memorialista, escreveu mais de 14 livros imortais, contando sua vida, suas recordações, suas impressões, o que aconteceu durante sua longa e tão saudosa existência. E foi a maior figura da Academia de Letras da Bahia.

Resta lembrar que, em sua vida, José Silveira recebeu grande número de condecorações, prêmios e títulos honoríficos, a Ordem de Infante D. Henrique, de Portugal, Federação Italiana de Combate à Tuberculose, Instituto Pasteur, de Paris, Medalha Castro Alves, Premio ASTA, Medalha do Mérito do Governo da Bahia, Ordem do Mérito Nacional, entre muitos outros.

Hoje José Silveira repousa ao lado de sua querida esposa, D. Ivone, sem merecer, ainda, da Bahia, as homenagens que merece.

**DISCURSO PROFERIDO PELO PROF. SERGIO ALMEIDA
DE OLIVEIRA POR OCASIÃO DA OUTORGA DO TITULO DE
MEMBRO HONORARIO DA
ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA
(Salvador, 29 de setembro de 2003)**

Minhas Senhoras
Meus Senhores
Ilustres Acadêmicos

Quero inicialmente dizer o quanto me sinto honrado com esta homenagem que recebi dos senhores acadêmicos, através da indicação do Prof. Agnaldo David de Souza, colega que tanto admiro e com quem, tenho compartilhado uma longa jornada no exercício de cardiologia clínica e cirúrgica. Aos caros confrades e confreriras os meus agradecimentos, por esta distinção que me concederam.

A Academia de Medicina da Bahia inaugurada em 1958, não é a mais antiga da Bahia mas está intimamente ligada a Faculdade de Medicina da Bahia, também que é a célula máter do ensino médico no Brasil.

Em 1808 D. João fundou a Escola de Cirurgia da Bahia, logo depois que a família real e governo de Portugal se transferiram para o Brasil, mais precisamente para esta cidade de Salvador que se tornara a primeira capital do Reino de Portugal, Brasil e Algarve. Aqui, no Terreiro de Jesus funcionou a Escola de Cirurgia, depois denominado Colégio Médico-Cirúrgico e que alguns anos mais tarde passou a se chamar Faculdade de Medicina da Bahia.

Há poucos anos, convidado para dar uma palestra nesta Academia, fui saudado pelo querido amigo e Acadêmico Prof. Ruy Machado da Silva, que naquela ocasião

que o médico para o pleno exercício da medicina necessitava ter ampla cultura geral.

E lembra o Prof Inacio Chaves, fundador do Instituto de Cardiologia do México, que afirmava: “não existe pior espécie de mutilação espiritual num médico que a ausência de cultura humanística”.

Acredito que as Academias de Medicina têm hoje um grande papel a desempenhar que é o de zelar pela cultura médica em seu mais amplo significado.

A Academia de Medicina de São Paulo nasceu em 1885 quando o Dr. Luiz Pereira Barreto reuniu a elite médica paulista para agremia-los afim de fortalecer a classe. Ela foi por muitos anos o único fórum para a discussão das questões médicas, culturais e filosóficas tendo contribuído muito para a formação em 1913 da Faculdade de Medicina, hoje Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

No Rio de Janeiro, com a transferência da corte, foi criada a Academia Imperial de Medicina que se transformaria mais tarde na Academia Nacional de Medicina.

No século XX assistimos a criação das Associações Médicas Estaduais, das Associações de Especialidades e da Associação Médica Brasileira em 1953. Paralelamente foram sendo criados Conselhos Médicos, Federais e Estaduais além dos Sindicatos. Deste modo os problemas científicos, trabalhistas, legais e de deontologia médicos passaram a ter seus foros especializados deixando para as Academias a tarefa precipua de zelar pela cultura médica

Todos sabemos da importância histórica deste local, onde hoje estamos reunidos.

Sabemos igualmente da luta que a Academia de Medicina da Bahia, como instituição, e seus membros individualmente, têm empenhado para a restauração e recondução desta edificação para que ela volte a ser o marco histórico da medicina brasileira.

No livro "Faz Escuro Mas Eu Canto" do poeta Thiago de Mello tem um poema "Os Estatutos do homem" escrito para contrapor-se a sensação de desesperança que acompanha o homem nestes tempos difíceis.

No início do século XXI, quarenta anos depois a 1ª edição o poeta diz: "reafirmo com maior vigor: creio ardentemente na utopia e, porventura, meus versos não são mais que a expressão poética de minha convicção de que, apesar de todas as ferocidades que se cometem no reino do homem, é possível sim, a construção de uma sociedade humana solidária".

Eu creio firmemente que o trabalho deste sodalicio está consoante com as palavras do poeta.

A Academia de Medicina da Bahia elegendo-me seu membro honorário deixou-me muito honrado e eu estou profundamente agradecido.

Muito obrigado.

**DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÊMICO PROF.
AGNALDO DAVID DE SOUZA, EM NOME DA
ACADEMIA DE MEDICINA DA BAHIA, POR OCASIÃO
DA CONCESSÃO DO TÍTULO DE "*MEMBRO
HONORÁRIO*" AO PROFESSOR
SERGIO ALMEIDA DE OLIVEIRA.**

Salvador, 29 de setembro de 2003

A vida se nos apresenta com vários caminhos e vamos, aqui e ali, sendo por ela surpreendidos. Prazeres e dissabores acontecem e deles guardamos lembranças que nos alegam ou nos constroem. Dentre as melhores, uma me é muito cara.

Conheci Sergio Almeida de Oliveira quando ia acompanhar pacientes da minha clínica particular para realizar cirurgias cardíacas no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo.

Na época, O Prof. Zerbini vivia uma de suas fases mais produtivas, quer no âmbito pessoal, quer no profissional, como o grande pontífice da cirurgia cardíaca no Brasil. O ilustre professor, patrimônio da cardiologia internacional, tinha como seu primeiro assistente Sérgio Almeida de Oliveira.

Era Sérgio quem coordenava o teatro cirúrgico, comandando as cirurgias desde o seu início para que o Prof. Zerbini executasse, com maestria singular, a tarefa de colocação de enxertos venosos, de implantação de artérias mamárias internas ou de pontos de consolidação das próteses valvares.

Então, pude observá-lo, ainda que um pouco à distância. Era o exímio colaborador, no desempenho de funções importantíssimas, trocando com o Prof. Zerbini observações como limitações ou ampliações relativas a maior ou menor necessidade de revascularização de determinada área. Entendo que as suas respeitadas ponderações eram muitas vezes atendidas pelo insigne mestre por serem sempre embasadas em estudos experimentais e clínicos aos quais Sergio se dedicava com afinco.

O tempo fez com que nossos contatos se tornassem freqüentes, pois em inúmeras oportunidades buscamos sua perícia e sabedoria para resolver problemas para os quais a clínica não me oferecia instrumentos. Mais de uma vez acompanhei colegas nossos - alguns presentes neste auditório - para receber do Prof. Dr. Sérgio Almeida de Oliveira a judiciosa orientação e, não raras vezes, a necessária intervenção cirúrgica, bem indicada e bem executada.

Tivemos, também, muitas ocasiões de ouvi-lo ministrar aulas e conferências, frutos do profundo conhecimento adquirido pela dedicação e amor à medicina.

Como os senhores podem perceber, de há muito acompanhamos sua trajetória, mas um breve passeio por seu extenso e rico currículo só confirma o respeito e o mais alto conceito de que este eminente cirurgião goza, nos meios nacionais e internacionais.

Sérgio Almeida de Oliveira graduou-se em 1960 pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, onde realizou Residência em Cirurgia Geral, no Hospital das Clínicas. Em seguida, foi para o Serviço de Cirurgia Torácica e Cardiovascular do Prof. Zerbini, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, concluindo este estágio em 1965.

Foi bolsista da CAPES, visitando, de janeiro a junho de 1969, diversas instituições nos Estados Unidos, como a Baylor University - College of Medicine St Luke's, no Texas e o Hospital Metodista de Houston. É neste período de sua vida que recebe a importante influência acadêmica, profissional e pessoal das amizades do Dr. Denton A. Cooley e o Dr. Michael E. DeBakey e, em Cleveland, do Dr. Donald Effler e do Dr. Rene Favaloro.

O cirurgião cardiovascular e o pesquisador já estão prontos para em 1972 apresentarem sua tese de doutoramento na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo intitulada "*Os resultados do tratamento cirúrgico da insuficiência coronária crônica e aguda pelas anastomoses aorto-coronárias com pontes de veia safena, em 90 pacientes*". Três anos depois, em 1975, defende, também na USP, a tese de Livre-docência "*Valor prognóstico de algumas variáveis hemodinâmicas e cineangiográficas na oclusão das anastomoses aorto-coronárias com veia safena autóloga*".

Daí para frente, como os números mostrarão de forma eloquente, o médico, o pesquisador e o mestre já haviam selado para o resto da vida uma parceria indissolúvel e, por isto, nos absteremos de tecer maiores comentários sobre o que e o quanto nosso homenageado transmitiu e produziu de conhecimentos na área da cardiologia, tanto no Brasil como no exterior: 354 palestras e conferências, 247 artigos, 39 capítulos de livros, 695 trabalhos em congressos e 28 prêmios.

Sua participação em inúmeras sociedades médicas, desde as primeiras, em 1967, como a Associação Médica Brasileira, a Associação Paulista de Medicina, a Sociedade Brasileira de Cardiologia até as mais recentes como a International Society for Minimally Invasive Cardiac Surgery

ou a American Association for Thoracic Surgery, em 2001, também nos dão indicativos seguros sobre suas conquistas e seus ideais e sobre o reconhecimento público, nacional e internacional, de seus méritos.

No âmbito desta Academia, os conselheiros pertencentes às duas tradicionais escolas médicas da Bahia, a Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, da Universidade Federal da Bahia, e a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. da Fundação para Desenvolvimento das Ciências partilham e querem dividir publicamente esta admiração ao médico, ao pesquisador e ao homem Sérgio Almeida de Oliveira, recebendo-o como nosso Membro Honorário.

Para justificar esta homenagem que tanto honra a Academia de Medicina da Bahia seria fácil discorrer horas e horas sobre a importância científica de seus trabalhos e de seus ensinamentos. Seria fácil falar do contínuo exercício, feito por V. Sa., de pensar e repensar sobre sua prática médica, fato que seu currículo mostra à exaustão. Não o faremos.

Mas ousaremos falar, pelo menos um pouco, sobre a alegria que o senhor deu a tantas pessoas, a tantas famílias que depositaram, literalmente, seus corações em suas mãos.

Muitos aqui presentes lhe devem este sentimento. Muitos aqui presentes querem lhe agradecer e homenagear. Não só ao técnico, ao cientista, ao médico cirurgião mas, especialmente, ao homem Sérgio Almeida de Oliveira. Ao Sérgio, amante da música clássica, que lhe dá equilíbrio para enfrentar os momentos inevitáveis de tensão da profissão. Ao Sérgio, pai de Marco Antônio, médico residente que vai caminhando com suas próprias pernas para a cirurgia cardíaca. Ao Sérgio, pai de Adriana, formada em

administração de empresas e em modas, com pós-graduação na Universidade de Londres. Ao Sérgio, pai de Daniela, formada em Propaganda e Marketing. Enfim, ao Sérgio que deu a seus filhos liberdade de escolha e que lhes abriu os horizontes. Ao Sérgio marido e companheiro de Maria de Fátima Praça de Oliveira, psicóloga da área de psicologia hospitalar, trabalhando há 20 anos na equipe de Cirurgia Cardíaca da Beneficência Portuguesa, e que, certamente, lhe ajudou a ver em cada coração, em cada vaso, em cada veia, uma pessoa inteira, com um nome e uma história para contar. Que lhe ajudou a ser este cirurgião especial que todos nos admiramos.

A Bahia, meu querido colega e professor, agora nosso querido confrade Sérgio Almeida de Oliveira, o homenageia por meio da sua novel Academia de Medicina da Bahia.

Seja bem vindo!

**Excelentíssimo Senhor Professor Orlando Sales,
Digníssimo Diretor em exercício da Faculdade de
Medicina da Universidade Federal da Bahia.**

**Excelentíssimo Senhor Professor Penildon Silva,
Representante da Escola Bahiana de Medicina.**

Demais autoridades presentes ou representadas.

**Excelentíssima Senhora Professora Consuelo Pondé de
Sena e Excelentíssima Família.**

Minhas Senhoras:

Meus Senhores:

Quando Consuelo Pondé de Sena convidou-me para falar nesta solenidade de aposição do retrato do seu pranteado esposo, o eminente Professor Plínio Garcez de Sena, na Galeria dos retratos dos Diretores da Faculdade de Medicina falecidos, na centenária Faculdade de Medicina, ao Terreiro de Jesus, aceitei de imediato. Não era apenas um convite, antes um dever de amizade, fruto de uma convivência quase cinqüentenária com o homenageado, que se estreitou nos quinze anos que antecederam ao seu falecimento. Neste período, dada a proximidade de nossos consultórios no Centro Médico da Graça, era habitual mantermos, ao cair da noite, ora em um, ora em outro dos nossos consultórios, longas e proveitosas conversas, muitas vezes com a presença do saudoso professor Itazil Benício dos Santos, tendo, quase sempre, como pano de fundo, a Faculdade de Medicina da Bahia.

Filho do casal Carlos Ribeiro de Sena e Maria Luiza Fróes Garcez de Sena, nasceu Plínio, o segundo de uma

prole de 13 (treze) irmãos, em 18 de novembro de 1926, no Engenho Triunfo, situado, à época, no município de Santo Amaro da Purificação. De seus avoengos e pais, de rígidos e sadios princípios morais, herdou, além de um pequeno patrimônio financeiro – seus avós e bisavós foram abastados – os brasões da antiga aristocracia do recôncavo baiano, com suas tradições e festas, que era necessário preservar a todo custo.

Iniciado, como de hábito então, nas primeiras letras, pela mãe, culta e dedicada à família e concluído o curso de humanidades, sempre nos melhores colégios, ingressou, em 1947, vencido o exame vestibular, na Faculdade de Medicina da Bahia, em que se diplomou médico a 15 de dezembro de 1952. Profundamente vinculado à sua terra, seu mundo, consubstanciado no Engenho Triunfo e aos pais, esteve Plínio, por toda a existência, sob a influência mágica de suas recordações da infância. Consuelo, sua esposa amantíssima deu-me conhecimento de suas fugas freqüentes ao Engenho, onde, revendo o ambiente de seus sonhos, impregnado de lembranças dos pais, voltava revigorado para os embates da vida.

Caetano Ximenes Aragão, seu dileto colega de turma, homem de grande cultura, prefaciando, magnificamente, "Através de três décadas", livro de memórias de Plínio, sentencia: "o homem é sua infância. E esta volta em busca do tempo se faz de denso mistério e muito sortilégio. No primeiro capítulo das memórias de Plínio, nos defrontamos com o principal personagem, no caso, o Engenho Triunfo e, dentro dessa atmosfera, encontramos o menino, preso ao mundo mítico da casa colonial e á presença indelével de seus pais, habitando todos os recantos e a paisagem".

Na dedicatória do seu livro de memórias, "À Consuelo, afluenta maior do meu rio interior e para Maíra, Maria Luiza, Maurício, Eduardo e Fernanda, ternos tributários do mesmo

estuário, dedico este trabalho”, dá-nos Plínio conhecimento da existência desse seu rio interior, cujas nascentes iremos encontrar, certamente, no seu mundo de sonhos, o Engenho Triunfo.

É ainda Caetano Aragão quem identifica, nas memórias de Plínio, duas coisas que lhe chamaram a atenção: sua memória, propriamente dita, que resguarda a realidade dos fatos descritos e a gratidão demonstrada por todos que, muito ou pouco, a ele serviram.

Acresceria eu, a essas duas características da personalidade de Plínio, sua obstinada perseguição ao ideal de atingir a cátedra na Faculdade de Medicina e a fiel observância, nessa escalada, difícil e cheia de percalços, dos valores éticos e morais herdados dos pais. Quando decidiu que seria um Professor de Medicina, soube, com paciência e pertinácia, galgar, passo a passo, todos os degraus da hierarquia acadêmica, até o topo, e, mais, alcançando a Direção de sua Escola querida.

Dou aqui, meu testemunho pessoal, do acendrado amor e dedicação de Plínio Garcez de Sena à sua Faculdade, presente sempre, nos seus pensamentos e ações e revelados nas nossas conversas de fim de tarde.

Quando se intentou criar, no âmbito da Universidade Federal da Bahia, um Centro de Difusão Cultural que pretendia colocar, sob seu domínio, o pessoal, o patrimônio e o imóvel da antiga Faculdade de Medicina, a primeira reação partiu do então Diretor da Faculdade, Plínio Garcez de Sena, que reuniu, em caráter de urgência, o Conselho Departamental da Escola, para denunciar a situação. Diante da vigorosa reação, o apoio de outras Escolas e dos médicos da Bahia, malogrou a iniciativa pretendida e deflagrou-se o movimento pela restauração da nossa Faculdade.

x x x x x

Matriculado na Faculdade de Medicina em 1947, foi o acadêmico Plínio atraído pela Neurologia em 1950, ao ter a oportunidade de presenciar o segundo concurso para cátedra, do Professor Edístio Pondé, conquistada, brilhantemente, pelo professor.

Impressionado a um só tempo, pelas qualidades pessoais do candidato e pela sua postura e elegância no desenvolver do concurso, decidiu-se pela especialidade. Tomada a decisão, tratou de se integrar às atividades da clínica, sendo bem sucedido.

Em 1954 é convidado pelo Prof. Edístio Pondé, para seu assistente. A partir dessa época passou a freqüentar, com assiduidade, congressos e atividades científicas na área pretendida. Através de concurso público de títulos e provas conquistou, em agosto de 1962, a Livre-Docência em Neurologia. Em setembro do mesmo ano era Professor Adjunto, assumindo a Chefia da Clínica. Em 1971, é profundamente golpeado com o falecimento do seu paradigma, o Prof. Edístio Pondé.

Mas, havia que reagir, a cátedra ainda não fora alcançada. Em 1974, finalmente, após brilhante concurso público para provimento do cargo de Professor Titular, alcança seu objetivo, sendo indicado, pela unanimidade da banca examinadora, Professor Titular da Cadeira de Neurologia, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

No exercício da titularidade, buscou, o novo Professor, incentivar os jovens na busca dos títulos acadêmicos, fomentando o mestrado e doutorado. Procurou aproximar a Clínica Neurológica de outros setores afins como a Neuro-

Pediatria, Neuro-Cirurgia, Eletroencefalografia, Eletromiografia, Liquarologia, Tomografia Computadorizada e de outros procedimentos utilizados na especialidade.

Na atividade docente, na elaboração de livros e trabalhos científicos e didáticos, centralizou sua ação principal. A escassez de recursos orçamentários, entretanto, não lhe permitiu, como desejava, alcançar objetivos mais amplos na condução da cadeira.

x x x x x

Faço aqui um intervalo para registrar a justificada decepção de Plínio pelas circunstâncias em que se deu sua posse como Professor Titular:

À época da cátedra, a posse dos professores era realizada em noite de gala, presentes o Diretor da Escola e a Congregação, todos com suas vestes talares, presentes os amigos e as expressões mais altas da sociedade, ansiosos por ouvir os discursos, de saudação ao novo professor e os agradecimentos e programa de ensino deste. Infelizmente, ao se empossar Plínio, já a tradição fora supressa e a assinatura de seu termo de posse deu-se em ato burocrático simples, diante de um único funcionário do Serviço de Pessoal da Universidade Federal da Bahia, no subsolo da Reitoria. Inconformado, e para celebrar condignamente a conquista tão arduamente alcançada, ofereceu, com a participação de Consuelo e filhos, uma grandiosa recepção no Engenho Triunfo, aos numerosos colegas, amigos e familiares, cujas presenças foram registradas, à chegada, em livro próprio. Com muita emoção, verifiquei, ao ser lançado o seu livro de memórias, dele constar a reprodução de todas as assinaturas dos que estiveram presentes àquela recepção, entre elas as de minha mulher e a minha, todas de amigos seus, que lhe foram render as homenagens e associar-se à alegria da família pelo êxito alcançado.

Em 06 de julho de 1977, é Plínio Garcez de Sena nomeado pelo Ministro da Educação e Cultura, Senador Ney Braga, Diretor da Faculdade de Medicina, cargo que ocupou por cerca de trinta e três meses, procurando exercê-lo com dignidade, competência e autoridade, em uma época muito difícil para o país, com agitações estudantis por toda parte e diversos outros problemas de ordem política.

Destaque-se que durante toda sua trajetória pela Neurologia, manteve o Prof. Plínio uma extremada admiração pelo Prof. Edístio Pondé, cujas virtudes não se cansava de proclamar e que tomou como paradigma sem, contudo pretender a ele se igualar.

Casou-se, em 07 de janeiro de 1956 com Consuelo Pondé, filha do seu ídolo e companheira dedicada de todas as horas e por toda a vida, com quem teve quatro filhos, Maíra, Maria Luiza, Maurício e Eduardo. Quatro netos, Fernanda, Pedro Henrique, Ana Carolina e Mariana, a caçula dividem a responsabilidade de continuar sua memória.

Faleceu precocemente, vítima de pertinaz e insidiosa enfermidade em 11 de agosto de 1989.

O Prof. Deolindo Couto, prefaciando o livro "Ensino de Neurologia na Bahia" assim se manifestou sobre Plínio Garcez de Sena:

"O Prof. Plínio Garcez de Sena, ilustre Titular de Clínica Neurológica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, insere-se na linha de Pinto de Carvalho, Alfredo de Couto Brito, Carlos Gama e Edístio Pondé, seus dignos antecessores na cátedra que ora honra".

Muita justa, pois, a homenagem que, hoje prestamos à sua memória, colocando seu retrato onde, por direito, merece estar, ao lado de vultos estelares da medicina e da neurologia baianas.

Discurso proferido pelo Professor e Acadêmico Luiz Carlos Calmon Teixeira na Solenidade realizada quando da aposição do retrato do Professor Plínio Garcez de Sena na Galeria dos Retratos dos Diretores da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, falecidos, em 02 de outubro de 2001.

UMA REFLEXÃO E DOIS TRABALHOS

Preâmbulo

- I. Repensando Jayme de Sá Menezes
- II. Projeto de Ensino: Psicopatologia - Fundamentos
(Disciplina FCH 186-3)
- III. Corpo, Tecnologia e Educação

*Edmundo Leal de Freitas**

* *Membro Titular da Academia de Medicina da Bahia
Ocupante da Cadeira 18
Graduado em Medicina e Psicologia
Doutor em Educação: Faced - UFBA.*

PREÂMBULO

Para que um grande sonho se torne realidade é preciso, primeiro, um grande sonho

HANS SEYLE

Fui convidado a colaborar na elaboração de parte da matéria para compor o número treze dos Anais da Academia de Medicina da Bahia. Todos os confrades o foram.

Pouco afeito a escrever, no principal ultimamente, fazendo-o quase sempre como uma tarefa quando a isso obrigado, ocorreu-me arriscar o envio, ao Diretor de Publicações da Academia, de dois dos trabalhos que produzi no doutorado em educação. Há alguns anos, quando se anteviam horizontes mais amenos dos que se vislumbram hoje. Assim não seja.

Acrescentei a eles o que escrevi durante a experiência emocional dolorosa, despertada em todos nós, acadêmicos de medicina, quando da perda do nosso construtor Jayme de Sá Menezes. Foi publicado no Jornal A TARDE.

Aí estão.

Sobre Sá Menezes, nada além do óbvio. Que, pelo óbvio, precisa ser cultivado. Repetido.

Sá Menezes foi e é muito óbvio. Tão óbvio que sua lacuna não consegue ser preenchida.

Percebe-se quanto ele foi e é óbvio. E, também a obviedade da lacuna que deixou.

Quanto aos trabalhos, produzidos no doutorado de educação, resultam de um velho modo de pensar. A educação está sempre relegada à Posição Segunda. A saúde à Posição Primeira. É preciso re-Sus-citar a educação. Há um tempo muito longínquo, – o Ministério que cuidava desse espaços era o da Educação e Saúde. Como estava certo, corrigiram. E surgiram dois: o da Saúde e o da Educação, que não cuidam nem disso nem daquilo. Predominaram o desejo de ser protegido, e a necessidade das crianças eternas: regaços maternantes e bastiões paternalistas.

Incrementa-se a reivindicação da saúde sem educar. Não se ensinam nem os modos nem os conteúdos do que seja obter e do que é selecionar, não se ensina o que é alimento e o que é medicamento. Na mesma ordem de idéias, o que são porções, quantidades, qualidades, intervalos, cuidados, identidade e identificações. Que o "governo" forneça a saúde sem custos, de qualquer natureza.

Não se ensina o que é Direito e o que é Dever.

Educar para que? O que se quer é saúde!

Aqui estão dois trabalhos identificados com Educação.

Que este médico, já então Titular desta Academia, foi buscar na Faculdade competente. Com educadores. Dos quais necessitamos cada vez mais, e dos quais nunca necessitamos tantos.

I. REPENSANDO JAYME DE SÁ MENEZES

A notícia da morte de Sá Menezes chegou às sete da manhã. Não veio sem aviso prévio. Não foi cataclísmica ou siderante como outras mortes. Por isso mesmo, talvez, tenha sido mais acachapante. Nos seus prenúncios ofereceu tempo para pensar. Concretizada, provoca essa sensação híbrida, meio vazia, de saudade e do sentimento universal de culpa que as grandes perdas trazem.

Já refletira antes, com cautela, sobre quais seriam os significados dessa perda.

Deixe-se de lado, se possível, o que perde a Bahia.

Fique de lado, também, a perda social. A sociedade inteira, a comunidade como se deu para chamá-la agora, em quaisquer dos seus estamentos, perdeu muito mais do que se imagina.

Deixem-se à margem as perdas da ciência. Cientistas os há sobrando, com pesquisas por obrigação regimental, ainda que isso possa tornar-se histriônico.

Pode parecer possível minimizar a perda das suas palavras, faladas e escritas, com a precisão e a elegância que Sá Menezes sabia utilizar ao usá-las.

Arquive-se a ética, até ela mesma, que perde um dos seus mais valorosos sacerdotes e apóstolos.

Deixem-se no abandono, que lhes pertence, as Academias e os Institutos, onde se agrupam pessoas que se propõem a cultuar objetos por elas designados como dignos e merecedores de culto.

Deixem-se de lado todos os currículos construídos por Jayme de Sá Menezes, não por acaso, nas suas andanças pela Política, pela Administração da Coisa Pública, ou nos passares, hoje sempre cansativos e frustrantes, no que se denominam, levianamente, Faculdades e Universidades.

Seguramente – e isso está escrito em clave de sol, provavelmente em dó maior, sem sustenidos ou bemóis – com a perda de Sá Menezes perde a Bahia, a sociedade perde, perde a ciência, perdem a palavra escrita e a palavra falada, perde a Ética, perdem as Academias, Institutos, Faculdades, Universidades, como perdem a Coisa Pública, a Administração e a Política, nos mais refinados dos seus tons.

Mas, o que mais perde é a Medicina no seu mais puro sentido humano e social. A Medicina que precisa da palavra sadia e purificadora, necessariamente revestida da Ética e do senso inato da Política, da Administração e da Coisa Pública. A Medicina como Política, a Medicina como "tudo o que se refere à cidade e conseqüentemente ao que é urbano, civil, público, e até mesmo social e sociável". Assim Norberto Bobbio definiu política.

A Medicina.

Em que hora mais grave e mais triste vamos perdendo médicos-exemplo como Jayme de Sá Menezes. Padrão de nossos indicadores e paradigmas. Essa a nossa grande perda. A perda do Homem que, exemplo vivo – não precisaria dizer nada, escrever nada, administrar nada, agir direcionadamente em relação a nada – e alí estaria com a simplicidade da sua presença tranquilizadora e normativa indicando os caminhos a seguir, iluminando longe, abrindo espaços, criando estruturas, construindo as vias e edificando as pontes necessárias para que se atingissem metas.

A já muito pobre Medicina perde mais. Uma grande perda, uma enorme perda, que passa longe da emergência. O que se perde é a pessoa inebriada pelo sentido histórico da coisa pública e pela valoração do humano. Perde-se, também, o exemplo vivo. Perde-se o médico tal como se constrói que seja na imaginação, e ele ratificou na existência. Perde-se o Ser Sá Menezes, profundamente humano, que sempre sabia dizer uma palavra de prudência e de pacificação – ainda que muitas vezes atormentado nas suas próprias dores – transmitindo paz sem queixume, guardando silêncio sobre si próprio tal como só aos que recebem a Graça é dado poder guardar. A hora remete à reflexão. Ele certamente refletiria. Tentemos construir e desconstruir a reflexão até que nos aproximemos da verdade. Tal como ele a alcançou. A verdade de que sermos médicos facilita o nosso raciocínio sobre a importância de todos os nossos irmãos. Refletir, nesse momento em que a Medicina precisa crescer como balizadora de personalidades e ações. Nesse momento em que, tal como Sá Menezes exemplificou, precisamos nos deixar levar pela certeza de que nossos sentimentos e ações são muito importantes na definição dos nossos comportamentos individuais e dos comportamentos coletivos. E que desses comportamentos, como homens e como médicos surgirão embriões da reconstrução, retificações éticas e morais das patologias sociais e cívicas que estão demolindo a nossa liberdade e os nossos modos de construir e de viver.

Possa o Mestre Jayme de Sá Menezes, no devir, continuar a ser, como o foi em vida, um exemplo adotado com afinco pelos que desejam a Medicina como uma obrigação e uma devoção, que não é nem pode ser leve mas que, antes de quaisquer requisitos técnicos, imprescindíveis, precisa ser afanosamente retilínea e, sobretudo, moral.

II. PROJETO DE ENSINO: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTOS (Disciplina FCH - 186-3)

1. INTRODUÇÃO

*A intencionalidade é a ponte
entre Sujeito e Objeto.*

ROLLO MAY

A elaboração do programa de uma disciplina é matéria pertinente à área do planejamento de ensino e deve atender às condições básicas que intermediam, necessariamente, os processos de ensino/aprendizagem. No caso específico será considerada a disciplina FCH 186-3: Psicopatologia Fundamentos, pertencente ao elenco das disciplinas complementares obrigatórias do Curso de Pedagogia (graduação plena em Orientação Educacional). Essa disciplina, no primeiro semestre de 1994, esteve sob a responsabilidade de quem produz este trabalho.

Entre as publicações disponíveis e próximas do cotidiano vivenciado na FACED/UFBA, o fenômeno educativo é considerado, geralmente, uma realidade inacabada, humana, histórica e multidimensional. Assim o define MIZUKAMI (1986,p.1).

Todas as formas de abordagem do processo acabam por privilegiar determinados aspectos, em detrimento de outros. Como exemplo, a abordagem dita "tradicional", com seus corolários, está razoavelmente ultrapassada, em que pesem as práticas educativas convalidadas pela experiência. Essa abordagem é, não obstante seus vieses, freqüentemente solicitada, quando não reclamada, pelo pró-

prio alunado (apostilas, notas, trabalhos domiciliares, produção de redações). Talvez, acionados pela energia do mínimo fazer, nossos alunos preferam, em porcentagem considerável, a aula expositiva, o ensino verbal, a apostila (!), onde a ênfase maior é dada ao conhecimento externo.

Cumpra reformular. Deve-se entender o conhecimento como um processo de construção contínua – de um estágio ao subsequente, com participação trabalho, na construção-desconstrução-reconstrução determinando o estabelecimento de "novas estruturas que não existiam anteriormente no indivíduo" (idem, ibidem, p.64) .

O conhecimento humano é essencialmente ativo.

Particularmente, no terreno da Psicopatologia, as teorias muitas vezes excedem o necessário, conflitam, atendem a concepções originárias de enfoques específicos e por vezes contraditórios, a par de transitarem a veiculação pública de conceitos, sempre indesejável, seja pela essência leviana da cultura, seja pela manipulação consciente da mídia.

Nesse contexto, caso específico da Psicopatologia e dos seus fundamentos, a serem absorvidos pelo conhecimento de orientadores educacionais, assume características muito particulares, tornando necessário discutir ampla e abertamente com o alunado alguns aspectos fundamentais como:

1. *a importância efetiva* de determinadas afecções no âmbito escolar (caso da síndrome de Down ou do autismo infantil);
2. *a conceituação efetiva* dessas e outras afecções, rigorosamente distorcidas no conhecimento popular através de divulgação científica inadequada (filmes, revistas leigas, TV, por exemplo);

3. *os reais conjuntos de inadequações* encontrados no cotidiano escolar: distúrbios do desenvolvimento, da sociabilidade, do relacionamento familiar, da estruturação socio-econômica, das falhas e dos lapsos da cultura, isso tudo e além disso, considerados os processos vigentes na sociedade;
4. *a multiplicidade imprópria* ou *o simplismo incapacitante* ofertado por inúmeras das teorias que envolvem os processos psicopatológicos.

Ao início do semestre 94.1, o responsável pela disciplina FCH 186-3: Psicopatologia-Fundamentos, elaborou o programa constante do ANEXO I*¹. Concomitantemente, matriculou-se como aluno regular e cursou a disciplina EDC 598 - Teoria e Processo de Ensino, no Doutorado em Educação, FAGED-UFBA.

À medida que evoluíam os cursos das disciplinas – da primeira onde exercia, basicamente, a tarefa de ensinar, e da segunda onde desempenhava, fundamentalmente, o papel de aprender – adotou com êxito técnicas de participação coletiva aprendidas no curso de pós-graduação*². O êxito se evidenciou nas modificações do "clima da sala de aula" e através de manifestações explícitas dos alunos, verificadas espontaneamente ou na auto-avaliação.

2. IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA

Código e Nome: FCH 186- Psicopatologia Fundamentos
Carga Horária e Creditação: 45 (45.0.0) 3 (3.0.0)
Natureza: Currículo Complementar Obrigatório (CO)

* ¹ *Esse programa foi apresentado ao Departamento de Psicologia para aprovação e encaminhamento à SUPAC, conforme as normas vigentes na UFBA.*

* ² *Foram utilizados o Painel progressivo, o Pequeno grupo de discussão, as Duplas rotativas e a Técnica de Discussão, tal como desenvolvidas nas aulas da disciplina EDC 598 e descritas na publicação de SANT'ANNA & MENEGOLLA (1991).*

Curso: Pedagogia

Habilitação: Licenciatura Plena: Orientação Educacional

3. COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES

O ensino da disciplina em questão, além dos aspectos sucintos arrolados no *Programa de Disciplina**, formalmente merece maiores reparos:

- 3.1. *Ementa*: o rol, lembrança, cardápio, sumário, apontamento dessa disciplina, tal como aparece no *EMENTÁRIO (UFBA, 1986/87)* é de configuração tautológica. A disciplina FCH 186-3 - *Psicopatologia Fundamentos* é apresentada, tão somente, como "*Introdução à Psicopatologia Geral*".

Propõe-se que se adicionem indicações sucintas, esclarecedoras do que se pretende, ou seja, *conhecimentos básicos, correlacionados* à natureza do curso (Pedagogia) e - ao *universo dos alunos da disciplina* (candidatos ao exercício profissional na qualidade de orientadores educacionais);

- 3.2. *Objetivos*: os objetivos tal como apontados são *específicos* e visam, primeiramente, à *área cognitiva*, procurando através desta a associação de valores, conceitos e atitudes que resultarão em objetivos mais gerais, como o exercício adequado da qualificação pretendida (orientação educacional) e o alcance de valores mais gerais da Educação, tais como desenvolver pessoas abertas, inventivas, conscientes e sabedoras da importância social da sua profissão.

- 3.3. *Metodologia*:

Os métodos de ensino serão predominantemente voltados ao estímulo da participação ativa.

* Cf. ANEXO

Os conteúdos serão administrados mediante o *modelo cognitivista* (MIZUKAMI, 1986), embasado no também chamado *psicologia da cognição* (MOREIRA & MASINI, 1982)]. Esse modelo atende às formulações teóricas do interacionismo e tem como "chefes de escola" JEAN PIAGET (Genebra- Suíça) e JEROME BRUNER (Harvard - E.U.A.).

O ponto de vista da psicologia da cognição (psicologia interacionista) será adotado mediante a técnica de DAVID AUSUBEL (1968) e conforme descrita por MOREIRA & MASINI (1982). Para esses autores, AUSUBEL "embora reconheça a importância da experiência afetiva" (que desconsidera no seu método), trata a aprendizagem como um processo de armazenamento de informações que, dispostas na memória*, poderão ser recuperadas quando necessário, com vistas ao restabelecimento da homeostase e/ou à produção de comportamentos inteligentes.

Parece pertinente que, no ensino de uma disciplina como *Psicopatologia*, cujos significantes e significados são *razoavelmente precisos*, se adote a "*aprendizagem significativa*", tal como é denominada a técnica de AUSUBEL. Nessa, novos conceitos de estrutura lógica são integrados a outros, previamente armazenados no sistema cognitivo e, uma vez assimilados, passam a contribuir às elaborações, assimilações e estabilização do sistema. A adoção dessa técnica está plenamente justificada no ensino da *Psicopatologia*, pois seus conceitos e construtos

* memória = conjunto de atividades mentais complexas que integram processos biofisiológicos e psicológicos e, no sentido estrito, deve ser entendida como "a soma de todas as lembranças existentes e as aptidões que determinam a extensão e a precisão dessas lembranças" (PAIM, 1982). Depende de uma capacidade de fixação (cravagem de novas informações); de conservação (manutenção das informações adquiridas) e evocação (reativação ou reprodução dessas informações).

atingem por vezes níveis muito elevados de abstração e a utilização de *organizadores graduais* é desejável e adequada, em que pese o nível de desenvolvimento operacional, geralmente satisfatória, do alunado (3º grau).

Os fenômenos que envolvem a assimilação de conceitos parecem constituir (segundo AUSUBEL, p.37-39)* uma *experiência consciente*, e a estruturação ocorre quando *sinais, símbolos, conceitos e proposições* potencialmente significativos são relacionados à estrutura cognitiva e a ela incorporados.

Para AUSUBEL o *significado potencial*, inerente ao símbolo (equivalente ao *significante* = imagem acústica de SAUSSURE), converte-se em *conteúdo cognitivo* (*significado* = conceito, lexema, (idem) .Tal conversão se dá a partir "do que o aprendiz já sabe" (NOVAK, 1977), conteúdos cognitivos prévios, que recebem o nome genérico de *conceitos subsunçores*. Esses subsunçores são adquiridos inicialmente por aprendizagem mecânica (rote learning = aprendizagem automática, inconsciente), que se processa por meio da experiência empírico-concreta.

Os *subsunçores* devem ser utilizados como *organizadores prévios*, "âncoras para a nova aprendizagem", que conduzem a novos subsunçores e facilitam a aprendizagem subsequente. As idéias inicialmente existentes serão utilizadas como *pontes cognitivas*. Caso inexistam conceitos prévios em relação ao conteúdo a ser trabalhado, poderão ser oferecidos *organizadores expositórios* que estimularão subsunçores *relevantes aproximados*. Procede-se à aquisição do conhecimento como em uma

* as referências a AUSUBEL derivam do livro de MOREIRA & MASINI (1982) e doravante esse autor será nomeado sem quaisquer indicadores, salvo os números das páginas onde se encontram as fontes da citação.

"reação em cadeia", processo de desenvolvimento concatenado onde, a partir de um conceito prévio (existente ou oferecido), sucedem-se processos de integração e interação de novos conceitos, constituindo-se sucessivamente pré-requisitos e requisitos, e daí resultando um elenco de conhecimentos que estará disponível à operacionalização de novas aquisições e assimilações.

Esse fenômeno implica em *compreensão genuína*, ou seja, na aquisição de *significados claros, precisos, diferenciados e transferíveis*.

Pode-se representá-lo esquematicamente como segue:

$$A \longrightarrow B \rightarrow \sum \frac{A}{B} = C ;$$

$$C \longrightarrow D \rightarrow \sum \frac{C}{D} = E ;$$

$$E \longrightarrow F \rightarrow \sum \frac{E}{F} = G \dots\dots \text{Até } \textcircled{n}$$

onde:

A = subsunçor

B = conhecimento novo

$$\sum \frac{A}{B} = \text{integralização de A e B}$$

As demais sequências têm significado igual. C será utilizado como subsunçor. A ele se aduz nova informação, gera-se E, e assim sucessivamente, até a constituição de n, quadro de referências que passará a estar disponível na estrutura cognitiva do aprendiz*.

* aprendiz = termo genérico adotado para significar "o ser que aprende" (MOREIRA & MASINI, p.7)

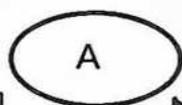
O modelo de AUSUBEL pode também ser representado em um quadro (mapa), onde se observa a diferenciação conceitual progressiva. À figura 1.1 de MOREIRA & MASSINI, p.24, foram introduzidas algumas modificações. Estabeleceu-se numeração ordinal dos subsunçores visando a evidenciar a diferenciação progressiva, assim como procurou-se destacar a sua especificidade crescente e a inclusividade inversamente proporcional. As setas, de duplo sentido, representam a necessidade de restabelecer a "reconciliação integrativa" isto é, "descer" até os conceitos mais específicos e "subir" até os conceitos mais gerais como se representa no quadro I.

QUADRO I

Ordem de diferenciação progressiva dos subsunçores

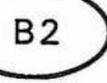
Categorização dos subsunçores

1ª ordem



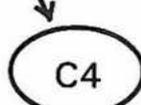
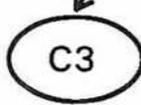
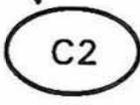
conceitos de aprendizagem mecânica, automática, mais exclusivos

2ª ordem



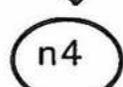
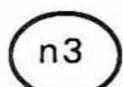
conceitos intermediários

3ª ordem



conceitos específicos menos inclusivos

n



conceitos progressivamente mais específicos e menos exclusivos, até o quadro de referências n.

Esse modelo, aplicado à palavra-chave da disciplina – Psicopatologia – permite transformá-la em subsunçor de primeira ordem, como se verá.

grupo específico de distúrbios (v.gr. uma unidade para neuroses, uma para psicoses, uma para cada qual das demais afecções).

Além do exposto, cumpre ressaltar que as reações emocionais e afetivas devem ser consideradas nas suas interações com as reações cognitivas. Os aspectos emocionais de quaisquer processos humanos, incluídas aqui patologias severas do polo emocional dos indivíduos (v.gr. a inafetividade dos "sociopatas"), devem ser sistematicamente consideradas.

Esses aspectos emocionais*, desde a disposição para aprender, que precisa ser estimulada, até e inclusive ou principalmente a relação interativa professor / aluno / professor, serão fatores essenciais de sucesso ou malogro deste tipo de abordagem, como, de resto, de *qualquer outro*.

Os conteúdos emocionais, manifestos ou latentes, serão causa eficiente no processo ensino-aprendizagem, seja qual for o modelo adotado. A relação entre os estratos cognitivo e emocional do ser humano é intrínseca e indissociável, acrescida a importância factual de que as manifestações emocionais e afetivas precedem ontogeneticamente as manifestações cognitivas. DOLLE (1979) assevera que não é possível dissociar afetividade e inteligência; a estruturação da afetividade precede à estruturação cognitiva e, a estruturação cognitiva transita, obrigatoriamente, pela estruturação afetiva. Esses aspectos estão exaustivamente descritos e apreciados desde o advento da teoria psicanalítica até a atualidade, por autores internacionalmente reconhecidos como BOWLBY (1984 a,

* *emocional aqui entendido genericamente para designar formas de sentir e modos de agir, impulsos para atuar; elemento de prontidão e de alerta ou, inversamente, de depressão da atividade mental.*

1984b, 1985), SPITZ (1959, 1979) e KLAUS & KLAUS (1989), sob enfoques psicodinâmico / psicofisiológicos e, entre nós, notadamente por MARINO Jr. (1975) , do ponto de vista específico da neuropsicofisiologia.

Os componentes emocionais do processo ensino-aprendizagem serão observados e discutidos.

A relação professor / aluno, predominantemente considerada e sua recíproca aluno / professor, quase sempre desconsiderada, têm sido objeto de atenção especial. Citam-se autores nacionais consagrados como LUCKESI (1990), LIBANEO (1990) , CUNHA (1993) , SANT'ANNA & MENEGOLLA (1991). Entre nós, BOAVENTURA (1992) dedica trabalho específico em coletânea sobre Educação editada na UFBA, onde coteja ensino tradicional e educação aberta, "entendendo como principal fundamento da educação aberta a qualidade do relacionamento entre professor e aluno", obviamente um aspecto emocional do processo ensino-aprendizagem. Ademais, parece pertinente evocar o que se vivencia e observa empiricamente.

A tentativa de dicotomizar razão /emoção, desemboca fatalmente na manipulação indevida de conceitos ou no autoritarismo situacional.

O curso atenderá, sempre que possível, à orientação que segue:

a. escapar ao tecnicismo tradicional:

Evitar aulas expositivas, programa expressamente preparado, cientifismo rígido, ordenação positivista intencional, utilizando preferencialmente o senso-comum, as informações da cultura, o saber trazido à sala de aula pelos alunos, a experiência construída pelo trabalho, o "erro" como

um dos fulcros do desenvolvimento cognitivo, as vivências que induzem as concepções na geração das representações;

b. *utilizar técnicas de participação coletiva*, tais como painel progressivo, pequenos grupos de discussão e plenária, grande grupo de discussão e, eventualmente, até a dramatização, utilizando questões que envolvem parte notória do conhecimento geral e do cotidiano, como "loucura", "demência", "psicopatia", "autismo", "depressão", veiculadas, seja pela cultura popular (deduzidas), seja pela mídia (induzidas). Utilizar, eventualmente, filmes de vídeo ou matéria jornalística;

c. *observar conceituações inter e transdisciplinares* visando à apreensão geral dos fenômenos e evitando particularizações especializantes e reducionistas;

d. *caso impositivo* (v.gr. sistematização das esquizofrenias e/ou dos distúrbios comportamentais), oferecer aula expositiva, com estruturação pré-determinada, abordando os conteúdos de forma seqüencial, lógica, contudo sintética, visando principalmente à provocação do debate e da participação e, assim também, ao estímulo do juízo crítico.

3.4. *Bibliografia principal (recomendada)*

Resume-se a dois livros texto (SPOERRI*¹ e PAIM)*², um dicionário(CAMPBELL)*³ e dois manuais de classificação internacional de doenças mentais, um da OMS (CID-10)*⁴ e outro da APA*⁵ (Associação Psiquiátrica

*1 SPOERRI, T.H. *Compêndio de Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

*2 PAIM, I. *Curso de Psicopatologia*. 9. ed. São Paulo: E.P.U., 1982

*3 CAMPBELL, R. J. *Dicionário de Psiquiatria*. São Paulo: Martins Fontes 1986

*4 ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE *Classificação de Transtorno Mentais e de Comportamento da CID-10*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

*5 ASSOCIAÇÃO PSIQUIATRICA AMERICANA *Distúrbios Psicopatológicas na Infância. Teoria e Classificação*. Tradução de Maria Cristina G. Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Americana): Distúrbios psicopatológicos na infância (GAP - Group for the Advancement of Psychiatry).

Pretende-se restringir ao máximo a indicação de literatura, adotando o sistema de levar os livros à sala de aula e discutí-los, seja em função do custo financeiro muito elevado, seja face à complexidade da linguagem técnica, surpreendentemente fácil na aparência e no mais das vezes de interpretação ambígua.

Se o problema do livro didático é de grande monta em geral, no caso particular da psicopatologia as discrepâncias entre as "escolas", autores, correntes, sistemáticas, axiologias, etc., potencializa verticalmente as complicações, demandando a interferência do professor. Os livros recomendados são simples, corretos, escritos para alunos de cursos de graduação de medicina e psicologia, cabendo perfeitamente a sua indicação aos alunos de pedagogia. Quanto a dicionários, glossários e manuais de classificação diagnóstica, desde que fidedignos, não têm contraindicação, pois é de sua natureza e proposta fundamental definir e esclarecer.

3.5. *Conteúdo Programático*

Deverá decorrer da forma da organização dos subsunçores. Pretende-se, conforme demonstrado no quadro II, chegar a grupos definidos de distúrbios que poderão ficar agrupados em unidades. Cada unidade receberá tratamento análogo às demais e será sempre adotada a técnica de AUSUBEL. As unidades poderão estar assim organizadas e cada uma será desenvolvida em duas aulas:

1ª Unidade - assuntos 1 e 2 do Anexo

2ª Unidade - assuntos 3 e 4 do Anexo

3ª Unidade - grupo das neuroses

- 4ª Unidade - grupo das psicoses
- 5ª Unidade - distúrbios da inteligência e da consciência moral
- 6ª Unidade - distúrbios do relacionamento criança/escola, família/escola, criança/família
- 7ª Unidade - distúrbios do relacionamento profissional no âmbito escolar.
- 8ª Unidade - discussão de 2 temas de livre escolha do alunado.

3.6. *Processo de avaliação*

A avaliação do desempenho acadêmico vem sendo alvo de críticas severas, a ponto inclusive de ser denominada "um monstro de várias cabeças" (HOFFMANN, 1993) .

Tal como o processo educacional em si, traz sempre um componente contraditório. No caso, sabe-se das imperfeições que circunscrevem o processo , e por outro lado que não se consegue escapar a ele, porque imprescindível à progressão escolar dos alunos. Julgado processo autoritário, a absoluta maioria das tentativas de abrandá-lo resulta na sua antítese: a permissividade.

A avaliação é essencial. Deve ser usada no sentido indagativo, investigativo, que vise a evitar a cristalização, a pré-moldagem, o pré-conceito; no sentido de análise e re-criação, que permitam evoluir e redimensionar, em vez de rotular, estratificar, estigmatizar ou burocratizar as observações.

A avaliação que se propõe (será fatal e lamentavelmente transformada *em um número* de natureza subjetiva) é

a mais natural de todas, aquela que está presente em todos os momentos da vida humana (KENSKI, 1993). Dá-se permanentemente pela unidade de pensamento e ação. Está-se o tempo todo avaliando a tudo e a todos. Essa avaliação, inconsciente, deve ser trazida à baila com freqüência na sala de aula e transformada em componente dos posicionamentos que, forçosamente deverão ser tomados.

Todos, professores e alunos trazem à sala de aula seus conhecimentos prévios, suas vidas paralelas à escola, seus êxitos, seus fracassos, suas alegrias, suas frustrações. É preciso considerá-los e, sempre que possível, aperceber-se (sem, claro está, denunciá-los ou enunciá-los) disso e levar em conta as suas influências nos processos avaliativos.

Do professor exige-se competência no que respeita ao conteúdo e à maneira de transmiti-lo, além, implicitamente, da sensibilidade ajustada às necessidades e possibilidades dos seus alunos.

A "avaliação efetiva vai se dar durante o processo, nas relações dinâmicas da sala de aula" (KENSKI, 1993,p.139).

As emoções, as sensações, o aprendido, até mesmo desprezada a obrigatoriedade mnêmica, será revelado quando professor e alunos, em processo de auto-avaliação, permitirão uns e outros e uns aos outros a avaliação do conhecimento construído e da boa relação que se terá estabelecido, ou não.

O processo burocrático da transformação dos conceitos obtidos em números (notas), que deverão ser transcritos e terão efeito classificatório, será ainda processo de ação coletiva, conjunta, participativa, envolvendo a responsabilidade de todos.

4. REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA, E.M. Educação aberta e qualidade do relacionamento professor-aluno. In : LIBERATO, A.C.R. (org.) *Algumas reflexões sobre Educação*. Salvador-Bahia : FAGED/UFBA, 1992.
- BOWLBY, J. *Apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1984(a) .
_____. *Separação*. São Paulo: Martins Fontes, 1984(b) .
_____. *Perda*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- CUNHA, M.I. A relação professor-aluno. In : VEIGA, I.P.A. (coord.) *Repensando a Didática*. 8.ed. Campinas, SP : Papirus, 1993
- DOLLE, J.M. *De Freud a Piaget*. Lisboa: Moraes, 1979.
- HOFFMANN, J. *Avaliação. Mito & Desafio*. 12. ed. Porto Alegre: Educação e Realidade/UFRGS; -1993.
- KENSKI, V.M. Avaliação e Aprendizagem. In .VEIGA, I.P.A. (coord.). *Repensando a Didática*. 8.ed. Campinas, SP : Papirus, 1993.
- KLAUS, M.H., KLAUS, P.H. *O surpreendente recém-nascido*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.
- LIBANEO, J.C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.
- LUCKESI, C.C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- MARINO Jr., R. *Fisiologia das Emoções*. São Paulo: Sarvier, 1975.
- MIZUKAMI, M.G.N. *Ensino: As abordagens do processo*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MOREIRA, M.A., MASINI, E.F.S. *Aprendizagem significativa. A teoria de David Ausubel*. São Paulo, Moraes, 1982.

SANT'ANNA, I.M., MENEGOLLA, M. *Didática: Aprender a ensinar*. 2.ed. São Paulo, Loyola, 1991.

SPITZ, R. *A formação do ego : uma teoria genética e de campo*. São Paulo: Martins Fontes, 1959.

_____. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. SUPERINTENDÊNCIA ACADÊMICA *Ementário de Disciplinas dos Cursos de Graduação*. Salvador - Bahia: UFBA/SUPAC, 1986/87.

ANEXO

UFBA

ÓRGÃO
SUPERINTENDÊNCIA ACADÊMICA
SECRETARIA GERAL DOS CURSOS

PROGRAMA
DE
DISCIPLINA

| ANO | SEM |
|-----|-----|
| 94 | 1 |

| CÓDIGO | NOME | |
|---------------|-------------------------------|---------|
| FCH 186 | PSICOPATOLOGIA - FUNDAMENTOS* | |
| CARGA HORÁRIA | CRÉDITOS | UNIDADE |
| TEÓRICA | 45 | 3 |
| PRÁTICA | 00 | 0 |
| TRABALHO | 00 | 0 |
| TOTAL | | |

FACULDADE DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO

PSICOLOGIA

EMENTA

Conhecimentos básicos de psicopatologia e discussão dos distúrbios mais freqüentes no universo atendido pela Orientação Educacional.

OBJETIVOS

1. Demonstrar a importância da psicopatologia na área da "escola".
2. Estabelecer correlações entre psicopatologia e: aprendizagem; comportamento; escola; família; profissionais da área da Educação ;
3. À luz desses conhecimentos analisar combinatóriamente os elementos constantes do item 2.

METODOLOGIA

1. Técnicas de participação coletiva.
2. Aulas expositivas sumárias, pré-ordenadas, caso necessárias, dada a natureza dos conteúdos, sempre direcionadas à participação do alunado e ao estímulo do juízo crítico.

* *Disciplina oferecida a alunos do Curso de Pedagogia : graduação plena em Orientação Educacional.*

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL .

SPOERRI, T. *Compêndio de Psiquiatria*. 8. ed. Rio de Janeiro : Atheneu, 1979.

PAIM, I. *Curso de Psicopatologia*. 9. ed. São Paulo: E.P.U., 1982.

CAMPBELL, R. *Dicionário de Psiquiatria*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Apresentação e discussão do CID-10 e do manual do GAP (Group for Advancement of Psychiatry), (APA).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Psicopatologia : conceito. Dicotomia Psique/Mente. O inato e o adquirido. Equipamento básico e investimento.
 2. Circularidade do conceito Biopsicossocial. Sistemas biopsicológicos e mental. Estamentos. Cultura.
 3. Terminologia, nomenclatura e classificações em psicopatologia. Discussão crítica.
 4. Psicopatologia, família e sociedade.
 5. Temas de eleição dos alunos. (N = 8) .
-

PROCESSO DE AVALIAÇÃO

A avaliação será feita no desenrolar do cotidiano da disciplina (serão levadas em conta as ausências e os atrasos, discutidos os seus motivos).

A auto avaliação e a avaliação explícita do docente serão a parcela fundamental da avaliação.

Poderão ser consignados os resultados de trabalhos escritos (papers) ou exposições orais dos alunos.

APROVAÇÃO PELO DEPARTAMENTO

DATA / / CHEFE DO DEPARTAMENTO

III. CORPO, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

PRELIMINARES

Bem aqui estamos.

Mas, o que é "aqui"?

Lembro-me que há mais ou menos setenta anos, eu vivia em um lugar que costumava identificar como "Newbury House, Hadam Road, Bishops Stortford, Hertfordshire, England, Europe".

Um amigo disse: Esqueceste de acrescentar "na Terra".

De modo que acrescentei.

Daí para cá, os astrônomos me ensinaram que somos parte de um universo de nebulosas, em uma nebulosa helicoidal, à qual pertence o nosso Sistema Solar.

Sobre os astrônomos podemos fazer afirmativas como esta: "Ninguém se queixa de que estão sempre 'inventando' novas descobertas."

Porém, como o fez notar Freud, não ocorre o mesmo com os médicos ou com os psicanalistas.

Dizem: "Esses doutores estão sempre inventando novas doenças; depois as tratam e assim as legitimam. "

Porém não dizemos: "Vocês os astrônomos inventam um novo universo e a seguir pedem um novo telescópio."

Suponho que é porque cremos que não importa muito o que é o Universo.

WILFRED RUPRECHT BION
(1982.p.79)

DESSE MODO

Recusam-se : 1. o academismo cientificista e dogmático.
2. o imaginário ficcional e livre arbitrado.

Respeitam-se : 1. os limites do estabelecido.
2. as previsões possíveis, *hoje*, a partir do que já se estabeleceu e do previsivelmente estabelecível a partir das realidades com as quais se tem contato.

PROÊMIO

Esta exposição se inspira em percepções que acarretam um estado de inquietação constante. Determinada pela convicção de que o pensamento (formalmente adequado, ordenadas as idéias, e de conteúdo sadio e ético – parâmetros de existência normal), o pensamento, não obstante tecnologias cada vez mais avançadas, o pensamento, como afirmou RUY SIMÕES (1990), continua atrasado:

– "Poucos pensam ordenadamente, refletindo a ordem do mundo – a cada pensamento uma correspondência fática, a cada palavra uma correlação e, entre os homens, entendimento. Proliferam as torres de Babel, resultando na algaravia de três mil idiomas terrestres pretendendo comunicação celeste"...

É como se a invenção pudesse substituir o pensamento que a inventou e passasse a dominar as idéias – como o clássico aprendiz de feiticeiro que se deixa subordinar ao feitiço que deflagra e não domina.

Nessa ordem, o advento das tecnologias golpeou, mortalmente, a dignidade humana ao incrementar as espe-

cializações - fragmentação contínua do entendimento do próprio homem.

Inventou-se uma interdisciplinaridade-panacéia, construto metaforético mal estendido da transdisciplinaridade e do conhecimento multidisciplinar.

Efetua-la exigiria a presença permanente do conjunto dos detentores de conhecimentos unidisciplinares em quaisquer situações em que se ventilassem assuntos vinculados ao saber. Adotam-se posições modísticas, abandonando outras mais sadias e compatíveis, como a recusa à especialização progressiva, e o retorno, pelo menos parcial, à posição generalista onde viça a erudição. É a corrida contínua em torno do nada e a procura do não sei o que.

Talvez a idéia de corpo, tão difícil porque tão simples, permita revisitar, mesmo que parcialmente, alguns conceitos ainda inalienáveis ao homem, incluídos alguns pós-modernos.

Este ensaio defende, antes de mais nada, a integridade do ser humano. Extravasa receios e, se for capaz, pretende convidar à reflexão e, de algum modo, ao pensamento ordenado, seqüencial, teleológico.

1. INTRODUÇÃO

O individualismo atual nasce com o modernismo mas o seu exagero narcísista é um acréscimo pós-moderno.

JAIR FERREIRA DOS SANTOS

A escolha do tema "Corpo, Tecnologia e Educação" vincula-se a três razões convergentes:

1. o velho (velho mesmo) convívio com o corpo, tema e objeto, proporcionado pela medicina e pela psicologia;
2. o conteúdo do texto em "Os Novos Modos de Compreender (BABIN & KOULOUMDJIAN, 1989, p. 94-5.);
3. a alusão, em sala de aula, às avassaladoras conquistas tecnológicas que permitem eventuais substituições de segmentos corporais ((p. ex., pernas humanas, por pernas biônicas) visando à maior eficácia de desempenho, mesmo sem lesão prévia ou déficit funcional, no caso, a conferir maior velocidade a indivíduos, que já sendo velocíssimos desejam, ano a ano, amarfanhar as páginas do Guinness Book com recordes cada vez mais surpreendentes). Alusão instigante à análise pelo conteúdo bizarro e pela filúcia titeriteira.

2. O CORPO

A velha, longa e assídua convivência com os corpos (doentes e sadios), das pessoas, e o sistema de valores éti-

cos (também velho) que daí adveio, insinua que está sendo ou já foi completamente ultrapassado.

WITTGENSTEIN inspira: "A filosofia é uma batalha contra o enfeitiçamento de nossa inteligência pela linguagem",*¹ onde cabe acrescentar "e pela tecnologia".

Parece pertinente perceber alguns fatos do cotidiano.

Veja-se o circo da Fórmula I.*²

Atividade biliardária, envolvendo interesses que vão do petróleo à indústria do fumo, passando pelos emirados árabes, incluídos os fundamentalistas, os ortodoxos e os encarniçados, é uma das atividades mais bem aquinhoadas pela tecnologia de ponta. Desde a produção de combustíveis e de pneus especiais até às suspensões eletrônicas, capazes de corrigir quaisquer desequilíbrios e desvios de rota, automaticamente.

Alimentada por e alimentando fantásticas quantidades de dinheiro, alimenta e é alimentada por interesses da mídia, eletrônica ou não. Contudo, a rapidez com que a Federação Internacional de Automobilismo (FIA) proibiu o carro biônico ao inverso (onde o homem é a prótese da máquina), obedeceu à necessidade de reordenar os fenômenos. À supressão gradativa da ação humana suprimia-se, também, o interesse pela "competição", determinava-se a queda da audiência televisiva, da venda de literatura especializada, e do noticiário geral sobre a matéria. Agora, elimi-

*¹ in: GIANETTI, DA FONSECA E. *A Família como Instituição Econômica*. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo: 16 de outubro de 1994, caderno 2. p.2

*² No momento em que se publicam estes ANAIS, a supremacia tecnológica da FERRARI, inconstestável face aos resultados, reedita o desinteresse pela Fórmula 1.

nados alguns artefatos eletrônicos, os mais sofisticados, desfez-se o gume adverso e perverso do jogo de cartas marcadas. Reforçou-se o ganho dos investidores, da mídia, da platéia.

Parece desnecessário ir além do que se infere das notícias que se lêem e/ou assistem na mídia.

Relembrem-se as vitórias eletrônicas da WILLIAMS/MANSELL e o desinteresse flutuante que cercou a Fórmula 1 até o início da temporada de 1994 quando, eliminados os resultados eletrônicos, cresceu a competitividade, através do número de pilotos e de equipes credenciadas à disputa.

O corpo não biônico é objeto libidinal e objeto de ação.

Inicia sua trajetória desde um gesto fecundante e da fecundação. Desdobra-se em organizações e categorias complexas e, por si mesmas, fecundas.

Esse objeto libidinal, gerador e receptor, fonte e recipiente, elicia e responde com prazer, a partir da relação mais arcaica do desenvolvimento humano - a relação mãe/filho.

Os desenvolvimentos psicomotores, integrados aos desenvolvimentos sociais*¹ determinam a integralização do corpo (biológico) aos atributos cognitivo e emocional (mental e psíquico) e aos modos de inserção e adaptação ao mundo físico [ecológico] e associativo [etológico].

* ¹ [rejeitado. aqui, o conceito linear bio-psico-social e adotando o modelo circular, integrativo. sociopsicossomático como descrito e defendido por PONTES (1985) e FREITAS (1993).

O corpo é a matriz da pessoa como fonte e meta. Matriz da personalidade. Objeto perceptível e reconhecível, e através do qual, em primeira instância e aproximação, a pessoa é conhecida e re-conhecida. Inalienável e defensável em quaisquer circunstâncias. A simples introdução de uma agulha hipodérmica, desatendida a vontade da pessoa, caso em condições de arbitrar-se, configura lesão corporal, passível de processo penal. Decorre como corolário que quaisquer lesões ou mutilações voluntária e intencionalmente produzidas, ainda que por solicitação expressa do lesado, configuram crime de ação pública, verificada a desnecessidade e a inadequação do ato, ao restabelecimento, "in fieri", da saúde do lesado. Qualquer permissividade, seja nas ações, seja na legislação, constituirá alento à desorganização da pessoa e da sociedade.

Face ao óbvio é de bom alvitre silenciar.

Contudo, as obviedades, por vezes opacas, necessitam ventilação, clarificação, iluminação, transparência – discussão.

A face perversa da tecnologia produz um corte entre o homem e o mundo, entre o homem e o homem, originando uma sociedade de isolamento e de espetáculo.

As interfaces pessoa / mundo passaram a ser o palco, a tela, o cinescópio, e agora, o monitor do PC e o malfadado telefone celular, demolidor das privacidades.*

* à publicação desta matéria nos ANAIS outras muitas interfaces se somaram, todas elas "virtuais".

3. FERRAMENTAS, MAQUINAS, TECNOLOGIAS

Não há absolutamente inevitabilidade desde que tenhamos a disposição de contemplar o que está acontecendo.

MARSHALL MC LUHAN

O homem é o animal, por excelência, mais perigoso. De todos, porque da sua inteligência extrai ferramentas. E, ferramentas são uma vara pontiaguda, uma faca de pedra lascada, uma nave espacial e um satélite orbital ou estacionário que a nave introduz no universo e ajuda a consertar com outras ferramentas são ferramentas. Canhões e escopetas, bombas de napalm, também. Ou os fármacos psicoativos. E quaisquer outras drogas.

De algum modo, como no caso da perna biônica do estraçalhador de recordes, fica-se submisso à ditadura da pecúnia ou seja, do Narciso. Cujas configuração não se limita ao belo, porque o belo do Narciso é o poder: grangeia o amor que não pode oferecer, como o faria o personagem mítico. E não interessando a que tipo de auto-veneração se dedique, o Narciso dedica-se a ela porque se auto-venera, e se concede o culto no templo do egocentrismo.* Retirando de Omphalos o papel de centro do mundo, o Narciso auto-paixonado, deixa-se aniquilar na auto-paixão impotente e incompetente.

* *cumprer lembrar que a estrutura narcísica de caráter, conforme o demonstra ROSENFELD, determina tipos de personalidade a que geralmente se costuma denominar "fronteiriços" ou "limitrofes". Essas personalidades convivem com o "temor de aniquilamento", experimentando-o como o de um objeto irresistível e incontrolável ligado à pulsão de morte.*
(HINSHELWOOD. R. D. *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992. p.378.)

Cultive-se a tecnologia no que tem de fator de promoção da vida e da dignidade do homem. Cultivem-se, por exemplo as ferramentas da ressonância nuclear magnética, as cintilografias, os cateteres e as sondas ópticas intravasculares e laparoscópicas, os monitores de videocirurgias, as varreduras na leitura óptica das tomografias computadorizadas, os ecodoppler e todas as aplicações diagnósticas e terapêuticas do ultrassom e do laser. Cultivem-se, educando e informando, os sistemas multimídia, as redes comunicacionais, as fibras ópticas, os satélites, ofertando qualidade, agilidade, quantidade, custos progressivamente decrescentes, melhores condições de vida e de aprendizagem, e as sempre desejadas e necessárias possibilidades da tele-educação.

Contudo, é preciso estar alerta.

As modificações estruturais da sociedade determinadas pelos influxos narcísicos, resultam em patologias psiquiátricas proeminentes, desestruturam personalidades, sociedades e até culturas, na proliferação de "ideologias terapêuticas", da racionalização das doenças sociais, da pulverização da vida interior, do culto ao consumo, da atomização da vida familiar. É defeso insistir no narcisismo como "metáfora da condição humana" ("todos são egoístas, sempre o foram"; "os grupos são etnocêntricos"; "nada se ganha em lhes atribuir patologia"...), como o faz, ingenuamente, SHIRLEY SUGERMAN em "Pecado e Loucura: Estudos sobre Narcisismo" (1976, p.12)*, a título de "humanismo existencial".

Parece correto pensar que é preciso preservar o ser humano. A começar pela preservação da sua saúde, física e

* SUGERMAN, S. *Sin and Madness : Studies on Narcisism. Philadelphia : Westminster" P., 1976, p.12.*

mental, onde se impõem a educação como promessa e a tecnologia como vetor.

As tecnologias surgem a partir do corpo. A *capacidade mental*, cognitiva, imaginativa, inventiva, criativa, organizadora, discriminante, objetiva e discernente, é *atributo da cortex cerebral humana*. Toda a tecnologia resulta, de certa forma em benefícios ou malefícios que, em última análise, se referem e/ou se relacionam ao corpo. Promovem-no ou o desqualificam.

O corpo é a matriz de todos os atos motores, desde o comando central até a efetuação periférica.

O reconhecimento do eu/não eu, é ato psicomotor essencial na identificação do sujeito determinante da *permanência do objeto*, da *representação*, da *reversibilidade*, característica das *operações lógicas* (PULASKI, 1986) e do *pensamento categorial* (WALLON, 1981) .

Sabe-se "larga manu" a ignorância a respeito do cérebro: mais de dez milhões de células que diferem no detalhe, cada qual, em relação às suas vizinhas. Células que se comunicam em rede, e promovem a *dominância hemisférica*, hoje estudada e contestada, se bem que, em geral, de modo tendencioso como em BABIN e KOULOUMDJIAN (1989, p.104, e/ou populesco como na Globo Ciência nº 39, outubro 1994, p.40). O estudo de MARINO JR. – "O cérebro dos japoneses" –, citado nesta revista é trabalho científico relevante, tratado levianamente em revista leiga e fazendo crer que o desenvolvimento do cérebro dos japoneses é diferente dos demais seres humanos. Trata-se, exclusivamente, de potencialização hemisférica à direita, decorrente da escrita ideogramática.

Toda atividade mental resulta do sistema cerebral, seja ela *manifesta* e caracterizada pela cadeia $S \rightarrow O \rightarrow R$ (estímulo \rightarrow organismo \rightarrow resposta) seja ela espontânea e *latente*, confinada ao organismo, onde estímulos internos eliciam "*comportamentos invisíveis*" (por exemplo pensamentos e/ou sonhos) que podem ser considerados atividades endocerebrais puras ou espontâneas.

A inteligência é um atributo do corpo. A partir do cérebro, determinam-se as aptidões específicas (diferenciais, fatoriais) descritas desde SPEARMAN (1927), confirmadas por THURSTONE (1938) e rerepresentadas por EYSENCK (1953) e GUILFORD (1956). Dentre essas ressalta a aptidão de compreender e representar mentalmente (de modo abstrato) espaços e seus conteúdos, ter noções precisas de distâncias e direcionamentos (estáticos ou cinéticos) e, também, prever a velocidade de objetos por antecipação (cf. FREITAS, 1994).

É a aptidão espacial ou inteligência espacial que, uma vez ausente, produz os "desajeitados" e "desastrados" e, presente, a depender do nível, os notáveis em competições esportivas onde essas noções sejam essenciais (convém ler GARDNER, 1994).

O corpo é a matriz do *eu*, da *identidade*, do *ego*. A noção do próprio corpo e dos corpos alheios permite a concreção do *Moi* e do *Self* diferentes de *Je* e do *I* que na língua portuguesa não têm similar, não obstante toda a mesma significação psicológica da individualidade empírica (cf. LALANDE, 1993, p.351).

O corpo é a matriz da *imagem* da pessoa, tridimensional, tal como se percebe, da *aparência*, aspec-

to exterior configuração visível, aspecto com que se apresenta e, mais do que isso, é a sede do *esquema corporal* – representação interiorizada da ação, movimentos que se antecedem pela prontidão tônica das fibras nervosas do *sistema gama*, diagrama mental de todos os movimentos a serem produzidos, intencionalmente, pelo sistema *alfa*, plano de ação, plano de navegação pré-determinado ao comportamento motor, que será assestado sobre ele. [Para entendimento mais apurado recomendam-se as obras de SCHILDER (1977) e de POPPER & ECCLES (1991)].

A expansão e o incremento, a potencialização e a extensão da atividade cerebral via tecnologias é sempre desejável, desde que não se descuide de que a primazia, cumpre creditá-la à pessoa.

É preciso, ao cuidar de tecnologização e de especialização não esquecer o que foi enfatizado por ROSSELINI (1992, p.24):

"dispomos de técnicas extraordinárias para condensar através da imagem tudo o que foi pensado"... mas ..."não possuímos especialistas em seres humanos."

Na *verdade de fato* dispomos de técnicas que nos induzem a fantasiar sobre a possibilidade de pensarem por nós mas, a *verdade de razão* indica que não dispomos de técnicas ou de máquinas capazes de condensar ou de reproduzir o que não se pensou. Somente, os seres humanos pensam.

4. A EDUCAÇÃO.

Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada.

WALTER BENJAMIN

Em paralelo ao desenvolvimento tecnológico, cuja velocidade promove superações cotidianas, obsolescências precoces, ultrapassagens cuja taxa aumenta geometricamente, determinando a "velhice" quase imediata do "novo", a legislação brasileira de ensino, já a partir da Constituição de 1988 concede à educação as melhores atenções que já se dedicaram a ela (OLIVEIRA & CATANI, 1993). A vinculação de recursos à educação, generosamente alocados a partir da conhecida Emenda João Calmon de 1983, reconhece, na Lei Maior, em seu artigo 212, a alíquota de "nunca menos de dezoito e os Estados, o D. F. e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente das transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino". A julgar por aí, nababesco. De outra parte, diversos aspectos da redação do texto constitucional "tornam o direito à educação mais abrangente" (idem, ibidem).

Contudo, dificuldades orçamentárias, choques entre Executivo e Legislativo, interferências surgidas nas Constituições Estaduais, outras determinadas pela posição de diversos Governadores, bem como, conflitos existentes nas áreas de disputa de poder, entre ensino público/ensino par-

ticular, têm limitado a efetiva regulamentação e implantação dos dispositivos legais, como refere BOAVENTURA (1993)*

Ainda, a mesma velocidade das transformações tem gerado polêmicas na formulação de nossas verdades – verdades preferíveis, como as designa UMBERTO ECO – acerca da Educação e, uma boa idéia sobre essas contradições pode ser formada a partir do WORLD MEDIA NETWORK – EDUCAÇÃO: O DIREITO DE SABER – publicado em caderno especial em junho de 1993 pela FOLHA DE SÃO PAULO.

Quer se adotem os ângulos de apreciação legal ou doutrinária o que sobreleva é o afirmado e discutido à p.94 em BABIN e KOULOUMDJIAN (ibidem), texto que constituiu uma das razões da escolha deste tema sobre o qual se discorre. Literalmente: "... segundo Oléron, a inteligência chamada geométrica, que tem como tarefa essencial enunciar leis, tropeça em diversos pontos para prestar contas da realidade:

1. A vida social, psicológica e até biológica caracteriza-se fundamentalmente pela *mudança*. As transformações (da sociedade, da personalidade, *do corpo*) ali se sucedem às vezes num ritmo acelerado. Além disso, essa mudança é *irreversível*. As noções de reversibilidade e de permanência não têm curso ali. Ao contrário, *tudo se desenvolve no tempo*.
2. Em conseqüência, essa realidade humana pode perfeitamente contradizer-se em duas etapas sucessivas. Às vezes, é durante a mesma fase que surge a contradição. As

* BOAVENTURA, E. M. *Conceito de Direito Educacional*. In: INSTITUTO DE PESQUISAS AVANÇADAS EM EDUCAÇÃO J. R. Alves -Centro de Educação Permanente - Curso de Especialização em Direito Educacional (Curso à distância). 1993. Xerox.

sociedades têm em abundância essas leis que se anulam umas às outras, essas decisões totalmente opostas. Quanto ao homem, a psicanálise evidenciou tanto *a ambivalência existente* em seu coração que logo fica evidente que, nele, *a coerência é coisa rara*. Assim, no desenvolvimento do garotinho vê-se coabitar o amor pelo pai, genitor e protetor, conflitando com a agressividade pelo rival que o separa da mãe. Na vida cotidiana, podemos apreciar a ajuda que alguém nos dá e, ao mesmo tempo, querer-lhe mal *pelo poder que tem* de satisfazer nossas necessidades.

3. Exercendo-se no tempo, sem voltar atrás, sem possibilidade de comparações confiáveis e dentro da condição humana, *a inteligência geométrica muitas vezes caminha para o fracasso, nunca está certa daquilo em que se apóia*. As conclusões a que chega podem sempre ser contestadas, discutidas”.

A receita provável é *“romper com a fé originada da percepção e adotar a respeito dela uma atitude crítica*. A tarefa de uma *reflexão radical* consiste, de maneira paradoxal, em encontrar a experiência irrefletida no mundo para nela recolocar a atitude de *verificação* e as *operações reflexivas* e para fazer aparecer a reflexão como uma das possibilidades de seu *ser*”* (MERLEAU - PONTY, apud BABIN & KOULOUMDJIAN, 1989, p.99).

Grandes entusiasmos são produtos indigentes do homem sensorial/emocional.

E o homem emocional atende, como já se viu, a um dos aspectos da personalidade psicológica – ao das sensações e emoções, e aos produtos dos seus sentimentos. A

* *Grifos e destaques, deste autor*

apreensão do mundo, ainda que pelas vias sensoriais integradas, exclui a racionalidade – produto da sua inteligência e reflexão. Por consequência a moral, conjunto de regras [não necessariamente as leis “sagradas” transmitidas pelo “archaios”, mas tão simplesmente as constituintes da “moral da cooperação” (PULASKI, 1986, p.131)], é construída a partir da cognição, constituindo, face à sua posição hierárquica, a elaboração mais elevada da inteligência.

A eclosão e a observação do mosaico das novas realidades, o crescimento do que BAUDRILLARD (1993) denomina “*maiorias silenciosas*”, e a fragmentação do vaso da História, não implicam em, por enquanto, admitir a fragmentação do ser humano. Embora possa ocorrer o cisalhamento, dada a oferta indiscriminada e desordenada de estímulos que não se conseguem codificar e decodificar adequadamente, é possível promover à ordenação interna a partir da reflexão e da racionalidade.

O homem cognoscitivo apreende, reflete, elabora, contribui de modo adequado ao Ser essencial e ao Ser associativo.

Citando GIANNETTI:*

"A descoberta de um fato surpreendente leva à procura de fatos novos e suscita a formulação de hipóteses e teorias que possam elucidá-lo...

A surpresa é o estopim da pesquisa – uma janela entreaberta para o desconhecido.

* In: GIANNETTI, DA FONSECA E. *A Família como Instituição Econômica*. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo: 16 de outubro de 1994. Caderno 2. p.2

Diante dela, o pensamento amanhece e desperta do sono dogmático!”

Por muito retrógrado que pareça, por muito fora do propósito tecnológico, por muito fora das estruturas que se propõem como verdade e logo se desestruturam, talvez seja pertinente, mormente agora quando se finaliza, pensar com BION:

Suponho que a Educação, não almeja nem propõe, como qualquer das suas metas, que o muito importante é o Universo dos astrônomos. É mais provável que se preocupe, no seu contexto mais amplo, com o "eu", o cérebro, o corpo e a mente, e com a consciência, além da vigil, a Moral.

Principalmente, porque o objeto mais significativo da educação, motivação precípua de qualquer processo educativo é a resultante central desse vasto universo exclusivo em sua tipologia unívoca – a cada PESSOA – centro do que é cada um de nós e epicentro singular de *cada essência* e de *cada existência*.

POSFÁCIO

“De modo que o livro fica assim, com todas as vantagens do método sem a rigidez do método. Que isto de método, sendo como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à volta como quem não se lhe dá da vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão. É como a eloqüência que há uma genuína e vibrante, de uma arte natural e feiticeira, e outra têsá, engomada e chôcha.”

MACHADO DE Assis
(1971. p.525)

REFERÊNCIAS

- BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. F. *Os Novos Modos de Compreender*: São Paulo : Edições Paulinas, 1989.
- BAUDRILLARD, J. *À Sombra das maiorias silenciosas*. 3. ed. São Paulo : Brasiliense, 1993.
- BION, W. R. *La Tabla y la Cesura*. Buenos Aires : Gedisa, 1982.
- EYSENCK, H. J. *The structure of human personality*. London : Methuen. 1953.
- FREITAS, E. L. de *Personalidade: Correlações anátomo-fisiológicas dos estratos cognitivo e emocional*. Salvador - Bahia : FAGED - UFBA - Cursos de Pós-Graduação em Educação - Doutorado, 1993. Xerox.
- _____. *Inteligência - Atributo multifatorial ou inteligências?* Salvador - Bahia : FAGED - UFBA - Cursos de Pós-Graduação em Educação - Doutorado, 1994. Xerox.
- GARDNER, H. *Estruturas da Mente*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- GUILFORD, J. P. The structure of intellect. *Psychol. Bull.*, n. 53, 1956.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- MACHADO DE ASSIS, J. M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. *In: Obra Completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguillar, 1971, v. I, cap. IX, p.525.
- OLIVEIRA, R. C., CATANI, A. M. *Constituições estaduais brasileiras e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- PONTES, J. F. Noções básicas para a compreensão do que se deve entender como o modelo sócio-psicossomático de medicina e das ciências humanas. *Documenta Médica: Psicossomática* (Edição Especial). São Paulo: Ciba-Geigy, 1985.
- POPPER, K. R. & ECCLES, I. C. *O Eu e seu Cérebro*. Campinas (São Paulo) : Papyrus/UNB, 1991.
- PULASKI, M. A. S. *Compreendendo Piaget - Uma Introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança*. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 1986.
- ROSSELINI, R. *Fragmentos de uma Autobiografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- SCHILDER, P. *Imagen y apariencia del cuerpo humano*. Buenos Aires : Paidos, 1977.
- SIMÕES, R. "... *Mens sana in Corpore Sano*". Salvador: CED - UFBA, 1990.
- SPEARMAN, C. *The abilities of man*. New York : Mc Millan, 1927.

THURSTONE L. L. Primary mental abilities. *Psychometr. Monogr.*, n. 1, 1938.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições 70, 1981.

OS GOVERNOS DO ESTADO PARALELO

Este ensaio é dedicado a meu Mestre, Eugênio Luiz Mauro, que me ensinou a dizer, sem medo, o que eu pensava.

*Edmundo Leal de Freitas **

A leitura das matérias contidas em duas reportagens, muito bem estruturadas, e publicadas em revistas diferentes, com os títulos – “Vazio de poder” e “A cidade que o medo construiu” – me empurraram, de sopetão, com uma sacudidela, para dez anos atrás. Melhor pensando, quase vinte. Uma outra publicação, que compõe o trio das melhores revistas semanais da informação geral, editou matéria semelhante, porém com conteúdo e título sem maior relevância de chamada ou redação: “A guerra de Dudu e de Lulu”. Haverá críticas à destinação específica desta matéria: os ANAIS da Academia de Medicina da Bahia. Respondo, por antecipação, que não há lugar mais legítimo para publicá-la. Escrevo, sim, para os ANAIS da Academia. Não fora esta destinação, talvez, pouco afeito a muita convivência e maiormente a confidências, teria urdido algum comentário azedo, com alguma das poucas pessoas pelas quais nutro admiração, afeto e devoção, sentimentos, todos esses, quando existem em mim, meio irrestritos e por isso muito restritos, e ficaria no desabafo. Entretanto, uma situação nova vem ocorrendo. Minha velhice, bem assimilada e já bastante concreta, tem fortalecido – muito – meu

* Psiquiatra: AMB – ABP. Psicólogo: FFCH – UFBA
Doutor em Educação: FACED – UFBA
Membro Titular da Academia de Medicina da Bahia
Ocupante da Cadeira 18

velho hábito de ficar procurando correlações. E essa mesma velhice criou um hábito novo, que confesso: correr atrás do que deixei de escrever. Escrever sempre me pareceu pretensão; os meus escritos não interessam a ninguém. Nem a mim mesmo. Mas, vá lá que escreva. Responsável, pessoalmente, por tudo o que vou escrever.

Assim, recomeçamos. Revistas semanais (seria melhor chamá-las hebdomadárias e fingir erudição?), notícias diárias nos jornais e na mídia eletrônica, insistem na tecla, a mesma e altissonante, de mostrar o que se vai desenrolando, seguidamente, nos cenários e nas paisagens: a existência de governos, muitos, diversos, paralelos ao que se precisa e ao que se quer: o Governo.

A FOLHA DE SÃO PAULO, jornal muito bem editorado, publicou um artigo do governador Roberto Requião ⁽¹⁾ que utiliza uma epígrafe, sob medida para este ensaio.

“Onde fica a saída?”, Perguntou Alice ao gato que ria.

“Depende” respondeu o gato.

“De que?” replicou Alice.

“Depende de para onde você quer ir”.

Lewis Carrol

“Alice no País das Maravilhas”.

Talvez o diálogo epígrafado não sirva, simplesmente, no artigo do REQUIÃO.

Pode até ser que a história toda, da Alice, seja o mais que perfeito enredo do que se está vivendo. No país e no planeta. De qualquer modo, não constitui novidade a síntese

⁽¹⁾ Presidente, onde fica a saída? *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 20 abr. 2004, Tendências / Debates, p.3

se metafórica pretendida e brilhantemente conseguida pelo CARROL.

No Telejornal da TV Bandeirantes (canal 7, Bahia) CARLOS NASCIMENTO, âncora, e JOELMIR BETING, o jornalista econômico mais respeitado do país, disseram textualmente: *“a previdência, a saúde, a segurança, o ensino, deixaram de ser públicas e foram privatizados. Enquanto isso, o respeito do poder público pela população definha.”*⁽²⁾.

ELIANE CANTANHÊDE,⁽³⁾ com lugar cativo na página dois, “Opinião”, da *FOLHA DE SÃO PAULO*, discute a relação entre os militares e a segurança pública. Fala em *“tratamento de choque”*. Tece considerações sobre um governo que desejou ser *“democrático”* e agora tenta ser *“firme”*. Por uma *“questão de limite”*. Depois argúe: *“qual é esse limite?”* E responde: *“os manifestantes não sabem, o governo também não, e nós, que não temos nada a ver com isso, sabemos menos ainda. Só assistimos, para ver no que vai dar”*.

No que vai dar?

O CARLOS HEITOR CONY, que ocupa espaço também cativo, na mesma página dois, da *FOLHA*, e é Membro da Academia Brasileira de Letras, discorre sobre *“O muro da Rocinha”*⁽⁴⁾. A propósito da Rocinha comenta vários muros: o chamado *“da vergonha, em Berlim,”* o de Ariel Sharon, que eu chamaria de o *“da vergonha de Israel”*, e outros muitos muros, de muitas vergonhas materiais e psicológicas, que erguemos *“individualmente, na vida diária, colo-*

⁽²⁾ Jornal da Band TV BANDEIRANTES CANAL 7 BAHIA., Salvador, 21 abr. 2004, 19:30h

⁽³⁾ Questão de limite *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 20 abr. 2004, Opinião, p.2

⁽⁴⁾ O muro da Rocinha. *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 20 abr. 2004, Opinião, p.A2

*cando-nos em permanente alerta contra um assalto ou um seqüestro". Ao que acrescento: muito menos materiais, porém, principalmente, muito mais *muros morais*.*

Para finalizar, entra CLOVIS ROSSI, que sobre ser articulista faz parte do Conselho Editorial da FOLHA, e escreve, na mesma "Opinião", sobre as sinistras semelhanças ⁽⁵⁾ entre os jornalistas que estão no Iraque e os do Brasil, que reportam guerras, uma "*declarada*", a outra "*disfarçada, não declarada*" concluindo que a do Brasil é pior, pois as informações desta guerra "*só saem da polícia, que nem tropa de ocupação consegue ser, porque não 'ocupa' todo o território*". No mesmo artigo, comenta sobre um serviço de apoio pessoal pioneiro, que trata das vítimas dos seqüestros tradicionais e dos relâmpago, cujo efeito traumático "*supera, não raro, o dos sobreviventes de guerra*".

Discorrer e comentar com maior minudência, as páginas "Opinião" ⁽⁶⁾ e "Tendências / Debates" ⁽⁷⁾ da FOLHA DE SÃO PAULO, particularmente as da edição do dia 20 de abril de 2004, constituiria matéria para permitir um texto longo e complicado. Não há, contudo, seja tempo, seja espaço. Nem a necessidade de maçar, mais ainda, quem vai ler o que se escreve.

Revistas e jornais vêm sendo complementares. Não discrepam.

⁽⁵⁾ Sinistras semelhanças, FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 20 abr. 2004, Opinião p.A2

⁽⁶⁾ Opinião, = secção especial, à página A2 da FOLHA DE SÃO PAULO, onde se publicam os editoriais, os articulistas e os colunistas titulares do jornal

⁽⁷⁾ Tendências / Debates = secção especializada, à página A3 da FOLHA DE SÃO PAULO, onde se publicam articulistas convidados e peritos consagrados, abordando temas de interesse focal imediato e momentoso

Depois de todas as premissas e prelúdios já anunciados, agora é a polícia que, incompetente e incapaz, se envolve na guerra entre dois morros, dois grupos de traficantes de drogas, um avançando nos territórios do outro, com todas as conseqüentes mortes de marginais, policiais, civis, populares envolvidos, muitos inocentes e todos os sem saída, previsíveis nessa tragédia urbana, produzida pela proliferação de favelas nas cidades brasileiras onde "o banditismo é apenas a parte mais visível" ⁽⁸⁾, ⁽⁹⁾. Nessa guerra, "600.000 brasileiros foram assassinados nos últimos 20 anos, quase o dobro do número de mortos na guerra civil de Angola que durou 27 anos" ⁽⁸⁾. Consumiram-se, estimativamente, 560.000.000 de reais em drogas em apenas um ano⁽¹⁰⁾. Não é de estranhar. "O que se disseminou é a indisciplina individual, verdadeira praga espalhada pelas cidades. Ricos e pobres fazem o que querem, sem distinção, sem ser importunados."... "A construção ilegal acaba fazendo parte de uma cultura em que a transgressão é valorizada. É a porta de entrada para outros delitos, inclusive o tráfico de drogas" ⁽⁸⁾. Drogas que proliferam nas favelas da Rocinha e do Alemão, na Favela de São Conrado, na Favela da Gávea, na Favela da Barra da Tijuca, todas essas favelas (com f ou F), de pobres e de ricos, carentes e desobedientes das leis do Estado. O banditismo se faz por espasmos como os que se presenciavam agora, ou pela corrupção e desídia, pela cumplicidade com a favelização moral dos poderosamente ricos e

⁽⁸⁾ A cidade que o medo construiu VEJA: São Paulo, ano 37, n. 16, 21 abr. 2004, p. 38-42

⁽⁹⁾ As revistas ISTOÉ (n. 1802, 21 abr. 2004) e ÉPOCA (n. 309, 19 abr. 2004) adotam posição similar à da VEJA ⁽⁸⁾. Fotografias de um cadáver carregado em carrinho de mão; a cabeça e o tórax, ensangüentados, de um bandido morto; as "cinco namoradas" (aspas da revista) chorando a "morte do marido alvejado pela P.M." (sem aspas no marido); crianças sozinhas, ou com seus "responsáveis" se esgueirando entre policiais armados de metralhadoras, são comuns às três revistas já denominados por este A., nesta matéria, de "revistas do "trio dominante".

⁽¹⁰⁾ A guerra de Dudu e de Lulu ÉPOCA, Rio de Janeiro, n. 309, 19 abr. 2004, p. 36 - 41

corruptos e dos pitboys da classe média abastada. É ingênuo atribuir às drogas a causalidade dos crimes. São, e são meramente conseqüências que geram outras conseqüências. Incendiou-se o corpo de um índio, matou-se um repórter que investigava ilegalidades várias, eliminaram-se, até, autoridades que pretendiam dar cabo à corrupção. Nem Ministério Público, nem CPI, nem CPNada. Tudo isso, perfeitamente declarado, anunciado, previsto, por um inumerável contingente de cidadãos, individualmente ou associados em ONGs, em Universidades, nas Academias, em Associações de Classe.

Vale insistir?

Vale continuar?

Vale rememorar?

Vale. Pelo óbvio, vale.

O que certamente não vale é renunciar.

Será provavelmente mais útil que nós, acadêmicos de medicina e aqueles que lograrmos alcançar nas nossas atividades profissionais, na clínica, nas universidades, no jornalismo, nos nossos diálogos ou sabe-se lá, até nas nossas imprecações, consigamos transmitir mensagens de reformulação, sem o medo de lutar e de morrer na praia, que desmerece e paralisa. É preciso deixar de ser, apenas, membros de sociedades de elogios mútuos ou de mútuas desavenças.

Acho que venho insistindo, não apenas no discurso. Imagino que o faço também nas minhas ações, sempre que me permitem. No discurso, ao receber o Prêmio Estácio da Lima, honra maior no conjunto das minhas incursões pela Medicina, deplorei e propus na fala de agradecimento:

Onde estamos agora?

Na cidade do Salvador:

Que salvação, Senhor, é essa?

Onde estamos agora?

Na Bahia de Todos os Santos

Que Santos, Senhor, são esses?

Onde estamos agora?

Na amável Capitania da Bahia de Todos os Santos, de Francisco Pereira Coutinho, e nas terras de outras Capitânicas cheias dos tons dos Ilhéus e do Porto Seguro.

Onde, Senhor, esses Santos, esses Ilhéus, onde esse Porto?

A miséria campeia e denigre.

A violência elide o "Homo sapiens" e reafirma o "homo demens".

A imperícia, a imprudência e a negligência, capituladas na Lei Penal, reafirmam-se como estalão do Saber, re-configuram-se como preceitos normativos. A competência é desqualificada como preconceito burguês.

Vive-se a Lei do Cão.

Siderados dia a dia, a cada momento mais perplexos, depois de uma noite atormentada, ensangüentada pelos noticiários das televisões, mal acordados, os olhos ainda baços, tomamos regularmente um banho de sangue nas folhas dos jornais.

Até quando?

O que se vê é a miséria atormentada, é a miséria encarnecida.

- a miséria da fome;
- a miséria da doença;
- a miséria da ignorância;
- a miséria da mentira;
- a miséria das agressões;
- a miséria das violências.

A negação é uma forma de afirmar.

Não podemos ter nenhuma prova absoluta da Verdade, mas podemos e devemos, procurar, encontrar e provar o erro.

– é correto produzir crianças como serigrafias, numerando-as sucessivamente até cinco bilhões como se fez ainda outro dia? Deixá-las, depois, à mingua, ao abandono, ao malbarato, à criminalidade?

– será correto afirmar, com pompa, circunstância e histrionismo que “a saúde é um Direito dos cidadãos e um dever do governo?”.

Nenhuma dúvida quanto à primeira parte. De resto,

– onde os alicerces e as infra-estrutura para cumprir esse dever?

– onde a educação, os técnicos, o desprendimento, a aplicação?

– onde os recursos materiais para transformar esse aforismo em realidade?

Cumpra cuidar além das frases de efeito.

Cumpra cuidar do ‘Jogo do Erro’.

Nesta Casa estamos no lugar certo.

A verdade tem um significado duplo:

– *O primeiro diz respeito aos fatos;*

– *O segundo relaciona-se com as idéias, as teorias, as crenças.*

Uma construção, tradição do espírito e não o reflexo das coisas.

Uma vez mais Edgar Morin.

Os fatos são as crianças abortadas, as crianças natimortas, as crianças neo-nato mortas, as crianças negligenciadas, abandonadas, humilhadas, destroçadas, assassinadas.

Os fatos são a fome, a destruição dos ecossistemas, da biosfera, a violência promovida pela urbanização, a marginalização em todos os níveis, as incertezas e o medo que prenunciam a dolorosa certeza final.

Pode parecer apocalíptico.

É.

“Construir; destruir e Re-construir são atos cheios de ameaças e de perigos”.

“Dos nossos atos, das nossas necessidades, das nossas vontades e dos nossos comportamentos é que se transformarão as coisas”.

Parafraseando Estácio de Lima, já o disse eu mesmo.

Ilustres Acadêmicos, senhoras, senhores:

Mais do que a veleidade de conquistar uma honraria acadêmica, até agora, e provavelmente até lá, muito lá longe na minha vida a maior de todas, o desafio de desenvolver o tema “A Medicina e a Paz” significou um catalizador poderoso que fez ebulir todo o conjunto das correlações que orbitavam a minha memória e muitas das minhas ilações.

É difícil ter certezas positivas.

Podemos, porém, adquirir certezas negativas.

Podemos analisar, sadiamente, fatos patológicos.

Podemos duvidar das “verdades”.

Saberemos a certeza de que não podendo afirmar *o que É* poderemos descobrir, com segurança, *o que Não é*.

A Academia é o lugar onde se reúne o Saber.

E, o Saber da Academia, agora – longe dos seus princípios históricos, longe no Tempo e na conjuntura – é o maior responsável pela Ação.

Torna-se mais do que nunca necessário aprender a pensar o próprio pensamento. Aprender a energizá-lo, aprender a transformá-lo, aprender a transduzir as idéias em ações inteligentes – *ad intus legere* – diante dos fatos, dos acontecimentos e das coisas – *pragma* – obtendo através da própria transformação as metamorfoses.

Perdoai-me, agora, se extrapolei.

A opressão dos silêncios, dos pensamentos contidos, da inexistência, para mim, de um lugar para dizê-lo, consomem.

E porque me oprimiam, transbordei.

Transbordei, aqui nesta Casa do Saber, neste lugar de onde podem partir ações, necessárias e inadiáveis, para que a esperança final não seja a de não estar mais vivo para participar dos resultados do que se está gestando.

Academia de Medicina da Bahia

Salvador-Bahia

Em 12 de novembro de 1987.

Quando empossado nesta Academia, honrado com a Titularidade da Cadeira 18, onde se uniram ao meu, imorredouramente, os nomes de Eduardo Rodrigues de Moraes meu Patrono e de Orlando de Castro Lima, primeiro ocupante da Cadeira e meu ilustre antecessor, enfatizei:

Relembrando Umberto Eco:

Stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus.

— A rosa é nada além de um nome, apenas um puro nome.

Senhoras Ilustres; Ilustres Senhores; Ilustríssimos Acadêmicos da Medicina da Bahia.

Eis-me chegado.

Assumindo, consciente, neste rito de passagem, compromissos com a Comunidade e com esta Academia.

É iniciar a vida, agora. Pela Arte, com certeza.

É concluir que, sem a Arte, nada existe.

O que é a prática da Medicina senão o exercício perene da estética? — como o proclamou Estácio de Lima?

O que é a Medicina senão a arte abrindo caminho à Ciência, como o predisse Monteiro Lobato?

Meu cansaço é este... o desejo de ancorar num porto, como o confessa Lobato.

É verdade e claro está.

Eis-me chegado, agora, a esta Nobre Academia.

Titular de uma Cadeira, que é a de Número 18, sob a égide

perplexizante de Eduardo de Moraes, e tendo por primeiro ocupante Orlando de Castro Lima.

Seja o meu porto. Este mesmo.

Onde a âncora e a poita permitam me fixar.

Seguirei com rigor e força o conselho constelado de Orlando de Castro Lima. Dele farei minha bússola:

Olha sempre para o céu

e não te acovarde a dor, não te tema dos espinhos

.....

Olha sempre para o céu, oh! Homem,

Olha sempre para o alto,

e sem orgulho, sem paixão, sem vaidade,

mas de cabeça altiva, olhar iluminado,

segue o teu caminho...

Aqui termina a minha fala. O que não interrompe os meus atos. Permita Deus, nas suas infinitas tessituras, que eu possa pertencer e merecer.

No curso de pós-graduação em Educação – Doutorado produzi, na Disciplina: Política e Educação, magistralmente regida por Edivaldo Machado Boaventura (EDC 573, 1994), o trabalho *Poder e Legitimidade – A Fantasmagoria do Estado Paralelo*. Ousarei transcrevê-lo logo adiante.

Ao sentir o que senti, com as notícias que li e comentei, fui lançado, com um solavanco, para atrás dez anos, 1994, no doutorado em educação; para talvez quase vinte, 1986, no Premio Estácio de Lima; ou treze, 1991, na posse à Cadeira 18 desta academia; despertado pela vivência de emoções iguais às que orquestram os meus devaneios e os meus pesadelos em vigília. É uma configuração de mundo que obriga a repisar e que me obriga a refletir. Refletiram e repisaram os inspirados e inspiradores *FABIO COMPARATO* (1987) *CELSO DE RUI BEISIEGEL* (in: *COMPARATO*, 1987) e *DALMO DE ABREU DALLARI* (1993.) Dos seus pensamentos e do que ensinou Edivaldo Boaventura resultou o trabalho “Poder e Legitimidade” que aqui transcrevo:

Poder e Legitimidade - Fantasmagoria do Estado Paralelo

SUMÁRIO

Esclarecimento indeclinável

EM GERAL

1. INTRODUÇÃO

2. PROCURANDO ENTENDER TERMOS

2.1 Poder

2.2 Força

2.3 Autoridade

2.4 Poder força e Poder autoridade

2.5 Legitimidade

EM PARTICULAR

3. LEGITIMIDADE DO PODER E REGIME DEMOCRÁTICO

3.1 Evolução do conceito de democracia

3.2 Resenha histórica da democracia
na República do Brasil

3.3 Democracia e atualidade brasileira

3.3.1 *A violência e a criminalidade*

3.3.2 *A violência do crime oculto e organizado*

3.4 O momento da democracia brasileira

4. O RESTABELECIMENTO DO PÓDER LEGÍTIMO

VEJO AS COISAS COMO SÃO
PERGUNTO : POR QUE ?

SONHO AS COISAS COMO PODERIAM SER
PERGUNTO : POR QUE NÃO ?

Esclarecimento indeclinável

Estes escritos tiveram como semente o projeto que embasou uma exposição oral feita no Curso de Pós-Graduação em Educação - Doutorado - FAGED - UFBA - Disciplina EDC 573: *Política e Educação*. O seminário sobre o tema *Poder e Legitimidade*, conduzido na qualidade de aluno especial, deveria ter gerado, na continuidade, seu desenvolvimento por escrito que circunstâncias fortuitas impediram fosse formalmente concluído.

Apresentado sob forma sinóptica, ressurgiu de acordo com a intenção original.

Contudo, nos entretempos balizados a partir dos rabiscos de um debuxo, do lay-out julgado conveniente e desta forma, que pretende o status de arte final, observaram-se fatos indescartáveis.

Estão aqui pois, participando dos conteúdos desta formatação. O trabalho ganhou um sub-título. Denomina-se agora *Poder e Legitimidade : A Fantasmagoria do Estado Paralelo*.

Muitos dos supostos teóricos que embasam esta exposição originam-se em autores consagrados. Outros resultam de considerações aqui apostas, e derivam da estrutura cognitiva e dos modos de ler e descrever os acontecimentos que configuram a visão de mundo deste aluno. Fazem parte da realidade observada e do imaginário do autor; compõem as ameaças dos seus pesadelos em vigília ou fazem parte do seu devaneio.

I. EM GERAL

O poder tende a corromper
Lord ACTON

1. INTRODUÇÃO

As fontes que inspiraram a escolha deste tema consistem, basicamente, das conferências de FABIO KONDER COMPARATO (1987) pronunciadas na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em seminários de Sociologia, Política e Educação, desenvolvido sob a coordenação da Professora Maria Vitória Benevides, em 1986. Essas conferências, onde o autor trabalha conceitos fundamentais da Ciência Política, foram editadas em livro onde as palavras de CELSO DE RUI BEISIEGEL, na apresentação, constituem outro manancial de estímulos aos cultores da Educação.

Outras obras, particularmente as de ABREU DALLARI (1993) e HERMES LIMA (1980) orientaram o desenvolvimento das idéias.

BOBBIO et alii. (1992) delimitaram, com precisão, diversos conceitos que vão surgir ao longo do texto. Muitos outros autores inclusive de matéria jornalística, instigaram esta redação e a sua forma.

Poder, Política e Educação são temas fascinantes.

Compõem todo o tempo da história. Desde a mais remota antiguidade a educação deve ser entendida sob o prisma da cosmovisão (Weltanschauung) integrada aos modos e à moda de cada tempo (Zeitgeist). Manifesta-se nas transformações que se produzem, sempre indissociavelmente ligada ao trabalho, desde o precário animal laborans, passando pelo homo faber e culminando no homo sapiens, somente viável como tal quando desenvolve a "ação", atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas e da matéria (cf. ARENDT, 1991). A educação é essencialmente dialética. E, é possível, sempre, inquirir sobre de que educação se fala. Caso considerado o sujeito da educação, perguntar em proveito de quem se educa, a serviço de quem, a que alvos direcionada e a que serventias, e a que fazeres destinada.

Muito se tem debatido sobre o fato de professar-se uma educação reprodutivista, quando caberia com mais justeza adotar as condutas recomendadas pela tendência crítico-reprodutivista, atrelada às análises sócio-estruturais da educação.

O processo educativo é condicionado e condicionante.

Subjaz ou sobrepõe as instituições, como sub-produto, ou pré-requisito.

Fora das áreas de turbulência política, regularmente associadas às áreas de análise econômico-social, a Educação permanece invisível, predominantemente alimentada pelos currículos ocultos, marginalizada como processo essencial, a serviço do imediatismo pós-moderno, e caso se insurja é penalizada com os epítetos de atividade "compulsória", "improdutiva" e "sem retorno".

As figuras emblemáticas da modernidade - o comerciante, o artista, o descobridor, o matemático e o diplomata (ATTALI, 1992), fizeram desabrochar conceitos mais-que-valorizados, até mesmo na pós-modernidade. Assim retornou a democracia e dentro de esquemas positivistas, neo-positivistas e neo-liberais, hastearam-se as bandeiras do progresso, do livre-mercado, da arte e foram canonizadas a liberdade e a igualdade, essas que se podem impor através de preceitos legais embora outros, como a fraternidade e a tolerância permaneçam na estratosfera, sem legislação coercitiva plausível. Andaram-se engalanando, com bandeirolas e galhardetes, as capitânicas da Educação sem que isso significasse mais do que festejo ou dissimulação de práticas destinadas ao puro e simples reprodutivismo. Nada que representasse a Educação, nem redentora, nem salvadora, apenas libertadora dos homens e facilitadora da relação entre as pessoas.

2. PROCURANDO ENTENDER TERMOS

2.1 PODER

O Poder é, talvez, a única realidade permanente.

Resume-se na capacidade de produzir efeitos, de agir, tornando-o o alvo e as linha mestras que delineiam as estratégias de viver. Genericamente, embora não verdadeiramente, o "grande Bem" do Desejo.

2.2 FORÇA

A Força e o Poder se equivalem. Nivelam-se. Poder é Força.

Força que capacita a ação ou produz a capacidade para agir. Força manifesta (ato) ou latente (potência).

Pode ser entendida didaticamente (COMPARATO, *ibidem*), como a "capacidade de impor a vontade a outrem". Deriva dessa constatação a subordinação hierárquica, estabelecida por normas que advêm do poder-força. Imposições pré-determinadas como as que se originam na magistratura, na polícia, nas forças armadas.

Talvez o paradigma do poder, mais assemelhado ao poder ideal, seja o exercido na família, desde os primórdios, 'mutatis mutandis', e considerada a sociedade familiar como símile da sociedade global.

Aí o poder exercido depende da "normalidade" das "personagens", adotadas a força da benevolência e os produtos do amor criador*1.

2.3 AUTORIDADE

Descartados os conceitos coercitivos, *autoridade* pode ser entendida como *gênero moral* derivado do poder: *normativa*, produto do conhecimento, do amor, da habilidade, da estimulação favorável, da satisfação de necessidades essenciais.

Assim, na sociedade política adequada, ao poder legítimo corresponde a força (justa), que exerce a autoridade mediante normas jurídicas (justas), visando o bem

*1 a propósito convém ler ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978, p.9-12.

estar social e individual.

Todo o ato da adequação política transita pela justiça social e utiliza como caminho o amor, ou não passa de comédia prestes a transformar-se em tragédia.

2.4 PODER-FORÇA e PODER AUTORIDADE

O poder-força pois, existe, mas não subsiste.

Surge do abuso (ab-uso) e resvala para a violência, a chantagem, o charlatanismo, o ludíbrio.

Toda organização jurídica (justa) se baseia na legitimidade.

É o poder político que organiza e permite a organização dos demais poderes.

O que é político (politikos)*², deriva da *polis* - cidade autônoma e soberana - e da *politai* - assembléia de cidadãos. O *potestas* - poder que existe no povo - é exercido pela *autoritas* - que legisla, obedece, e faz cumprir as leis.

O patrimônio oriundo do Direito Romano determina a tessitura do Direito Moderno. Através dessa herança vigem regras e normas que inspiram as leis e governam as sociedades latinas e germânicas.

De outra parte, a justiça genérica, racional, que emana do senso comum e determina as atitudes no cotidiano acaba por transformar-se em justiça formal (common-law = direito consuetudinário), que passa a ser utilizada pelo Estado.

O Estado Contemporâneo adota o modelo *impessoal e permanente do poder*, desse modo exigindo a estruturação formal, material, social e política do sistema jurídico*³, conjunto de funções interpenetradas e exercidas pela burocracia, e que se opõe ao *poder pessoal* - determinando a configuração organizacional.

Surge, como verdade indeclinável, que a segurança do Estado é aquela dos cidadãos, a eles cumprindo construí-la e preservá-la. Reitera-se a política como sistema de diretrizes (policy) que atua pelas ações dos cidadãos (politics) e se origina do Estado e o mantém (polity).

A *autoridade*, atributo do Estado, não mais do governante, surge do consenso popular que a este confere Poder. Desse modo, capacitado a obter obediência sem o uso da força. O ato de obedecer é transformado em anuência e isso legitima a autoridade e a sua estabilidade, desde que os níveis de adesão sejam mantidos satisfatórios.

2.5 LEGITIMIDADE

A legitimidade é construídas através de vetores predominantemente sociológicos nos seus elementos mais importantes - a comunidade política, o regime, o Governo - em suma, é perpassada por um conjunto de variáveis concorrentes e consonantes, que permeiam os indivíduos, os quais, parte de um contexto, desempenham papel definido na divisão do trabalho. "O termo legitimidade designa ao mesmo tempo

*² urbano, civil, público, sociável e social.

*³ estruturas básicas do sistema político no Estado Moderno:

1. *formal*: garantia das liberdades fundamentais; aplicações da lei geral abstrata; juízes independentes.
2. *material*: liberdade de livre concorrência no mercado.
3. *social*: filosofia reformista visando à integração da classe trabalhadora.
4. *política*: separação dos poderes, independência e distribuição equitativa da "força".

uma situação e um valor de convivência social” (BOBBIO et alii. 1992, p.678). O sentido da legitimidade” não é estático, é uma realidade aberta, cuja concretização é considerada possível num futuro indefinido e a realidade concreta nada mais é do que um esboço desse futuro.”(ídem, ibidem).

É da influência recíproca de todas essas variáveis que resultará a estabilidade ou a desestabilização do Governo. Da interação adequada pois, é que se constrói a *governabilidade*.

II EM PARTICULAR

3. LEGITIMIDADE DO PODER E REGIME DEMOCRÁTICO

É correto, embora pareça enviesado, pensar que a pior das democracias é melhor do que a mais iluminada das ditaduras. Como quer que se estruture. Com que cores se engalane. De que revestimentos se cubra, deve-se pensar como Lord ACTON cuja citação, propositalmente parcial, epigrafou a *Introdução* deste trabalho:

“O poder absoluto corrompe de modo absoluto”. É como se completa.

3.1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE DEMOCRACIA

Construto antigo, cujos aportes teóricos confluem e remontam a ARISTÓTELES (384-322 a.C.), nos quais é Governo do Povo (Povo incompleto, conjunto de filósofos, guerreiros e artesãos já que escravos e mulheres não possuíam a cidadania), evoluiu até a Idade Média. Na democracia romana a força da soberania era ascendente, oriunda do povo, tornava-se representativa no governante. Depois passou a ser descendente emanando do “príncipe” e se transmitindo por delegação (Idade Média). Como acepção histórica reconhecem-se, a partir de MAQUIAVEL (1469-1527), a monarquia e a república representando *formas* de governo onde a *democracia* nada mais é do que uma forma de república [a outra é a aristocracia (cf. Aristóteles, A Política)].

Sem desconsiderar a importância de comentários mais detalhados sobre a evolução desses conceitos, porém entendendo-os impertinentes, aqui, a *Democracia*, tal como precisa ser vista é um conjunto de métodos e procedimentos para a formação do Governo e a tomada de decisões políticas que abrangem toda a comunidade. Nesses métodos, basicamente, impõem-se *as soluções políticas dos conflitos sociais*, a *eliminação da violência institucional* no limite do possível, e o *revezamento frequente*, da classe política, tudo isso sob a égide da tolerância. As regras a serem obedecidas sobrelevam o *modo de decidir*, nunca o *que decidir*. Parece óbvio que é a perseguição do utópico. Jamais, dada a natureza intrínseca do ser humano, cujo impulso tanático tem igual, e muitas vezes maior valor do que o libidinal, jamais será possível a democracia como regime integral. Porém, ainda que utopicamente, deve ser perseguida. E, como definido em BOBBIO (ibidem, p.329) deve-se acossar a *democracia substancial* - onde os fins a alcançar são a *igualdade jurídica*, a *igualdade social* e a *igualdade econômica*.

3.2 RESENHA HISTÓRICA DA DEMOCRACIA NA REPÚBLICA DO BRASIL

Desconsidere-se a Monarquia.

Quanto à República, instaurou-se a partir de uma quartelada que se deixou fermentar no corporativismo agrícola e na ideologia positivista. Desde então o trágico se difrata.

No "Álbum dos Presidentes - a história vista pelo J.B." (Edição do Centenário da República, 15 de novembro 1989) redige-se literalmente: "...o jornal ainda não estava presente naquela manhã de 15 de novembro em que o Marechal Deodoro da Fonseca foi arrancado da cama por um punhado de conspiradores civis e militares para, confusamente, sem saber, nem ele próprio, no primeiro instante, se depunha um regime ou um simples gabinete, praticar o gesto que acabou passando para a História como a Proclamação da República".

A simples observação nesse Álbum, das notícias que se estampam nas páginas do Jornal do Brasil, reproduzidas em 'fac-símile', conta que nos primeiros 100 anos a República não foi dourada senão pelas dragonas e os alamares e não brilhou mais do que no negrume das casacas pospostas até a Revolução de 1930. Essa, pretendendo eliminar os disfarces de uma política imposta pelos currais coronelescos, começou por dissolver o Congresso Nacional, as Câmaras e as Assembléias, por instituir um Tribunal Especial para julgar atos do Governo anterior e por nomear interventores federais para os Estados de Federação. Da artimanha política à ditadura explícita, passou-se vez por outra pelo conchavo eleitoral (Gaspar Dutra), ressalvadas na era mais próxima as eleições legítimas do próprio Getúlio Vargas (1951), depois levado ao suicídio pelos seus fâmulos, de Juscelino Kubistchek e do farsante Jânio Quadros. Após o grande equívoco de 1964 só foi permitida alguma luz, parcialmente democrática, no episódio Collor de Melo. Provavelmente, na demonstração de que a pior das democracias é melhor do que a mais branda das ditaduras, o Governo Collor, corrupto porém, fantasiado de impunidade, imprudentemente democrático, permitiu-se desmantelar por outros corruptos que, como depois se viu, foram desencastelados, restando muitos outros que ainda o deverão ser.

Vive-se a expectativa de que isso aconteça.

Para um futuro melhor.

3.3 DEMOCRACIA E ATUALIDADE BRASILEIRA

As mazelas corporativas, de onde quer que venham, fazem nascer frutos podres. Aos corporativos, escapa-lhes isso. Deliram como de certa forma os representou SYLVIA PLATH em "Os adormecidos": "No harm can come to them. We cast our skins and slide into another time" *4 Apenas não se quer entender que no sono simbólico figura outro, que é o da morte.

*4- "The sleepers" :.... "nenhum dano lhes vai acontecer. Trocamos a pele e deslizamos para um outro tempo".

Sylvia Plath *Poemas*, 2.ed., São Paulo: Iluminuras, 1994, p.13.

3.3.1 A Violência e a Criminalidade

O restabelecimento do Estado de Direito pelo voto direto e a promulgação da Constituição de 1988, determinando eleições majoritárias para o Executivo e a representatividade popular no Legislativo não foram, como não poderiam ser, suficientes.

A falência do Presidente, pela perda da autoridade e a sua desestabilização pelas denúncias de corrupção, resultaram na ingovernabilidade e na renúncia que não conseguiu interromper a intranquilidade social crescente.

Fatores econômicos, políticos, sociais e éticos ligados à estrutura governamental, sempre que evidentes, atingem severamente a estabilidade e a governabilidade no Estado de Direito. Vejam-se Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart e, agora, Collor de Melo.

Nesse ínterim, os requadros da violência. Primeiro nos jornais, depois na televisão, agora simplesmente em estar na rua, senão em casa mesmo. A violência nos estupra, a criminalidade vaza nossos olhos, explode em nossas orelhas e, cuidado! destroça a nossa pele. O Estado, de governo em governo, na sua maioria de governos ilegítimos porque distanciados da vontade popular, nem soube, nem quis saber, nem por espúrios, o saberia, os modos de proporcionar o bem-viver e o bem-estar social. Multiplica-se geometricamente o mundo dos infratores, como geometricamente se multiplica a população sem que surjam quaisquer multiplicadores de ações preventivas, educacionais, sanitárias, econômicas e sociais. Duas vertentes básicas do crime se estabilizam. Afora a criminalidade ocasional, instala-se, conspícua, a criminalidade organizada. De um lado estrutura-se a marginalidade social, do outro, o obtuso mundo da burocracia estatal e das organizações empresariais. Associadas todas na transgressão premeditada e lucrativa das leis, todas detentoras de poder dentro do Estado e que, nas suas entranhas, organizam um Estado Paralelo ao Estado de Direito.

A violência fortuita do roubo, do homicídio passional, ou da violenta emoção, há muito cederam lugar à violência planejada. Primeiro visando à conquista de territórios onde exercer a contravenção e o crime, depois, generalizada, contra todos, a partir do jogo ilícito, do tráfico de substâncias drogaditivas, da prática do lenocínio, do mercadejo de meninos e meninas que prostituem aqui ou lá e que exportam, desde bebês, como fontes de órgãos a transplantar.

A criminalidade prospera no torvelinho das ondas de assaltos a Bancos e de sequestros, da organização de quadrilhas especializadas em roubos espetaculares, no desaparecimento de pessoas, no latrocínio onde os objetos são veículos e cargas, automóveis e carretas, cavalos mecânicos ou containers de vasta tonelagem, além dos bem acobertados grupos de extermínio.

Aí, os comandos : o vermelho, o cinzento-azul, o verde-amarelo e o poder de governos logotípicos é logomarcados no brilho estranho das estatais ou das magaesempresas de economia demarcada. Nas prisões, das revoltas que eclodem, surgem notícias de morticínios. Nas ruas também existem mortandades, ordenadas pelos que deveriam coibí-las mas preferem levá-las a cabo. Os governos cuja obrigação é controlar, venderam a autoridade com que deveriam prevenir. Luzes brilhantes e fartas nas maletas e nas fardas de um manancial de bandidos civís, empresariais e militares.

Ao que se denomina "economia informal" somam-se os produtos do tráfico, do contrabando, do jogo do bicho e da prostituição que movimentaram, somente em 1992*5, 490 bilhões de dólares no sistema financeiro, segundo estimativa da própria Receita Federal.

3.3.2 A Violência do Crime Organizado.

A ratificação da democracia através das eleições diretas resultaram no governo Collor. Paralelamente, em contraponto, ocorreu a explosão dos escândalos que resultaram na renúncia do Presidente. As denúncias, de origem suspeita, porém parcialmente comprovadas por uma CPI; as injeções de dinheiro espúrio, como se apurou, desde a campanha; os "caixa 2" das empresas, notoriamente as generosas doações de empreiteiros e banqueiros; as "contas fantasma" e a cumplicidade de uma larga fatia do Poder Legislativo, soberanamente representado na, e basicamente pela, Comissão do Orçamento, fez cair algumas das máscaras mais pretensamente impolutas da República.

Por trás de patifarias bufas há aspectos muito mais graves.

Alguns dos aspectos do crime organizado, nas áreas da economia decorrem, em boa parte, da elaboração normativa que escapa à lógica do processo legislativo habitual. Inscreve-se no processo da "democracia delegativa", que está esmiuçada em um estudo sério e detalhado de JOSÉ EDUARDO FARIA*6(1993).

Na democracia delegativa o Estado vê-se forçado ao sub-estabelecimento de poderes, procurador que é da vontade popular, às organizações da burocracia estatal e a "alguns segmentos sociais mais organizados". "Com isso, surgem instâncias mediadoras, que desencadeiam procedimentos negociados de elaboração normativa e de tomada de decisão no âmbito das estruturas econômicas" (idem, ibidem). A capacidade de barganha e de pressão dessas "organizações complexas" é muito variável. As mais eficientes atuam como "verdadeiros governos privados".

No entender de CELSO CAMPILONGO*7: "de um lado, na relação com o Estado, viabilizam ou impedem a implementação de políticas públicas. De outro lado, no interior das próprias organizações, ou das suas 'interconexões', a 'sociedade organizacional' ajusta as exigências dos seus membros às capacidades da organização, colocando-se acima e fora do direito positivo (público) e atuando com base em códigos específicos".

Concretiza-se a usurpação do Poder.

Como garantir a autonomia do Estado diante desses novos círculos de poder? Como repensar o Poder Legítimo com essas novas referências que transcendem em perversidade o Leviatã? São desafios à Ciência do Direito, à Teoria do Estado e mais especificamente ao Direito Administrativo no limiar de uma nova era.

Porém, crimes comuns, codificados, praticam-se diariamente, no exercício do

*5 Fonte: Jornal do Brasil, citado por GILBERTO DIMENSTEIN, *O cidadão de papel*, São Paulo: Ática, 1993, p.56.

*6 FARIA, J.E. *Direito e Economia na Democratização Brasileira*. São Paulo: Malheiros, 1993.

*7 CAMPILONGO, C. Livro aponta atraso teórico. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 jul. 1993, Caderno 2 (Cultura), p.1.

poder econômico, desde a desfaçatez do “colarinho branco” sob medida, à promiscuidade dos corpos imundos das crianças que cheiram cola ou fumam crack.

Às contas fantasma, que se estimam em até 20% do total das contas bancárias existentes, somam-se contas numeradas, sob nomes falsos em paraísos fiscais, que chegam a bilhões de dólares. Contratos “frios” desviam dinheiro de empresas para o bolso dos seus diretores burlando o fisco e os acionistas. Frotas de jatinhos, (a segunda frota particular do mundo!) decolam e aterrissam em todo o país e em todos os países que alcançam, notadamente naqueles onde o dinheiro é do portador. Derrotam, como esquadrilhas da guerra econômica, o fisco, os processos cambiais, os policiais, que ainda os há honestos.

Os desenhos são muito grandes.

Os mapas indicam esconderijos que ninguém suspeita.

Os organogramas saltam de empresa a empresa, em holdings de empreiteiras mãe a empreiteiras filhas, quando menos seja nos nomes de ex-empregados daquelas, que hoje são donos dessas.

Faturamentos *oficiais* de 1 bilhão de dólares não são espanto.

Quilômetros de estrada, ao custo de 17 milhões de dólares cada, edifícios que já pertenceram a multinacionais são alugados ou adquiridos e enormes e suntuosos edifícios-sede escondem no mármore e no concreto os produtos do roubo de luxo.

Empreiteiras falidas transformam-se, do dia para a noite, em gigantes com contratos faraônicos no país e no exterior.

Até quando?

Talvez até que, se possa iniciar a varredura das empresas estatais e suas “off-shore”, e inclusive os bancos do governo possam ter as suas contas devidamente auditoradas.

3.4 O MOMENTO NA DEMOCRACIA BRASILEIRA.

Parece que a origem dos descalabros da criminalidade “aberta” se localiza nos atapetados “persa”, da criminalidade “fechada”.

A imprensa, de todos os modos, inclusive inutilmente, tem denunciado o que ocorre. A mancha dos crimes de crianças e de adolescentes e dos crimes contra crianças e adolescentes povoa os jornais diariamente.

As revistas semanais a cada duas ou três semanas ostentam crônicas, artigos, ensaios, reportagens, quando não de capa, sobre criminalidade, droga, morros, favelas, fome, necrotérios, medo, munição, armas permitidas (?), armas proibidas, armas importadas, armas contrabandeadas, todas essas notícias filhas da miséria e do crime. Da miséria moral.

Não são apenas as quadrilhas de meninos que nos desapontam e entristecem quando os vemos e nos enraivecem quando nos agridem. As quadrilhas dos meninos que matam e roubam também morrem. São chacinadas, inclusive.

Há guerra entre as quadrilhas, entre quadrilhas e polícia, entre as polícias. Só em 1989 houve 50 mil homicídios no Brasil. Assim escreve GILBERTO DIMENSTEIN (1992)*⁸. Quase o número de soldados americanos mortos no Vietnã!

Conclui-se que a democracia onde vivemos é meramente formal. Já não há liberdade individual nem direitos assegurados.

O Estado dentro do Estado domina a sociedade e pessoas pagam com a vida a marginalidade com que foram contempladas. A hecatombe urbana (a rural é muito mais antiga) é o dado político mais importante, e o marginal é um "produto meticulosamente *desenhado nas pranchetas da omissão social*" (DIMENSTEIN, *ibidem**⁸). O drama do abandono e do perjúrio vão fabricar os matadores profissionais. O que ultrapassa, de longe, a formulação simplória da má distribuição de renda. Entre 1960 e 1980, afora o crescimento demográfico, a imigração para as cidades atingiu 30 milhões de seres. E, as maiores aglomerações urbanas representavam 42% do aumento demográfico. Cinco milhões de crianças são vítimas da desnutrição. Jatinhos Citation II não gostam de transportar alimentos.

Somos a 8ª economia do mundo, mas um terço da população (50 milhões) vive na indigência e condenada à subnutrição crônica. A limitação intelectual de fundo cultural e alimentar leva a criança à evasão e à repetência, torpedeia sua visão da sociedade, invade a auto-estima e a aniquila, conduzindo à depressão, à violência, à morte. Resta a penúria, a desesperança o envilecimento do ser humano.

4. O RESTABELECIMENTO DO PODER LEGÍTIMO

As eleições livres e a posse de um governo democrático, tão somente, não o legitimam. Eleições majoritárias e proporcionais, regidas pela batuta do poder econômico espúrio, e que aviltam a razão e esmigalham a ética não conferem legitimidade ao governo, senão teoricamente.

Permanecem:

- a concentração de renda e de território em mãos equívocas e dissimuladas;
- o sub-aproveitamento da terra que é utilizada para pastagens ou para o plantio de grãos, dirigido à atividade agrícola oportunística, visando ao enriquecimento de poucos em detrimento da produção de alimentos para todos;
- a utilização do agro-poder como fonte de poder político;
- a destinação de recursos financeiros à produção de bens de consumo fúteis, relegados à insignificância os insumos necessários à produção dos processos educacionais efetivos, da saúde pública, do saneamento básico e da alimentação adequada.

Em paralelo, começa a condensar-se, embora rarefeita, a consciência de que a fome coletiva é manifestação afirmativa do câncer social. Algo muito grave está em gestação.

*8 DIMENSTEIN, GILBERTO os nossos meninos que Deus os tenha.
Imprensa, Rio de Janeiro, ano IV, n.53,p.14-21 jan.1992.

Alterar este "status quo" é tarefa, desde o primeiro instante, de vontade política reforçada, esclarecida, consequente. A seguir, o desejo de movimentar o que é necessário para modificar os modelos e os modos de viver da sociedade. Em outras palavras, é necessário contrariar interesses e privilégios, reestruturar o modelo econômico, estabelecer uma nova ordem, onde em princípio não se admita o Estado paralelo e a hegemonia de quaisquer tipos de quadrilhas.

A violência é, antes de tudo, fruto das violências encobertas;

Reação escancarada contra o que se dissimula;

Desespero da fome, da ignorância e do maltrato;

Produto coerente, lógico, ratificador de todas as violências que se perpetuam no obscurantismo.

Talvez seja oportuno retornar a ARISTÓTELES.

Buscar luz para trazê-la ao que é preciso.

Ainda que metafisicamente, sem desprezar a imperfeição da metáfora, educar, porque "a educação (dos jovens) precisa ser um dos objetivos principais do legislador, pois todos os Estados que a relegaram foram grandemente prejudicados por isso"* 9

Talvez acreditar na possibilidade de aproximação de um Estado-Sol. Onde ao Poder se equivalem a Sabedoria e a Harmonia. Claro está, escandidas as idéias delirantes de TOMMASO CAMPANELLA* 10.

Laborar, por todos os meios lícitos, para que se estenda e se concretize a Educação. Ainda que seja para, uma vez mais, morrer na praia.

Se necessário, rezando os versos de PESSOA* 11 a D. Duarte:

*"Firme na minha tristeza, tal vivi.
Cumprí contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumprí".*

*9 ARISTÓTELES, *A Política* - Tradução por Torrici Guimarães, São Paulo: Hermus,(197-) p.157

*10 TOMMASO CAMPANELLA (1568-1639).Dominicano, filósofo, utópico. Foi encarcerado por 27 anos pela Inquisição e torturado sete vezes. Escreveu a "Cidade Sol" onde o Estado seria constituído por uma Monarquia Universal, e o do Poder exercido através dos Ministérios do Poder, da Sabedoria e da Harmonia.

*11 FERNANDO PESSOA *Mensagem*, 15.ed., Lisboa: Ática, 1988,p.37.

A justificativa dolorida e autoindulgente de D. Duarte não pode resultar no melancólico fim de uma Nação. Como, de resto, Portugal não se acabou.

Recomeçando e reformulando aquele epílogo, daquele D. Duarte do PESSOA, é definitivamente o caso do recomeçar. Principalmente diante dessas ameaças, hoje maiores em tudo, e que assumem o papel de pronunciar o fim desta etapa do processo sócio-cultural, talvez até desta etapa civilizatória. Insisto: Re-começar, sem medo de morrer na praia.

O que se escreveu no início desta matéria e, notícias outras, ainda mais recentes, por exemplo, o Exército tendo que assumir a manutenção da ordem intra-fronteiras ⁽¹¹⁾ – faz-nos crer que já chegamos àquele estágio indesejado por todos, aquele das medidas drásticas, do notório e do intensivo. Sem dúvida, já é preciso aplicá-las. E, daquele modo que é bem o da medicina. Não se limitando a enfrentar os riscos terminais apenas. Um pouco, ou muito, apoiados nas duas leis propostas por HESÍODO (cf. BRANDÃO, (1986) ⁽¹²⁾: a necessidade do trabalho e o dever de ser justo. *“Trabalho e Justiça jamais poderão separar-se, porque a carência do primeiro gera a violência, isto é, a injustiça.”* (idem, ibidem).

Talvez, utopicamente (penso que acreditar na utopia é essencial para a sobrevivência), aplicar ao mesmo tempo, e é preciso aplicar ao mesmo tempo, medidas profiláticas, que nunca o foram na dosagem necessária, e medidas terapêuticas, todas, corajosas, e drásticas. Profilaxia e terapêutica exigem, ambas, desprendimento, coragem, atuação in-

⁽¹¹⁾ Tropa especial do Exército agirá no Rio *JORNAL DO BRASIL*, Rio de Janeiro 30 abr. 2004, p. A1, A15, A16

⁽¹²⁾ BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*: S. Paulo: Vozes, 1986, v. 1, p. 163

dividual e coletiva, e o sentimento de que não está, nunca está, na hora de aceitar a derrota como coisa inevitável.

As medidas profiláticas, seguramente corretas, foram aplicadas, foram sim, com a parcimônia da avareza, da tibi-eza, do medo, da tergiversação. É preciso, sem eufemismos ou enfeites verbais, promover o controle da natalidade indesejável, da miséria que gera a miséria, que produz mais miséria, sem a menor possibilidade de recuperação ou de redenção. A marginalidade social que cresce, multiplicando-se geometricamente, é incapaz de escapar de si mesma, e a própria fome orgânica e a desnutrição são avisos poderosos à espécie ameaçada, para que se reproduza febrilmente. Na ação paradoxal em que, para subsistir e sobreviver, reproduz a insubsistência e a fragilidade mortais. Não há violência maior do que a permissividade e a complacência frente a esta multiplicação portentosa de desvalidos e de sub-humanos.

Uma vez adotada a profilaxia rígida, de outra parte, é preciso cuidar do que aí está. Exercitar a abstinência de ambições menores. Ainda que "apenas" as de estar lerdos e em sossego. Alienados e mortos-vivos. Sem saber, reproduzindo Inês de Castro, já mortos, pelo tédio, pela desídia e pela violência da desfaçatez e da cobiça, da inveja e da superconquista. É preciso exorcizar outra fome pantagruélica, a do poder pela acumulação da riqueza e dos bens excedentes aos necessários à sobrevivência digna, todos e cada um, atendo-se ao essencial e ativando, pessoalmente e como membros da sociedade humana, os modos de construir os espaços e as edificações necessárias.

Espaços para a moralização dos comportamentos individuais, a partir dos intra-muros. Edificações na luta, cada qual pelos meios de que desfruta, visando à reordenação e à reconstrução.

Não é possível ficar assistindo com complacência aos espetáculos do desgoverno. Leia-se JANIO DE FREITAS ⁽¹³⁾ *“Os sinais estão todos aí,”: “. Dentro do governo e fora dele, no país. Mas não sei se mais dentro ou mais fora, tantos e tão embaralhados são uns e outros. O que ajuda a explicar essa constatação-quase-lamentação: nunca vi, tenho certeza de que nunca vi, um governo que me parecesse mais difícil de entender. Ou impossível.*

Os sinais de governo desnordeado são cabais, diários e incessantes. Estão nas reuniões palacianas que nada resolvem, nas divergências internas que não se solucionam, na inutilidade dos ministérios a que são negadas suas verbas vitais, na inexistência de programa, na incompatibilidade total entre o que o governo é e o que Lula diz. Na fermentação social que se acelera, na continuada vulnerabilidade do país ao mero palpite de um banco de especulação, estrangeiro, no desalento dos setores produtivos e comerciais”.

Pois é.

Já ELIANE CANTANHEDE ⁽¹⁴⁾ no seu estilo descritivo – crítico, na dose justa, dá a sua opinião, na “Opinião”, com o título “De Norte a Sul”. *“Rondônia, quem diria, está disputando espaço com o sempre imbatível Rio de Janeiro nas telas de TV; nas ondas de rádio, nas páginas das revistas e nas capas de jornais.*

Como não poderia deixar de ser, a disputa é, literalmente, sangrenta. Rondônia é uma terra sem lei, sem agentes da lei. Avisos não faltaram e até houve um punhado de policiais federais na área de conflito entre índios e garimpeiros, mas estava ficando caro, o superávit primário falou mais alto, e os policiais saíram de cena. A coisa explodiu.

⁽¹³⁾ A oportunidade. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 20 abr.. 2004, Brasil, p. A5

⁽¹⁴⁾ De Norte a Sul FOLHA DE SÃO PAULO São Paulo, 5 mai. 2004, Opinião, p. A2

Se não preveniu, o governo federal tem dificuldade agora para remediar. Foram 29 garimpeiros mortos por índios cinta-larga. E seus cadáveres sendo transportados em sacos, disputam espaço e horror com as cenas asfixiantes, de reféns decapitados pelos presos da penitenciária Urso Branco, em Porto Velho.

Rondônia, porém, não é lá. Rondônia é aqui, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, Cuiabá. Além do Haiti, evidentemente. Só não se sabe onde tudo isso vai parar. A ameaça do MST de um "abril vermelho" se transformou numa realidade de "2004 negro".

Cadáveres de garimpeiros às dezenas e corpos dilacerados sendo jogados de prédios sob responsabilidade do Estado. O caso das penitenciárias, era tudo que o governo Lula não precisava agora. A esse caos da distante Rondônia, vêm se somar as invasões do MST de norte a sul, a ofensiva dos sem-teto em São Paulo, as greves da Receita Federal e do INSS, as minas terrestres no Rio e a perspectiva de um novo salário mínimo com cara de governo FHC, não de PT na oposição.

Mas o presidente está sempre alerta (como os bons escoteiros) e tomando todas as providências. A primeira foi esparramar o PMDB por órgãos e fundações. O pau está quebrando pelo país afora, mas a calma reina no Congresso. Bem... mais ou menos. Até porque uma coisa é sempre vinculada a outra. País calmo, Congresso calmo. País chacoalhando, base aliada chacoalhando. Eis o que se tem."

Eis o que se tem.

Agora garimpeiros e os índios cinta-larga. Além dos abris coloridos com as cores da preferência de cada um, sobra um abril que passa para maio e o jornal A TARDE estampa a manchete "*Protesto une a cidade e o Campo*" ⁽¹⁵⁾:

¹⁵⁾ Protesto une a cidade e o campo A TARDE, Salvador – Bahia, 5 mai. 2004, p. 1

“Uma passeata de moradores da Gamboa de Baixo pela urbanização do bairro foi engrossada, ontem, em Salvador, com a participação de trabalhadores rurais sem-terra pedindo reforma agrária. Segundo o doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, professor Elenaldo Teixeira, a gritante questão social permite que a cada dia os diversos grupos se apoiem, unificando forças.”

À página 5⁽¹⁵⁾, do mesmo jornal, estampa-se:

“Começa o pacto de solidariedade: movimentos rurais e urbanos fazem aliança e emcampam numa só bandeira por moradia, terra, emprego e justiça no campo” ⁽¹⁶⁾. Segue-se um texto de José de CASTRO que, mesmo não sendo, é um filme já visto em muitos lugares. Moeda, sem dúvida moeda, de cara e coroa. Vamos lá.

Tropa Especial do Exército agirá no Rio: ⁽¹⁷⁾

“Brigada do Exército, especialmente treinada para ações de combate ao crime urbano, desembarcará no Rio em data a ser marcada. Sob o comando dos Ministérios da Defesa e da Justiça, a missão depende de acerto jurídico para dar respaldo legal à atuação de Força da União no Estado. A brigada, com mais de mil homens, terá poder de polícia.”

Mais um pouco. Mais um passo:

“TCU aponta distorções em Programas Sociais”⁽¹⁸⁾:

“Com distorções, a política social do governo federal perde-se no combate às desigualdades, constata auditoria do

⁽¹⁶⁾ Começa o pacto de Solidariedade A TARDE, Salvador – Bahia, 5 mai. 2004, p. 5

⁽¹⁷⁾ Tropa especial do Exército agirá no Rio JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 30 abr. 2004, p. 1

⁽¹⁸⁾ TCU aponta distorções Sociais JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 30 abr. 2004, p. 1

Tribunal de Contas da União. Com base nos dois últimos anos da gestão Fernando Henrique e no primeiro de Lula, fiscais observaram que Estados mais pobres recebem menos recursos para atender portadores de deficiência. O levantamento revela que o programa de moradia não diminui o déficit do setor, que adolescentes infratores ainda são punidos com a perda de liberdade e que faltam verbas para ações públicas.”

Outro passo. Dos bem largos:

“Falhas no sistema facilitará fraudes”⁽¹⁹⁾:

“Com falhas diárias, o sistema eletrônico de informática do Tribunal de Justiça do Rio facilitou as fraudes na distribuição de processos, o que já levou à punição de cinco funcionários, afastados das funções. A manipulação na divisão das ações entre os desembargadores foi constatada em 12 casos até agora.”

Até aqui chegamos. Mas não é só. Vamos um pouco mais adiante. Outros vetores de força idêntica e mal direcionados concorrem para a resultante caótica que percebemos e a mais caótica a se apurar depois.

Ficando com a imprensa: *“Polícia que não funciona” – “Os policiais do Rio e de São Paulo matam quatro vezes mais do que os americanos (que prendem 16 vezes mais bandidos)” – “O número de mortos pelos agentes da lei, no Brasil, é equivalente ao de vítimas da guerrilha na Colômbia”* – Na capa da revista *ÉPOCA* ⁽²⁰⁾ e no texto da reportagem *“a polícia brasileira nunca matou tanto. Para piorar, os*

⁽¹⁹⁾ Tribunal de Justiça do Rio – Falhas no Sistema facilitaram fraudes – *JORNAL DO BRASIL*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2004, p. 1

⁽²⁰⁾ *Polícia que não funciona. ÉPOCA*, Rio de Janeiro, 3 mai.2004, n. 311, capa e p. 94 – 102

Índices de criminalidade não diminuíram – e morrem cada vez mais inocentes". A matéria, em geral, é ilustrada com fotos e gráficos onde se alimenta o espanto. Entre 1999 e 2003 os números dos mortos pela polícia do Rio de Janeiro (segundo sua própria Secretaria da Segurança) aumentaram de 289 para 1.195, números que, em aproximação permissível, resultam em aumento da ordem de 400%, ou seja, 100% ao ano. Em São Paulo os valores são um pouco menores: 371 em 1999 e 868 em 2003, qualquer coisa por volta dos 235%, mais ou menos 60% ao ano.

Paralelamente, a VEJA de 28 de abril de 2004, proclama na Capa ⁽²¹⁾ "uma praga nacional – Corrupção e inépcia das prefeituras desviam mais de 20 bilhões de reais por ano". A reportagem, cujo ícone é um gafanhoto, intitula-se "Pragas urbanas". Desperdício, desvio e corrupção entre diversos prefeitos, devidamente apontados, com as fotografias a que têm direito (p.42,43, 44 e 45) e, no espaço inferior ao título da reportagem, ao pé das páginas 40 e 41 dados obtidos junto ao Tribunal de contas da União (T.C.U.).

Pode-se ler:

1. *"107 bilhões de reais, é quanto movimentaram as 5.560 prefeituras do país entre recursos próprios, estaduais e federais";*
2. *"20 bilhões de reais, é quanto se estima que suma todos os anos no ralo da corrupção aberto nas prefeituras brasileiras";*
3. *"Seria o bastante poder estimar em 20% aproximados, o desvio de verbas públicas para as contas do "ralo" das autoridades corruptas".*

Porém, é insuficiente saber sobre o desvio desses 20 bilhões de reais! É preciso saber como se "alimentam" essas feras:

⁽²¹⁾ Uma praga nacional VEJA, São Paulo, 28 abr. 2004, ano 37, edição 1857, p. 40 -47

4. *400%, é quanto aumentou a média dos desvios de recursos federais pelas prefeituras nos últimos cinco anos”;*
5. *“60.000, é o número de vereadores no país. Pela lei, há um excesso de 9.000, mas os políticos resistem a reduzir;*
6. *“1.500, é o número de cidades no país que gastam mais em vereadores do que com as necessidades da população”;*
7. *“600 é o número de municípios criados artificialmente na última década, apenas para ter acesso ao repasse de verba”.*

À reportagem seguinte, da mesma edição 1857 da VEJA, à página 48, lê-se: *“sem fé, lei ou rei”*; *“A Funai fez das reservas indígenas áreas de preservação da sua própria burocracia e agora enfrenta acusações de corrupção”*. Nas fotografias estampadas, os títulos – *“Corpos dos garimpeiros mortos chegam a Porto Velho e índios assistem à sessão do Congresso pelo telão”*. Dantesco e grotesco. Não há autoridade. No quadro da página 49, enfeitado com uma arma indígena, o texto: *“muita terra, pouco índio. 410.000 índios vivem em 100.000.000 de hectares de reservas. É como se a população da cidade paulista de Santos ocupasse, sozinha, os Estados de Minas Gerais, São Paulo, e Paraná, com densidade demográfica pouco maior que a do Deserto de Saara”*. No conteúdo, a deplorável questão da garimpagem de diamantes na reserva Roosevelt (Rondônia), os assassinatos de garimpeiros, a inércia da Funai, a mixórdia que envolve caciques milionários, garimpeiros ilegais, contrabandistas internacionais de pedras e a *“imensa burocracia federal encarregada de tutelar os selvagens brasileiros”*. Índios de todas as espécies, por toda parte. Tais como, sobre eles se expressou, em 1570, o cronista português Pero de Magalhães Gândavo ao constatar que *“não se acham na língua deles F, nem L, nem R, coisa digna de espantos, pois “assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei.”* Unem-se essas espécies de índios do Gândavo aos índios de hoje e todos os outros índios que os circudam e com eles se mancomunam.

A revista ISTO É, ⁽²²⁾ fala de narcotráfico e, também da questão dos índios e dos diamantes. Sobre drogas relata o assunto sem incluir fatos novos, aborda o problema de alguns drogados famosos, e defende, como o fazem muitos, não sem razão, o “aperto” ao usuário, já no título: *“Drogas – apertando o usuário”*. No que respeita a índios, diamantes e desgoverno na reportagem “Terra de ninguém” ⁽²³⁾, o quadro síntese vai ao âmago: *“Corrupção generalizada e falta de regulamentação para extração de diamantes em áreas indígenas só favorecem o crime organizado. Até o governo de Rondônia contratou contrabandista para se beneficiar da ilegalidade”*. No conteúdo, as marchas e contramarchas, os peso – pesado e as quireras de crimes hediondos, corrupção por atacado e no varejo, cupidez, desgoverno, e crimes conhecidos e anunciados. Fotografias, como sempre, contudentes, que agridem e, ao mesmo tempo, nos informam que estamos vivendo tempos de horror.

Por associação de idéias, toma seu lugar uma reportagem muito interessante da revista EXAME: *“Por trás da foto – É ali que mora o poder”* ⁽²⁴⁾. Serve como recheio desse sanduíche hediondo. O relato utiliza uma coluna de humildes 7,5 x 17,0 cm. O restante das duas páginas é ocupada pelo título e uma fotografia da Península dos Ministros, em Brasília, vasada por fotos em circunferências de 2 cm. de diâmetro e acopladas ao nome de cada personagem fotografada em quadros com informações sucintas, contidas em 4 linhas, dentro de um pequeno retângulo. Esses felizes habitantes da Península são encimados pelos anúncios de dois terrenos, um no valor de 900.000, e outro, no de 1.500.000 reais, respectivamente. No texto, informações como: *“as casas podem facilmente valer*

⁽²²⁾ Drogas – apertando o usuário *ISTO É*, São Paulo, 28 abr. 2004, n. 1803, p. 28 -34

⁽²³⁾ Terra de ninguém *ISTO É*, São Paulo, 28 abr. 2004, n. 1803, p. 38 – 42

⁽²⁴⁾ Por trás da foto *EXAME*, São Paulo, ed. 816, ano 38 – n. 8, 28 abr. 2004, p. 20 – 21.

3.000.000 de reais”; “A área tornou-se famosa por abrigar a maior concentração de autoridades públicas na capital federal”; “A maior parte das casas pertence a empresários do setor privado”; “Há ministros, presidentes do legislativo, comandantes militares e diplomatas estrangeiros”; “O mercado imobiliário trata a área como um mito”.

De onde virá a salvação? Do céu?

Está cansativo. Para quem lê. Creia-se, também, para quem escreve. Principalmente pela monotonia dos episódios, cada um monocórdico no conteúdo, resultando em um conjunto monotônico, pela repetitividade dos conteúdos. Mas é o que temos. A soma das informações havidas, em um curtíssimo período de tempo, retrata a tragédia que se vive, e cansativa está.

Pode-se fantasiar que o cansaço vale a pena se evitar a hecatombe.

É abrir os olhos. As orelhas. A própria pele se preciso. E o nariz, para bem perceber a podridão do miasma que se dissemina. O perigo aumenta todos os dias.

Até aqui viemos em um crescendo. Na banda podre. Conseguimos ver o miolo do sanduíche que é uma península. Uma vez mais a revista ÉPOCA. Reportagem especial⁽²⁵⁾. Estamos nas raízes da árvore do mal. Fincadas naquela península.

Relembremos as leis de HESÍODO.

Desemprego e crime. Falta de trabalho e injustiça. *“Pesquisa inédita confirma que o desemprego dos últimos anos lançou trabalhadores no mundo do crime”*. Esta a chamada, em um quadro, na reportagem.

⁽²⁵⁾ Crime e desemprego ÉPOCA, Rio de Janeiro, 5 abr. 2004, n. 307, p. 76 – 83

Assunto: uma pesquisa feita em um intervalo de tempo de três anos – de outubro de 2000 até setembro de 2003. Nesse período, a *“taxa de desemprego cresceu 22%”*. Com isso, os *“crimes da falta de alternativa”* aumentaram:

1. assalto a motoristas de automóveis - 74%
2. estelionato - 68%
3. assalto a trocadores de ônibus - 43%
4. assalto a transeuntes - 22%
5. indução de menores ao crime - 69%

Além do desemprego, a *“renda média dos trabalhadores caiu 33%”*. Segundo a pesquisa, os *“crimes da falta de dinheiro”* cresceram:

1. furto de objetos no interior de veículos - 69%
2. furtos em estabelecimento comercial - 24%
3. furtos em residência - 66%
4. furto de objetos e dinheiro do transeunte - 24%
5. tráfico de entorpecentes - 72%

Essas tipificações de causalidade, apontadas pela pesquisa sugerem, pela natureza dos crimes analisados, a deflagração da criminalidade *“opcional”*, por paradoxo, *“por falta de opção”*. Mesmo o estelionato, crime que exige níveis de cognição de inteligência de média a superior pode, sim, ser eliciado por falta de trabalho regular. Já, e de outra parte, ao que parece confirmando esta tese, no mesmo período, os, denominados *“crimes que têm várias causas”* diminuem com a modificação da *“taxa de desemprego”*, que *“subiu 22%”* e a *“renda média dos trabalhadores”*, que *“caiu 33%”*. Houve redução nos:

1. homicídios dolosos - 25%
2. assaltos para roubo de automóvel - 32%
3. arrobamentos e furto de automóvel - 31%

É possível alvitrar que esses últimos crimes apontados, menos sujeitos a variáveis vinculadas à incerteza sobre a condição de sobrevivência e mais ligados à personalidade do infrator, tenham se diluído nos seus valores relativos, em que pese o fato de que a reportagem não dá a conhecer os seus valores absolutos.

A única solução plausível é a luta. E como lutar? É preciso evitar o ingresso das pessoas no mundo do crime. No alicerce desta luta está o incremento às condições de aquisição dos insumos indispensáveis à sobrevivência: a educação, inclusive visando à manutenção da saúde e, neste momento, vetor mais importante, a geração de condições de trabalho e o ingresso de remuneração que permita a mínima dignidade e sobrevivência. Aos que já trabalharam e aos que estão chegando para trabalhar.

Voltando ao noticiário. Na revista VEJA ⁽²⁶⁾ *“não dá mais para adiar “-” Crescer sem riscos à estabilidade exige sacrifícios do governo. A sociedade já deu tudo o que pode”*. Na foto da reportagem, na calçada de um galpão industrial, uma fila que a ocupa em todo o comprimento e em toda a largura, com a legenda - *“mais de 15.000 pessoas fazem fila para disputar 350 vagas: criar empregos é o desafio”*. O conteúdo da reportagem será comentado logo mais.

A crise da população miserável tem que ser encarada já se disse, neste ensaio mesmo, precisa ser encarada de maneira taxativa, corajosa, sem eufemismos e de modo a que não se reproduza ao léu.

A crise do trabalhador sem emprego é de outra natureza. Gera crise de identidade. Crise quer dizer ruptura de

⁽²⁶⁾ Não dá mais para adiar VEJA, São Paulo, 17 mar.. 2004, p. 60

equilíbrio, situação nova onde se destacam problemas ⁽²⁷⁾.

CALLIGARIS ⁽²⁸⁾, na FOLHA DE SÃO PAULO analisa (bem, como sempre que escreve e analisa, psicanalista competente e bem formado que é, inteligência privilegiada, que sabe usar) a crise de identidade como fenômeno social imediato ao desemprego. Antes da necessidade, do medo e da fome, o indivíduo desempregado não pode mais responder à primeira pergunta de sempre – “*O que você faz na vida?*” Alinhava uma informação do caderno *Empregos* (datado de 28 de março de 2004), da FOLHA: “*o tempo médio para que um desempregado encontre trabalho é de 56 semanas*”. E comenta – “*haja ânimo*”. Treze meses. Um ano e um mês. Haja fibra, coragem, equilíbrio, diria até, insanidade sadia para suportar essa privação. Que leva à privação radical de identidade. O que você é e o que faz? Nada. Por que? Você não vale nada? É incapaz de trabalhar? Em Salvador – Bahia observa-se um fenômeno cujo significado maior passa despercebido à maioria. Aumenta, velozmente, a quantidade de pessoas – homens, mulheres, adolescentes, crianças – que se entregam a mercadejar bugigangas, balas, água mineral em garrafinhas, frutas, mercadorias pirata, contrabando de tostões gerando prejuízo fiscal de milhões para simular, para si próprios e para o mundo, que trabalham.

Há alguém atento para perceber isso? Para o que significa, no seu todo? Ainda CALLIGARIS ⁽²⁸⁾, citando *Adversidade Stresse e Psicopatologia*, editado por BRUCE DOHRENWEND, escreve: “*a perda do emprego está na lista dos piores fatores adversos, junto às catástrofes naturais, à morte de uma pessoa amada, ao estropo, à doença grave, à separação ou ao divórcio.*”

⁽²⁷⁾ FERRATER MORA J. *Dicionário de filosofia*. 2 ed. México, D.F.: Atlanta. 1944.

⁽²⁸⁾ Desemprego – FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 1 abr. 2004. p. E8

Nenhuma novidade nisso: é fácil entender que a perda do emprego seja fonte de *"angústia, de depressão e mesmo, às vezes, de comportamentos anti-sociais: alcoolismo, violência familiar e condutas criminosas."*...*"Enfim, espera-se que a economia crie empregos"*. Depois, com o sarcasmo que o conhecimento maior da natureza humana permite, com o cinismo tranqüilo dos bem aventurados, costura: *"mas os poetas e os saltimbancos também têm uma tarefa crucial. São eles que podem, aos poucos, convencer a gente de que é a nossa vida concreta que nos define, não nossa função produtiva⁽²⁸⁾"*.

Concordo.

Aos saltimbancos já estamos entregues há algum tempo. Venham, agora os poetas.

Mas saltimbancos e poetas não promovem a destruição da esperança.

A escalada da violência não é irreversível.

Nova York deu um exemplo quando a sua polícia, devidamente vigiada e instrumentada, fez com que a criminalidade, uma das mais violentas do mundo, nas décadas de 70 e 80, acusasse queda de 70% no número de assassinatos⁽²⁹⁾. Resultado da reestruturação da polícia, do maior rigor da justiça – Tolerância Zero – da ação de programas sociais e da reorganização das áreas urbanas. No Brasil, na época do Plano Cruzado, a taxa de desemprego em São Paulo caiu de 12.2% para 9.6% e os furtos despencaram 14% sem qualquer política específica de segurança pública. No mesmo artigo lê-se. Na mesma fonte lê-se: *"Prevenir é mais barato"*. *"Programas sociais bem sucedidas ajudam a tirar as pessoas da criminalidade"*. *"Quando são*

⁽²⁸⁾ Idem, Ibidem.

⁽²⁹⁾ Crime e desemprego *ÉPOCA*, Rio de Janeiro, 5 abr. 2004, p.77

realizadas políticas públicas de amparo social os resultados também aparecem. Na experiência da Prefeitura de São Paulo, em 13 distritos atendidos com programas destinados a combater a exclusão social e a pobreza, a queda do número dos crimes contra a vida foi de 21,8%.” O programa da bolsa trabalho, embora de cunho assistencialista, reduz de R\$ 1.300,00 (custo mensal de um menor infrator internado) para R\$140,00 (valor de cada bolsa).

Ações governamentais, na área ocupada pelos jovens que chegam à idade de trabalho, pode criar oportunidades para a valorização dos seus potenciais. CLAUDIA COSTIN⁽³⁰⁾, no artigo que escreve para a FOLHA DE SÃO PAULO afirma: *“se o país não cresce, quando os jovens chegam à idade de entrar no mercado de trabalho vêm-se jogados na pobreza ou, ainda pior, na desesperança, mãe de todas as violências.”... “A transformação desse cenário exige a ação conjunta de várias agências e instituições de governo e da sociedade civil. É necessária a adoção de política social inclusive que contemple o desejo de crescer e ser reconhecido que habita o coração dos jovens.”... “a proposta é criar instrumentos para o protagonismo cultural, como centros culturais, oficinas. Apoio ao teatro amador, instrumentos de educação para o lazer, que aliem boa qualidade cultural à possibilidade de se destacar, longe dos caminhos da violência”.*

A propósito de programas culturais para adolescentes o SESC, em São Paulo, montou um espetáculo de dança, parte do projeto Dança Comunidade, onde jovens de 25 ONGs participam do espetáculo “Samwaad – a Rua do Encontro” montado por IVALDO BERTAZZO. Nele não há discurso nem palavras. São jovens que executam movimentos

⁽³⁰⁾ Política cultural e desenvolvimento FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 23 abr. 2004. p. A3

e canto rítmicos, com percussão e dança. O resultado, que visa a transmitir a experiência sensorial de cada um e a necessidade de “contar uma história” (no estilo odissi, clássico de 2.000 anos na Índia), é a alegria de viver e a solidariedade do possível ⁽³¹⁾. Sua origem – a comunidade; seus componentes – jovens oriundos de ONGs; o acolhedor – uma entidade mantida pelas contribuições do comércio – O SESC; o patrocinador – uma empresa estatal que acolhe capital privado – a PETROBRÁS.

Serve de exemplo. Unem-se os esforços de:

1. uma pessoa inteligente, com idéias e destemor – IVALDO BERTAZZO;
2. a comunidade, em geral;
3. grupos sociais organizados – ONGs;
4. uma entidade classista – SESC;
5. uma empresa com potencial financeiro – PETROBRÁS.

Verifica-se uma reação em dominó.

Aparentemente uma fórmula complicada, porém de uma simplicidade aterradora se começarmos pelo item 1. uma pessoa inteligente, com idéias, ao que, pelo óbvio, acrescente-se, com idéias (repito) e destemor, com vontade, com energia, com determinação, com vocação social, com visão humanística (não a humanitária, que é maternalista) e sabedoria política (aqui o político como a arte de promover e administrar o bem comum). É simples: tudo começa com uma pessoa capaz e disponível.

Outra face ineludivelmente necessária é a mudança da política econômica. O que se faz hoje no país, equivale a acumular todos os tostões necessários para pagamento da

⁽³¹⁾ Nota: o texto sobre o espetáculo foi redigido a partir da leitura de noticiário sobre o espetáculo “Samwaad – A Rua do Encontro” montado por IVALDO BERTAZZO e exibido no SESC – Belenzinho, São Paulo, que estreou em 24 de março de 2004, patrocinado pela Petrobrás

dívida existente com um vizinho perigoso, ameaçador, onipresente, e deixar os filhos nus, famintos, doentes, sem dignidade e sequer disposição para estarem vivos. Parece simplório. É. Simplesmente simples.

Complicado, apenas para os economistas de planilha, comprometidos com os banqueiros e com os mentirosos de plantão, que se servem de uma pseudo "honra da dívida" como desculpa para enriquecer mais o vizinho rico e aproveitar-se das sobras como chacal. Para não pensar o pior: promover maquiavelicamente a miséria e depois tirar partido, mantendo o poder através do uso dos miseráveis como massa de manobra.

Este filme, também, é conhecido.

LUCILA SOARES, Na VEJA ⁽³²⁾ em matéria concisa, precisa e sobretudo séria, pondera: "*A Sociedade já deu tudo o que pode*". Infere-se pois, e LUCILA também escreveu, cabe agora ao governo – pressionado pela sociedade, sim, esgrimir as dificuldades, ou melhor dizendo – governar.

Encadeiam-se medidas salvadoras e urgentes como:

1. consolidar a estabilidade econômica, se necessário com a manutenção, impopular, da taxa de juros alta;
2. por difícil que seja, e no sentido contrário à medida anterior, retomar o crescimento e a geração de emprego;
3. promover a reforma trabalhista, a reforma tributária e a reforma política;
4. instituir regras de jogo que permitam aos investidores avaliar os marcos regulatórios evitando, cautelosamente, a superposição de atribuições dos governos municipais, estaduais e federal;

⁽³²⁾ Não dá mais para adiar VEJA, São Paulo, 17 mar. 2004, p. 60.

5. honrar os contratos;
6. ampliar a oferta de crédito: reduzir o recolhimento compulsório do montantes dos depósitos ao Banco Central, hoje representado por 45% daquele valor – sem comprometer a sua função reguladora do dinheiro circulante no país;
7. modificar a lei das falências, garantindo rapidez na execução das garantias dadas pelo tomador;
8. reduzir a burocracia na tramitação de processos na justiça;
9. reduzir a burocracia nos procedimentos de abertura de empresas (hoje cerca de 15 passos que demoram mais de cinco meses);

Em síntese, reformar a legislação trabalhista e tributária, judiciária e política. Isso mesmo.

Não é nada simples. Mas é preciso.

A quem interessa que não se faça? Somente duas facções políticas podem se interessar pelo que está aí: a dos que fantasiam eternizar-se na acumulação de riqueza e poder e a dos que almejam que o desespero leve à guerra civil e com isso assumam definitivamente o poder. Por último: é preciso divulgar e dar credibilidade às informações otimistas, que pesquisas recentes ofertam, e que a mídia escotomiza.

Prefere-se divulgar as catástrofes, a violência cotidiana, no país e no mundo. É preciso acatar e mostrar que o fato de que “a juventude brasileira é careta” ⁽³³⁾. Parece incrível, dada a propaganda sistemática de mazelas, desgraças e perversões, mas:

1. a maior preocupação dos jovens entrevistados é com a violência e a criminalidade (27%) e o futuro profissional (26%);
2. a maioria está trabalhando (36%) ou já trabalhou

⁽³³⁾ Quero ser grande *ISTO É*, São Paulo, n. 1804, 5 mai. 2004, capa e p. 54 -60.

- e está desempregado (32%);
3. se pudessem legislar obrigariam o cumprimento de uma lei de direito ao emprego (15%) e à universidade pública (9%);
 4. em uma sociedade ideal entendem como valores maiores: o temor a Deus (17%) o, respeito ao meio ambiente (12%), a igualdade de direitos (12%), a religiosidade (10%), o respeito às diferenças (8%), a solidariedade (8%), a justiça social (7%) = 66%;
 5. quanto às condição de residência não tem plano de morar sem os pais (43%), ou esperariam mais um tempo (39%) ;
 6. no geral:
 - têm orgulho de ser brasileiros (91%)
 - preocupam-se com o risco de desemprego (95%)
 - nunca experimentaram maconha (90%)
 - relacionamento sexual estável (63%)
 - são a favor de exame anti-dopping nas escolas (82%)
 - nunca levaram o namorado(a) para dormir na casa dos pais (80%)
 - nunca foram a shopping center ou a uma danceteria (25%).

Essa pesquisa foi realizada pelo Instituto Cidadania (fundado por Luiz Inácio Lula da Silva) em parceria com Instituto Hospitalidade e o SEBRAE. Foram realizadas 3.501 entrevistas domiciliares, distribuídas em 198 municípios, equivalendo a 34.1 milhões de brasileiros entre 15 e 24 anos (30.1% dos brasileiros, segundo o Censo 2000 do IBGE). O relato de outros elementos da pesquisa é plenamente aceitável. Parece cientificamente ajustada às normas.

E agora?

Vale a pena lutar em favor, com (não contra) eles?

Esta mesma pesquisa, vista com outros olhos, ⁽³⁴⁾ que a configura como realizada pela “insuspeita” Fundação Perseu Abramo, do PT, divulgada pelo Instituto da Cidadania, fundado pelo presidente Lula (Sic), tem aspectos que o articulista destaca: segundo ele os dados dizem que:

1. 45% dos entrevistados consideram-se de centro, 21% de direita e 16% de esquerda;
2. 16% são favoráveis à ditadura;
3. 46% não são ideologizados – não sabem o que é socialismo;
4. 91% ama o Brasil e nele quer viver.

O articulista ⁽³⁵⁾ enfatiza que o resultado da pesquisa alerta para o perigo de uma das principais vitrines utilizadas pela mídia – “o *pseudofato*”.

“Os jovens consultadas confiam muito mais na família(98%), do que no governo ou em outras instituições”.

Segue o texto de (não é preciso gostar da personagem) SARNEY ⁽³⁴⁾ ⁽³⁵⁾: *“O que nos vem desses dados é a crença de que a cabeça dos jovens está íntegra, malgrado os problemas que atravessam, desencantos e frustrações. Os grandes perigos são o Estado incapaz de cumprir os seus deveres, os valores perdidos e os exemplos desastrosos”.*

Na mesma página, bem ao lado, CLAUDIA ANTUNES ⁽³⁶⁾ termina o seu artigo com este parágrafo: *“Nas periferias deste mundo selvagem, antigos valores se perderam e o futuro não existe para boa parte dos jovens. Vale a sobrevivência que puder ser garantida hoje, rapidamente, sem va-*

⁽³⁴⁾ Pitbull fora de moda *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 7 mai. 2004, p. A2

⁽³⁵⁾ JOSÉ SARNEY, Membro da Academia Brasileira de Letras, Presidente do Senado Federal, ex-Presidente da República.

⁽³⁶⁾ Seja marginal, seja herói *FOLHA DE SÃO PAULO*, São Paulo, 7 mai. 2004, p. A2

cilo, porque a morte está com uma pressa cada vez maior”.

As posições sobem e descem. Alternam-se como em uma gangorra.

Com quem ficamos? Com a banda podre do sanduíche, com o miolo milionário e corrupto, ou com a banda que prefere uma verdade amorável que seja mais do que mágica, mítica, ou utópica?

Pessoalmente fico, recomendo e desejo que fiquem, todos, do lado da LUCILA SOARES ⁽³²⁾, do CALLIGARIS ⁽²⁸⁾ e da ANNA VERÔNICA MAUTNER ⁽³⁶⁾ que é amiga do IVALDO BERTAZO, *“nômade atravessando classes, nações e especializações, passando direto por todo tipo de barreira formal, criando uma Terra do Talento sem virtuosímo”.*

Trago novamente à tona “Samwaad – Rua do Encontro”, e o IVALDO BERTAZZO paradigmático, capaz de *“atravessar obstáculos e fronteiras como se tudo isso não passasse de líquidos ou gasosos”* e que deve *“ter tropeçado muitas vezes pois não há caminho sem pedra”.*

Volto ao BERTAZZO via a ANNA VERÔNICA, porque também me sacudiram, os dois, para muitos anos atrás, muitos mesmo, que eu não quero contar, mas que rejeitando a banda podre do sanduíche, fazem parte daquela outra banda, para a qual convido todos. A banda dos que acreditam que há concerto, que é possível, que é exeqüível, tão exeqüível como a figura daquela dançarina jovem, livremente solta em uma foto, impressionante no seu movimento e na sua beleza rústica, egressa de uma comunidade qualquer da qual faz parte e que, utilizada como figura símbolo do espetáculo – Samwaad – enleva e faz acreditar que, se quisermos, existe a Rua do Encontro.

⁽³⁷⁾ Marcha unida e solidária FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 13 mai. 2004 – equilíbrio – outras idéias, p. 12

Otimismo e pessimismo se comportam como uma senóide. Suas posições sobem e descem. Uma gângorra.

Como ficamos?

Já que nos encontramos na rua do Encontro vamos nos encontrar.

Para que haja encontro, talvez seja importante saber de algumas experiências comunitárias que estão sendo desenvolvidas. A sua história está, uma vez ainda, na FOLHA onde o GILBERTO DIMENSTEIN,⁽³⁸⁾ articulista e também membro do Conselho Editorial, escreve sobre três aspectos - bússola:

1. Educação - há uma escola* onde pais de alunos e professores estimularam a derrubada das paredes das salas de aula. O espaço tornou-se comunitário. Os grupos de alunos e professores compartilham o mesmo espaço (alô, alô - é a interdisciplinaridade sempre proclamada e nunca efetivada!) mesclando conhecimentos pelo ir e vir entre sub-ambientes do currículo tradicional - português, estudos sociais, ciências, matemática, - aos quais se mesclam capoeira, teatro, ecologia e jogos. A avaliação, pedra de Sísifo do ensino - aprendizagem, é feito pelo desenvolvimento das habilidades, e pela capacidade de associar idéias. DIMENSTEIN⁽³⁸⁾ depõe: *“Apesar de contar com o estímulo oficial, não há ali nenhum recurso público extra. Atingiu-se tal ponto de sofisticação devido à ação das famílias e da comunidade articuladas com os educadores;*

2. Re-ordenação urbana: *“uma das mais interessantes*

⁽³⁸⁾ Quem quer “ficar” em São Paulo FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 16 mai. 2004, p. C8

* Escola municipal Amorim Lima, no Butantã, bairro de classe média, em São Paulo. [cf (38)]

sinais da reviravolta urbana ocorre na recuperação do centro da cidade, que está visivelmente melhor. Tudo começou com a *reação da comunidade* e agora se multiplicam ações que (coisa rara no Brasil) agregam vários departamentos *dos governo municipal, estadual e federal*, além da iniciativa privada.

Alguns programas de complementação de renda são o resultado de uma engenhosa teia formada por verbas de todos os níveis de governo”;

3. *Difusão da cultura*: “museus, teatro, cinemas, orquestras, livrarias, e espaços culturais desenvolvem *programas de inclusão educacional*, seja atraindo alunos de escolas públicas, seja formando professores. Pela periferia, multiplicam-se cursinhos pré-vestibulares gratuitos e uma infinidade de projetos de protagonismo juvenil, muitos dos quais na arte, como os voltados para o grafite e para o hip hop”.

Tudo isso sob a égide da *colaboração*.

Desses programas participam empresas – conscientes de seu papel nas experiências comunitárias. “Preparam-se, no setor financeiro, linhas de empréstimo a empresas socialmente conscientes. A Bolsa de Valores de São Paulo, inventou um pregão apenas para investidores drenarem recursos para projetos sociais”.

De fato, sem a colaboração – seja voluntária, seja compulsória – dos ricos, não há como desenvolver projetos sociais. E quanto à caridade obsequiosa, faz tempo que não supre nada e bem pensando até, já cansou e basta.

Continúa a matéria do DIMENSTEIN ⁽³⁸⁾: “ é profundo o esforço para reciclar mão-de-obra para se adaptar à vocação de serviços em que moda, culinária, marketing, propa-

ganda, medicina e finanças, entre outros setores, geram excelência e cosmopolitismo.”

Refere-se a São Paulo.

Refiro-me eu, a nós da Bahia.

Temos o Ilê Ayê, o Olodum, a Banda Didá, os Filhos de Gandhi e o Projeto Escola, da Secretaria de Educação do Estado, todos sobejamente conhecidos,

De acordo com o que se vê, por exemplo em Bogotá, Cidade do México, Nova York, Boston ou Barcelona, é possível pensar que populações onde o abismo entre os mais ricos e os mais pobres é fantasmagórico, é possível também empreender ações que transformem a tragédia em laboratório social.

Parafraseando o articulista ⁽³⁸⁾:

O fato novo é gerar o sentimento de coletividade, de pertencimento. O fato novo deverá ser o nascimento de uma sociedade de fato coletiva e de interpenetração.

Com a licença que peço de repetir-me no tempo e na frase, copiada neste ensaio mesmo, volto ao ano de 1986, e reforço as perguntas que perguntei ao receber o Prêmio Estácio de Lima, desta Academia, que agora, também é minha:

- Onde estamos agora?
 - na cidade do Salvador
 - que salvação, Senhor, é essa?

a nova resposta:

- a que soubermos edificar.

- Onde estamos agora?
 - na Bahia de Todos os Santos
 - que Santos, Senhor, são esses?

outra resposta, nova:

- aqueles que souberam venerar e construir,

- Onde estamos agora?
 - na amorável Capitania da Bahia de Todos os Santos, e nas outras Capitânicas dos Ilhéus e do Porto Seguro.
 - onde, Senhor, esses Santos, esses Ilhéus, onde esse Porto?

a última resposta:

- aqui, de maneira específica e singular, nesta Academia de Medicina, Casa do Saber, onde aprenderemos a eliminar a Lei do Cão.

Aprenderemos a encontrar os modos. Vamos procurá-los.

Aprenderemos a transitar os caminhos e prover as necessidades, todas, da miséria encarnada.

Saberemos, iluminados pela nossa vontade e pela nossa unidade lutar contra todas as misérias: a da fome, a da doença, a da ignorância, a da mentira, a das agressões.

Saberemos, se o quisermos, encontrar os meios de enfrentar todas essas violências.



A ETERNIDADE DOS MITOS E HERÓIS

Ernane N. A. Gusmão *

Durante muitos séculos, milênios até, os homens tinham dois modos de pensar, falar e adquirir conhecimentos – a essas duas maneiras diversas de embalar a existência os estudiosos aplicaram os nomes *mythos* e *logos*. Ambos eram fundamentais, necessários, métodos eficientes de se chegar à verdade e acomodar os espíritos. O mito, considerado primário, abordava o intemporal de nossa existência, remontava às origens da vida, aos fundamentos da cultura, aos níveis mais profundos da mente humana. “Reportava-se a significâncias, não a questões de ordem objetiva ou prática”. O *mythos* de uma sociedade representava os meios de dirigir sua atenção para o eterno, o universal; uma forma antiga de psicologia em que a saga de deuses e heróis influenciava profundamente o comportamento das pessoas. Ao seu lado, o *logos*, o pensamento racional, pragmático, atrelado a fatos e a realidades objetivas, inquiridor, curioso, científico. *Mythos* e *logos*, eram ambos indispensáveis até o mundo pré-moderno, mas as ações do dia-a-dia eram muito mais influenciadas pelo *mythos*.

A partir do século XVII, com os pensamentos exponenciais de Galileu, Newton, Descartes, Kant e muitos outros luminares da ciência e da filosofia, o *Logos* predominou sobre o *mithos*. Ao contrário dos espíritos conservadores clássico, medieval e pré-moderno, que se satisfaziam com o *mytho*, a sociedade atual é fruto do pensamento racional, sistemático, coerente, do *Loghos* que está sempre olhando à frente. O racionalismo científico, braços dados com a Revolução Industrial, iniciada no século

XVIII, desacreditou o *mythos*, proclamou-se o único meio de chegar à verdade e o Iluminismo ensinou ao homem que podia confiar em sua própria razão – seu lema era “atreva-se a saber”.

Spinoza um dos primeiros secularistas europeus, precursor do espírito moderno, do estado secular e democrático, via porém o estudo e o pensamento filosófico como formas de oração – havia uma certa espiritualidade em seu ateísmo, uma forma de beatitude que podemos certamente classificar como “ateísmo místico”. Isto de certo modo confirma que a fé é uma atitude básica do homem, uma experiência intrinsecamente humana, um traço de caráter, e não o conteúdo de uma crença em algo, doutrina, ou Deus. A dúvida racional é uma das molas propulsoras do pensamento moderno, mas o homem não pode viver sem fé. Daí a persistência de mitos na sociedade contemporânea – quando não vê sentido na existência o ser humano se entrega ao desespero. Esta é a lei da função transcendente – ele precisa do mito; assim como sem liturgia, sem ritual, os devotos têm a sua fé religiosa abalada. Nietzsche deixou escrito – “a consciência da pobreza, da fraqueza e do sofrimento, dá origem a exigências morais e a religiões redentoras”.

Há todavia no mundo pós-moderno uma certa dificuldade para os modernistas entenderem as pessoas que ainda se orientam pelo *mythos*, apesar de no século XX, com as tragédias do holocausto e das grandes guerras o homem haver mais que nunca constatado a dimensão maligna da ciência, mandando às favas seus sonhos e promessas de fraternidade universal. Isto nos faz reconsiderar as potencialidades do *mythos*, ao lado do *loghos*, e validar a beleza como motor da nossa vida – a felicidade não é justamente reconhecer em cada instante a parte de gozo e exultação que lhe cabe, apesar de todo o sofrimento do mundo? São esses instantes que permitem à

existência construir-se com vigor e profundidade. Jung, ao elucidar o papel dos arquétipos e do inconsciente coletivo, deixou claro que a espiritualidade genuína é parte integrante da psique e conseqüentemente da realização do ser humano.

Viver é em si mesmo uma arte, embora a nossa época perdesse em grande parte a concepção de viver como arte, descuidando-se do fato de que as utopias são apenas visões dos fins antes da percepção dos meios. Nossa cultura é obcecada pela racionalização, objetividade, quantificação, mas não pode esquecer que intuição e conhecimento subjetivo são pendores indispensáveis a qualquer cidadão do mundo (e particularmente a nós, médicos).

A revolução jovem dos anos sessenta foi de certo modo, e em parte, um protesto contra a dominação ilegítima da linguagem racional e substituição plena do *mythos* pelo *logos* – como já se disse, “havia um buraco em forma de Deus na consciência dos seres inteiramente racionais”. A sociedade de massa é também uma conseqüência dessa evolução. Nessa barbárie em que tudo se equivale e nada vale nada, a transcendência e o sentido elevado das coisas foram deliberadamente excluídos – tudo é relativo, eis o único princípio absoluto – mandaram embora as utopias básicas da sociedade, a cidadania, o trabalho e a arte, e nessa cultura de massa a pós-modernidade oferece-se como a estetização do desespero, o aumento individual à insignificância. Mas, apesar da massificação da sociedade, o homem pós-moderno tende, agora pela própria rota do conhecimento e da racionalidade, a uma re-aproximação com o universal e atemporal. A consciência é cada vez mais sentida como algo transcendental, fora do espaço-tempo, não local, como se o mundo inteiro fosse feito de consciência. Curiosamente é a própria teoria quântica que está pavimentando a estrada da nova compreensão para uma ciência idealista, na qual a consciência vem em primeiro lugar. É nessa re-ordenação do *mythos* e do *logos* que se

inserem as concepções de que as partículas sub-atômicas não existem sem a nossa percepção sobre elas; o inconsciente coletivo é o domínio transcendente da consciência, onde reside a causa comum dos eventos sincrônicos; a Noosfera é uma camada de idéias e pensamentos que cobre o nosso planeta, emanada da psique humana em todos os tempos; a teia cósmica apresenta-se como um tecido onde os organismos são sistemas abertos, em contínua troca de energia e matéria com o meio ambiente; a própria Gaia, a Terra, não é um mero planeta, é um ser planetário; e a inspiração – este belo impulso que ora todos experimentamos, ao ouvirmos esta palestra – representa em verdade uma comunhão privilegiada do indivíduo com o Universo – o inconsciente do homem é cósmico; o indivíduo que desaparece um dia, em verdade funde-se com o todo – a finitude das coisas e da vida, disse-nos Campbell, é dolorosa; dessa dor nos libertamos quando aprendemos que a vida é infinita, ela se recicla nas diversas condensações da energia universal. É a constatação que marquei um dia, há muito tempo, aliás, com o soneto “*Vida*” ...

Quando eu “morrer”, não quero a cova escura,
nem a gaveta fria de cimento.

Eu quero em cinzas ser lançado ao vento,
ao léo da sorte, sobre a terra dura.

Ao vir a chuva, a sutil textura
seja lavada ... e nesse novo alento
penetre o solo, seja bom fermento
da terra e volte, como relva pura.

E quando amigos me quiserem ver,
nest'outra vida que eu vou viver,
não me procurem à tumba recusada ...

me vejam sobre os campos vicejando,
nos trinos que os canários vão cantando,
no relincho de um potro em disparada.

Quando se tem o céu por teto, vive-se em simbiose com a natureza. E esta cumplicidade com o atemporal e o universal, traz de volta à nossa presença a imagem eterna dos mitos e dos heróis.

Herói é, no imaginário e no conceito popular, o indivíduo que se distingue por atos de bravura invulgar, abnegação, nobreza de caráter posta a serviço de causa digna ou interesse comunitário. As exigências básicas para uma carreira tipicamente heróica são a lealdade, a temperança e a coragem. Na Era Clássica os heróis e heroínas eram seres predestinados, oriundos de um ancestral divino, da união de um deus ou deusa, com um ser humano, simbolizando em sua origem o conúbio das forças celestes e terrenas. Nessa concepção o herói é um mortal, conquanto lhe sejam atribuídas força, destreza, habilidades excepcionais em certas artes, o direito à mágica do saber e talvez a uma inteligência excepcional. As cinco virtudes do herói cavaleiro medieval eram a temperança, a coragem, a lealdade, a cortesia e o amor, enquanto os atributos elementares do herói mitológico eram a origem divina, a fortaleza e o destemor ante os desafios e aventuras, temperados com grandes realizações em lugares distantes e um retorno triunfal à terra natal.

Nos tempos modernos e mais ainda na Era Contemporânea, desfez-se lentamente a mística dos heróis, colhidos quase todos no pragmatismo agnóstico da humanidade confortada por novos paradigmas, tecnológicos e científicos. O aspecto dramático, até mesmo trágico, dessa evolução é que a humanidade ficou órfã de referências. Ao avançar a ciência, muitas crenças e mitos se desfizeram, implodindo na inconsistência de sua própria tessitura. Antes mesmo que esse vácuo referencial se consumasse, as religiões ocidentais já tratavam de ocupar os espaços, ora estabelecendo novos mitos nos vazios, ora pragmaticamente deslocando, não raro às custas da força e prepotência – predicados hipocritamente condenados em seus cânones – os últimos resquícios referenciais dos mitos e heróis da Antiguidade. Os nacionalismos exacerbados, o patriotismo, fabricam também os seus heróis. E fabricam heróis mais reais, palpáveis, físicos, preferencialmente vivos. O herói referencial dos nossos tempos é porém o grande artista popular, o cantor, o guitarrista; o ás dos esportes, o grande futebolista; o toureiro implacável, com toda a simbologia da arena; o galã cinematográfico, os atores das novelas e programas de televisão. Corre-se aqui o risco de uma inversão tal de valores referenciais, a ponto de figuras inexpressivas, destituídas de qualquer cultura humanística, ou simbologia elevada, modelar as atitudes e procedimentos de grandes comunidades, ditar-lhes os trejeitos, aviar-lhes as vestimentas, mudar-lhes o palavreado, conduzírem seus sentimentos e, o que é pior, planificar seus desejos e esperanças.

Desejos e esperanças modelados por falsos heróis – Ai da humanidade, se ao invés de heróis verdadeiros, ou ainda heróis mitológicos, tiver que se comprazer com falsos heróis. Heróis de barro. Sem têmpera, sem nobreza, sem coragem, sem lealdade, sem virtudes mágicas, sem cortesia e sem amor. Heróis por acaso. Serão, por acaso, realmente heróis?

É nessa transparência dos falsos heróis, dos heróis por acaso, que aparece como renegada, a figuração dos heróis anônimos que são, por exemplo, os médicos. Não todos, certamente, que a estima do heroísmo não comporta casuísmos classistas, sentimentos corporativistas. A Medicina é todavia, sem sombra de quaisquer dúvidas, um sacrário de atos e vidas heróicas, um panteão de heróis vivos e mortos alardeando através os tempos a grandeza de que são os homens capazes, sobre a carnalidade de seus impulsos primitivos de sobrevivência. A arte da Medicina favorece e conduz o estoicismo da heroicidade, da devoção à dor alheia, ao interesse da comunidade, ao desprendimento dos interesses personalistas.

Quantos médicos viveram e vivem as privações dos miseráveis – dos miseráveis sem pão; dos miseráveis sem teto; dos miseráveis sem espírito; dos miseráveis sem ética; dos miseráveis sem compaixão? – Sim, porque o heroísmo maior do médico é conviver com as privações alheias, sejam elas materiais, morais ou espirituais. Compreender-lhes o sofrimento e a dor. Mitigar-lhes a penúria e o ódio. Ensinar-lhes, com o exemplo da serviência, o sagrado dom da compaixão.

Compaixão. Compaixão que leva à ternura. Ternura que alimenta o amor. Amor que despreza os riscos. Os riscos, que constroem os heróis. Heróis anônimos de todos os tempos – Heróis sem glórias, dos tempos que vivemos. Heróis sem ovação. Esse heroísmo é eterno, estóico, não faz heróis por acaso e nem deixa no ocaso seus heróis. Eles existem, são reais – apenas, não aparecem nos palcos e na televisão. São heróis anônimos, mas, curiosamente, reais. Heróis de um tempo sem mágica. Mágica, de um tempo sem heróis.

Mágica, de um tempo sem heróis.

Vejamos todavia o que persiste de mito e heroicidade figurados em nossos céus. Como atestado de sua autenticidade os mitos e heróis foram fixados nos astros do firmamento, como que atestando sua eternidade e magia.

A primeira projeção figura o céu de hoje, 03 de maio de 2004, como visto aqui e agora, na latitude 13°, longitude 38° a oeste de Greenwich, que corresponde à visão que se tem do céu a partir de Salvador-Bahia.

Eis aí o maior mito, não apenas da cristandade, mas de toda a humanidade, nesses últimos dois mil anos de civilização – a Cruz, do martírio de Cristo. Embora a verdadeira cruz tenha se perdido há quase mil anos, em 1187, na batalha de Hattin em que os cruzados de Jerusalém foram derrotados pelas hostes de Saladino, a cruz foi difundida nos templos, nos lares e nos corpos – por ocasião das grandes navegações e descobertas, quando os nautas, intemoratos, aventuraram-se “por mares nunca d’antes navegados”, pelo grande oceano, abaixo da linha do Equador. Ela foi reencontrada no hemisfério sul, compondo a menor, porém mais significativa das constelações no céu austral – O Cruzeiro do Sul.

- ♣ O cruzeiro – suas estrelas – pólo Sul
- ♣ O cruzeiro – relógio sideral
- ♣ O cruzeiro na bandeira
- ♣ A estrela de Magalhães – a nuvem de Magalhães
 - ♣ O Centauro – Alfa e Beta – os ponteiros
 - ♣ Quirão – educador de Esculápio, deus da Medicina, e de Aquiles, Teseu e Jasão

A constelação do Centauro, assim como também a Zodiacal do Sagitário, relembram no céu o mito de Quirão, o sábio centauro educador de Esculápio, deus da Medicina entre os gregos antigos. Ao contrário dos demais centauros, que configuram a potência bruta e primitiva dos instintos,

simboliza Quirão a força aliada à sabedoria. O conjunto Centauro-Cruz é o mais deslumbrante espetáculo circumpolar do hemisfério Sul.

Nesta época temos a felicidade impar de deparar com a presença de um cometa em nossos céus, o Neat. Serve a imagem para lembrar o cometa Halley, que nos visita a cada 76 anos e cuja última aparição em 1986, precedida pelo cometa Kohoutek, foi o fiasco astronômico do século XX. Mas os cometas e particularmente o Halley, ajudaram a incrementar o mito do fim do mundo, do Apocalipse no ano 1.000 e 2.000, na virada dos milênios, e a célebre profecia – “a dois mil não chegará, de dois mil não passará”!

Lembro-me bem da minha decepção pela sua espera, armado de um modesto telescópio há quase vinte anos. Deixei estampada essa frustração em versos, publicados no meu primeiro livro Ursa Maior – versos e apontamentos.

O tal Cometa Halley, tão falado,
do Kohoutek univitelo certo
explicam, por não ter chegado perto
da Terra, não mostrou-se bem mostrado.

Resumiu-se, se tanto, a mero achado
de quantos nosso céu anda coberto
mesmo que noites eu passasse alerta
a procurá-lo em céu todo estrelado.

A vasta cabeleira, bela coma,
Nem um fio de cabelo hoje soma,
É toda bem careca ... vejam só! ...

A cauda, ninguém viu ... calamidade!
O astro que assombrou a humanidade
... nenhum mortal sabia ... é cotó! ...

O mesmo céu, que destampa todos esses mitos, e os traz até nós através as estrelas, encerra também outras inúmeras estórias e lendas – voltemos os olhos para o quadrante Norte – Aí está situada a estrela Polar, a estrela dos navegantes no hemisfério Norte, não visível nas nossas latitudes, e incrustada na ponta da cauda da Ursa Menor.

Entre as constelações boreais o conjunto Cassiopéia, Cefeu, Pégaso, Andrômeda e Perseu rememoram a epopéia deste herói, que decapitou a horripilante Górgona Medusa e, montado no alado corcel Pégaso salvou a princesa Andrômeda da morte frente ao monstro marinho Cetus, enviado por Netuno por ciúme das Nereidas, as ninfas do mar. A estrela beta de Perseu, a variável Algol, relembra o olho petrificante da Medusa e por isto é o mais diabólico dos objetos celestes, “a estrela do diabo”; uma injúria, para tão encantadora cintilação. Perseu foi um típico herói nos padrões da Mitologia greco-romana. Não chegou, e bem poucos o fizeram, a gozar o status de semi-deus e o dom da imortalidade. Foi todavia entronizado por Zeus entre os asterismos perenes, em recompensa pelo seu triunfo sobre a vaidade e suas monstruosidades e em simbolismo à realização de ideais ao preço de combates heróicos, difíceis, viabilizados por façanhas generosas e cheias de engenho.

O mito de Perseu ilustra a complexidade, disse-nos Paul Diel, da relação pai-filho, filho-pai. Perseu não teve um pai humano, nasceu da fecundação de uma princesa por um deus disfarçado em chuva de ouro. Simboliza a existência de representação ambígua do pai-autoritário-hostil e sublime-generoso, a primeira imagem sendo apenas a possível perversão da segunda. O herói simboliza, em Perseu, o elã evolutivo, o desejo essencial, a situação do psiquismo humano agitado pelo combate contra os monstros da perversão. O apelo do herói está no cerne da moral aberta. Como disse Jung, a primeira vitória do herói é a vitória que conquistar sobre si mesmo.

E o cavalo alado Pégaso, de cuja patada na Boiotia nasceu a Fonte de Hypochrene, onde as musas se banhavam e os poetas bebiam a inspiração. O Pégaso foi o impetuoso companheiro dos heróis Perseu e Belerofonte e na moderna simbologia ainda evoca a inspiração e a poesia. É por isto que os literatos o têm como ímago da poesia e os psicanalistas elegeram o cavalo como símbolo do psiquismo inconsciente e da impetuosidade dos desejos. Belerofonte domou o Pégaso com ajuda da deusa Atena que, atendendo suas súplicas, ofereceu-lhe o freio de ouro a que o cavalo se entregou. Cavalgando o Pégaso pelos ares, Belerofonte conseguiu proezas incríveis, dentre as quais a mais triunfal foi matar a Quimera, um monstro cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de dragão, que soprava labaredas e aterrorizava toda a Lícia e adjacências, incendiando os campos e destruindo tudo que dele se aproximasse. Belerofonte foi todavia vítima das proezas que Pégaso lhe propiciou – orgulhoso de suas façanhas, teve a audácia de querer cavalgar rumo ao Olimpo dos deuses, o que lhe valeu sua desgraça. O Pégaso, o cavalo alado, representa assim a imaginação criadora do homem, suas qualidades espirituais e sublimes, o cavalheirismo que a fusão da lenda com a história imortalizaria na epopéia brilhante dos Cavaleiros da Távola Redonda, na eterna busca do Santo Graal, no ideal

cavaleiresco dos trovadores medievais, no ímpeto libertador dos Cruzados, no misticismo irreal do Quixote, na mística simplória e estóica do vaqueiro nordestino, no personalismo do gaúcho nos pampas, do huaso chileno, do charro mexicano, do cowboy americano, dos csiykos magiares e dos imortais cossacos. Homem e cavalo vão continuar escrevendo, juntos, a sua história através dos tempos. E mesmo na era espacial estarão unidos – Pégaso espera, lá em cima, no firmamento de suas estrelas. O quadrante Norte é todavia dominado pela Ursa Maior – a urso em que se transformou a princesa Calixto, do cortejo da deusa Diana, pela ação ciumenta de Juno, esposa de Júpiter. As sete principais estrelas da urso desenharam no céu um asterismo comparável a um arado ou um carro, que em outras civilizações evocava o carro do lendário Rei Arthur, da Távola Redonda; na tradição chinesa relembra a sabedoria dos sete reitores, os Rishi, e também K'wei, o patrono da Literatura, evocando sempre o dom da imortalidade que permeia toda a simbologia da Ursa Maior – tendo, desde cedo em minha vida, captado uma certa e imponderável ligação sincronística com a Ursa Maior, não me pejei de cantá-la em meus versos, exaltando ...

Esse grupo de estrelas majestoso
apronta ao Norte colossal figura
um asterismo que jamais a jura
de amor ouviu que lhe causasse gozo

Não foi musa dos poetas tal doçura
e nenhum bardo lhe cantou fogoso
a tessitura do seu manto airoso
cheio de encanto, de beleza pura.

Enquanto o mundo canta mil louvores
ao Cruzeiro, dos nautas e pastores,
dos peregrinos que veneram a Cruz ...

eu te admiro, Ursa, no teu Norte,
na placidez formosa da tua coorte
de estrelas, espelhando tanta luz.

Vamos agora ao levante. No quadrante Leste, nesta quadra outonal, começa a erguer-se e escalar o céu a grande constelação invernal do Escorpião, com sua formosa alfa Antares, rival de Marte em rubor, cravada no coração. O Escorpião foi mandado para o céu por intercessão da deusa Diana, em perseguição ao gigante caçador Orion, que lhe disputara os territórios de caça. Zeus o consentiu, mas dispôs Orion no outro extremo da abóbada celeste de sorte a nunca ser picado – são duas constelações que nunca se encontram no mesmo céu, afundando uma no poente quando a outra se levanta no nascente. Nesta quadra também deparamos com Hércules. Hércules foi o mais célebre dos heróis e semi-deuses da Antiguidade e da Era Clássica greco-romana, representando um tipo completo, acabado, de força aliada à sagacidade e coragem. Consta haver Zeus, o deus maior do Olimpo, um dia declarado querer procriar, para glória dos homens e dos imortais, um herói magnífico, cujas virtudes seriam a salvaguarda do mundo. Para tanto, tendo muito se afeiçoado da rainha Alcmena, linda e virtuosa esposa do rei Anfitrião de Tebas, e neta de Perseu, dela se aproximou com as feições do esposo, ausente em campanha marcial, e desse conluio nasceu uma robusta criança que a perfídia de Pithya, a pitonisa de Apolo em Delfos, nominou Hércules, literalmente “à glória de Hera”, legítima mulher de

Zeus. Assim como Mercúrio fez prolongar-se em três a noite da sua concepção, para gáudio do deus maior, também fez rugir prolongadamente o trovão, anunciando aos quatro ventos o nascimento de Hércules. Tão logo essa notícia chegou ao Olimpo, Hera enviou duas serpentes aos aposentos de Alcmena, com a finalidade especial de fulminarem o bastardo filho de Júpiter – o infante porém esmagou-as de um só lance, e essa foi a primeira de suas numerosas proezas, o que fez mais ainda atizar-se contra ele o ódio de Juno. Disto não se apoquentou Zeus e furtivamente encomendou novos serviços ao deus mensageiro, Hermes, que deveria levar Hércules a mamar o leite de Hera, a fim de torná-lo forte e invulnerável como os deuses olímpicos. Hércules mamou vorazmente enquanto Hera dormia – tão impetuosamente o fez, que a deusa acordou. Percebendo o embuste, retirou bruscamente o seio e afastou-se do rebento, respingando leite pelo espaço. O leite gotejado perfêz as estrelas da Via Láctea e as gotas que caíram no chão fizeram brotar as Flores de Lis.

Quando Hércules era ainda adolescente apareceram-lhe duas formosas mulheres – uma, simplória e vestida de branco, a Virtude, oferecendo-lhe um caminho de trabalhos, dores e sofrimento, culminando porém em glória; a outra, suntuosa, vestes coloridas, era a Volúpia, ofertando-lhe uma estrada de prazeres, flores, e, no fim, o nada. Hércules escolheu a Virtude. Abraçou uma vida consagrada aos oprimidos e infelizes e desde então sua existência foi cumulada de façanhas e atos heróicos, pontilhada porém por doses freqüentes de lascívia e gula, as únicas “fraquezas” do herói, herdadas magistralmente de seu pai Júpiter, o Zeus. Hércules simboliza a força combativa do homem; evoca a vitória da alma humana sobre suas fraquezas reais, sejam elas as de um simples atleta de feira, as de um misticismo quixotesco, ou os elevados pendores do ser humano para o heroísmo e uma sublimação da vida nas delícias de um paraíso olímpico. Ele está lá, no firmamento. Para vê-lo,

erguer os olhos ao céu, na direção nordeste – é para lá que se desloca todo o Sistema Solar, procurando seu ápex, como a humanidade à procura de seu ponto de equilíbrio final.

Ao lado do Escorpião, está Ophiuco, o porta-serpente, lembrando no céu a figura imortal de Esculápio, o deus da Medicina. A quem ainda hoje, nós médicos, rendemos merecidas honras. Asklépios, na mitologia grega, Aesculapius, na romana, era filho de Apolo, o deus da Medicina, das artes, especificamente Poesia e Música, da juventude (Phebo), e da beleza, identificado com o Sol. A sua mãe era a mais bela ninfa da Tessalia, Corônis – uma neta de Marte, o deus da Guerra, de quem Apolo se afeiçoara. Apolo matou Corônis por delação de infidelidade feita pelo corvo – arrependido, talvez por não ter sido confirmada a traição, transformou o delator branco em uma ave preta (razão dos corvos serem pretos) e do corpo já inerte de Corônis resgatou o filho Esculápio e entregou-o aos cuidados de Quirão. Foi este centauro quem criou e educou Esculápio, ensinando-lhe a arte da medicina. Esculápio era venerado como deus da Cura, chegando seus poderes à graça da ressurreição – ao ressuscitar Hipólito porém, favorito da deusa Ártemis, enfureceu ao ciumento Zeus, que encolerizado o fulminou com um raio artesanado pelos Ciclopes – Titãs. Apesar de have-lo fulminado, Zeus reconheceu as suas virtudes de cura e o entronizou entre as estrelas dos céus, formando a constelação do Serpentário. Esculápio foi pai de Macáon e Podalêirios, os cirurgiões do exército grego na Guerra de Tróia. E das deusas da Saúde, laso, Panacéia e Higia. Panacéia presidia à cura de todas as enfermidades e seu nome recorda justamente o de uma planta mitológica com o nome Panacéia, significando em grego “cura tudo”. Até hoje a palavra Panacéia se refere a um hipotético fármaco para todos os males. Tanto Panacéia quanto Higia estão presentes nos céus, nominando asteróides do cinturão de Marte. Macáon, também filho de Esculápio com Epione, foi o cirurgião que sanou a flechada que

Menelao levou na Guerra de Tróia. Ele foi um dos gregos escondidos no cavalo de madeira, embuste com que Tróia foi finalmente invadida. O centro mais destacado do culto a Esculápio ficava em Epidaurus, no Peloponeso, para onde se dirigiam legiões de peregrinos na esperança de uma cura. A cerca de 400m do santuário ficava o teatro, cujas ruínas ainda hoje são testemunhas vivas de um passado glorioso.

Esculápio, como médico de equipagem, foi um dos cinqüenta argonautas que sob a liderança de Jasão partiram para a Cólquida, em busca do Tosão de Ouro. O templo que lhe foi dedicado, em Atenas, expunha nas muralhas externas tabuletas com prescrições médicas, origem do mais antigo Codex, ou código farmacêutico de medicamentos. A insígnia de Esculápio era a serpente, símbolo do rejuvenescimento e por isto havia muitas serpentes sagradas no templo de Epidaurus. Na civilização latina, o primeiro templo erguido a Esculápio foi em Roma, na ilha do Rio Tibre, no ano 293 a.C., devido a uma grave epidemia que assolava o império romano. Embora o mito grego mais antigo das serpentes as ligue ao caduceu do deus Hermes, ou Mercúrio, é certo que Esculápio em algum momento dele também se apoderou, de sorte que o caduceu se tornou o símbolo universal da ciência médica, amparado numa velha tradição curativa e divinatória. Entre os romanos o caduceu representava o equilíbrio moral e a conduta, centrando o poder no bastão e a prudência nas duas serpentes. A moderna interpretação simbólica do caduceu, como atributo de Esculápio, deus da Medicina, figurado na constalação de Ophiuco como porta-serpente, segundo o psicanalista Paul Diel, coloca o bastão como cetro, símbolo do reino espiritual sobre a vida terrena, do espírito sobre o corpo, onde a serpente- vaidade derrama seu veneno na taça salutar. A verdadeira cura e a verdadeira ressurreição pertencem à alma e por isto a serpente enrosca-se no bastão que simboliza a árvore da vida, para significar a vaidade domada e submissa. Seu veneno transmuta-se em remédio e a saúde significa a harmonização dos desejos,

a ordenação da afetividade, que presidem a saúde da alma e do corpo. Essa interpretação faz do caduceu de Esculápio, e por ingerência a constelação de Ofiúco, onde ele é o porta-serpente, o símbolo privilegiado do equilíbrio psicossomático.

Vamos agora ao poente, no quadrante Oeste. Ali estão os Gêmeos, Castor e Pollux, nascidos do ovo do cisne em que se disfarçou Zeus para possuir a rainha Leda, bela esposa do Rei Tindaro de Esparta. Na projeção dos gêmeos ocasionalmente encontramos Saturno, o Chronos, pai de Júpiter, o Zeus. Ao lado dos gêmeos, o Unicórnio, o corno da abundância, mito da prosperidade e hoje símbolo universal do comércio – é o chifre da cabra Amaltéia, que alimentou Júpiter em sua primeira infância. Aí também estava há pouco Vênus, a deusa do Amor, a estrela vespertina, Estrela d’Alva, nascida da espuma do mar, ora vista como Urânia, deusa do Amor Celeste, ora Pandemus, deusa do Amor Vulgar, ora Ninfia, deusa do Casamento, ou Hetaíra, a deusa Venal das Cortesãs. Ali embaixo, já descambada no poente, Aldebarã, alfa do Touro, e as sete irmãs, as Plêiades ou Atlântidas, filhas do gigante Atlas com a ninfa Pleiône. E por fim a Constelação de Orion, com as belas Rigel, Betelgeuse e Bellatrix, e ostentando na cintura a singeleza das Três Marias, as estrelas mais populares do mundo ocidental. Conjunto impar de cintilações, frente ao qual inspirou-se o poeta para cantar esse ...

Céu de estrelas, alcova cintilante,
colóquios de amor a suscitar.

Acesa a oeste, Vênus, deusa amante,
vai cedo ao horizonte se entregar.

Ardor de Sirius, eis o mais brilhante
alvor de fêmea, resplendor sem par ...
Despenca de ciúme a estrela errante
E se suicida no profundo mar.

No coração de Scorpius vivo Antares,
Rival de Marte, e as Plêiades nos ares,
Aldebarã, persigo. Sinto o mel

de Electra, Belatrix e Procyon
e almejo, na cintura de Orion,
o amor das Três Marias lá do céu.

**Discurso proferido na pose de Gilson Soares Feitosa na
Academia de Medicina da Bahia
Salvador 10 de maio de 2004
Auditório Alfredo Britto**

Srs. Acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores:

Ao tempo em que me proporcionais o atingimento da culminância da minha vida de Médico, adentrando-me neste silogeu maior da Medicina baiana, levando-me assim a uma insuperável sensação de felicidade, trouxe-me vós, senhores acadêmicos, com vossa generosa ação e acolhida, o desejo de arrostar o futuro, com a determinação e o empenho necessários, a quem pretende se ombrear aos seus mestres e ídolos.

Minha vinda para a Academia de Medicina da Bahia teve o incentivo, manifestado por amável intimação, da Professora Maria Tereza Pacheco.

Essa figura de brilho invulgar, intrépida guerreira, presenteada à Bahia pela terra dos marechais, fugindo assim dos laços afetivamente cativantes de sua mãe, e seguindo o caminho sobraçada aos desígnios idealizados por seu pai, que para ela não desejava menos que o melhor, e o melhor era, então, o ensino médico na Bahia, ainda que, para tanto, uma distância apenas percorrida sob os inconvenientes de verdadeiro périplo, em vapor do mar, ou por dia e meio de jornada em trem, desde Própria- via Penedo- , a mantivessem à distância do seu aconchego.

Foi, assim, o estímulo dessa figura notável, durante

o exercício de sua, -por outras ações, mais meritória- profícua gestão como Presidenta desta insigne Academia, que me levou a submeter-vos à consideração, o meu currículo e parte dos meus trabalhos sobre a Cardiopatia Reumática.

Agradeço-vos a unanimidade da aprovação, assim como, representando-vos em minha acolhida, o privilégio da escolha do vosso Presidente, o Professor Tomaz Cruz, esse paradigma admirado por toda uma geração de sergipanos, que, pelo sucesso do seu desempenho no Curso Médico, proporcionava aos seus conterrâneos mais jovens o desejo de seguir-lhe os passos.

Confessadamente avesso ao imprevisto, do tipo que colhe informações antes da visitação a uma nova cidade, ou das obras de um museu, que estuda mapas antes de se lançar no caminho, pus-me então a pesquisar a Academia de Medicina da Bahia, tanto nos seus aspectos históricos, como, e principalmente, quanto às sua situação atual e perspectivas.

A Academia de Medicina da Bahia foi fundada em 10 de julho de 1958, por ação capitaneada pelo Dr. Jayme de Sá Menezes, auxiliado na engendração do processo pelo Prof. Dr. Urcício Santiago e pelo Dr. José Ramos de Queiro.

Compreendi, numa análise circunstanciada do assunto, feita pelo Prof. José Silveira, o significado da sua criação relativamente tardia, haja vista que em outros centros, que nem de longe faziam por merecer a primazia de tal empreendimento, em comparação ao reconhecido prestígio alcançado pelos que compunham o cenáculo do berço da medicina brasileira, a medicina da Bahia, já o tivessem feito há muito mais tempo.

Instruí-me que tal se deveu à própria pujança da Faculdade de Medicina da Bahia, única à época, e onde

seus lentes, em reuniões memoráveis, constituíam a essência de um verdadeiro sodalício acadêmico.

Os tempos mudaram, as características da atuação médica na Universidade se distanciaram algo do cerne do que é afeito ao *modus faciendi* de uma Academia, e, em 1952, surgiu uma outra Escola de Medicina, a Bahiana, fatores estes que se somaram para impulsionar a idéia, já em germinação, da criação desta Academia de Medicina da Bahia, “como um conjunto de ilustres médicos que formam um órgão de cúpula promovendo a consagração dos a quem coube a distinção do trato da cultura, na elaboração do pensamento, na profundidade e filosofia do saber”, repetindo as palavras de Sá Menezes; ou, segundo Boaventura, “um espaço privilegiado da palavra” ou, como diria Amato, “onde se deva zelar pela cultura médica”, ou, ainda, dada a excelência dos quantos a compõem e seu aspecto multifacetado de conhecimento especializado, na concepção de Macedo Costa, durante o seu discurso de posse na Presidência, “...alem disso, servindo à comunidade, quando por ela solicitada, ou mesmo tomando a iniciativa de ir ao encontro dos seus magnos problemas médico-sociais”.

Louvável ação aquela, a da criação da Academia de Medicina da Bahia!

Dos 40 patronos, aos 72 titulares que vieram sucessivamente a ocupar as 40 cadeiras existentes, nesses 45 anos desde sua fundação, tem-se um quadro exemplar de expoentes da Medicina, que confirma por si mesmo uma outra finalidade não anunciada para a Academia, aquela de servir de modelo para as gerações do presente e as futuras.

Embeveci-me ao ler, com atenção, a obra completa dos 12 volumes dos Anais da Academia de Medicina da Bahia, onde me foi permitido perscrutar os meandros da Medicina dos últimos cem anos.

Concluí por tratar-se de uma obra que deveria ser difundida amplamente, por indispensável na construção do conhecimento dessa atividade fundamental à sociedade- a Medicina-, e ao seu ideário.

Chego assim, sem a chance do imprevisível, senão com a grande antecipação do deleite da convivência futura, para ocupar a Cadeira 36, que tem como Patrono a figura exponencial do Professor Menandro dos Reis Meirelles Filho e como seu primeiro titular, a do eminente Professor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia.

Do Patrono da Cadeira, Professor Menandro dos Reis Meirelles Filho, nascido a 24 de dezembro de 1876 e falecido a 20 de março de 1947, já se referiu extensivamente o Professor Almeida Gouveia, no seu discurso de posse, com o benefício de ter sido seu aluno, e ter podido, com essa convivência, captar a essência do seu significado e contribuição para a Medicina da época, e assim transmiti-la aos presentes à sua alocução, e, indelevelmente, fazê-la registrar nos Anais desta Academia.

Valho-me de suas anotações para destacar alguns pontos e, por consultas variadas, registrar alguns outros.

Seu pai era o insigne secretário da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. Menandro dos Reis Meirelles e sua genitora a Sra. Hermelinda Isbela da Silva Meirelles.

Graduou-se em Medicina, em 1898.

Assumiu a Cátedra da Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina da Bahia em 1915.

Foi um dos fundadores, e Diretor, da Maternidade Climério de Oliveira, que tem cumprido extraordinário papel

na formação de uma plêiade notável de obstetras através de todos esses anos.

Uma demonstração da sua valia encontrei em meio às anotações do minudente historiador da Medicina Bahiana, o Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto, quando este documenta o ocorrido ao tempo do incêndio que destruiu a Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1905: "Da importante biblioteca da Faculdade, destruída, não escapou um só volume, sendo queimados 22 mil volumes. Doações de livros, teses, revistas, jornais e folhetos foram feitas de imediato, registrando-se como os primeiros doadores os Drs. Pacheco Mendes, Menandro Meirelles Filho, viúva Koch e outros".

Tal atitude, que poderia ter sido largamente olvidada, assim como muitas ações de qualidade facilmente o são, não fosse o seu resgate histórico, na realidade revela o espírito solidário, comprometido com a Faculdade da Medicina, do patrono desta cadeira, o Professor Menandro Meirelles Filho.

Aperfeiçoou seus conhecimentos em viagem de estudos à Europa e os aplicou quando do seu retorno, havendo publicado diversos trabalhos sobre a temática obstétrica.

Notabilizava-se pelo caráter prático do seu ensino.

Deixou uma linha descendente de notáveis.

Foi Diretor do Hospital Santa Izabel, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, quando realizou primorosa administração, promovendo uma reforma administrativa de efeitos benéficos duradouros e criando o primeiro Curso de Enfermagem da Bahia, havendo, para tanto, trazido

enfermeiras contratadas no estrangeiro e motivado a inserção de jovens de nível social mais elevado, contrariando o hábito vigente.

Vivo fosse hoje, certamente muito haveria de regozijar com o ver perpetuar-se a sua contribuição aos destinos da Santa Casa observando dois dos seus netos, numa coincidência notável, ocuparem a posição de atual Provedor da Santa Casa, o Dr. Eduardo Meirelles Valente e a de Ex-Provedor, seu antecessor imediato, o Dr. Álvaro Conde Lemos Filho. E ficaria orgulhoso do quanto têm feito para o engrandecimento desta mais que quadricentenária instituição, em cujo recôndito germinou e desenvolveu-se a Medicina Brasileira.

Dessa forma vê-se que, por várias maneiras, o Professor Menandro Meirelles Filho nos deixou um grande legado.

Agiu, assim, com a consciência de que “a natureza concedeu aos grandes homens a faculdade de fazer e aos outros, a de julgar”, situando-se, por certo, entre os primeiros.

O Professor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia nascido a 19 de outubro de 1907, teve uma longa e profícua vida, vindo a falecer em 08 de abril de 2002.

Foi tal a intensidade de suas ações na área médica nos campos da Medicina Assistencial, do Ensino Médico, do Serviço Público, e, ademais da Medicina, no Magistério Público, nas áreas de Filosofia, História, Sociologia, além de sua contribuição pessoal, abrangente, no campo da literatura, em prosa e verso, que se torna impossível, no escopo de tempo que nos concede o formato desta reunião, enumerá-las todas, senão resignarmo-nos a destacar algumas

dessas contribuições e indicar-vos a existência e fontes de consultas para outras.

O Professor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia nasceu à rua dos Perdões – Freguesia de Santo Antonio Além do Carmo- filho de Hermano José de Almeida Gouveia e de Maria Cecília Carvalho de Almeida Gouveia.

Fez seu curso primário na Escola Estadual Prof. Arão Carneiro e o curso secundário nos Colégios de Antonio Figueiredo de Souza e Ginásio Ipiranga.

Seu pai, funcionário exemplar do almoxarifado do Hospital Couto Maia, com pendor natural para coisas da cultura, manifestado como leituras assíduas, juntamente a sua mãe, souberam imprimir ao seu digno lar um ambiente propício ao desenvolvimento de sua prole.

Dos seus seis irmãos, três também ingressaram na Medicina, sendo que um sucumbiu a surto epidêmico de febre tifóide, enquanto estudante.

Graduou-se em Medicina em 1927, juntamente a outros que vieram, por suas mais do que vitoriosas atuações na profissão médica, conferir àquela turma de 27, um destaque especial, entre todas.

Foram seus colegas naquela turma: Hosannah de Oliveira, José Silveira, Jorge Valente, Bráulio Xavier Filho, Carlos Moraes, Diógenes Vinhaes, Antonio Simões, Octacílio Lopes, Luiz Rogério de Souza, Vivaldo Palma Lima, Thales de Azevedo e outros.

Imagine-se o quanto pode, numa turma assim constituída por preclaras figuras, catalisar-se o gosto pela Ciência e as Artes, pela exposição a Professores do quilate

de Pirajá da Silva, Couto Maia, Estácio de Lima e outros.

Mas, como disse o primeiro Acadêmico da História, Platão, "A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento".

Consoante o vigente à época, em que muito do básico havia ainda por se descobrir, e onde a prática médica era exercida em bases algo empíricas, e muito fundamentadas em experiências e concepções pessoais, decidiu-se o Professor Almeida Gouveia por utilizar o seu conhecimento, de fundamentação humanística, em um direcionamento amplo que envolveria quase todos os campos da atenção médica de então.

Aplicou-se aos campos da Obstetrícia, Puericultura, Clínica Geral, Pediatria e Saúde Pública, em todos com grande distinção, como pode ser atestado por suas conquistas em cada área.

Assim, fez 3 concursos de títulos e provas para obtenção do título de Docência Livre em áreas diversas, sendo sempre aprovado com distinção:-Em 1934, para Docente Livre de Clínica Obstétrica; em 1949, para Clínica Pediátrica e Higiene Infantil; e, em 1959, a tese "Promoção de Saúde Materna" para Docência Livre de Higiene e Medicina Preventiva.

Em 1944 submeteu-se a concurso para a carreira de Médico Puericultor do Ministério de Educação e Saúde (Departamento Nacional da Criança) no Rio de Janeiro, sendo aprovado em 1º. lugar dentre os 50 candidatos, onde figuravam chefes de serviço e diretores do próprio Departamento Nacional da Criança.

Seu apego às coisas da Bahia o impediu de assumir a função.

Foram intensas as suas atuações profissionais destacando-se:

Em Medicina: prática assistencial em Obstetrícia e Pediatria; desempenho das funções de: Docente do Serviço Obstétrico, Assistente Honorário da Clínica Pediátrica, e Assistente Voluntário da Clínica Ginecológica, todos esses cargos na Faculdade de Medicina da UFBA, e, em épocas distintas, de Médico efetivo do Departamento de Saúde da Bahia, Diretor (chefe) do Serviço de Assistência Social do SESI, Diretor e Vice-Presidente da Legião Brasileira de Assistência e de Médico Puericultor do Ministério da Saúde.

Em Educação: Professor Catedrático de Puericultura e Higiene Geral e Escolar do Liceu Bahiano e do Ginásio São Salvador, Professor concursado de Sociologia Geral do Colégio da Bahia, Professor Titular da Universidade Católica de Salvador, e Diretor Geral do Departamento do Departamento de Educação da Bahia.

Tais atividades fizeram-no merecedor da honra de ter seu nome perpetuado na Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Raimundo de Almeida Gouveia no Bairro Castelo Branco.

Teve uma intensa atividade associativa. Foi:

Fundador, e tornou-se redator, da Revista Médica da Bahia em 1933.

Membro fundador da Associação Bahiana de Medicina.

Membro fundador e primeiro presidente da Academia Bahiana de Educação.

Membro fundador e presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina durante 29 anos!

Membro fundador da Academia de Médicos Escritores.

Membro da Academia de Letras Castro Alves.

E, em 26 de abril de 1974, aos 67 anos, assumiu a cadeira 36, da Academia de Medicina da Bahia, solenidade em que foram também empossados os Acadêmicos Valter Afonso de Carvalho, Adroaldo Soares de Albergaria, Eduardo Dantas Cerqueira e Antonio Jesuíno dos Santos Neto.

Como orador escolhido por seus pares para a ocasião, proferiu belíssima página, doutrinária em muitos aspectos.

Deixou-nos um legado de extensa e variegada produção.

Foram mais de vinte livros publicados compreendendo Medicina, Educação, Literatura e Poesia, destacando-se, nas respectivas áreas: "Puericultura Social" de 1947, "Promoção da Saúde Materna" de 1960, e "Saúde para Desenvolvimento" que serviram de elementos de estudos para programas de ações sociais do governo.

Em literatura, fase que caracterizou sua atuação nos anos 60 e 70, distinguiu-se, máxime, , como biógrafo sendo desta época produções como "Castro Alves, Cavaleiro Audaz da Liberdade", "Olavo Billac, Cavaleiro do Amor Insatisfeito", "Pethion de Villar, Cavaleiro do Sonho e do Ideal", "Oposição e Defesa de Castro Alves". Ao lado de livros que refletem profunda pesquisa sociológica, como "Folclore Regional Médico na Bahia", "Folclore- Religião e Medicina", obras estas de consulta obrigatória para estudiosos do assunto.

Apresentava especial interesse na obra de Castro Alves, tornando-se reconhecida autoridade no assunto.

Tal era o seu fascínio pela poesia de Castro Alves que, segundo depoimento de sua queridíssima filha, a Professora e Bacharela em Direito Celeste Hermana de Almeida Gouveia, o enlevo demonstrado pelo Prof. Almeida Gouveia, durante proclamação transmutada dos poemas de Castro Alves, se constituía na única demonstração de discreto ressentimento de sua amantíssima esposa Angel, por, somente neste momento, sentir-se levemente preterida em suas atenções.

Os anos 80 encontraram-no em fase de ainda maior reflexão e poesia, voltada para aquela que foi, na já então longa caminhada, sua fiel companheira, musa inspiradora de todas as suas ações, celebrada nos livros "Musa Tardia", "Musa Impertinente" e "Musa Cativa".

Ademais, registram-se numerosos artigos, mais de 400, publicados em vários periódicos ou jornais, de cunho o mais abrangente. Percebe-se em alguns desses, uma defesa apaixonada da preservação deste prédio do terreiro, sendo dos primeiros a se engajar decididamente na luta pela restauração de sua, enfaticamente proclamada, querida Faculdade de Medicina da Bahia.

O homem é produto do meio em que vive, havendo aqueles que são capazes de, por sua ação e determinação, produzir substanciais mudanças ao seu redor.

Raymundo Nonato Almeida Gouveia recebeu os benefícios de nascer de família proba, e fecunda em intenções.

Teve a felicidade do seu destino se cruzar com o de

Angel Midlej, contraindo matrimônio, ambos ainda muito jovens, ela com 15 e ele com 22 anos de idade, para a construção de uma modelar união de 65 anos, de constante e calma felicidade, posto que, “a água corre tranqüila quando o rio é fundo”.

O casal teve 4 filhos: Maria Cecília de Almeida Gouveia Maron – Pedagoga; Celeste Hermana de Almeida Gouveia- Pedagoga e Bacharela em Direito; Raymundo Nonato de Almeida Gouveia Filho –Bacharel em Direito, falecido prematuramente em acidente de veículo e Antonio Carlos de Almeida Gouveia- Bacharel em Direito. Vários netos e bisnetos compõem sua prole ilustre.

Tive a oportunidade de conhecer o Professor Almeida Gouveia em 1992, e pelos 2 anos subseqüentes pude recebê-lo em meu consultório, por algumas vezes, quando o mesmo acompanhava familiar seu.

Deparei-me com um senhor que transparecia segurança e firmeza de atitude, mesmo diante de possíveis adversidades.

Ao mesmo tempo afável no trato com o colega mais jovem, presenteou-me com uma coletânea de livros de sua lavra, vários, de uma só vez. Chamou-me a atenção o fato de que cada um, isoladamente, continha uma dedicatória própria, revelando-me assim a natureza esmerada do seu autor.

Procurei perscrutar-lhe os pensamentos e sentimentos traduzidos nos seus escritos.

Identifiquei no seu extraordinário discurso de posse nesta Academia que ele estivera atento ao que nos ensina Fernando Pessoa, de que: “O perfeito é desumano, porque

o humano é imperfeito” e preferiu, como Farid, considerar que:- “Os atos de bondade, de amor e abnegação devem ser gravados na rocha para que todos aqueles que tiverem oportunidade de tomar conhecimento deles, procurem imitá-los. Ao contrário, porém, quando recebemos uma ofensa, devemos escrevê-la na areia, próxima as águas para que desapareça, levada pela maré, a fim de que ninguém tome conhecimento dela e, acima de tudo para que qualquer mágoa desapareça prontamente no nosso coração”.

Assim, dois pequenos reparos são registrados em seu discurso de posse, ao tempo em que, logo em seguida, os resvalou para o plano da compreensão.

Assim iniciou o seu discurso: “Penetro, grave e a passos lentos, os portais grandiosos desta casa de ciência, vindo por um caminho alongado, de estrada sem atalhos, qual a do mérito e da decência de costumes, de quem, quase obstinado, cumpria uma determinação. E chego, como um peregrino que traz, na alma, a satisfação dos simples e, na memória, uma porção de lembranças amenas e algumas verdades amargas, estas já perdido o travo, agora, pelo gozo da singular ventura ou pela compreensão de que elas, as amargas, também, compõem a vida e servem de fundo às que são doces e suaves”.

Referia-se a uma longa espera para sua entrada na Academia, sonho almejado de há muito e, por certo, postergado por razões meramente burocráticas, posto que ninguém de maior valia para tal distinção.

Numa outra passagem disse: “... houve, só para mim, por singular desígnio, uma caprichosa transmutação, da cátedra de ensino, que eu persegui, em cadeira simbólica”.Referindo-se à impossibilidade de alcançar a almejada cátedra.

Mas, conclamou: "O espírito pode muito mais do que as mãos realizam".

E todas as realizações que já lhes mostrei demonstram, confirmam, o que este espírito privilegiado foi capaz de fazer, contribuindo para o meio e seus semelhantes.

De um contemporâneo seu ouvi o registro de tratar-se de "uma das mais prodigiosas memórias de que se tem notícia".

De sua filha Celeste, dedicadíssima à memória do saudoso pai, colhi o depoimento de que "sua personalidade magnânima viu-se repartida, em suas próprias palavras, nos misteres de servir à causa da Medicina e do Ensino, devotando-se igualmente a ambas".

Da leitura de sua poesia, depreende-se o extraordinário amor dedicado à sua esposa, que, pela longa convivência juntos, serviu para amalgamar a ambos num só caráter.

De um dos seus netos, o professor Raymundo Gouveia Neto, retiramos parte de sua saudação ao avô, que revela, com sensibilidade, um lado pouco explorado da vida dos grandes homens- ... "E é este homem que precisa ser descoberto nas entrelinhas de seus sonetos, trovas e haicais. Porque, nem ali onde o sentimento era mais intenso, nem ali onde o acadêmico, o doutor e o mestre cediam lugar ao poeta e a razão perdia a batalha para a emoção, nem ali o 'velho' conseguia abrir a guarda e se mostrar por inteiro, com todas as fraquezas e contradições do humano que era. Tudo justificável: ele queria ser exemplo, ele queria ser modelo, referência. Inconfesso, mas era assim. Queria carregar o mundo em suas costas, como fazia com a gente, subindo as escadas do velho sobrado.

Ao lado de inúmeras qualidades, talvez este tenha sido seu maior defeito.

Agora, para conhecê-lo de fato, precisamos trazê-lo de volta à luz através de sua poesia. Para descobri-lo, talvez seja necessário fazer uma espécie de parto literário, de modo análogo ao que ele fez a vida inteira com tanta e tanta gente. Gente que já se foi, gente que ainda está por aí, ensinando, pesquisando, medicando, transformando vida em poema. Gente que o admira e tem como referência, assim como ele o queria em segredo. Infelizmente, dessa gente toda, quase ninguém pôde vê-lo se esbaldar ao levantar de um cochilo e, diante do espelho, dar de cara com o Doutor Gouveia de "maria-chiquinha" nos cabelos (colocado por sua neta durante o cochilo). Infelizmente, dessa gente toda, quase ninguém pode saber como é o mundo visto do alto de suas costas".

Com que acerto se determina que novos acadêmicos tenham como preceito estatutário fazer a exaltação dos que o antecederam na Cadeira.

Invariavelmente, e este foi sem dúvidas o meu caso, o estudo dessas figuras notáveis, reforça o sentimento no novel acadêmico, de respeito e admiração pelo que fizeram, assim como o desejo quase incontido de seguir-lhes o ensinamento.

Digníssimos Acadêmicos,

Sabeis vós, por experiência própria, o enlevo que se apossa daquele que aqui se apresenta, neste momento.

Reflico, com o entendimento de que este é um especialíssimo momento de minha vida, do quanto sou grato

a Deus, por ser filho de quem sou, vir da família de que venho, ter a família que tenho, e ter podido seguir os passos que me foram destinados.

Fosse-me dada a chance e não os mudaria em nada.

Sou, em minha vida de Médico, o resultado de muitas influências, das quais tive a ventura de ser bem aquinhoado.

Aqui mesmo, entre vós, Srs. Acadêmicos, com a quase totalidade dos quais tive a oportunidade de interagir em algum momento da minha vida, percebo ter, por diferentes formas e maneiras, recebido ensinamentos que me foram úteis, sempre em benefício do meu desenvolvimento.

Detalhá-los todos, individualmente, tornar-se-ia demasiadamente demorado.

Acreditem, Srs. Acadêmicos, todos os com quem tive a oportunidade de um contato, dos mais velhos aos mais novos, sou invariavelmente agradecido, pelo que do vosso exemplo e conhecimento, me proporcionaram.

Dos pouquíssimos com quem não tive ainda a oportunidade da convivência, menos que meia-dúzia dentre os 40, anseio por fazê-lo.

Durante toda a minha vida sempre tive a sorte de me relacionar com colegas extraordinários.

Não podendo, como gostaria, referir-me a todos, mas em atendimento a uma questão de foro íntimo, sou impelido a fazer o registro de alguns que foram decisivos para o meu desenvolvimento universitário, manifestando-lhes meu eterno agradecimento.

Na minha fase de formação, na Faculdade de Medicina da UFBA, o Professor Heonir Rocha, de quem fui Interno na Enfermaria da Clínica Terapêutica, figura modelar que influenciou toda a minha geração de estudantes dos anos 60, e assim o fez, para muitas outras gerações.

Na minha formação cardiológica, os Professores William Frankl e Lamberto Bentivoglio, durante os quatro anos de especialização na Filadélfia, e a cujos insistentes apelos para que permanecesse nos Estados Unidos da América, o meu sentimento de brasilidade me impediu de atender.

E, quando do meu ingresso na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, possibilitando-me a criação de uma Cadeira de Clínica no ano de 1979, levado pelas mãos do Dr. Raimundo Perazzo, a figura do Professor Orlando de Castro Lima.

Num momento como este volto meu pensamento ao bondoso Deus e vejo com que privilégio me dotou ao permitir, por onde passei, um intenso convívio com estudantes de Medicina, médicos residentes, colegas no Hospital Santa Izabel, no Hospital Aliança, na Sociedade Brasileira de Cardiologia, além de figuras relacionadas ao ambiente médico.

Ao dedicar-me à Cardiologia pude, durante estes 30 anos, vivenciar profundas mudanças na especialidade.

Vi o surgimento da efetiva abordagem do processo obstrutivo coronariano, por cirurgia, em 1967, com a descoberta de Favaloro, argentino em pós-graduação nos Estados Unidos da América, ou por intervenção percutânea, 10 anos depois, com a descoberta do alemão Gruentzig, na Suíça, revolucionando o tratamento da mais comum das

doenças cardíacas dos nossos tempos, a doença aterosclerótica coronária.

Vi o desenvolvimento de técnicas que permitem a ousadia do acesso à intimidade mais recôndita do coração.

Pude seguir cada passo do desenvolvimento de fármacos que revolucionaram o tratamento das doenças cardiovasculares.

Estou, neste momento, me iniciando nas pesquisas da terapia de regeneração celular, com a grande expectativa de que estaremos iniciando uma nova era da Medicina, com ilimitadas possibilidades de atuação.

E, durante todo esse tempo, com a verificação de que se tem progredido em promover a saúde e melhorar a sobrevida e qualidade de vida do paciente cardiopata.

Que felicidade poder estar envolvido com tudo isso!

Tenho podido constatar a veracidade do que nos ensina Carlos Drummond de Andrade: "Necessitamos sempre de ambicionar alguma coisa que, alcançada, não nos torna sem ambição".

Senhores acadêmicos, ao me receberem em vosso convívio, conferem-me a responsabilidade de estar à altura deste templo da cultura Médica, e eu, humildemente me curvo à vossa determinação, imbuído do desejo de amar e honrar esta Casa.

**press
presscolor
presscolor
color**

Impresso nas Oficinas da
Press Color Gráficos Especializados Ltda.
Rua Waldemar Falcão, 335 - Brotas
Tel.: 334-5555
Salvador - Bahia

